WILLIAM
GIBSON

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Tradução de Leila de Souza Mendes
Edição em epub de Exiliado de Marília

AGRADECIMENTOS

Sogho Ishii, o diretor japonês, me apresentou à Cidade Murada de Kowloon por meio das fotografias de Ryuji Miyamoto. Foi Ishii-san quem teve a idéia de fazermos um filme de ficção científica lá. Nunca o fizemos, mas a Cidade Murada ficou me assombrando, embora tudo que eu sabia sobre ela foi adquirido pelas imagens assombrosas de Miyamoto, que mais tarde vieram a dar a textura para a Ponte, em minha novela *Virtual Light.*

O arquiteto Ken Vineberg chamou a minha atenção para um artigo a respeito da Cidade Murada na revista *Arcbitectural Review,* onde entrei em contato pela primeira vez com a *City of Darkness,* o esplêndido registro reunido por Greg Girard e Ian Lambrot (Watermark, Londres, 1993). De Londres, John Jarrold gentilmente providenciou para que eu recebesse uma cópia.

Tudo o que sei sobre o tema de cortar dedos, eu devo às memórias criminais de Mark Brandon "Chopper" Read *(Chopper from the Inside,* Sly Ink, Austrália, 1991). O sr. Read é muito mais assustador do que Blackwell, e tem um número ainda menor de orelhas.

Speed Tribes, de Karl Taro Greenfeld (HarperCollins, Nova York, 1994), alimentou profusamente meus delírios sobre o *jet lag* de Laney.

Stephen P. Brown (P de plausibilidade) deu uma de babá do processo de produção do livro por muitos meses, fazendo comentários diários, às vezes mais freqüentemente ainda, e sempre com muita paciência, sobre a desconcertante profusão de fragmentos desconexos que eu lhe mandava por fax e que, de alguma forma, se esperava que ele interpretasse como "progresso". Seu encorajamento constante e paciência aparentemente infinita foram absolutamente essenciais para a feitura deste livro.

Meus editores, de ambos os lados do Atlântico, também demonstraram

enorme paciência, e eu agradeço.

Sumário

AGRADECIMENTOS

1- DEATH CUBE K

2- LO REZ SKYLINE

3- QUASE UMA CIVIL

4- VENEZA DESCOMPACTADA

5- PONTOS NODAIS

6- EDHE

7- A VIDA ÚMIDA E QUENTE EM ALISON SHIRES

8- NARITA

9- OUT OF CONTROL

10- WHISKEY CLONE

11- COLAPSO DE PRÉDIOS NOVOS

12- MITSUKO

13- RECONHECIMENTO DE CARACTERES

14- SEÇÃO DE TÓQUIO

15- AKIHABARA

16- ZONA

17- A GALERIA DA FAMA

18- O OTAKU

19- ARLEIGH

20- MONKEY BOXING

21- O "FICA-EM-CIMA”

22- GOMI BOY

23- AQUI NO WESTERN WORLD

24- HOTEL Dl

25- A IDORU

26- HAK NAM

27- ESSA COISA FÍSICA

28- UMA QUESTÃO DE CRÉDITO

29- O LADO MAU DELA

30- O ETRUSCO

31- O JEITO COMO AS COISAS FUNCIONAM

32- O INTRUSO

33- TOPOLOGIA

34- CASSINO

36- MARYALICE

38- ESTRELA

39- TRANS

40- O NEGÓCIO

41- VELAS E LÁGRIMAS

42- SAINDO DO HOTEL

44- LA PURÍSSIMA

45- SORTUDO

46- FABULAS DA RECONSTRUÇÃO

1- DEATH CUBE K

Depois de sair do Slitscan, Laney soube de outro emprego por Rydell, que fazia a segurança noturna no Chateau. Rydell era um cara grande e quieto do Tennessee, com um sorriso forçado, tímido e triste, óculos escuros baratos e um *walkie-talkie* permanentemente enfiado numa orelha.

- Paragon-Asia Dataflow - disse Rydell, lá pelas quatro da manhã, os dois sentados num par de enormes poltronas velhas. As vigas de concreto no teto foram pintadas à mão, de modo a lembrar vagamente carvalho descolorado. As poltronas, como o resto da mobília no saguão do Chateau, eram tão grandes que faziam com que todos que se sentavam nelas parecessem ser de outra escala, menores.

- É mesmo? - perguntou Laney, mantendo a farsa de que alguém como Rydell fosse saber onde ele ainda poderia encontrar trabalho.

- Tóquio, Japão - disse Rydell, e tomou seu latte gelado por um canudo de plástico. - Um cara que conheci em São Francisco no ano passado. Yamazaki. Trabalha pra eles. Disse que estão precisando de um internauta profissional.

Internauta. Laney, que gostava de ver a si mesmo como pesquisador, reprimiu um suspiro. - Por empreitada?

- Acho que sim. Ele não disse.

- Acho que eu não gostaria de morar em Tóquio.

Rydell usou o canudo para mexer a espuma e o gelo que sobraram no fundo do copo de plástico, como se tivesse a esperança de encontrar um brinde surpresa - Ele não disse que era para morar lá. - Levantou os olhos. - Já esteve em Tóquio?

- Não.

- Deve ser um lugar interessante, depois do terremoto e tudo. - O *walkie-talkie* estalou e sussurrou. - Tenho que sair e checar o portão perto das cabanas agora. Quer vir?

- Não - disse Laney. - Obrigado.

Rydell se levantou, esticando automaticamente os amassados na calça cáqui do uniforme. Ele estava usando um cinto trançado de náilon preto com vários estojos dependurados, todos pretos, uma camisa branca de mangas curtas e uma gravata preta peculiarmente imóvel. - Vou deixar o telefone no seu escaninho - disse ele.

Laney ficou vendo o segurança cruzar o piso de cerâmica e os vários tapetes e sumir depois dos painéis apagados do balcão da recepção. Pelo que deduzira, em outros tempos ele fizera alguma coisa num canal a cabo. Cara legal. Perdedor.

Laney ficou lá sentado até a aurora vir esgueirando-se pelas janelas altas e arqueadas, e até que o som dos talheres de Taiwan pudesse ser ouvido, suave, vindo do salão de café da manhã às escuras. Vozes de imigrantes, em algum dialeto das estepes russas que os grandes Khans poderiam muito bem ter entendido. Ecos despertaram do piso de cerâmica, das vigas altas sobreviventes de uma era que deve ter visto o advento de tipos como Laney ou seus predecessores, sua ecologia de notoriedade e a terrível e inviolável ordem daquela cadeia alimentar.

* * *

Rydell deixou uma folha de papel timbrado do Chateau dobrada no escaninho de Laney. Um número de Tóquio. Laney a encontrou na tarde seguinte, junto com uma estimativa atualizada de sua dívida enviada pelos advogados. Levou as duas para o quarto, que não mais podia nem sequer fingir que seria pago.

* * *

Uma semana mais tarde ele estava em Tóquio, seu rosto refletido no espelho de veios dourados do elevador, indo para o terceiro andar do

agressivamente anônimo Edifício O My Golly. Indo ao Death Cube K, aparentemente um bar temático sobre Franz Kafka.

Saiu do elevador para um espaço amplo, anunciado em metal gravado a ácido como A Metamorfose. Onde assalariados de camisas brancas, havendo tirado seus paletós, afrouxado suas gravatas pretas e sentado num balcão de aço artisticamente enferrujado, bebiam. Os espaldares altos das cadeiras moldados a partir de alguma resina marrom quitinosa. Mandíbulas insetóides curvavam-se sobre as cabeças dos clientes como segadeiras.

Avançou para dentro da luz marrom, um murmúrio baixo de conversa. Não entendia japonês. As paredes, desigualmente transparentes, repetiam um motivo de élitros e abdomens bulbosos, membros finos marrons dobrados a intervalos regulares. Aumentou o passo na direção de uma escada em curva moldada para se parecer com uma lustrosa carapaça marrom.

Os olhos de prostitutas russas o seguiram de mesas em frente ao balcão do bar, apáticos e artificiais como de bonecas àquela luz de barata. As Natashas estavam por toda a parte, operárias despachadas de Vladivostok pelo Kombinat. Cirurgia plástica de rotina emprestava-lhes uma desgraciosa beleza de linha de montagem. Barbies eslavas. Uma operação mais simples implantara um dispositivo de rastreamento para o proveito de seus manipuladores.

A escada dava na Colônia Penal, uma disco, vazia a esta hora, pulsos de silenciosa luz vermelha marcando os passos de Laney pelo salão de dança. Um tipo de máquina estava dependurada no teto. Cada um de seus braços articulados, que sugeriam equipamento antigo de dentista, tinham pontas afiadas de aço. Penas de escrever, pensou ele, vagamente lembrando-se da história de Kafka. Sentença de culpa, gravada na carne das costas do condenado. Encolheu-se com a lembrança de olhos voltados para cima sem enxergar. Afastou esse pensamento. Seguiu em frente.

Uma segunda escada, estreita, mais íngreme, e entrou no Processo, de teto baixo e escuro. Paredes da cor de antracito. Pequenas chamas tremeluziam por trás de vidro azul. Hesitou, com cegueira noturna e *jet lag.*

- Colin Laney, não é?

Australiano. Enorme. Atrás de uma mesinha, ombros caídos como os de um urso. Algo estranho com o feitio de sua cabeça raspada. E outra figura, muito menor, sentada. Japonês, numa camisa xadrez de manga comprida abotoada até o colarinho grande demais. Piscando para Laney por trás de lentes redondas.

- Sente-se, sr. Laney - disse o grandão.

E Laney viu que a orelha esquerda dele estava faltando, tosada, só tendo

sobrado um toco retorcido.

* * *

Quando Laney trabalhava para o Slitscan, sua supervisora era Kathy Torrance. Loura das mais pálidas. Com tamanha palidez que chegava ao ponto de ser translúcida, alguns ângulos de incidência de luz sugeriam não sangue, mas algum fluido do tom de palha no verão. Em sua coxa esquerda, a estampa em azul-índigo puro de algo torcido e farpado, um pictoglifo extravagantemente primitivo. Visível todo sábado, quando ela tinha o hábito de ir trabalhar de shorts.

Reclamava, sempre, que a essência da notoriedade estava batida demais. Desgastada, inferiu Laney, por gerações de colegas dela.

Apoiou os pés na aba de uma *hotdesk*. Usava meticulosa reprodução em tamanho menor de botas de atacante, afiveladas no peito do pé e fortemente amarradas nos tornozelos. Ele olhou para as pernas de Kathy, a extensão de carne dura que ia do remate das meias de lã até a fímbria lixada dos jeans cortados. A tatuagem parecia algo de outro planeta, sinal ou mensagem marcada a fogo das profundezas do espaço, ali deixada para ser interpretada pela humanidade.

Laney perguntou o que ela queria dizer. Kathy tirou um palito de dente sabor menta da embalagem. Olhos que ele supunha serem cinza encararam-no por detrás de lentes de contato cor de hortelã.

- Ninguém mais é realmente famoso, Laney. Não percebeu?

- Não.

- *Realmente* famoso. Não sobrou muita fama, não como antigamente. Não o suficiente para todo mundo.

- Como antigamente?

- Nós somos a mídia, Laney. *Transformamos* esses panacas em celebridades. É um esquema de toma-lá-dá-cá. Eles vêm até nós para serem inventados. - As travas de Vibran bateram com um baque seco na *hotdesk.* Recolheu os pés, calcanhares contra os quadris de brim, joelhos brancos ocultando a boca. Equilibrada no pedestal da cadeira sueca articulada da *hotdesk.*

- Bem - disse Laney, voltando para sua tela -, isso também é fama, não?

- Mas é de verdade? Ele a encarou.

- Descobrimos como fazer dinheiro a partir dessa coisa - disse ela. -Nossa própria moeda. Bem, fizemos dinheiro demais; até o público sabe. Os índices de audiência mostram isso.

Laney assentiu, desejando que ela o deixasse trabalhar.

- Exceto - disse Kathy, separando os joelhos para que ele pudesse vê-la dizendo isso - quando decidimos destruir um deles.

Por trás dela, por trás da espiral anodizada da Gaiola, além da estrutura retangular de vidro que filtrava qualquer vestígio de poluição, o céu por sobre Burbank era perfeitamente inexpressivo, como um chip de tinta azul celeste provido pelo fornecedor do universo.

* * *

A orelha esquerda do sujeito era debruada de tecido rosa, suave como cera. Laney se perguntou por que não houvera nenhuma tentativa de reconstrução.

- Para que eu me lembre - disse ele, lendo os olhos de Laney.

- Lembre do quê?

- De não me esquecer. Sente-se.

Laney sentou-se em uma coisa que só vagamente sugeria[7] uma cadeira, uma estrutura delgada de hastes de uma liga metálica preta e Hexcel laminado. A mesa era redonda e do tamanho aproximado de um volante. Uma chama votiva lambia o ar por trás do vidro azul. O japonês com a camisa xadrez e óculos de aro de metal piscava furiosamente. Laney observou o sujeito corpulento se acomodar, outra daquela coisa parecida com cadeira perdida por baixo de um corpanzil de lutador de sumo, que parecia ser totalmente feito de músculos.

- Já passou o efeito do *jet lag?*

- Tomei uns comprimidos. - Lembrou o silêncio do transporte supersônico, sua ausência de movimento aparente.

- Comprimidos - disse o homem. - O hotel é adequado?

- E - disse Laney. - Estou pronto para a entrevista.

- Muito bem - vigorosamente esfregando o rosto com mãos bastante marcadas por cicatrizes. Abaixou as mãos e olhou espantado para Laney, como se o visse pela primeira vez. Laney, evitando aquele olhar, observou o seu traje, um tipo de roupa de ginástica de nanoporo, feita para ficar folgada num homem menor mas ainda assim bem grande. De nenhuma cor em particular na escuridão do Processo. Aberta do pescoço até o esterno. Totalmente esticada por envolver toda aquela massa anormal. Pele exposta marcada e cruzada por um mapa de cicatrizes, desnorteantes em sua variedade de feitios e texturas. - Bem, então?

Laney levantou os olhos das cicatrizes. - Estou aqui para uma entrevista.

- Está, é?

- É você o entrevistador?

- Entrevistador? - O trejeito ambíguo do rosto do cara revelou uma óbvia prótese dental.

Laney virou-se para o japonês de óculos redondos. - Colin Laney.

- Shinya Yamazaki - disse ele, estendendo a mão. Cumprimentaram-se.

- Falamos ao telefone.

- É você que vai fazer a entrevista?

Uma azáfama de piscar de olhos. - Não, desculpe - disse ele. E, então:

- Sou um estudioso da sociologia existencial.

- Não entendi - disse Laney. Os outros dois não falaram nada. Shinya Yamazaki parecia embaraçado. O homem de uma orelha só fechou a cara.

- Você é australiano - disse Laney para o homem de uma orelha só.

- Da Tasmânia - corrigiu ele. - Tomamos o partido do Sul durante os Distúrbios.

- Vamos começar de novo - sugeriu Laney. - Paragon-Asia Dataflow. Vocês são eles?

- Veadinho persistente.

- Ossos do ofício - disse Laney. - Quer dizer, profissionalmente.

- Está certo. - O sujeito levantou as sobrancelhas, uma delas cortada por um cordão rosa retorcido de tecido de cicatriz. - Rez, então. O que você acha *dele?*

- Está falando do astro do rock? - perguntou Laney, após lutar com um problema básico de contexto.

Assentiu com a cabeça. O homem olhou para Laney com a maior seriedade.

- Da Lo/Rez? A banda? - Meio irlandês, meio chinês. Nariz quebrado, nunca consertado. Olhos verdes amendoados.

- O que eu *acho* dele?

No esquema de coisas de Kathy Torrance, havia um desdém especial reservado para o cantor. Ela o via como um fóssil vivo, um sobrevivente importuno de uma era anterior, menos evoluída. Ele era ao mesmo tempo maciça e insignificativamente famoso, dizia ela, da mesma forma que era maciça e insignificativamente rico. Kathy pensava a notoriedade como um fluido sutil, um elemento universal, como o flogisto dos antigos, algo disperso uniformemente no momento da criação por todo o universo, mas com tendência a aglutinar-se, sob condições específicas, em torno de certos indivíduos e suas carreiras. Rez, na opinião de Kathy, havia simplesmente durado demais. Monstruosamente demais. Ele estava afetando a unidade de sua teoria. Estava desafiando a ordem correta da cadeia alimentar. Talvez não houvesse nada grande o suficiente para comê-lo, nem mesmo o Slitscan. E enquanto Lo/Rez, a banda, ainda lançasse produtos numa base irritante -mente regular, numa variedade de mídias, o cantor teimosamente se recusava a destruir-se, matar alguém, tornar-se ativista político, admitir um interessante problema de uso de drogas ou algum hábito sexual misterioso -de fato, a fazer qualquer coisa digna de um segmento de abertura no Slitscan. Ele brilhava, embotadamente talvez, mas firmemente, fora do alcance de Kathy Torrance. O que era, Laney sempre supusera, a verdadeira razão dela odiá-lo tanto.

- Bem - disse Laney, após pensar um pouco, e sentindo uma peculiar compulsão de tentar dar uma resposta verdadeira. - Lembro que comprei o primeiro disco deles. Quando foi lançado.

- E o nome do disco? - O homem de uma orelha só ficou ainda mais sério.

- Lo Rez Skyline - disse Laney, grato pelo minúsculo evento sináptico que lhe permitira lembrar. - Mas não saberia dizer quantos outros discos lançaram depois disso.

- Vinte e seis, sem contar as compilações - disse o sr. Yamazaki, ajeitando os óculos.

Laney podia sentir os comprimidos que havia tomado, aqueles que supostamente amorteciam os efeitos do *jet lag*, como andaime famacológico em decomposição sob seus pés. As paredes do Processo/pareciam ficar mais

próximas.

- Se você não vai me dizer do que se trata - disse ele/para o homem de uma orelha só -, vou voltar para o hotel. Estou cansado.

- Keith Alan Blackwell - e estendeu a mão. Laney deixou que sua mão fosse brevemente sacudida. As palmas da mão de Alan, pareciam equipamento de ginástica. - Keithy. Vamos tomar umas bebidas e bater um papo.

- Primeiro você me diz se são ou não da Paragon-Asia - sugeriu Laney.

- A firma em questão é um par de linhas de código numa máquina, dentro de uma sala dos fundos na Lygon Street - disse Blackwell. - Uma empresa fantasma, mas você pode dizer que é a *nossa* empresa fantasma, se isso fizer com que se sinta melhor.

- Não tenho certeza se faz - disse Laney. - Você me fez voar até aqui para me entrevistar para um emprego e agora está me dizendo que a companhia para a qual me candidatei a trabalhar não existe.

- Ela *existe* - disse Keith Alan Blackwell. - Está na máquina, em Lygon Street.

Chegou uma garçonete. Usava um macacão amorfo de algodão cinza e hematomas cosméticos.

- Chope grande. Kirin. Gelado. E você, Laney?

- Café gelado.

- Coca Light, por favor - disse o que havia se apresentado como Yamazaki.

- Perfeito - disse o Blackwell sem orelha, taciturnamente, quando a garçonete desapareceu na escuridão.

- Gostaria que você me explicasse o que estamos fazendo aqui - disse Laney. Ele via que Yamazaki estava freneticamente escrevendo na tela de um pequeno notebook, a caneta ótica piscando debilmente no escuro. -Você está anotando o que falamos? - perguntou Laney.

- Não, desculpe. Estou fazendo anotações sobre a indumentária da garçonete.

- Por quê? - perguntou Laney.

- Desculpe - disse Yamazaki, salvando o que havia escrito e desligando o notebook. Enfiou a caneta cuidadosamente numa reentrância na lateral. -Sou um estudioso dessas coisas. Tenho o hábito de registrar tópicos passageiros da cultura popular. A indumentária dela levanta a seguinte questão: refletirá apenas o tema deste clube, ou representará alguma resposta mais profunda ao trauma do terremoto e à subseqüente reconstrução?

2- LO REZ SKYLINE

Encontraram-se numa clareira da floresta.

Kelsey havia feito a vegetação: grandes e brilhantes folhas tipo *douanier* Rousseau, orquídeas de desenho animado salpicadas do que ela chamava de cores tropicais (que lembravam a Chia, aquela rede de lojas de shopping centers que vendiam cosméticos "naturais" em tons totalmente desconhecidos na natureza). Zona, a única telepresente que já havia visto algo parecido com uma floresta de verdade, havia feito o áudio, suprindo cantos de pássaros, insetos invisíveis, mas de efeito *doppler* realista, e o episódico farfalhar da vegetação artisticamente sugerindo não cobras, mas alguma coisa arisca e peluda, de patas fofas e curiosa.

A pouca luz que havia era filtrada por uma cobertura vegetal alta, que Chia achou demasiadamente parecido com Disney - embora não houvesse necessidade real de luz num lugar que consistia apenas disso.

Zona, sua caveira asteca brilhando incorpórea, espectros de suas mãos azuis bruxuleando como pombas iluminadas por luz estroboscópica: - É claro que essa puta castrada, essa desencarnada, conseguiu aprisionar a alma dele. - Relâmpagos em ziguezague estilizados surgiram em torno da parte superior da caveira de néon, como ênfase deliberada.

Chia se perguntou o que ela havia realmente dito. Seria "puta castrada" um artefato da tradução automática on line, ou seria realmente algo que se podia dizer ou que se dizia em mexicano?

- Esperando confirmação positiva da filial de Tóquio - Kelsey lembrou-lhes. O pai de Kelsey era um advogado tributarista de Houston, e um pouco daquele tipo particular de jargão profissional tendendo a apresentar sua filha na hora da reunião; e também uma certa capacidade de *esperar* que Chia achasse irritante, particularmente porque se manifestava por uma figura tipo ninfa de olhos redondos tirada de algum antigo *anime*, revista japonesa de histórias em quadrinhos. Com a qual Chia tinha certeza de que Kelsey não parecia em tempo

real, se elas fossem algum dia se encontrar daquela

forma. (A própria Chia estava se apresentando como uma versão só ligeiramente distorcida, pensava ela, de como o espelho lhe dizia ser sua verdadeira aparência. Nariz um pouco menor, talvez. Lábios um pouco mais cheios. Mas era só isso. Ou quase.)

- Exatamente - disse Zona, com calendários de pedra em miniatura rodopiando furiosamente no lugar dos olhos. - Ficamos *esperando.* Enquanto *ele* se aproxima cada vez mais da sua ruína. Ficamos esperando. Se eu e minhas garotas fôssemos ficar esperando assim, as Ratazanas nos varreriam das ruas. - Zona dizia ser a líder de uma gangue de garotas *chilangas* que andavam armadas de facas. Não a mais malvada da cidade do México, talvez, mas suficientemente preocupada com questões territoriais e cobrança de pedágio. Chia não sabia se acreditava nessa história, mas isso contribuía para uma atitude interessante nas reuniões.

- É mesmo? - Kelsey elevou seu eu-ninfa com dignidade de elfo, batendo de incredulidade as bastas pestanas de corça. - Se é *assim*, Zona Rosa, por que você não se manda para *Tóquio* e descobre o que está *realmente* acontecendo? Quer dizer, o Rez disse *mesmo* aquilo, que vai se casar com ela, ou o quê? E enquanto estiver lá, descobre se ela *existe* mesmo ou não, está certo?

Os calendários pararam de girar de repente. As mãos azuis desapareceram.

A caveira parecia retroceder para uma distância infinita e no entanto permanecia perfeitamente em foco, nítida em todos os seus detalhes texturais. Truque velho, pensou Chia. Ganhando tempo.

- Você sabe que não posso fazer isso - disse Zona. - Tenho responsabilidades aqui. Maria Conchita, a comandante das Ratazanas, disse que...

- Como se *agente* ligasse para isso, certo? - Kelsey lançou-se para cima, seu eu-ninfa transformou-se num borrão pálido contra o crescente emaranhado verde, até pairar um pouco abaixo da cobertura vegetal, um raio de luz de sol iluminando um impossível osso da face. - Zona Rosa só tem merda na cabeça! - urrou, nada parecido com uma ninfa'

- Não vamos brigar - disse Chia. - Isso é *importante.* Por favor. Kelsey desceu instantaneamente. - Então *você* vai - disse ela.

- Eu?

- Você - disse Kelsey.

- Não posso - falou Chia. - Para Tóquio? Como é que eu vou?

- De avião.

- A gente não tem o seu dinheiro, Kelsey.

- Você tem passaporte. A gente sabe que você tem. Sua mãe teve que tirar um para você quando ela estava fazendo aquela coisa da custódia. E nós sabemos que você está, para ser delicada, "mudando de escola", não é?

-É...

- Então, qual é o problema?

- Seu pai é um grande advogado tributarista!

- Eu sei - disse Kelsey. - E ele fica indo e vindo de avião pelo mundo todo, ganhando dinheiro. Mas você sabe o que mais ele ganha, Chia?

- O quê?

- Pontos de milhagem. É o fodão dos pontos de milhagem. Na Air Magellan.

- Mas que interessante - disse a caveira asteca.

- Tóquio - disse a ninfa geniosa. Merda, pensou Chia.

* * *

A parede oposta à cama de Chia era decorada com uma ampliação a laser seis por seis da capa do *Lo Rez Skyline*, o primeiro disco deles. Não a que se

compra hoje, mas a original, a foto do grupo que haviam tirado para aquele primeiro lançamento crucial no selo independente Dog Soup. Ela havia baixado o arquivo do site do clube na semana em que se inscrevera e encontrou um lugar perto do Mercado que podia imprimi-lo daquele tamanho todo. Ainda era o seu favorito, e não apenas, como sua mãe sempre sugeria, porque eles ainda pareciam muito jovens. Sua mãe não gostava que os membros da Lo/Rez fossem quase tão velhos quanto ela. Por que Chia não curtia música de gente da idade dela?

- Mãe, mas quem?

- Aquele Chrome Koran, por exemplo.

- Que piada, mãe.

Chia suspeitava que a percepção que sua mãe tinha do tempo diferia da sua própria, de modo radical e inexplicável. Não apenas do modo como um mês, para a mãe de Chia, não era muito tempo, mas do modo como o "agora" da mãe dela era uma coisa tão restrita e literal. Regulado pelas notícias, acreditava Chia. Com alimentação a cabo. Um presente talhado pelas notícias do repórter aéreo.

O "agora" de Chia era digital, frouxamente elástico, de acesso instantâneo, apoiado por sistemas globais que nunca teria que se dar ao trabalho de compreender.

Lo Rez Skyline fora lançado, se é que se pode falar assim, uma semana (bem, seis dias) antes de Chia nascer. Ela calculava que nenhum exemplar do disco teria chegado a Seattle a tempo do seu nascimento, mas gostava de acreditar que houvera ouvintes aqui, mesmo então, visionários da orla do Pacífico, pegando na rede novos sons de independentes tão obscuros, até, quanto o Dog Soup de Teipei. Com certeza, os acordes de abertura de "Positron Premonition" haviam impulsionado moléculas do ar de Seattle, em algum lugar, no porão de alguém, no fatídico momento de seu nascimento. Ela sabia disso, de algum modo, da mesma forma que sabia que "Stuck Pixel", que mal chega a ser uma música, apenas Lo dedilhando em alguma guitarra de loja de penhores, devia estar sendo tocada *em algum lugar* quando sua mãe, que mal falava inglês naquela época, escolheu o nome de Chia, a partir de alguma coisa que ficava passando no canal de compras, o afago fonético daquelas sílabas chegando até

ela na sala de pós-parto como uma combinação satisfatoriamente suave de sons italianos e ingleses; seu bebê, já então de cabelos ruivos, depois batizada Chia Pet McKenzie (para o espanto de seu pai canadense ausente).

Esses pensamentos surgiram na escuridão pré-despertador, pouco antes do piscar infravermelho de seu despertador gaguejar em silêncio para o spot de halogênio, dizendo-lhe para iluminar Lo/Rez em toda sua glória Dog Soup. Rez, de camisa aberta (mas de modo totalmente irônico), e Lo, com seu sorriso forçado e arremedo de bigode que ainda não acabara de nascer.

Oi, caras. Procurando o controle remoto. Zapeando o infravermelho nas sombras. Zap: Espressomatic. Zap: aquecedor.

Debaixo do travesseiro, o volume não familiar do passaporte, como um cartucho de jogo daqueles bons, antigos, plásticos duros azul-marinho, da textura de corino, com a chancela dourada e a águia. As passagens da Air Magellan em sua capa de plástico mole, bege, da agência de viagem do shopping.

Partiu.

Respirou fundo. A casa de sua mãe parecia fazer o mesmo, sem tanto sucesso, seus ossos de madeira estalando no frio da manhã de inverno.

* * *

O táxi chegou no horário, como por encanto. E não, não tocou a buzina, exatamente como solicitado. Kelsey havia explicado como essas coisas funcionam. Exatamente como, entrevistando rapidamente Chia sobre as circunstâncias de sua vida, havia bolado a desculpa para sua ausência iminente: dez dias nas ilhas San Juan com Hester Chen, cuja mãe cheia da grana e com horror a tecnologia temia de tal forma radiações eletromagnéticas que vivia sem telefone num castelo de madeira reaproveitada e de telhado de céspede, e onde eletricidade era totalmente proibida. - Diga a ela que você vai dar um tempo dos meios de comunicação, antes do novo período letivo começar - dissera Kelsey. - Ela vai adorar isso. - E a mãe de Chia, que achava que ela passava tempo demais de luvas e óculos, adorou.

Chia gostava mesmo da meiga Hester, que parecia entender do que se

tratava Lo/Rez, embora por algum motivo não se envolvesse tanto quanto era de se esperar, e Chia já havia na verdade experimentado os prazeres do retiro insular da sra. Chen. Mas a mãe de Hester havia feito com que as duas usassem bonés de beisebol especiais, feitos de um tecido à prova de radiação eletromagnética, para que seus jovens cérebros não fossem banhados tão constantemente pela sopa invisível do lixo da mídia.

Chia havia reclamado que os bonés faziam com que as duas ficassem parecendo proletas.

- Deixa de ser racista, Chia.

- Mas eu não sou.

- Classista, então.

- É uma questão de *estética*.

E agora, no táxi aquecido demais, com sua única bolsa de viagem no assento a seu lado, sentia-se culpada por causa dessa mentira; sua mãe dormindo por trás daquelas janelas escurecidas salpicadas de gelo, sob o peso de seus trinta e cinco anos e do edredão florido que Chia havia comprado na Nordstrom. Quando Chia era pequena, sua mãe usava os cabelos compridos numa trança, com a ponta enfeitada com contas de turquesa, madrepérola e pedaços de ossos esculpidos, como a cauda mágica de algum animal mítico balançando para Chia agarrar. E a casa, além disso, parecia triste; como se lamentasse que ela estivesse de saída, a tinta branca descascando do cinza das ripas de cedro de noventa anos. Chia teve um calafrio. E se ela nunca mais voltasse?

- Para onde? - disse o taxista, um negro numa jaqueta fofa de náilon e uma boina escocesa.

- SeaTac, o aeroporto de Seattle - disse Chia, e encostou os ombros no assento.

Ultrapassaram o velho Lexus que os vizinhos deixavam sempre sobre os blocos de concreto na entrada de carros.

* * *

Os aeroportos são lugares mal-assombrados de manhã cedo. Havia um vazio que podia assentar em você, uma coisa triste e vazia. Corredores e pessoas se afastando por eles. Na fila atrás de gente que nunca havia visto c nunca mais veria. Com a bolsa dependurada no ombro, o passaporte e a passagem na mão. Ela queria outra xícara de café. Deixara café no seu quarto, no Espressomatic. Que devia ter esvaziado e limpo, porque enquanto estivesse fora o café mofaria.

- Sim? - O homem por trás do balcão usava uma camisa listrada, uma gravata com o logotipo da Air Magellan repetido em diagonal, e um piercing de jade verde no lábio. Chia se perguntou que aparência teria o lábio inferior dele quando tirava o piercing. Ela nunca o tiraria, concluiu Chia, se tivesse um piercing assim. Ela lhe entregou a passagem. Ele suspirou e tirou-a da capa, deixando claro que Chia é quem devia ter feito isso.

Ela observava enquanto o homem passava um scanner na passagem.

- Air Magellan um-zero-cinco para Narita, ida e volta, classe econômica.

- Certo - disse Chia, tentando ser solícita. Ele não pareceu gostar disso.

- Documento de viagem.

Chia entregou-lhe o passaporte. Ele olhou para o passaporte como se nunca tivesse visto um antes, suspirou, e inseriu-o numa fenda em cima do balcão. A fenda tinha bordas de alumínio gastas, que alguém havia coberto com fita transparente, agora suja e descascando. O homem ficou olhando para um monitor que Chia não podia ver. Talvez fosse dizer que ela não poderia viajar. Ela pensou no café no Espressomatic. Ainda estaria morno.

- Vinte e três D - disse ele, quando um cartão de embarque saiu de outra fenda diferente. Pegou de volta o passaporte dela e o entregou, junto com a passagem e o cartão de embarque. - Portão 52, saguão azul. Bagagem?

- Não.

- Os passageiros que forem liberados pela segurança podem estar sujeitos a terem amostras de DNA colhidas de modo não invasivo - disse ele, unindo todas as palavras, já que o único motivo de dizer aquilo era que a lei o obrigava a isso.

Ela guardou o passaporte e a passagem no bolso especial do lado de dentro do casaco. Ficou segurando o cartão de embarque na mão. Saiu procurando o saguão azul. Teve de descer e pegar um daqueles trens que parecem elevador que anda de lado. Meia hora depois havia passado pela segurança e estava observando os lacres que haviam posto sobre os fechos de sua bagagem de mão. Pareciam anéis vermelhos elásticos de doce. Ela não contara com isso; havia pensado que encontraria um orelhão no saguão de embarque, e seria possível conectar-se para botar o clube a par do andamento das coisas. Eles nunca lacravam sua bagagem de mão quando ia para Vancouver ficar com seu tio, mas aquele vôo não era realmente internacional, não depois do Acordo.

Ela estava andando numa esteira de borracha indo para o Portão 52 quando viu a luz azul piscando, acima. Soldados e uma barricada. Os soldados organizavam uma fila com as pessoas que saíam da esteira. Estavam de uniforme de campanha e não pareciam ser mais velhos que os garotos de seu último colégio.

- Merda - ouviu a mulher na sua frente dizer, uma loura de cabelo comprido que obviamente tinha apliques. Lábios grossos vermelhos, camadas de maquilagem, obreiras até aqui, blusinha curta, botas-brancas de vaqueiro. Como aquela cantora country de quem sua mãe gostava, Ashley Modine Carter. Uma coisa meio proleta, mas com muito dinheiro.

Chia saiu da esteira e tomou seu lugar na fila atrás da mulher que se parecia com Ashleigh Modine Carter.

Os soldados estavam tirando amostras de cabelo e passando os passaportes das pessoas nas fendas. Chia assumiu que aquilo era para provar que você realmente era quem dizia ser, porque seu DNA estava no passaporte, convertido numa espécie de código de barra.

A amostra era colhida por um bastão prateado que puxava a vácuo as pontas de uns poucos fios e os cortava. Eles iam acabar tendo a maior coleção do mundo de pontas partidas, pensou Chia. Agora era a vez da loura. Eram dois soldados novinhos, um para operar o bastão de colher amostras e o outro para ficar matraqueando, dizendo que, como todos já haviam concordado com o procedimento, já que tinham chegado até ali, por favor, apresentem seus passaportes.

Chia viu quando a mulher entregou o passaporte e instantaneamente assumiu uma postura explicitamente sexy, como uma lâmpada se acendendo, com um largo sorriso para o soldado que o fez piscar, engolir a seco e quase deixar o passaporte cair. Sorrindo amarelo, ele meteu o passaporte num pequeno console anexado à barricada. O outro soldado levantou seu bastão. Chia viu a mulher levantar a mão e escolher uma mecha do aplique, oferecendo a ponta para ser tirada como amostra. A coisa toda talvez tenha levado oito segundos, incluindo a devolução do passaporte, e o primeiro soldado ainda estava sorrindo na vez de Chia.

A mulher seguiu em frente, tendo acabado de cometer o que Chia tinha quase certeza ser um crime federal. Será que ela devia contar ao soldado?

Mas não o fez, e aí já estavam lhe devolvendo o passaporte e Chia se encaminhava para o Portão 53. Procurou pela mulher, mas não a viu.

Ficou examinando os anúncios passarem nos painéis nas paredes, até que os passageiros foram chamados para formar fila para o embarque.

* * *

O assento 23E ficou vazio enquanto Chia aguardava a decolagem, chupando uma bala de menta que a aeromoça lhe dera. O único assento vazio no avião, ela imaginou. Se ninguém aparecesse para ocupá-lo, pensou, ela poderia dobrar o descanso para os braços para cima e usar os dois assentos. Tentou projetar um campo mental negativo, uma vibração que fosse impedir que alguém embarcasse no último minuto e se sentasse lá. Zona Rosa estava nessa, parte daquele negócio de gangue só de garotas ligadas em artes marciais. Chia não via como era possível acreditar que aquilo realmente funcionasse.

E não funcionou, porque lá vinha aquela loura e aquilo que Chia viu não era uma piscada de reconhecimento?

3- QUASE UMA CIVIL

A última vez que Laney vira Kathy Torrance fora num dia de semana à noite, numa quarta-feira, e a tatuagem dela não estava visível. Kathy estava na Gaiola e ficou gritando enquanto ele limpava o armário. Estava usando um blazer Armani de fustão cinza-chumbo e uma saia combinando, que escondia o sinal do espaço sideral. Uma fileira única de pérolas podia ser vista na gola aberta da blusa masculina branca. O seu uniforme de gala. Levara uma bronca por causa da traição do subordinado.

Laney sabia que ela estava aos gritos porque sua boca estava aberta, mas as sílabas de sua ira não podiam penetrar a espuma sibilante contínua produzida pelo gerador de ruído branco fornecido por seus advogados. Haviam-lhe aconselhado a deixar o gerador ligado o tempo todo, durante sua última visita aos escritórios do Slitscan. Fora instruído a não fazer nenhuma declaração. Com certeza não ouviria nenhuma.

E mais tarde, em alguns momentos, ficou se perguntando em que termos exatamente ela poderia ter expressado a sua fúria. Alguma reformulação da teoria da notoriedade e da natureza do preço que se paga por ela, da posição do Slitscan em tudo isso, da incapacidade de Laney de se encaixar na firma? Ou teria Kathy se concentrado na traição dele? Mas ele não ouviu nada; apenas pusera essas coisas, que na verdade não queria mais, numa caixa de plástico ondulado que ainda cheirava levemente a laranjas mexicanas. O notebook, agora com a tela rachada, inútil, que usara na faculdade. Caneca térmica com o logotipo da Nissan County descascando. Anotações que havia feito em papel, contrariando a política da companhia. Um fax manchado de café de uma mulher com quem havia dormido em Ixtapa, cujas iniciais não podiam mais ser distinguidas e cujo nome esquecera. Pedaços sem propósito dele mesmo, cujo destino seria um latão de lixo no estacionamento do edifício. Mas ele não deixaria nada aqui, e Kathy continuava a berrar.

Agora, no Death Cube K, imaginava que Kathy lhe havia dito que ele nunca mais arranjaria trabalho naquela cidade, e de fato parecia que seria assim.

Deslealdade com o empregador era uma nódoa particularmente difícil na ficha de qualquer um, talvez particularmente difícil naquela cidade, quando o fato em si surgira a partir do que já fora um dia chamado de escrúpulos. A palavra agora lhe parecia particularmente ridícula.

- Você sorriu. - Blackwell olhava fixo para ele do outro lado da mesa.

- Falta de seratonina.

- Comida - disse Blackwell.

- Na verdade, não estou com fome.

- Precisa ingerir carboidratos - disse Blackwell, ficando de pé. Ele ocupava uma quantidade enorme de espaço.

Laney e Yamazaki se levantaram e seguiram Blackwell para fora do Death Cube K, e desceram o Edifício O My Golly. Para fora da luz de barata, para dentro da ravina de néon e cromo da Roppongi Dori. Um cheiro forte de peixe e frutas pútridas até nesta noite fria e úmida, embora meio disfarçada pela doçura adocicada do álcool chinês dos veículos em disparada na via expressa. Mas havia consolo no som constante do tráfego, e Laney achou melhor se comportar e prosseguir.

Se ele continuasse a ir em frente, talvez conseguisse descobrir o significado de Keith Alan Blackwell e Shinya Yamazaki.

Blackwell tomou a frente por uma passarela de pedestres. A mão de Laney roçou uma irregularidade no parapeito metálico. Percebeu que era um rebordo acidental ou prega numa etiqueta adesiva brilhante; uma moça de peito nu sorrindo para ele de um holograma prateado de um palmo de tamanho. À medida que o ângulo de visão mudava, ela parecia apontar para um número de telefone acima da própria cabeça. O parapeito, de ponta a ponta, era coberto com estes anúncios, embora houvesse espaços em branco de onde uns poucos haviam sido retirados para um exame posterior.

O corpanzil de Blackwell dividia a multidão na calçada do outro lado como um cargueiro passando entre um fluxo de barcos de passeio. -Carboidratos - disse ele por sobre o ombro gigantesco. Conduziu-os por um beco, um corredor

estreito de luzes coloridas, passando por uma clínica veterinária que ficava aberta a noite toda, em cuja janela um par de cirurgiões de avental branco faziam uma cirurgia no que Laney tinha a esperança de que fosse um gato. Um pequeno grupo de pedestres descontraídos haviam parado ali, e estavam observando da calçada.

Blackwell esgueirou-se até um cubículo iluminado, de onde subia vapor de fogareiros por trás de um balcão de granito sintético.

Laney e Yamazaki seguiram-no, e o balconista já servindo porções cheirosas de um caldo gorduroso bege a pedido do australiano.

Laney assistiu Blackwell levar a tigela à boca e ostensivamente sugar quase todo o macarrão, separando essa parte do resto com uma simples dentada, com seus lustrosos dentes de plástico. Os músculos do pescoço grosso se moveram vigorosamente ao engolir.

Laney observava atônito.

Blackwell limpou a boca com as costas de uma mão enorme e toda recortada de cicatrizes rosa. Arrotou. - Me dá um desses tubinhos de Dry... - Entornou toda a cerveja de um só gole, descuidadamente amassou a lata de aço como se fosse um copo de papel. - Outro desses - disse ele, sacudindo a tigela para o balconista.

Laney, repentinamente esfomeado a despeito ou por causa dessa exibição de voracidade, devotou toda a atenção à sua própria tigela, onde pedaços cor-de-rosa de uma carne misteriosa, finos como papel, flutuavam num mar de sargaço de macarrão.

Laney comeu em silêncio, assim como Yamazaki, enquanto Blackwell entornava três outras cervejas sem nenhum efeito aparente. Quando Laney acabou de beber o resto do caldo e colocou a tigela no balcão, notou um anúncio por trás do balcão de algo chamado Bebida de Autênticas Frutas Finas dos Apple Shires. Em princípio confundiu com Alison Shires, que já fora objeto de seus escrúpulos.

- Experimente a vida quente e úmida nos Apple Shires - o anúncio

aconselhava.

* * *

Alison Shires, parecia à primeira vista como uma seqüência de fotos de rosto, por cinco meses na época em que ele estava no Slitscan, era uma garota razoavelmente atraente, que sussurrava gracinhas para diretores de elenco imaginários, agentes imaginários, alguém, qualquer um.

Kathy Torrance ficara observando o seu rosto enquanto ele olhava para a tela. - Já sucumbiu, Laney? Tá com alergia a gracinha? Os primeiros sintomas são uma certa irritação subjacente, ressentimento, uma sensação vaga, mas persistente, de que está sendo tapeado, que estão levando vantagem sobre você...

- Ela nem é tão "gracinha" quanto as duas últimas.

- Exatamente. Ela parece quase normal. Quase uma civil. Grude nela. Laney levantou os olhos. - Para quê?

- Grude nela. Ele podia se safar alegando que ela é garçonete ou qualquer coisa assim.

- Acha que é ela?

- Tem mais umas trezentas lá, fácil, Laney. Escolher as mais prováveis é um modo de começar.

- Aleatoriamente?

- A gente chama isso de "intuição". Grude nela.

Laney clicou no cursor, a seta azul clara parou por acaso na órbita sombreada de um dos olhos baixos da moça. Selecionando-a como a possível parceira ocasional de um ator certamente casado, famoso, de um modo que Kathy Torrance compreendia e aprovava. Alguém que tinha que obedecer »os ditames da cadeia alimentar. Sem ser grande demais para o Slitscan

devorar. Mas ele ou seus titereiros até então haviam sido muito cautelosos. Ou muito sortudos.

No entanto, não mais que isso. Um boato havia chegado até Kathy, por intermédio de um daqueles "circuitos invisíveis" dos quais dependia, e agora a cadeia alimentar tinha que seguir seu curso.

- Acorde - disse Blackwell. - Você está caindo no sono na sua tigela. Está na hora de nos contar como perdeu seu último emprego, se quer que a gente te ofereça outro.

- Café - disse Laney.

* * *

Laney não era, ele teve o cuidado de enfatizar, um *voyeur*. Tinha uma aptidão peculiar com a arquitetura de compilação de dados e um déficit de atenção documentado medicamente que ele conseguia transformar, sob certas condições, num estado de hiperfocalização patológica. Isso fazia dele, continuou, enquanto tomava um latte gelado numa filial de Amos 'n' Andes na Roppongi, um pesquisador extremamente competente. (Não fez nenhuma menção ao Orfanato Federal em Gainesville nem a nenhuma das tentativas que poderiam ter sido feitas lá para curar seu déficit de atenção. Nem aos testes 5-SB nem a nada daquilo.)

O dado relevante, em termos de sua capacidade atual de ter um emprego, era o fato de ele ser um pescador intuitivo de padrões de informação: do tipo de assinatura que um indivíduo inadvertidamente cria na rede na medida em que vai dando seguimento ao ofício mundano e, no entanto, infinitamente multiplex, de viver numa sociedade digital. O déficit de atenção de Laney, pequeno demais para ser registrado em algumas escalas, fazia dele um zapeador natural de canais, indo de programa a programa, de um banco de dados a outro, de plataforma a plataforma, de um modo, *bem*... intuitivo.

Esse era o problema, na verdade, na hora de arranjar emprego Laney era o equivalente de um rabdomante, só que cibernético. Ele não sabia explicar como fazia o que fazia. Simplesmente não sabia.

Tinha ido trabalhar no Slitscan depois de sair da DatAmerica, onde era assistente de pesquisa num projeto denominado TIDAL em código. Era revelador da cultura corporativa da DatAmerica que Laney nunca conseguira

descobrir se TIDAL era um acrônimo ou (mesmo vagamente) do que se tratava. Gastara seu tempo examinando superficialmente enormes montanhas de dados indiscriminados, procurando "pontos nodais" que fora treinado para reconhecer por um time de cientistas franceses, todos perspicazes jogadores de tênis, dentre os quais nenhum tinha qualquer interesse em explicar esses pontos nodais para ele, que passou a se sentir como se fosse um guia nativo. Fosse o que fosse que os franceses estivessem procurando, Laney estava ali para levantar a lebre para eles. E ganhava de Gainesville, nem precisava comparar. Até que TIDAL, fosse o que fosse, acabou sendo cancelado, e não havia mais nada que Laney pudesse fazer na DatAmerica. Os franceses foram embora, e quando Laney tentou conversar com outros pesquisadores sobre o que andaram fazendo, eles o olharam como se ele fosse maluco.

Quando Laney foi fazer a entrevista para o emprego no Slitscan, a entrevistadora tinha sido Kathy Torrance. Ele não tinha como saber que ela era chefe de departamento, ou que em breve seria sua superior. Ele contou a verdade sobre si mesmo. Quase toda, pelo menos.

Kathy era a mulher mais pálida que ele já tinha visto. Pálida a ponto de ser translúcida. (Mais tarde descobriu que isso tinha muito a ver com cosméticos, em particular com uma linha britânica que se gabava de ter propriedades de desviar a luz.)

- O senhor sempre usa imitações de camisas abotoadas e azul-escuras da Brooks Brothers, feitas na Malásia, sr. Laney?

Ele olhou diretamente para sua própria camisa, ou tentou. - Malásia?

- A contagem dos pontos está perfeita, mas ainda não dominaram a tensão dos fios.

-Ah.

- Deixa pra lá. Um pouco da prototípica elegância dos CDF, na verdade, poderia dar um certo *frisson* por aqui. Mas podia deixar a gravata de lado. Definitivamente, tire a gravata. E tenha uma coleção de canetas hidrográficas no bolso. Sem tampa mordida, por favor. E um daqueles marcadores de texto grossos, de uma cor fluorescente realmente horrorosa.

- Está brincando?

- Provavelmente, sr. Laney. Posso lhe chamar de Colin?

- Sim...

Ela nunca o chamou de Colin, nem então nem nunca. — Vai descobrir que senso de humor é essencial no Slitscan, Laney. Uma ferramenta de sobrevivência. Você vai descobrir que o tipo mais viável aqui é ser bem evasivo.

- Evasivo como, srta. Torrance?

- Kathy. Do tipo que é difícil de citar eficazmente num memorando. Ou em juízo.

* * *

Yamazaki era um bom ouvinte. Ele piscava, deglutia, inclinava a cabeça, brincava com o botão .de cima de sua camisa xadrez, qualquer coisa, tudo de alguma forma dando a impressão de que estava entendendo o sentido da história de Laney.

Keith Alan Blackwell era muito diferente. Lá estava ele, sentado, inerte como um fardo de carne, totalmente imóvel, exceto quando levantava a mão esquerda e apertava e mexia com o toco, que era tudo o que havia sobrado de sua orelha esquerda. Ele fazia isso sem hesitação ou embaraço, e Laney teve a impressão de que aquilo dava a ele algum alívio. O tecido da cicatriz ficou ligeiramente vermelho com a manipulação de Blackwell.

Laney estava sentado num banco estofado de costas para a parede. Yamazaki e Blackwell, de frente para ele, do outro lado da mesinha. Atrás deles, por cima das cabeças de cabelos uniformemente pretos dos notívagos bebedores de café da Roppongi, os traços holográficos do homônimo da loja flutuavam em frente a uma paisagem pálida de pôr-do-sol dos picos cobertos de neve dos Andes. Os lábios de desenho animado do Amos pareciam salsichas de borracha vermelha inflada, uma paródia racial que teria feito com que o lugar fosse bombardeado em qualquer parte da grande Los Angeles. Ele estava segurando uma xícara de café fumegante, branca e suavemente icônica, numa mão com luvas brancas, de três dedos, proto-Disney.

Yamazaki tossiu, delicadamente. - Você quer nos contar, por favor, suas experiências no Slitscan?

* * *

Kathy Torrance começou por oferecer a Laney a chance de surfar na rede ao estilo Slitscan.

Ela retirou dois computadores da Gaiola, enxotou quatro empregados de uma UEN, convidou Laney a entrar e fechou a porta. Cadeiras, uma mesa redonda, um grande flanelógrafo na parede. Ele ficou observando Kathy ligar os computadores em dataports e baixar imagens idênticas de um sujeito de cabelo louro fosco comprido, de uns vinte e poucos anos. Cavanhaque e brinco de ouro. O rosto não dizia nada para Laney. Podia ser de alguém por quem houvesse passado na rua uma hora antes, o rosto de um ator secundário numa novela diurna, ou o rosto de uma pessoa em cujo freezer recentemente tivessem sido encontrados os dedos de suas vítimas.

- Clinton Hillman - Kathy Torrance disse. - Cabeleireiro, *sushi chef*, crítico de música, extra em filmes pornôs de médio orçamento. Essa foto está distorcida, é claro. - Bateu numas teclas e eliminou a distorção. Os olhos e o queixo de Clint Hillman, na sua tela, diminuíram de tamanho. - É provável que ele mesmo tenha feito isso. Se o trabalho fosse de um profissional, não conseguiríamos desfazer.

- Ele trabalha em filmes pornôs? - Laney sentiu pena de Hillman, que parecia perdido e vulnerável sem seu queixo.

- Não é no tamanho do queixo que eles estão interessados - disse Kathy. - Em filmes pornôs, usam principalmente o sistema de captura de movimento. Closes extremos. Eles são todos dubles de corpo. Inserem rostos melhores na pós-produção. Mas alguém ainda tem que ir para as trincheiras e bimbar os feios, não é mesmo?

Laney olhou para ela com o rabo do olho. - Você é quem sabe. Ela passou para Laney um par de olhofones Thomson emborrachados de potência industrial. - Trabalhe ele.

- Trabalhar?

- Ele. Procure os tais pontos nodais de que esteve me falando. A foto do rosto é um portal para tudo o que temos sobre ele. Longas sessões de puro tédio. Os dados são como um mar de tapioca, Laney. Uma planície de baunilha sem fim. Ele é tão chato quanto o dia é longo, e o dia *é* longo. Vá cm frente. Faça o meu dia valer a pena. Consiga, e o emprego é seu.

Laney olhou para o Hillman distorcido em sua tela. - Você não me disse o que devo procurar.

- Qualquer coisa que possa ser do interesse do Slitscan. O que é o mesmo que dizer, Laney, qualquer coisa que possa ser do interesse do público do Slitscan. Que é melhor visualizado como sendo um organismo mesquinho, preguiçoso, profundamente ignorante, perpetuamente faminto, ansioso pela carne divina e quente dos ungidos. Pessoalmente gosto de imaginar alguma coisa assim do tamanho de um bebê hipopótamo, da cor de uma batata cozida há uma semana, que vive sozinho, no escuro, num daqueles trailers grandes nos arredores de Topeka. É coberto de olhos e está sempre suando. O suor escorre para todos os olhos e faz com que doam. Não tem boca, Laney, nem genitais, e só consegue expressar seus acessos mudos de ira assassina e desejo infantil mudando os canais com um controle remoto universal. Ou votando nas eleições presidenciais.

* * *

- UEN?

Yamazaki estava segurando seu notebook, a caneta ótica em posição. Laney descobriu que não se importava. Aquilo fazia o sujeito parecer tão mais confortável. - Unidade Estratégica de Negócios - disse ele. - Uma pequena sala de reunião. Agência de correio do Slitscan.

- Agência de correio?

- Modelo Califórnia. As pessoas não têm suas próprias mesas. Pega um computador e um telefone na Gaiola quando você entra. Se precisar de mais periféricos, pega uma *hotdesk.* As UEN são para reuniões, mas é difícil

conseguir uma quando você precisa. Reuniões virtuais são populares lá, melhores para assuntos delicados. Você ganha um armário para guardar suas coisas pessoais. Não deixe que vejam qualquer impressão. E eles odeiam *post-its.*

- Por quê?

Porque você pode ter copiado alguma coisa da rede interna, e pode transpirar. Você não poderia sair com esse seu notebook da Gaiola. Se não houvesse papel envolvido, teriam um registro de todas as chamadas, cada imagem baixada, cada tecla batida.

Blackwell assentiu com a cabeça, seu cocuruto com cabelo nascendo refletindo o vermelho dos lábios tubulares de Amos. - Segurança.

- E você conseguiu, sr. Laney? - Yamazaki perguntou. - Encontrou os... pontos nodais?

4- VENEZA DESCOMPACTADA

- Agora cale a boca - disse a mulher na poltrona 23E, e Chia não tinha dito nada. - A maninha aqui vai te contar uma história.

Chia levantou os olhos da tela das costas do assento da frente, onde estivera superando os obstáculos do décimo primeiro nível de uma versão lobotomizada da *Skull Wars*, daquelas típicas de avião. A loura olhava para a frente, não para Chia. A tela dela estava abaixada para que pudesse usar as costas como bandeja, e terminara outro copo de suco de tomate gelado, que mão parava de pedir à aeromoça. Eles vinham, sabe-se lá por que razão, com pedaços aparados de aipo enfiados como se fossem canudos ou pauzinhos de mexer, mas a loura não parecia interessada neles. Havia empilhado cinco deles formando um quadrado na bandeja, do jeito como uma criança faria as paredes de uma casinha, ou um curral para animais de brinquedo.

Chia baixou os olhos para seus dedões sobre o touchpad descartável da Air Magellan. De novo para os olhos maquilados. Agora olhando para ela.

- Existe um lugar onde está sempre claro - disse a mulher. - Luminoso por toda a parte. Nenhuma parte é escura. Luminoso como uma neblina, como algo caindo, sempre, a cada segundo. De todas as cores. Prédios dos quais não se pode ver o topo, e a luz caindo. Lá embaixo, eles empilham bares. Bares e boates eróticas e discos. Empilhados como caixas de sapato, uma em cima da outra. E não faz diferença a que distância você consegue ir se esgueirando, quantas escadas você sobe, em quantos elevadores você entra, quão pequeno o quarto a que você finalmente consegue chegar: a luz ainda encontra você. É uma luz que se esgueira por debaixo das portas, como poeira. Fina, muito fina. Passa por entre suas pálpebras, se você descobrir um jeito de dormir. Mas você não *quer* dormir lá. Não em Shinjuku. Quer?

Chia de repente se deu conta do peso do avião, da terrível improbabilidade de sua viagem pelo ar, da fuselagem vibrando pela noite gélida em algum lugar sobre o mar, perto da costa do Alasca, agora: impossível, mas acontecendo. -

Não - Chia ouviu sua própria resposta enquanto *a Skull Wars*, percebendo sua falta de atenção, jogou-a um nível para trás.

- Não - concordou a mulher -, você *não quer.* Eu sei. Mas eles fazem você dormir. Forçam. No centro do mundo. - E aí reclinou a cabeça para trás, fechou os olhos e começou a ressonar.

Chia saiu da *Skull Wars* e encaixou o touchpad no bolso das costas do assento. Tinha vontade de gritar. Do *que* aquela mulher estava falando?

O comissário de bordo veio, recolheu o curral de hastes de aipo num guardanapo, pegou o copo da mulher, limpou a bandeja e colocou-a de volta nas costas do assento.

- Minha bolsa? - disse Chia. - No compartimento? - ela apontou. Ele abriu o compartimento de bagagem, puxou a bolsa e colocou-a sobre o seu colo.

- Como se abre isso? - Tocou nos aros de gelatina vermelha dura que mantinham os zíperes fechados.

Ele pegou uma pequena ferramenta preta de um coldre preto preso no cinto. Parecia com uma coisa que ela tinha visto um veterinário usar para aparar as unhas de um cachorro. Ele aparou as bolinhas dos anéis com a outra mão.

- Tudo bem ligar isso? - Ela abriu um zíper e mostrou a ele o seu Sandbenders, acolchoado entre quatro pares de calças bailarinas enroladas.

- Você não pode se conectar daqui; só na classe executiva ou na primeira classe - disse ele. - Mas pode acessar o seu material. Ligue o cabo no visor do assento se quiser.

- Obrigada - disse ela. - Eu tenho óculos. - Ele se afastou.

O ronco da loura falhou no meio quando passaram por uma turbulência. Chia catou seus óculos e sensores de dedo no meio dos ninhos de calcinhas limpas, colocou-os ao lado dela entre o quadril e o encosto de braço. Tirou o Sandbenders, fechou a bolsa e empurrou-a para debaixo do assento usando a mão livre e os dois pés. Estava louca para cair fora dali.

Com o Sandbenders no colo, digitou um teste de bateria. Oito horas no modo pão-duro, se desse tudo certo. Mas no momento não ligava a mínima. Desenrolou a guia dos óculos e plugou-a. Os sensores de dedo estavam embaralhados, como sempre. Vá com calma, ela disse a si mesma. Se um dos sensores se rasgasse, ela ficaria a noite inteira com o clone de Ashleigh Modine Carter. Pequenos terminais de cabo prateado, flexíveis dedos das armações; com calma... Um plugue para cada um. Encaixar e *encaixar*...

A loura disse alguma coisa dormindo. Se é que se pode chamar de dormir o que ela estava fazendo.

Chia pegou os óculos, colocou-os, detonou.

- Estou *fora* daqui. E estava.

Lá na beira da sua cama, olhando para o pôster do *Lo Rez Skyline*. Até Lo percebê-la. Ele cofiou seu bigode meio crescido e deu um sorriso forçado pra ela.

- Olá, Chia.

- Oi. - A experiência mantinha tudo subvocal, para manter a privacidade.

- Como é que é, garota?

- Estou num avião, indo para o Japão.

- Japão? Legal. Está a fim de ouvir nosso disco *Budokan!*

- Não, estou a fim de conversar, Lo. - Não com um agente, de qualquer forma, por mais legal que ele fosse.

- Calma. - Ele lançou para Chia aquele sorriso de gato, os olhos se enrugando nos cantos, e se tornou uma imagem parada. Ela olhou ao redor, desapontada. As coisas não estavam exatamente do tamanho certo, ou talvez devesse ter usado um daqueles pacotes fractais que zoneavam as coisas um pouco, colocando poeira nos cantos e manchas em torno do interruptor de luz. Zona Rosa lhe garantia. Quando estava em casa, Chia gostava de ver que o construto era mais limpo do que seu quarto. Agora, estava deixando-a com

saudade de casa; sentia falta da coisa de verdade.

Ela apontou para a sala, passou pelo que seria a porta do quarto de sua mãe. Mal havia feito a armação desta parte, e não havia nada ali, ali, nenhuma interioridade. A sala também tinha seus cantos esboçados, e a mobília ela havia importado de um sistema Playmobil anterior a seu Sandbenders. Peixes instáveis feitos em bitmap nadavam monotonamente em torno de uma mesa de café de vidro, que havia feito quando tinha nove anos. As árvores do lado de fora da janela da frente eram ainda mais velhas: troncos perfeitamente cilíndricos de marrom-creiom, cada um sustentando uma bola de algodão verde-azulado de folhagens indistintas. Se olhasse para elas por tempo suficiente, o Mumphalumphagus apareceria do lado de fora, querendo brincar, então ela não o fez.

Posicionou-se no sofá de Playmobil e olhou para os programas espalhados em cima da mesa de café. O software básico do Sandbenders parecia uma antiquada bolsa de água de lona, como um cantil (precisou consultar *O que são as coisas,* seu dicionário de ícones, para descobrir). Gasto e espetacularmente natural, com gotinhas de água saindo pela trama apertada do tecido. Se chegasse suficientemente perto, dava para ver as coisas refletidas nas gotas: circuitos que pareciam bordados com contas ou com a pele do pescoço de um lagarto, uma praia comprida vazia sob um céu cinzento, montanhas sob chuva, água de regatos sobre pedras de diferentes cores. Ela adorava o Sandbenders; eles eram os melhores. THE SANDBENDERS, OREGON, estava fracamente impresso na lona que transpirava, como se tivesse quase desbotado totalmente sob o sol do deserto. SYSTEM 5.9. (Ela tinha todos os upgrades, até o 6.3. O pessoal dizia que o 6.4 estava cheio de bugs.)

Ao lado da bolsa de água estava o material da escola, representado por um classificador que sofria as indignidades da ferrugem digital, sua capa, representada apenas pela armação, empestada de craca digital. Ela precisaria reformatar aquilo antes de começar na nova escola, lembrou. Juvenil demais.

Sua coleção do Lo/Rez, discos, compilações e discos piratas estavam expostos como as capas originais dos discos. Estavam empilhados tão ao acaso quanto possível, ao lado do material de arquivo que conseguira reunir desde que fora aceita na seção de Seattle. A aparência deste último, graças a uma fortuita troca de arquivos com um sócio da Suécia, era a de uma lancheira de lata coberta

de litografias, com Rez e Lo espiando atônitos e de olhar vago da tampa chata e retangular. O fã sueco havia escaneado o desenho das cinco superfícies impressas do original e depois mapeado sobre a armação. O original era provavelmente do Nepal, definitivamente não autorizado, e Chia apreciava o desenho invertido. Zona Rosa queria uma cópia, mas até então tudo que oferecera fora um conjunto de spots de TV de má qualidade para o quinto concerto no México Dome. Não eram ruins o *suficiente,* e Chia não estava a fim de fazer a troca. Tinha um documentário suspeito de uma turnê pelo Brasil, que supostamente havia sido feito por uma subsidiária aberta da *TV Globo.* Chia queria *aquele,* e o México ficava na mesma direção que o Brasil.

Passou o dedo pela pilha de discos, sua mão representada pela armação, a ponta do dedo coberta com mercúrio trêmulo, e pensou no Boato. Já houvera boatos antes, havia boatos agora, sempre haveria boatos. Houvera boatos sobre Lo e aquela modelo dinamarquesa, de que iriam se casar, o que provavelmente fora verdade, embora eles nunca tenham se casado. E sempre houvera também boatos sobre Rez e várias pessoas. Mas eram *pessoas.* A modelo sueca era uma pessoa, por mais que Chia a achasse muito metida a besta. O Boato era diferente.

Que era exatamente o que ela estava indo descobrir em Tóquio.

Selecionou *Lo Rez Skyline.*

A Veneza virtual que seu pai lhe enviara por seu aniversário de treze anos parecia um velho livro empoeirado com capa de couro, o couro liso marrom tão puído em algumas partes que parecia camurça, o equivalente digital de lavar brim numa máquina cheia de bolas de golfe. Estava ao lado do arquivo cinza sem nenhuma característica nem textura especiais, que era sua cópia da sentença de divórcio e do acordo de custódia.

Puxou a Veneza e abriu. O peixe estremeceu fora de fase, e seu sistema iniciou uma sub-rotina.

Veneza descompactada.

A Piazza em monocromia de meio de inverno, suas fachadas com textura mapeada em mármore, pórfiro, granito polido, jaspe, alabastro (os nomes dos valiosos minerais apareciam no menu da visão periférica). A cidade dos leões

alados e cavalos dourados. Esta aurora cinza perpétua, a hora default do software.

Ela podia ficar sozinha aqui ou passear com o Music Master.

Seu pai, ligando de Cingapura para lhe desejar feliz aniversário, havia contado que Hitler, em sua primeira e única visita, havia escapado para percorrer as ruas sozinho, também nas primeiras horas da madrugada, louco, talvez, correndo como um cachorro.

Chia, que tinha apenas uma vaga idéia de quem Hitler poderia ter sido, e isso principalmente por causa de referências a ele em músicas, compreendeu o impulso. As pedras da Piazza corriam por baixo dela como seda, à medida que ergueu um dedo prateado e saiu em disparada pelo labirinto de pontes, água, arcos, muros.

Não fazia idéia do que este lugar devia representar, nem como nem por quê, mas se encaixava muito bem em si mesmo e no espaço que ocupava, água e pedra se encaixando perfeitamente no misterioso conjunto.

O software mais rebuscado que já vira, e lá vinham os acordes de abertura de "Positronic Premonition".

5- PONTOS NODAIS

Clinton Emory Hillman, vinte e cinco anos: cabeleireiro, *sushi chef,* crítico de música, extra de filme pornô, fornecedor confiável de culturas de tecido fetal proibidas para três dos membros mais endomórficos dos Dukes of Nuke'Em, decididamente proletas, cujo "Gulf War Baby" chegara rapidamente ao décimo oitavo lugar detonando na parada da *Billboard,* tocando direto na Eu (coração) a América, e já havia sido alvo de protestos diplomáticos por parte de vários países islâmicos.

Kathy Torrance tinha o ar de quem estava pronta para ser agradada. - E o tecido fetal, Laney?

- Bem - disse Laney, tirando os fones e colocando-os ao lado do computador -, acho que esta pode ser a parte boa.

- Por quê?

- Tem de ser iraquiano. Eles fazem questão de insistir nisso. Não vão injetar outra coisa qualquer.

- O emprego é seu. -É?

- Você deve ter correlacionado as ligações para Ventura com as cobranças da garagem no Beverly Center. Embora aquela piada sobre os "bebês da Guerra do Golfo" fosse difícil de passar despercebido.

- Espere aí - disse Laney. - Você já sabia.

- É o segmento principal do programa de quarta-feira. - Ela fechou o computador sem se dar ao trabalho de desligar o queixo não mais distorcido de Clinton Hillman. - Mas agora tive a chance de ver você trabalhando, Laney. Você possui um talento instintivo. Quase acreditei que pudesse haver alguma coisa de verdade naquela besteira de ponto nodal. Algumas de suas escolhas não faziam nenhum sentido de um ponto de vista lógico, mas acabei de ver você

desencavar uma coisa que três pesquisadores experientes levaram um mês para escavar. Você conseguiu em pouco menos de meia hora.

- Parte do que fiz foi ilegal - disse Laney. - Você está conectada a partes da DatAmerica que não poderia estar.

- Você sabe o que é um acordo de sigilo, Laney?

* * *

Yamazaki levantou os olhos do notebook. - Muito bom - disse ele, provavelmente para Blackwell. - Isso é muito bom.

Blackwell deslocou seu peso, a armação de policarbono da cadeira rangeu debilmente em protesto. - Mas ele não ficou muito tempo por lá, ficou?

- Pouco mais de seis meses.

* * *

Seis meses podia ser muito tempo no Slitscan.

Usou a maior parte do primeiro salário para alugar um microapartamento para solteiro, num edifício-garagem adaptado na Broadway Avenue, em Santa Monica. Comprou camisas que achou mais parecidas com as que o pessoal usava no Slitscan, e passou a usar suas camisas abotoadas da Malásia para dormir. Comprou óculos escuros caros e fez questão de nunca carregar uma única caneta hidrográfica nos bolsos das camisas.

A vida no Slitscan era meio limitada. Os colegas de Laney se restringiam a uma gama reduzida de emoções. Um determinado tipo de humor, como Kathy havia dito, era muito valorizado, mas havia extraordinariamente pouco riso. A reação esperada era contato olho-no-olho, um aceno de cabeça, um meio sorriso. Vidas eram destruídas ali, e às vezes recriadas, carreiras arrasadas ou feitas de novo sob roupagens surrealistas e inesperadas. Porque o negócio do Slitscan era o ritual de derramar sangue, e o sangue que derramava era um fluido alquímico: celebridade em sua forma mais crua, pura.

A habilidade de Laney de localizar dados cruciais em pilhas aparentemente

aleatórias de informações incidentais granjearam-lhe a inveja e a relutante admiração de pesquisadores mais experientes. Tornou-se o favorito de Kathy, e ficou quase contente quando descobriu que havia um boato de que estavam tendo um caso.

Não estavam - exceto por aquela única vez na casa dela em Sherman Oaks, e aquilo não fora uma boa idéia. Nada que os dois quisessem repetir.

Mas Laney ainda estava se concentrando, focalizando, forçando a barra daquilo, o que quer que fosse, que se manifestava como seu talento, seu toque especial. E Kathy estava gostando. Com seus olhofones e a linha dedicada do Slitscan alimentando-o com as desoladas vastidões da DatAmerica, sentia-se cada vez mais em casa. Ia onde Kathy sugeria que fosse. Encontrava os pontos nodais.

Às vezes, caindo no sono em Santa Monica, vagamente se perguntava se existiria um sistema mais amplo, um campo maior de perspectiva. Talvez a DatAmerica como um todo tivesse seus próprios pontos nodais, túneis de informação que poderiam ser seguidos até um outro tipo de verdade, outro modo de saber, bem no fundo de minas de informação. Mas só se houvesse alguém que fizesse a pergunta certa. Não fazia a menor idéia de qual pergunta poderia ser, se é que existia, mas duvidava que pudesse ser feita em uma UEN no Slitscan.

Slitscan descendia da programação "realista" e dos tablóides de rede do final do século vinte, no entanto não se parecia mais com eles, assim como um carnívoro bípede, rápido e grande não se parece com seu ancestral lerdo, habitante dos baixios. Slitscan era a forma adulta, mantinha franquias globais. As receitas do Slitscan haviam pagado por satélites inteiros e construído o prédio onde trabalhava, em Burbank.

Slitscan era um programa tão popular que havia evoluído para algo semelhante à velha idéia de rede. Era cercado e protegido por programas dele derivados e periféricos, planejados para manobrar o espectador de volta para o núcleo principal, o altar sangrento, familiar e confiável que um dos colegas mexicanos de Laney chamava de Espelho de Fumaça.

Era impossível trabalhar no Slitscan sem a sensação de estar participando

da História, ou do que Kathy dizia haver *tomado o lugar* da História. O próprio Slitscan, Laney suspeitava, poderia ser um daqueles pontos nodais maiores que ele às vezes se descobria tentando imaginar, uma peculiaridade informacional que levava a uma estrutura inimaginavelmente mais profunda.

Em sua busca por pontos nodais menores, do tipo que Kathy solicitava que procurasse na DatAmerica, Laney já havia afetado o curso das eleições municipais, o mercado futuro de patentes de genes, as leis de aborto no Estado de Nova Jersey, e as tendências de um movimento extático pró-eutanásia (ou de culto ao suicídio, depende) chamado Extingua-se à Meia-Noite, para não mencionar vidas e carreiras de dezenas de celebridades de todos os tipos.

Nem sempre para pior, em termos do que os sujeitos-temas dos programas poderiam querer para si mesmos. O programa de Kathy sobre os Dukes of Nuke'Em, denunciando a predileção única da banda por tecido fetal do Iraque, tinha feito o lançamento seguinte deles ganhar um disco de platina (e resultado em julgamentos e enforcamentos públicos em Bagdá, mas Laney achava que a vida por lá já era difícil mesmo).

Ele nunca tinha sido um espectador do Slitscan, e supunha que isso havia contado a seu favor quando se candidatou como pesquisador. Não tinha nenhuma opinião firme sobre o programa. Aceitava-o, se é que havia pensado nisso, como um fato da vida. Slitscan era a forma como um certo tipo de noticiário era feito. Slitscan era onde ele trabalhava.

Slitscan permitia que ele fizesse a única coisa que tinha um talento genuíno para fazer, então evitava pensar em termos de causa e efeito. Mesmo agora, ao tentar se explicar para o atento sr. Yamazaki, achava difícil sentir qualquer elo claro de responsabilidade. Os ricos e famosos, Kathy dissera uma vez, raramente o eram por acidente. Era possível ser um ou outro, mas muito raramente, acidentalmente, ser as duas coisas.

Celebridades que não eram nenhuma das duas podiam ser uma outra coisa, e Kathy as via como cruzes que tinha de carregar: um assassino serial, por exemplo, ou os pais de sua vítima mais recente. Não tinham as características de estrelas (embora sempre mantivesse uma chama de esperança em relação aos assassinos, por sentir que pelo menos o potencial estava lá).

Era o outro tipo que Kathy queria, direcionando a atenção de Laney e de pelo menos outros trinta pesquisadores para aspectos mais privados das vidas daqueles que eram deliberada e ao menos moderadamente famosos.

Alison Shires não era famosa, mas o homem, conforme Laney confirmara, com quem estava tendo um caso era famoso o suficiente.

E então uma coisa começou a ficar clara para Laney.

Alison Shires *sabia*, de alguma forma, que ele estava lá, observando. Como se ela pudesse senti-lo olhando para o mar de dados que eram um reflexo da sua vida: sua superfície feita de todos os pedaços que formavam o registro diário de sua vida à medida que ficava registrada na tecitura digital do mundo.

Laney viu um ponto nodal começando a se formar a partir do reflexo de Alison Shires.

Ela ia cometer suicídio.

6- EDHE

Chia havia programado seu Music Master para que tivesse uma afinidade com pontes. Ele aparecia em sua Veneza virtual toda vez que ela atravessava uma ponte com velocidade moderada: um jovem esguio de olhos azuis-claros e uma queda por casacos compridos esvoaçantes.

Ele fora o objeto de uma ação do tipo olhe-e-comprove, na época de seu lançamento em versão beta, quando os advogados que representavam um respeitável cantor britânico protestaram que os projetistas do Music Master haviam inserido imagens escaneadas de seu cliente da época em que era muito mais jovem. Os advogados haviam chegado a um acordo, e todas as versões posteriores, incluindo a de Chia, eram muito mais cuidadosamente genéricas. (Kelsey lhe contara que isso tinha muito a ver com a modificação de um de seus olhos, mas por que só um?)

Ela havia inserido o Music Master na Veneza em sua segunda visita, para que lhe fizesse companhia e proporcionasse variedade musical; e condicionar o seu aparecimento com os momentos em que cruzava pontes lhe parecera uma boa idéia. Havia muitas pontes em Veneza, e algumas não passavam de um pequeno arco de pedra por sobre os mais estreitos canais. Havia a Ponte dos Suspiros, que Chia evitava porque a achava triste e arrepiante, e a Ponte dos Punhos, da qual gostava principalmente por causa do nome, além de muitas outras. E havia a Rialto, grande, curvada e fantasticamente velha, onde seu pai dissera que haviam inventado transações bancárias, ou algum tipo particular de transação bancária. (O pai de Chia trabalhava num banco, e este era o motivo de ele ter de morar em Cingapura.)

Ela havia diminuído sua corrida pela cidade, e estava subindo a passos normais a Rialto, o Music Master andando a passos largos elegantemente a seu lado, sua capa da cor de betume adejando ao vento.

- EDHE - disse ele, disparado pelo olhar dela -, a Elaboração Diatônica de Harmonia Estática. Também conhecida como Acorde Maior com Linha de Baixo

Descendente. "Ária sobre a corda sol", de Bach, 1730. "A Whiter Shade of Pale", de Procol Harum, 1967. Se ela fizesse contato visual agora, ouviria trechos a esmo e no volume certo. Depois, mais sobre EDHE, e mais trechos. Chia o tinha colocado aqui para servir de companhia, e não para ficar fazendo preleção. Mas as preleções eram tudo o que havia nele, afora sua iconicidade, que tinha a ver com ser louro e esguio e usar roupas com mais elegância do que qualquer ser humano jamais conseguiria. Ele sabia tudo o que havia para se saber sobre música, e nada mais.

Ela não sabia há quanto tempo estava na Veneza, desta vez. Ainda era naquele último minuto antes da aurora de que ela mais gostava, já que a mantinha daquele jeito.

- Sabe alguma coisa sobre música japonesa? - perguntou ela.

- De que tipo, exatamente?

- Do tipo que as pessoas ouvem.

- Música popular?

- Acho que sim.

Ele fez uma pausa, girou, as mãos nos bolsos das calças e a capa balançando, deixando o forro à mostra.

- Podíamos começar com uma música chamada *enka* - disse ele -, embora eu duvide de que você vá gostar. - Agentes fazem isso, aprendem do que você gosta. - As raízes da música pop contemporânea japonesa surgiram mais tarde, com a criação em larga escala de algo chamado de "sons de grupo". Este era um fenômeno de imitação, flagrantemente comercial. Influências pop ocidentais extremamente diluídas. Muito chata e monótona.

- Mas eles têm mesmo cantores que na verdade não existem?

- Os cantores-ídolo - respondeu ele, começando a subir a ponte. - Os *idoru.* Alguns são extremamente populares.

- As pessoas se matam por causa deles?

- Não sei. Poderiam, suponho.

- As pessoas se casam com eles?

- Não que eu saiba.

- E Rei Toei? - E se perguntou se estava certa a pronúncia.

- Lamento, mas não conheço - disse ele, com o ligeiro estremecimento que aparecia toda vez que alguém fazia qualquer pergunta sobre músicas lançadas depois de seu próprio lançamento. Isso sempre fazia Chia ficar com pena dele, o que ela sabia ser ridículo.

- Deixa pra lá - disse ela, e fechou os olhos. Tirou os óculos.

Depois da Veneza, o avião parecia ter o teto ainda mais baixo e ser ainda mais estreito, um tubo claustrofóbico apinhado de assentos e pessoas.

A loura estava acordada, observando-a, parecendo-se bem menos com Ashleigh Modine Carter, agora que removera a maior parte da maquilagem. O rosto dela estava a poucos centímetros do seu.

Aí ela sorriu. Foi um sorriso lento, modular, como se por estágios, cada um regido por uma timidez ou hesitação diferente.

- Gostei do seu computador - disse ela. - Parece que foi feito por índios ou algo assim.

Chia olhou para seu Sandbenders. Desligou a chave vermelha. - Coral

- disse ela. - Esses são de turquesa. Os que parecem marfim são a parte de dentro de um tipo de noz. Recurso renovável.

- O resto é de prata?

- Alumínio - disse Chia. - Derretem latas velhas que recolhem nas praias, e fundem em moldes de areia. Os painéis são de *micarta.* Ou seja, linho com resina.

- Eu desconhecia que os índios sabiam fazer computadores - disse a mulher, esticando o braço para tocar na borda curva do Sandbenders. Sua voz era hesitante, leve, como a de uma criança. A unha do dedo que tocou no Sandbenders era vermelha berrante, o esmalte lascado e descascado. Um tremor, e recolheu a mão.

- Bebi demais. E com tequila. "Vitamina T", como diz o Eddie. Não me comportei mal, não é?

Chia negou com a cabeça.

- Nem sempre consigo lembrar se me comportei mal.

- Sabe quanto tempo falta para chegarmos a Tóquio? - perguntou Chia, pois isso era tudo que conseguiu pensar em dizer naquele momento.

- Nove horas, fácil - disse a loura, e suspirou. - Subsônicos são um saco, não acha? Eddie havia feito reserva num supersônico, na classe executiva, mas aí ele disse que tinha alguma coisa errada com a passagem. Eddie recebe as passagens desse lugar em Osaka. Fomos de Air France uma vez, de primeira classe, seu assento vira cama e eles te dão uma manta. E tem um bar aberto com as garrafas à mão, champanhe e as melhores comidas.

- As lembranças não pareciam animá-la. - E te dão perfume e maquilagem dentro da embalagem da Hermes. De couro de verdade. Por que você está indo para Tóquio?

- Oh - disse Chia. - Ah. Bem. Minha amiga. Vou ver minha amiga.

- É tão esquisito. Sabe? Depois do terremoto.

- Mas construíram tudo de novo agora, não?

- Claro, mas fizeram tudo tão rápido, a maioria com aquela nanotecnologia, que cresce sozinha, sabe? Eddie foi para lá antes da poeira assentar. Disse que dava para *ver* os prédios crescendo, à noite. Quartos subindo em cima uns dos outros como colméias, paredes se fechando sozinhas, uma depois da outra. Disse que é como ver vela derretendo, só que de trás para frente. Dá medo. Não fazem nenhum barulho. Máquinas pequenas demais para a gente

ver. Podem entrar no seu corpo, sabia?

Chia sentiu uma pontada de pânico nela. - Eddie? - perguntou ela, na esperança de mudar de assunto.

- Eddie é assim como um executivo. Foi para o Japão para ganhar dinheiro depois do terremoto. Ele diz que a infra, infra, a *estrutura* estava aberta na época. Disse que o terremoto tirou a espinha, ou algo assim, então dava para você entrar e criar raízes, rápido, antes de ela cicatrizar e endurecer de novo. E cicatrizou *em torno* do Eddie, como se ele fosse um implante, ou qualquer coisa assim, e agora ele faz parte da infra, a infra...

- Infra-estrutura.

- A estrutura. É. Agora ele está ligado nela, em toda aquela grana. Ele tem propriedades, tem umas casas noturnas, negocia com música e vídeos e essas coisas.

Chia se inclinou, puxou a bolsa debaixo do assento e guardou o Sandbenders. - Você mora lá, em Tóquio?

- Parte do tempo.

- E gosta?

- É... eu... bem... *esquisito.*, certo? Não é como nos outros lugares. Essa coisa imensa aconteceu lá, aí eles consertaram tudo com uma coisa que é talvez ainda maior, uma mudança maior, e todo mundo vai vivendo fingindo que não aconteceu, que não aconteceu *nada.* Mas sabe o quê?

- O quê?

- Olha no mapa. Um mapa de antes. Um monte dessas coisas *não está onde costumava estar.* Foi parar noutro lugar. Bem, umas coisas estão, o Palácio, aquela via expressa, e aquele prédio grande da prefeitura em Shinjuku, mas a maioria das coisas é como se tivessem acabado de inventar. Jogaram todo o entulho do terremoto no mar, como se fosse aterro, e agora estão construindo em cima dele também. Novas ilhas.

- Sabe - disse Chia -, estou realmente com sono. Acho que vou tentar dormir agora.

- Meu nome é Maryalice. Uma palavra só.

- O meu é Chia.

Chia fechou os olhos e tentou botar o assento para trás um pouco mais, mas já tinha chegado no limite.

- Nome bonito - disse Maryalice.

Chia achou que dava para ouvir o EDHE do Music Master por trás do som das turbinas, agora não tanto um som, mas mais uma parte dela mesma. Aquela sombra mais branca de alguma coisa, porém ela nunca conseguiu entender o que era.

7- A VIDA ÚMIDA E QUENTE EM ALISON SHIRES

- Ela vai tentar se matar - disse Laney.

- Por quê? - Kathy Torrance bebericava o expresso. Tarde de segunda na Gaiola.

- Porque ela sabe. Ela pode sentir que a estou observando.

- Isso é impossível, Laney.

- Ela sabe.

- *Você* não está "observando-a". Você está examinando os dados que ela gera, como os dados que todas as nossas vidas geram. Não tem como ela saber disso.

- Ela sabe.

A xícara branca fez barulho no pires. - Então como é que você sabe que ela sabe? Você está examinando os registros do telefone dela, o que ela escolhe ver, e quando ela acessa a música. Como você poderia saber que ela tem consciência de que está prestando atenção nela?

O ponto nodal, ele quis dizer. Mas não disse.

- Acho que você está trabalhando demais, Laney. Cinco dias de folga.

- Não, eu preferia...

- Não posso me dar ao luxo de deixar você entrar em colapso. Conheço os sinais, Laney. Licença para descanso, pagamento integral, cinco dias.

Ela acrescentou um bônus de viagem. Laney foi mandado para a agência

da casa e fizeram reserva num cume escavado acima de Ixtapa, um hotel com grandes esferas de pedra espalhadas pelo concreto polido de seu saguão de paredes de vidro. Além dos vidros, iguanas observavam o estafe da recepção com uma calma ancestral, escamas verdes que brilhavam contra os galhos marrons empoeirados.

Laney conheceu uma mulher que disse editar luminárias para uma casa de decoração em São Francisco. Noite de terça. Já estava no México há três horas. Bebidas no bar do saguão.

Ele perguntou o que era aquilo, editar luminárias. Laney havia percebido recentemente que as únicas pessoas que tinham ocupações cujo nome as descreviam com clareza tinham empregos que ele não gostaria de ter. Quando perguntavam o que ele fazia, respondia que era analista quantitativo. Não tentava explicar os pontos nodais, ou as teorias de Kathy Torrance sobre celebridade.

A mulher explicou que a companhia dela fabricava mobília e acessórios semidescartáveis, luminárias em particular. A manufatura propriamente dita era feita em vários locais diferentes, principalmente no norte da Califórnia. Indústria de fundo de quintal. Um artífice poderia contratar para fazer du-zentas bases de granito, outro laquear e envelhecer duzentos tubos de aço em algum tom específico de azul. Ela abriu um notebook e mostrou esboços animados. Todas as coisas tinham um aspecto delgado e cheio de pontas, que fez ele pensar em insetos africanos que vira no *Nature Channel.*

Ela havia feito o design deles? Não. Eram feitos na Rússia, em Moscou. Ela editava. Ela selecionava os fornecedores de componentes. Supervisionava a manufatura, o transporte para São Francisco, a montagem onde antes fora uma fábrica de enlatados. Se os documentos do design especificavam algo que não podia ser fornecido, ela ou achava um novo fornecedor ou negociava um acordo sobre os materiais ou a execução.

Laney perguntou para quem vendiam. Pessoas que queriam coisas que os outros não tinham, ela disse. Ou que as outras pessoas não gostavam? Isso também, ela falou. Ela gostava disso? Sim. Porque geralmente gostava do design dos russos, e tendia a gostar das pessoas que manufaturavam os componentes. O melhor de tudo, ela disse, é que gostava da sensação de trazer algo novo para o mundo, de ver os esboços de Moscou finalmente se tornarem objetos no chão da

antiga fábrica.

E lá está, um dia, ela disse, e você pode olhar, tocar e descobrir se é bom ou não.

Laney levou isso em consideração. Ela parecia ser muito calma. Sombras se encompridaram com velocidade quase visível pelo chão de concreto polido.

Ele colocou suas mãos sobre as dela.

E tocar e descobrir se é bom ou não.

* * *

Um pouco antes de o sol nascer, a editora de luminárias, dormindo em sua cama, ficou observando a curva da baía da varanda da suíte, a lua leitosa, translúcida, quase sumindo.

Durante a noite, no Distrito Federal, a leste dali, houvera ataques de foguetes e boatos de agentes químicos, o último ato numa daquelas lutas obscuras em andamento que formavam o pano de fundo deste mundo.

Pássaros estavam acordando nas árvores ao redor, um som que conhecia de Gainesville, do orfanato, e de outras manhãs por lá.

Kathy Torrance se declarou satisfeita com a recuperação de Laney. Ele parecia descansado, disse ela.

Partiu para os mares da DatAmerica sem comentários, suspeitando que outra licença poderia ser definitiva. Ela o estava observando do jeito que um artesão experiente olharia uma ferramenta valorizada, que havia mostrado os primeiros sinais de fadiga de material.

O ponto nodal estava diferente, embora ele não tivesse linguagem adequada para descrever a mudança. Peneirou os incontáveis fragmentos que se haviam aglutinado ao redor de Alison Shires em sua ausência, procurando a fonte de sua convicção anterior. Baixou as músicas que Alison havia acessado enquanto ele estivera no México, tocando cada música na ordem em que ela as havia selecionado. Descobriu que as escolhas haviam ficado mais positivas; ela

havia mudado para um novo provedor, Upful Groupvine, cujo produto incansavelmente positivo era o equivalente musical do *Good News Cha.nnel.*

Cruzando as despesas dela com os registros de sua financeira e seus clientes varejistas, obteve uma lista de tudo o que havia comprado na última semana. Embalagem de seis cervejas, lâminas, abridor de pacotes Tokkai. Ela tinha um abridor de pacotes Tokkai? Mas aí se lembrou da advertência de Kathy, de que esta era a parte da pesquisa que mais podia provocar séria transferência, o ponto em que a intimidade do pesquisador com o objeto da pesquisa podia levar a uma perda de perspectiva. - Freqüentemente é mais fácil que nos identifiquemos no nível do varejo, Laney. Somos de uma espécie que compra. Se você se pegar comprando uma marca diferente de pêras congeladas porque seu objeto de pesquisa o faz, cuidado.

* * *

O piso do apartamento de Laney fora construído incrustado na inclinação original do edifício garagem. Ele dormia no fundo, numa cama de hóspedes inflável que comprara no Shopping Channel. Não havia janelas. As normas preconizavam uma bomba de luz, e luz reconstituída do sol às vezes vinha de um painel no teto, mas ele raramente estava em casa durante o dia.

Sentou-se na borda escorregadia do colchão inflável, imaginando Alison Shires em seu apartamento da Fountain Avenue. Maior que este, ele sabia, mas não muito. Janelas. O aluguel era pago, Slitscan havia finalmente descoberto, pelo ator casado. Por meio de uma série intricada de fachadas, mas pago. - O fundo para crocodilagens - como Kathy o chamava.

Ele conseguia ter o histórico de Alison Shires em mente como um objeto único, como o modelo em escala perfeitamente detalhado de algo comum, mas milagroso, tornado luminoso pela intensidade com que o focalizava. Ele nunca a havia encontrado, ou falado com ela, mas acabara conhecendo-a, ele achava, melhor do que alguém já a conhecera ou conheceria. Maridos não conheciam suas esposas deste jeito, ou esposas a seus mandos.

Espreitadores podiam aspirar a conhecer os objetos de suas obsessões desse modo, mas nunca conseguiam.

Até a noite em que acordou depois da meia-noite, com a cabeça latejando. Quente demais, alguma coisa errada com o ar-condicionado de novo. Flórida. A camisa azul com que dormia grudando nas costas e nos ombros. O que estaria ela fazendo agora?

Estaria ela olhando para o teto, acordada, para frestas tênues de luz refletida no teto, ouvindo o Upful Groupvine?

Kathy achou que ele estava pirando. Laney olhou para suas mãos. Podiam ser as mãos de qualquer pessoa. Olhou para elas como se nunca as tivesse visto.

Lembrou-se dos 5-SB no orfanato. O gosto que vinha quando ainda estava sendo injetado. Metal enferrujado. O placebo não provocava nenhum gosto.

Levantou-se. A Kitchen Korner, sentindo-o, acordou. A porta da geladeira abriu. Uma folha velha e solitária de alface murcha escorregava pelas hastes de plástico de uma prateleira branca. Uma garrafa meio vazia de Evian em outra prateleira. Botou as mãos acima da alface desejando sentir algo que irradiasse de sua decomposição, alguma força vital sutil, orgônios, partículas de uma energia desconhecida pela ciência.

Alison Shires ia se matar. Ele sabia que Alison o tinha visto. De alguma forma, nos dados incidentais que ela gerava em sua passagem bonachona pelo mundo das coisas.

- Eh, você - disse a geladeira. - Você me deixou aberta. Laney não disse nada.

- Bem, você *quer* a porta aberta, companheiro? Você sabe que interfere com o descongelamento automático...

- Cale a boca. - Suas mãos se sentiam melhor. Mais frias.

Ficou ali até suas mãos ficarem bem frias, aí as retirou e pressionou as pontas dos dedos contra as têmporas, e a geladeira aproveitou a oportunidade para se fechar sem mais comentários.

Vinte minutos mais tarde ele estava no metrô, indo para

Hollywood, uma jaqueta por cima de sua camisa da Malásia amarrotada. Figuras isoladas nas plataformas das estações, que a perspectiva dada pelo movimento da passagem do trem arrastava de lado.

* * *

- Não estamos falando de decisão consciente? - Blackwell massageou o que sobrara de sua orelha direita.

- Não - disse Laney -, não sei o que pensei que estava fazendo.

- Você estava tentando salvá-la. A garota.

- Era como se alguma coisa tivesse se partido. Um elástico. Parecia gravidade.

- É assim que a gente se sente - disse Blackwell - quando a gente se decide.

Descendo a ladeira depois da saída do metrô na Sunset, ele passou por um homem que regava o jardim, um retângulo talvez duas vezes maior que uma mesa de bilhar, iluminado pelo brilho salutar de um poste de luz ali perto. Laney observou a água respingando nas folhas perfeitamente regulares de plástico verde brilhante. O gramado de plástico era separado da rua por uma cerca de aço soldado, grades verticais de prisão que sustentavam espirais reluzentes de arame farpado. A casa era pouco maior que seu gramado fulgurante; um remanescente de uma época em que aquela ladeira era cheia de cabanas e árvores. Havia outras como ela, escondidas por entre as fachadas avarandadas, meticulosamente diversificadas dos condomínios e conjuntos habitacionais, casas mínimas que datavam de antes que a área fosse incorporada à cidade. Havia uma alusão a laranjas no ar, mas não viu nenhuma.

O homem levantou os olhos, e Laney viu que era cego, olhos ocultos pelos losangos negros de unidades de vídeo acoplados diretamente ao nervo óptico. Nunca dava para saber a que estavam assistindo.

Laney seguiu em frente, deixando que o impulso que o empurrava

determinasse seu trajeto por entre as ruas sonolentas e o odor ocasional de uma árvore florindo. Freios distantes soaram em Santa Monica.

Quinze minutos depois estava em frente ao prédio dela, na Fountain Avenue. Olhou para cima. Quinto andar. 502.

O ponto nodal.

* * *

- Não quer falar sobre isso?

Laney levantou os olhos da xícara vazia e encontrou os olhos de Blackwell por sobre a mesa.

- Na verdade, nunca contei isso pra ninguém - disse ele, e estava sendo sincero.

- Vamos andar - disse Blackwell, e levantou-se, seu corpanzil parecendo não fazer nenhum esforço, como se fosse um balão de hélio, desses que vemos nas paradas. Laney se perguntou que horas deveriam ser, aqui ou em Los Angeles. Yamazaki estava pagando a conta.

Saiu do Amos 'n' Andes com eles e entraram numa garoa; a calçada, uma corrente agitada de guarda-chuvas pretos. Yamazaki tirou um objeto preto que não era maior do que um cartão de visita, ligeiramente mais grosso, e o dobrou bruscamente entre os polegares. Um guarda-chuva preto se desdobrou. Yamazaki entregou-o para Laney. A curva do cabo preto dava a sensação de seca e oca, e ligeiramente morna.

- Como se dobra?

- Não dobra - disse Yamazaki. - Ele desaparece. - Abriu outro para si. O Blackwell careca, em seu microporo, era evidentemente imune à chuva.

- Por favor, continue com seu relato, sr. Laney.

Por um espaço entre dois prédios distantes, Laney vislumbrou a lateral de outro prédio, mais alto. Viu rostos enormes, vagamente familiares, *con*torcidos

em um drama inexplicável.

* * *

O acordo de sigilo que Laney havia assinado tinha por objetivo cobrir quaisquer eventualidades em que o Slitscan usasse suas ligações com a DatAmerica de forma que pudessem ser interpretadas como constituindo violações da lei. Esses incidentes, na experiência de Laney, eram tão freqüentes que chegavam a ser constantes, ao menos em certos níveis mais avançados da pesquisa. Já que a DatAmerica fora o empregador anterior de Laney, ele não achava nada disso particularmente surpreendente. A DatAmerica era mais um território do que um poder; em certos sentidos fazia sua própria lei.

* * *

O demorado levantamento de Alison Shires já envolvera várias violações da lei, uma das quais lhe fornecera os códigos necessários para abrir a porta do saguão do prédio dela, ativar o elevador, destrancar a porta de seu apartamento no quinto andar, e neutralizar o alarme de segurança privado que automaticamente garantiria uma resposta armada se ela fizesse essas coisas sem digitar dois dígitos extras. Estes últimos eram uma garantia contra um tipo de invasão de domicílio onde os moradores eram abordados nas garagens e induzidos a revelar seus códigos. O código de Alison Shires consistia do mês, dia e ano de seu nascimento, uma coisa contra a qual qualquer firma de segurança advertia. Seu código de apoio era vinte e três, sua idade um ano antes, quando se mudara e se tornara assinante.

Laney recitava os códigos baixinho, parado em frente ao prédio dela; sua fachada de oito andares tendendo para o que, para alguém, devia ser uma nova versão do estilo Tudor. Tudo parecia tão, vivida e completamente detalhado, nesses primeiros minutos de um nascer do dia em Los Angeles.

Vinte e três.

* * *

- Então - supôs Blackwell -, você simplesmente entrou. Digitou os códigos e bang, pronto. - Os três estavam esperando para atravessar um cruzamento.

- Bang.

* * *

Não havia nenhum som no saguão espelhado. Uma sensação de vácuo. Uma dúzia de Laneys refletidos enquanto atravessava um carpete novo. Entrou num elevador que tinha um cheiro floral, onde usou parte do código novamente. Direto até o quinto andar. A porta abriu. Mais carpete novo. Por baixo de uma nova demão de esmalte creme, as paredes do corredor revelavam as irregularidades do reboco obsoleto. Quinhentos e dois.

- O que você acha que está fazendo? - perguntou Laney em voz alta, se para si mesmo ou para Alison Shires ele não sabia, nem nunca saberia.

O anel de latão de um olho mágico antigo o encarava da porta, parcialmente ocultado por uma catarata de tinta pálida.

O teclado era encaixado no alisar da porta de aço, não exatamente combinando com o olho mágico. Ficou observando o próprio dedo digitando a seqüência de números.

Vinte e três.

Mas Alison Shires, nua, abriu a porta antes que o código pudesse abri-la, Upfiil Groupvine aos berros alegremente atrás dela enquanto Laney agarrava seus pulsos escorregadios de sangue. E viu nos seus olhos o que então e para sempre aprendeu a reconhecer como um olhar de reconhecimento, puro e simples, sem nenhuma recriminação.

- Isso não está funcionando - ela disse, como se estivesse apontando um utensílio de somenos importância, e Laney ouviu a si mesmo choramingar, um som que não fazia desde criança. Ele precisava examinar aqueles pulsos, mas não conseguia porque os estava segurando. Empurrou-a para trás, na direção de uma poltrona de vime, da qual nem sequer tinha consciência de ter visto.

- Senta - disse ele, como se falasse com uma criança teimosa, e ela obedeceu. Largou os seus pulsos. Correu para onde achava que ficava o banheiro. Toalhas e uma fita.

Descobriu a si mesmo ajoelhado ao lado de onde ela estava sentada, dedos dobrados em direção às palmas das mãos vermelhas, como se meditasse. Enrolou uma toalha de mão verde-escuro ao redor do pulso esquerdo prendendo-a com a fita, um produto bege flexível que servia para esconder áreas específicas durante a aplicação de cosméticos em aerossol. Sabia disso por causa dos dados sobre suas compras.

Será que os dedos estão ficando azuis, por baixo do esmalte vermelho? Levantou os olhos. Para o mesmo reconhecimento. Uma bochecha pincelada com sangue.

- Não - disse ele.

- Está diminuindo.

Laney embrulhou o braço direito dela, o rolo de fita pendendo de seus dentes.

- Não achei a artéria.

- Não se mexa - disse Laney. Levantou-se, tropeçou em seus próprios pés, caiu de cara no chão sobre o que reconheceu, imediatamente antes que quebrasse seu nariz, como uma obra da editora de luminárias. O carpete pareceu subir de repente e beijá-lo de brincadeira no rosto.

- Alison...

O tornozelo dela passou por ele e foi para a cozinha.

- Alison, *senta!*

- Desculpa - ele pensou ouvi-la dizer, e então o tiro.

Os ombros de Blackwell se ergueram quando ele suspirou, fazendo um barulho que pôde ser ouvido apesar do barulho do tráfego. Os óculos de Yamazaki estavam cobertos de nervosos tons pastéis, já que as paredes eram todas de néon, um brilho de envergonhar Las Vegas, cada superfície iluminada, sobressaindo-se.

Blackwell estava olhando fixo para Laney. - Por aqui - disse ele, finalmente, e dobrou uma esquina, para dentro de uma escuridão relativa e um leve cheiro de urina. Laney o seguiu, Yamazaki logo atrás. No fim da passagem estreita, emergiram na terra encantada.

Nada de néon. Luz ambiente dos prédios acima. Retângulos austeros de vidro fosco branco, do tamanho de cartões de Natal grandes, manchados com ideogramas em preto, cada sinal apontando uma estrutura minúscula, como uma antiga cabina de banho numa praia esquecida. Apinhadas uma do lado da outra em um dos lados da ruela de pedra, suas fachadas em miniatura sugeriam uma espécie de atração secundária em algum escondido parque de diversões urbano. Cedro prateado pelo tempo, papel impermeável, esteira; nada que localizasse aquele lugar no tempo, a não ser o fato de as placas serem elétricas.

Laney olhava espantado. Uma rua feita por duendes.

- Golden Street - disse Keith Alan Blackwell.

8- NARITA

Chia saiu do avião atrás de Maryalice, que bebera uns dois copos de vitamina e depois ocupara um dos banheiros por vinte minutos, enquanto ajeitava os apliques e passava batom e maquilagem. Chia não tinha nada de bom a dizer sobre o resultado, que mais parecia com algo sobre o qual Ashleigh Modine Carter houvesse dormido.

Quando Chia levantou, sentiu-se como se tivesse de dizer a seu corpo cada pequena coisa que precisava que ele fizesse. Pernas: mexam-se.

Ela havia dormido mais umas poucas horas, em algum momento. Havia empacotado seu Sandbenders de volta em sua bolsa, e agora estava botando um pé na frente do outro, enquanto Maryalice, à sua frente, oscilava e arrastava os pés pela passagem entre as fileiras de assentos, em suas botas brancas de vaqueiro.

Levou um tempo enorme para saírem do avião, mas depois estavam respirando ar de aeroporto num corredor, sob grandes logotipos que Chia havia conhecido a vida inteira, todas aquelas companhias japonesas, e tudo lotado e indo em uma direção. - Tem alguma bagagem? - Maryalice perguntou, ao lado dela.

- Não - disse Chia.

Maryalice deixou que Chia fosse na sua frente pelo Controle de Passaporte, onde Chia entregou ao policial japonês seu passaporte e o cartão inteligente que Zona Rosa havia feito Kelsey providenciar, já que tudo isso tinha sido idéia de Kelsey mesmo. Na teoria, o valor no cartão representava o total dos fundos da tesouraria da seção de Seattle, mas Chia suspeitava que Kelsey fosse acabar pagando a conta pela coisa toda, e provavelmente nem ligaria.

O policial tirou seu passaporte da fenda no balcão e o devolveu. Não havia se dado ao trabalho de checar o cartão inteligente. - Estadia de no máximo duas semanas - disse ele, e fez sinal para que ela seguisse adiante.

Portas de vidro fosco abriram-se para ela. Estava lotado, muito mais que no SeaTac. Muitos aviões devem ter chegado ao mesmo tempo, para ter toda essa gente esperando pela bagagem. Deu uns passos para o lado para dar passagem para um pequeno robô atolado de malas. Tinha pneus de borracha vermelha sujos e grandes olhos de desenho animado, que giravam lentamente à medida que se movia no meio da multidão.

- Bem, isso foi fácil - disse Maryalice atrás dela. Chia virou-se em tempo de vê-la respirar fundo, prender o fôlego e soltar o ar. Os olhos de Maryalice pareciam apertados, como se estivesse com dor de cabeça.

- Sabe para que lado devo ir para pegar o trem? - perguntou Chia. Ela tinha mapas em seu Sandbenders, mas não queria ter que tirá-lo da bolsa.

- Por aqui - disse Maryalice.

Maryalice saiu abrindo caminho entre as pessoas, Chia foi seguindo com a bolsa debaixo do braço. Emergiram em frente a um carrossel, onde as malas estavam escorregando por uma rampa, aos trancos.

- Aqui está uma - disse Maryalice, agarrando uma mala preta e com uma alegria tão forçada que Chia olhou para ela. - E... duas. - Outra igual àquela, só que esta tinha num lado um adesivo da Nissan County, a terceira maior atração em recinto fechado nas Califórnias. - Você se importa de levar essa pra mim, meu bem? Minhas costas não agüentam essas viagens longas de avião. - Passou a mala com o adesivo para Chia. Não era pesada demais, como se estivesse só pela metade com roupas. Mas era grande demais pra ela; tinha de se inclinar para o outro lado para mantê-la fora do chão.

- Obrigada - disse Maryalice. - Pega - e deu a Chia um pedaço de papel com um lado grudento, todo amassado, e com um código de barras. - Esse é o tíquete. Agora vamos por aqui...

Foi ainda mais difícil passar pela multidão carregando a mala de Maryalice. Chia tinha que se concentrar para não pisar nos pés dos outros, não bater com a mala com força demais nos outros e, quando se deu conta, havia se perdido de Maryalice. Olhou em volta, esperando ver apliques subindo e descendo acima da multidão, que era em sua maioria mais baixa que Maryalice,

mas ela não estava em parte alguma.

TODOS OS PASSAGEIROS DEVEM SAIR PELA ALFÂNDEGA.

Chia viu o letreiro se contorcer e virar letras japonesas, e depois voltar ao inglês.

Bem, era por ali que tinha de ir. Entrou na fila atrás de um homem de jaqueta de couro vermelha, com os dizeres "Conceitos em Colisão" nas costas em letras de *chenilk* cinza. Chia ficou olhando, imaginando conceitos colidindo, o que podia ser um conceito em si, mas depois achou que era provavelmente apenas o nome de uma companhia que consertava carros, ou um daqueles slogans que os japoneses inventavam em inglês, que quase pareciam querer dizer alguma coisa, mas não diziam nada. Esse *jet lag* transpacífico era mesmo uma coisa séria.

- O próximo.

Estavam passando a mala do "Conceitos em Colisão" por uma máquina do tamanho de uma cama de casal, só que mais alta. Havia um policial com um videocapacete, evidentemente recebendo a leitura dos scanners, e outro policial para pegar o passaporte, passá-lo pela fenda, depois liberar as malas. Chia deixou que ele pegasse a mala de Maryalice e a jogasse na esteira. Chia entregou-lhe sua bagagem de mão. - Tem um computador aí. Esse scanner não vai dar problema? - Ele parecia não lhe ter ouvido. Ficou vendo sua bolsa seguir a mala de Maryalice para dentro da máquina.

O homem de capacete, olhos ocultos, estava balançando a cabeça de um lado para outro enquanto acessava menus ativados pelo olhar.

- Tíquete da bagagem - disse o policial, e Chia se lembrou que estava com ele na mão. Pareceu-lhe estranho que Maryalice houvesse pensado em dá-lo a ela. O policial passou um scanner de mão sobre a mala.

- Você mesma fez as malas? - perguntou o homem de capacete. Ele não a podia ver diretamente, mas ela supôs que ele podia ver os clipes gravados em seu passaporte, e provavelmente também podia vê-la por meio das imagens geradas ao vivo pelas câmeras do aeroporto. Os aeroportos estão cheios de

câmeras.

- Sim - disse Chia, decidindo que isso era mais fácil do que tentar explicar que a mala era de Maryalice, não dela. Tentou ler a reação nos lábios do homem de capacete, mas era difícil dizer se ele sequer tinha tido uma.

- Você que embalou isso?

- Sim... - disse Chia, não parecendo tão segura desta vez. O capacete subiu e desceu.

- O próximo.

Chia foi até o outro lado da máquina e pegou sua bolsa e a mala preta.

Passou por outra parede deslizante de vidro fosco: estava num saguão maior, sob um teto mais alto, painéis de propaganda dependurados, mas a multidão não diminuía. Talvez não fosse tanto uma questão de multidão, mas de Tóquio, talvez do Japão como um todo: quanto mais pessoas, mais aglomeradas ficavam.

Mais daqueles robôs de carregar malas. Imaginou quanto custaria alugar um. Talvez desse para sentar em cima das malas, dizer para onde queria ir, e simplesmente cair no sono. Só que ela não tinha certeza de que o que sentia fera exatamente sono. Passou a mala de Maryalice da mão esquerda para a direita, sem saber o que fazer com ela se não achasse Maryalice nos próximos, digamos, cinco minutos. Já estava cheia de aeroportos e das viagens entre eles, e não sabia onde devia dormir naquela noite. Nem se já era de noite.

Estava olhando para cima na esperança de encontrar algum dispositivo que indicasse as horas, quando uma mão se fechou em torno de seu pulso direito. Olhou para a mão, viu anéis de ouro e um relógio que combinava, correntes grossas de um bracelete, os anéis ligados ao relógio com correntinhas de ouro.

- Essa mala é minha.

Os olhos de Chia seguiram os pulsos até um punho branco, subiram pela manga de um paletó preto. Até os olhos claros num rosto comprido, cada bochecha vincada verticalmente como se por uma ferramenta de modelar. Por

um instante confundiu-o com seu Music Master, perdido neste aeroporto. Mas seu Music Master nunca usaria um relógio daqueles, e o seu cabelo, de um louro mais escuro, estava penteado para trás desde a testa, era comprido e parecia molhado. Não parecia nada feliz.

- A mala é de Maryalice - disse Chia.

- Ela deu a mala pra você? Em Seattle?

- Ela me pediu para carregar.

- Desde Seattle?

- Não - disse Chia. - Ali atrás. Ela sentou ao meu lado no avião.

- Onde ela está?

- Não sei - disse Chia.

Ele estava usando um terno preto de paletó comprido abotoado até em cima. Como roupa de filme antigo, mas nova e parecendo cara. Ele pareceu perceber que ainda estava segurando o pulso dela; retirou a mão.

- Eu levo para você - disse ele. - Vamos encontrá-la.

Chia não sabia o que fazer. - Maryalice queria que *eu* levasse a mala.

- E você já levou. Agora levo eu. - Ele arrancou a mala de sua mão.

- Você é o amigo da Maryalice? .Eddie? Os cantos da boca dele se contraíram.

- Pode-se dizer que sim - respondeu.

* * *

O carro de Eddie era um Graceland da Daihatsu, cem o volante no lado errado. Chia sabia disso porque Rez havia aparecido num desses num vídeo, exceto que aquele tinha um banheiro de mármore preto, grandes torneiras de ouro com formato de peixe tropical. Fora publicado que aquele era um

comentário irônico sobre dinheiro, sobre as coisas realmente horrorosas que se podia fazer quando se tinha dinheiro demais. Chia havia conversado com a mãe sobre aquilo. Sua mãe dissera que não fazia muito sentido se preocupar com o que se poderia fazer caso tivesse dinheiro em excesso, porque a maioria das pessoas nunca tinha nem o suficiente. Ela disse que era melhor tentar fazer uma idéia do que "suficiente" queria realmente dizer.

Mas Eddie tinha um Graceland, todo preto e cromado. Parecia mais ou menos um cruzamento entre um motor home e uma daquelas limusines Hummer, comprida, com formato de cunha. Chia não conseguia imaginar que houvesse um mercado japonês para aquilo; os carros aqui pareciam todos com pequenos losangos da cor de bala. O Graceland era proleta puro e simples, feito para ser vendido para o tipo de americano que fazia questão de tentar não comprar importados. O que, no que dizia respeito a carros, definitivamente diminuía seu leque de opções. (A mãe de Hester Chen tinha um daqueles caminhões canadenses realmente feios que custavam uma fortuna, mas que tinham garantia de durar oitenta e cinco anos; supostamente melhor para a ecologia.)

Dentro, o Graceland era todo de veludo vinho, estofado com brilhantes, com pequenas protuberâncias de cromo onde as pontas dos brilhantes se encontravam. Era a coisa mais cafona que Chia já tinha visto, e achava que Maryalice também pensava assim, porque ela, sentada ao seu lado, estava explicando que era uma coisa de "manter a imagem", que Eddie tinha essa casa noturna de música country, quentíssima, muito popular, chamada Whiskey Clone, e por isso tinha comprado o Graceland para combinar, e também tinha começado a se vestir igual às pessoas de Nashville. Maryalice achava que aquele *look* caía bem nele, como ela disse.

Chia fez que sim com a cabeça. Eddie estava dirigindo, falando em japonês num viva-voz. Haviam encontrado Maryalice num barzinho logo depois da área de desembarque. Era o terceiro em que procuravam. Chia tinha a sensação de que Eddie não estava nada feliz em encontrar Maryalice, mas ela não parecia dar a mínima.

Foi idéia de Maryalice dar uma carona a Chia até Tóquio. Ela disse que os trens eram cheios demais e custavam muito caro. Disse que queria fazer um favor para Chia, porque havia carregado a mala para ela. (Chia havia notado que Eddie pusera uma das malas no porta-malas do Graceland, mas deixara a mala

com o adesivo da Nissan County no banco da frente, junto a ele, ao lado do assento do motorista.)

Chia não estava mais realmente prestando atenção em Maryalice; já era tarde da noite e o *jet lag* estava esquisito demais, e passavam naquele momento por essa ponte grande que parecia ser feita de néon, com, no entanto, muitas faixas de rolamento em torno deles, os carrinhos como correntes de contas brilhantes, todas luzindo e novas. Cartazes passavam borrados, grandes e pequenos, com escrita japonesa em alguns, pessoas em outros, rostos sorridentes vendendo alguma coisa.

E então um rosto de mulher: Rei Toei, a idoru com quem Rez queria se casar. E passou.

9- OUT OF CONTROL

- Rice Daniels, sr. Laney. Out of Control (fora de controle, em português).

- Pressionou um cartão do outro lado do plástico riscado, que separava a sala para visitantes daqueles a quem se destinava. Laney tentara ler, mas a tentativa de focalizar a vista havia lhe dado dor entre os olhos. Em vez disso, olhara para Rice Daniels através de lágrimas de dor: cabelo preto cortado rente, óculos escuros de lentes ovais pequenas, a armação preta apertada na cabeça como grampo cirúrgico.

Nada em Rice Daniels parecia fora do controle.

- O programa - disse ele. - "Out of Control". Como em: e os meios de comunicação? Out of Control: a vanguarda do jornalismo contra-investigativo.

Laney cautelosamente tentara tocar na fita entre seus olhos: um erro. - Contra- investigativo ?

- Você é um analista, sr. Laney. - Analista quantitativo. Não realmente, mas aquela era tecnicamente a descrição do emprego que tinha. - No Slitscan.

Laney não reagiu.

- A moça foi foco de vigilância intensiva. O Slitscan estava em cima dela. O senhor sabe por quê. Acreditamos que há fundamento para se processar o Slitscan por responsabilidade na morte de Alison Shires.

Laney olhou para seus sapatos de corrida, os cadarços removidos pelos policiais. - Ela se matou - disse ele.

- Mas nós sabemos por quê.

- Não - disse Laney, encarando os ovais negros novamente -, eu não. Não exatamente. - O ponto nodal. Protocolos completamente diferentes.

- Você vai precisar de ajuda, Laney. Pode ser acusado de homicídio culposo. Indução ao suicídio. Vão querer saber por que você estava lá em cima.

- Eu vou explicar a eles o porquê.

- Nossos produtores conseguiram me trazer aqui primeiro, Laney. Não foi fácil. Tem uma equipe de salvamento do Slitscan lá fora agora, esperando para falar com você. Se você permitir, eles vão reverter tudo. Vão livrar você dessa, porque têm que fazer isso para proteger o programa. Eles podem fazer isso, com dinheiro suficiente e os advogados certos. Mas pergunte a si mesmo o seguinte: você *vai deixar* que eles façam isso?

Daniels ainda estava segurando seu cartão contra o plástico. Tentando focalizá-lo novamente, Laney percebeu que alguém havia escrito alguma coisa do outro lado em letras pequenas, de trás para frente, para que se conseguisse ler da esquerda para a direita:

SEI Q FOI VOCÊ

- Nunca ouvi falar de Out of Control.

- Nosso piloto de uma hora de duração está em produção neste momento, sr. Laney. - Uma pausa calculada. - Estamos todos bastante excitados.

- Por quê?

- Out of Control não é apenas um programa. Pensamos nele como um paradigma totalmente novo. Um novo modo de se fazer televisão. Sua história, a história de Alison Shires, é *precisamente* o que temos a intenção de apresentar. Nossos produtores são o tipo de gente que quer *dar algo em troca* para o público. Eles foram bem-sucedidos, ganharam reputação, provaram sua competência; agora querem dar algo em troca, recuperar o nível de honestidade, uma nova oportunidade de se ter perspectiva. - Os ovais pretos chegaram mais perto do plástico riscado. - Nossos produtores são os produtores de "Cops in Trouble" e "A Calm and Deliberate Fashion".

- Do quê?

- Relatos factuais de violência premeditada na indústria global da moda.

* * *

- Contra-investigativo? - A caneta de Yamazaki pairava acima do notebook.

- É um programa sobre programas do tipo do Slitscan - Laney explicou.

- Supostos abusos. - Não havia banquinhos no balcão, que devia ter uns três metros de comprimento. Ficava-se de pé. Além do barman, vestindo uma coisa meio Kabuki, estavam sozinhos. Basicamente por ocuparem todo o espaço disponível. Era provavelmente a menor casa comercial independente que Laney já vira, e parecia que existia desde sempre, como um sobrevivente da antiga Edo, a cidade de sombras e minúsculas vielas escuras. As paredes eram forradas de cartões-postais esmaecidos, de uma cor sépia uniforme sob uma camada acumulada de nicotina e vapor das comidas.

- Ah - disse Yamazaki finalmente -, um metatablóide.

O barman estava grelhando duas sardinhas numa chapa pequena. Virou-as com um par de pauzinhos de aço, passou-as para um pratinho, enfeitou-as com um negócio parecido com picles translúcido e incolor, e entregou-as para Laney.

- Obrigado - disse Laney. O barman desviou as sobrancelhas raspadas. A despeito da decoração modesta, havia dezenas de garrafas de uísque, com jeito de serem caras, arrumadas por trás do balcão, cada uma com

uma etiqueta de papel marrom escrita a mão: o nome do dono em japonês. Yamazaki havia explicado que você comprava uma garrafa e eles a guardavam ali para você. Blackwell estava na segunda dose de bebida, a versão local da vodca, com gelo. Yamazaki se restringia à Coca Light. Laney estava com uma dose intocada de bourbon cáuboi do Kentucky surrealisticamente caro na sua frente, e se perguntava o que aquilo faria com o seu *jet lag* caso o bebesse.

- Então - disse Blackwell, esvaziando o copo, o gelo batendo nas próteses dentárias -, eles livram a sua cara para que possam ter uma chance de cair em cima desses outros filhos da mãe.

- É basicamente isso - disse Laney. - Tinham seu próprio time de advogados esperando para fazer isso, e outro time para trabalhar no acordo de

sigilo que eu havia assinado com o Slitscan.

- E o segundo time tinha o trabalho mais importante - disse Blackwell, empurrando o copo vazio para o barman, que o retirou discretamente da vista, trazendo um substituto tão discretamente quanto, como se vindo do nada.

- É verdade - disse Laney. Na época ele não fazia a menor idéia no que poderia estar se metendo quando concordou com os termos gerais da oferta de Rice Daniels. Mas alguma coisa nele não queria ver o Slitscan se livrar do som daquele tiro vindo da cozinha de Alison Shires. (Causado, segundo os policiais, por uma arma russa que mal passava de um cartucho, um tubo que o continha, e o mecanismo de disparo mais simples possível; feitos quase exclusivamente para ser usada em suicídio; não havia como apontá-la para qualquer coisa a mais de três centímetros de distância. Laney tinha ouvido falar dela, mas nunca havia visto uma antes; sabe-se lá por que motivo era chamada de Especial de Quarta à Noite.)

E o Slitscan ia livrar a cara, ele sabia; iam retirar a seqüência sobre o ator da Alison, se achassem que era necessário, e a coisa toda desceria até o fundo do oceano e se sedimentar quase instantaneamente com o acúmulo constante de dados sobre o mundo.

A vida de Alison Shires, como ele a havia conhecido, em toda a sua terrível e banal intimidade, ficaria lá para sempre, esquecida e finalmente incognoscível.

Mas se ele escolhesse o Out of Control, a vida dela poderia, em retrospecto, tornar-se outra coisa; mas ele não tinha certeza, sentado naquela cadeirinha dura na sala para visitantes, exatamente do que poderia vir a ser.

Pensou em corais, nos arrecifes que crescem em torno de porta-aviões afundados; talvez ela se transformasse em alguma coisa assim, o mistério enterrado debaixo de uma superestrutura de camadas de suposições, ou até mesmo de mitos.

Parecia-lhe, na sala de visitantes, que aquela poderia ser uma maneira menos morta de se estar morto. E desejou aquilo para ela.

- Me tira daqui - disse ele para Daniels, que sorriu por baixo de seu grampo cirúrgico, brandindo seu cartão em triunfo para longe do plástico.

- Calma - disse Blackwell, pondo sua mão imensa, com seus arabescos de cicatrizes rosas, sobre o pulso de Laney. - Você nem tomou sua bebida ainda.

* * *

Laney havia conhecido Rydell quando a equipe do Out of Control o instalara na suíte do Chateau, aquele simulacro antigo de um original ainda mais antigo, suas exóticas excentricidades em concreto espremidas entre as barbaridades gêmeas de um par de prédios de escritórios particularmente obscenos, que datavam do último ano do século anterior. Eles refletiam toda a ansiedade de fim de milênio do ano de sua criação, ao mesmo tempo que a afastavam por meio de uma outra histeria, mais misteriosa, estranhamente abafada, que de alguma forma parecia mais pessoal e ainda menos atraente.

A suíte de Laney, muito maior que seu apartamento em Santa Monica, era como uma versão alongada de um apartamento dos anos 1920, estendendo-se ao longo da varanda de concreto comprida e estreita que dava para o Sunset Boulevard, que por sua vez dava para uma varanda mais larga no piso abaixo e para o gramado circular, que era tudo o que havia sobrado dos jardins originais.

Laney achou que era uma escolha estranha, considerando sua situação. Ele teria imaginado que escolheriam alguma coisa mais sóbria, mais protegida, mais cercada, porém Rice Daniels havia explicado que o Chateau tinha vantagens únicas. Era uma boa escolha em termos de imagem, porque humanizava Laney; parecia uma *habitação*, basicamente, algo com paredes e portas e janelas, onde se podia imaginar um hóspede vivendo algo parecido com uma vida normal - o que não era absolutamente o caso dos sólidos geométricos que os sérios hotéis de negócios eram. Tinha também ligações profundas com o *star system* de Hollywood, e com a tragédia humana. Astros do cinema haviam morado aqui nos áureos tempos de Hollywood, e, mais tarde, outros haviam morrido ali. Out of Control planejava encenar a morte de Alison Shires como uma tragédia numa respeitável tradição hollywoodiana, mas que havia sido causada pelo Slitscan, uma instituição totalmente contemporânea. Além disso, explicou Daniels, o Chateau era muito mais seguro do que parecia à primeira vista. E neste ponto Laney fora apresentado a Berry Rydell, o segurança da noite.

Daniels e Rydell já se conheciam, pareceu a Laney, antes de Rydell trabalhar no Chateau, embora em que circunstância, exatamente, não estava claro. Rydell parecia estranhamente à vontade com o funcionamento da indústria do info-divertimento e, em certo momento, quando se encontravam sozinhos, ele havia perguntado a Laney quem o estava representando.

- Do que você está falando? - dissera Laney.

- Você tem um agente, não?

Laney disse que não.

- É melhor arranjar um - dissera Rydell. - Não que isso vá fazer as coisas ficarem do jeito que você quer, mas, ora, é show business, certo?

E era mesmo show business, a tal ponto que rapidamente Laney ficou se perguntando se tomara a decisão certa. Dezesseis pessoas tinham estado na sua suíte para uma reunião de quatro horas, e ele só estava fora da cadeia há seis horas. Quando finalmente foram embora, Laney ficara andando pela suíte, abrindo todas as portas, procurando a porta do quarto de dormir. Ao encontrá-la, engatinhara para a cama e caíra no sono, nas roupas que haviam mandado Rydell comprar para ele no Beverly Center.

* * *

O que ele achou que devia fazer logo, agora, nesse bar da Golden Street, e assim responder à questão do que o uísque faria com o seu *jet lag*. Mas agora, terminando o resto da dose, sentiu um daqueles revertérios que eram como maré subindo, que talvez tivesse menos a ver com a bebida do que com a química inata ao cansaço e deslocamento.

- O Rydell estava contente? - Yamazaki perguntou.

Para Laney parecia uma pergunta estranha, mas então se lembrou de Rydell haver mencionado um japonês, alguém que conhecera em São Francisco, que, é claro, era Yamazaki.

- Bem - disse Laney -, ele não me pareceu desesperadamente infeliz, mas *tinha,* alguma coisa meio pra baixo com ele. Mais ou menos isso. Quer dizer, não

conheço ele bem nem nada.

- Que pena - disse Yamazaki. - Rydell é um sujeito valente.

- E você, Laney - disse Blackwell -, você se acha valente? - A cicatriz em forma de verme que dividia sua sobrancelha se encolheu a um novo nível de concentração.

- Não - disse Laney -, não sou.

- Mas você enfrentou o Slitscan, e não foi por causa do que eles fizeram com a moça. Você tinha um emprego, tinha comida, tinha um lugar para dormir. Tudo isso vinha do Slitscan, mas eles acabaram com a moça, então você escolheu acabar com eles por vingança. Não é isso?

- As coisas nunca são assim tão simples - disse Laney.

Quando Blackwell falou, Laney inesperadamente se deu conta de outro nível de inteligência, uma coisa que aquele homem devia geralmente esconder. - Não - disse Blackwell, quase gentilmente -, nunca é, não é? - Uma mão coberta de riscos vermelhos, como um animal desajeitado com vida própria, começou a fuçar no bolso de cima da roupa em microporo. Tirou um objeto metálico pequeno, cinza, que colocou em cima do balcão.

- Isso é um prego galvanizado - disse Blackwell -, de uma polegada e meia, usado em telhados. Já preguei a mão de muitos caras em bares como este, com pregos como este. E alguns desses caras eram perfeitos filhos da mãe. - Não havia sequer sombra de ameaça na voz de Blackwell. – E alguns, você prega uma mão, e a outra aparece com uma lâmina, ou um alicate de ponta fina. - O dedo indicador de Blackwell distraidamente tocou uma cicatriz mal-encarada abaixo do olho direito, como se alguma coisa tivesse entrado e sido defletida pelo osso da face. - Para tentar alguma coisa, entende?

- Alicate?

- Filhos da mãe - disse Blackwell. - Aí, só matando. Bem, esse é um tipo de valentia, Laney. O que estou dizendo é: qual é a diferença do que você tentou fazer com o Slitscan?

- Eu só não queria que eles deixassem pra lá. Deixar ela... sedimentar no fundo. Esquecida. Não estava me importando com o quanto o Slitscan saiu prejudicado nem se ficou no prejuízo. Não estava pensando em vingança, era mais uma questão de... manter ela viva.

- Tem outros caras, você prega a mão dele numa mesa, eles ficam Já sentados olhando pra você. Esse é o verdadeiro durão, Laney. Você acha que é um deles?

O olhar de Laney foi de Blackwell para o copo vazio de bourbon, e de volta para Blackwell; o barman fez menção de encher o copo novamente, mas Laney cobriu-o com sua outra mão. - Se você pregar minha mão no balcão, Blackwell - e aqui ele espalmou sua outra mão de palma para baixo, sobre a madeira escura com o verniz cheio de marcas de copos -, eu vou gritar, OK? Não estou entendendo nada. Vai ver você é doido. Mas definitivamente o que eu não sou é herói, pela definição de ninguém. Não sou agora nem fui lá em Los Angeles.

Blackwell e Yamazaki trocaram olhares. Blackwell apertou os lábios, acenou com a cabeça. - Bom para você - disse ele. - Acho que talvez você seja a pessoa certa para esse emprego.

- Nada disso - disse Laney, mas agora deixou o barman servir uma segunda dose de bourbon. - Não quero nem ouvir falar em emprego, não antes de saber quem vai me contratar.

- Sou o chefe da segurança da Lo/Rez - disse Blackwell -, e devo minha vida àquele filho da mãe. Se não fosse por ele, eu teria passado os últimos cinco anos nas entranhas do sistema penitenciário do Estado de Victoria. Mas eu teria me superado primeiro, é claro.

- Da banda? Você é da segurança da banda?

- Rydell falou bem de você, sr. Laney. - O pescoço de Yamazaki mexeu-se dentro do colarinho de sua camisa xadrez.

- Não conheço Rydell - disse Laney. - Ele era apenas o segurança da noite num hotel que eu não podia pagar.

- Rydell sabe avaliar as pessoas, eu acho - disse Yamazaki. Para Blackwell: - Lo/Rez? Estão com problemas?

- Rez - Blackwell disse. - Ele está dizendo que vai se casar com essa piranha japonesa que nem sequer *existe!* Ele *sabe* que ela não existe, e fica dizendo que a gente não tem *imaginação*, porra. Agora, olha aqui - e Blackwell tirou, de algum lugar indistinto de sua roupa, um retângulo polido como espelho, com um buraco redondo na parte de cima de um canto. Não muito maior que um cartão inteligente, em comparação com a manzorra dele. - Alguém chegou no nosso garoto, está entendendo? Chegou nele. Não sei como, não sei quem. Pessoalmente, eu apostaria na porra do Kombinat. Aqueles russos filhos da mãe. Mas você, meu amigo, você vai fazer esse negócio de nodal pra gente, no nosso Rez, e vai *descobrir quem.* - E o retângulo desceu com um barulhinho e ficou em pé, atravessado contra o veio da madeira, e Laney percebeu que era uma pequena machadinha de cortar carne, com rebites de aço redondos em seu minúsculo cabo de jacarandá.

- E quando você fizer isso - disse Blackwell -, nós vamos fazer picadinho deles.

10- WHISKEY CLONE

A casa noturna de Eddie ficava num andar alto do que parecia ser um edifício comercial. Chia nunca pensara que houvesse casas noturnas nos últimos andares de prédios daquele tipo em Seattle, mas não tinha certeza. Havia caído no sono no Graceland, e só acordara quando Eddie estava entrando numa garagem, e depois entraram numa coisa que lembrava vagamente uma roda-gigante, ou o tambor de um revólver obsoleto, exceto que as balas eram os carros. Ficou olhando pela janela enquanto eram levantados e girados e depois parados no topo, quando Eddie seguiu dirigindo até uma vaga que poderia estar em qualquer lugar, a não ser pelo fato de todos os carros serem grandes e pretos, embora não tão grandes quanto o Graceland.

- Suba conosco e venha descansar um pouco, meu bem - disse Maryalice. - Você parece exausta.

- Preciso me conectar - disse Chia. - Achar minha amiga, com quem vou ficar...

- Isso é fácil - disse Maryalice, deslizando pelo veludo e abrindo a porta. Eddie saiu pelo lado do motorista, carregando a mala com o adesivo da Nissan County com ele. Ainda não parecia nada feliz. Chia saiu carregando sua própria bolsa e seguiu Maryalice. Entraram todos no elevador. Eddie pressionou a palma da mão contra um contorno com feitio de mão incrustado na parede e disse alguma coisa em japonês. O elevador respondeu outra coisa incompreensível, depois a porta se fechou e começaram a subir. Rápido, parecia, mas estava demorando.

Estar no elevador, aparentemente, não contribuía para melhorar o humor de Eddie. Ele teve de ficar bem perto de Maryalice, e Chia observava um pequeno músculo na linha do seu queixo se contraindo e relaxando enquanto ele olhava para Maryalice. Ela, por sua vez, ficou apenas olhando para ele.

- Relaxa - disse Maryalice. - Está feito.

O pequeno músculo entrou em espasmos. - Não era esse o trato - disse ele, finalmente. - Não foi isso o combinado.

Maryalice levantou uma sobrancelha. - Você costumava apreciar uma certa criatividade.

O olhar de Eddie foi de Maryalice para Chia, depois, rapidamente, de volta a Maryalice. - Você chama isso de criatividade?

- Você também costumava ter senso de humor - disse Maryalice, quando o elevador parou e a porta se abriu. Eddie olhou com raiva, depois saiu e Maryalice e Chia foram atrás. - Não liga, não - disse Maryalice. - Ele às vezes fica assim.

Chia não tinha muita certeza de qual teria sido sua expectativa, mas definitivamente não era nada parecido com aquilo. Uma sala bagunçada, entulhada de caixas de papelão, e uma bancada de monitores de TV da vigilância. O teto rebaixado era daquelas placas fibrosas que ficam penduradas em trilhos de metal; metade estava faltando, fios e cabos empoeirados pendiam das sombras. Havia duas luminárias de mesa, uma delas iluminando uma pilha de embalagens de macarrão instantâneo e uma caneca de café preto cheia de colheres de plástico branco. Um japonês com um boné preto de beisebol, com a aba dura e o resto de tela mesclada que trazia Whiskey Clone escrito, estava sentado numa cadeira giratória em frente aos monitores, servindo-se de uma bebida quente de uma garrafa térmica grande com flores vermelhas nas laterais.

- Io, Calvin - disse Maryalice, ou pelo menos era assim que soava.

- Oi — disse o homem.

- Calvin é de Tacoma - disse Maryalice, enquanto Chia observava Eddie, ainda carregando a mala, passar direto pela saia, cruzar a porta e sair de vista.

- O patrão está feliz, hem! - disse o homem, padecendo tão japonês quanto Maryalice. Tomou um gole de sua caneca térmica.

- É - disse Maryalice. - Ficou tão feliz em me ver que saiu fora de si.

- Isso passa. - Outro gole. Olhou para Chia por baixo da aba do boné.

Whiskey Clone estava escrito com o tipo de letra que se usa nos shopping centers quando querem dar a impressão de que o lugar é tradicional.

- Essa é Chia - disse Maryalice. - Conheci ela no SeaTac - e Chia notou que ela não disse que haviam se conhecido no avião. O que fez com que se lembrasse daquela coisa com as amostras de DNA e do aplique.

- Que bom saber que ele ainda está lá - disse o homem. - Quer dizer, ainda existe um lugar para ir quando quiser sair daqui, dessa merda.

- Ora, Calvin - disse Maryalice -, você sabe que você adora Tóquio.

- Claro. Tinha um lugar lá em Redmond com um banheiro do tamanho do apartamento que tenho aqui, e não era nem um banheiro grande. Quer dizer, tinha chuveiro. Nem banheira nem nada.

Chia olhava para as TVs atrás dele. Muitas pessoas por lá, mas não dava para saber o que estavam fazendo.

- Parece que a noite está boa - disse Maryalice, examinando as telas das TVs.

- Satisfatório - disse ele. - De satisfatório a razoável.

- Pare de falar desse jeito - Maryalice falou. - Você vai acabar fazendo com que eu fale assim também.

Calvin deu um sorriso forçado. Mas você é uma boa garota, não, Maryalice?

- Com licença - disse Chia -, posso usar um dataport?

- Tem um no escritório do Eddie - disse Maryalice. - Mas ele deve estar no telefone, agora. Por que você não vai ao banheiro, ali - apontando outra porta, fechada -, e lava o rosto? Você está parecendo meio troncha. Aí o Eddie vai ter acabado a ligação e você poderá ligar para a sua amiga.

O banheiro tinha uma pia de aço velha e uma privada muito nova, que parecia bastante complicada, com dezenas de botões em cima do vaso. Os botões

tinham rótulos em japonês. O assento de polímero se contorceu um pouco ao receber o seu peso, e Chia quase pulou dali. Tudo bem, ela se tranqüilizou, é só tecnologia estrangeira. Quando acabou, escolheu um dos botões de controle a esmo, e provocou um esguicho superfino de água morna perfumada, que fez com que ela desse um grito abafado e um pulo pra trás. Secou os olhos com as costas da mão, deu um passo para o lado e tentou outro botão. Este fez o que devia: deu a descarga, com um som que parecia o de um avião.

Enquanto lavava as mãos e depois o rosto na pia tranqüilizadoramente comum, com sabão líquido azul-claro de uma embalagem com válvula pump e com feitio de dinossauro de um olho só, ouviu a descarga parar e começar outro som. Olhou para trás e viu um anel de luz violeta oscilante, embaixo do assento. Luz ultravioleta, supôs ela, para esterilizar.

Havia um pôster dos Dukes of Nuke'Em preso na parede, aquela abominável banda de metaleiros de cabeça de andróide. Suados e de olhos vazios, de sorrisos forçados, e o baterista não tinha os dentes da frente. Os dizeres estavam em japonês. Ela não entendia como alguém no Japão podia gostar daquele tipo de coisa, já que a idéia de grupos como os Dukes era odiar qualquer coisa que não correspondesse à concepção que eles tinham dos Estados Unidos. Mas Kelsey, que já tinha estado no Japão muitas vezes com o pai, havia dito que não dava para saber o que os japoneses iriam pensar sobre o que quer que fosse.

Não havia nada onde secar as mãos. Tirou uma camiseta da bolsa e usou-a, embora não tenha dado muito certo. Quando se ajoelhou para enfiar a camiseta de volta na bolsa, percebeu a ponta de alguma coisa que não reconheceu, mas aí Calvin bateu na porta atrás dela.

- Desculpa - disse ele.

- Tudo bem - disse Chia, fechando o zíper da bolsa.

- Não está, não - disse ele, olhando por sobre o ombro, e depois de volta para ela. -Você realmente conheceu Maryalice no SeaTac?

- No avião - disse Chia.

- Você não faz parte?

Chia ficou de pé, o que fez com que se sentisse meio tonta. - Parte do quê?

Ele a encarou por baixo da aba do boné preto. - Então é melhor você cair fora daqui. Já.

- Por quê? - perguntou Chia, embora aquela lhe parecesse uma ótima idéia.

- Nada que você queira saber. - Alguma coisa se quebrou atrás dele. Ele se encolheu. - Está tudo bem. Ela só está jogando coisas. Ainda vai piorar. Vamos - e ele pegou a bolsa dela pela alça e levantou-a. Ele saiu andando depressa, e ela teve de se apressar para acompanhá-lo. Passaram pela porta do escritório do Eddie, pela bancada de TVs (onde pensou ter visto pessoas em linha dançando de chapéus de vaqueiro, mas não teve certeza).

Calvin chapou a mão no sensor da porta do elevador. - Vai dar na garagem - disse ele, quando ouviram o som de copos se quebrando no escritório de Eddie. - Vira à esquerda, uns seis metros depois tem outro elevador. Não salta na entrada, que tem câmeras lá. O botão de baixo te deixa no metrô. Pega o metrô. - Ele entregou a bolsa a ela.

- Para onde? - disse Chia.

Maryalice gritou. Como se tivesse doído, muito.

- Qualquer lugar - disse Calvin, e rapidamente disse algo em japonês para o elevador. O elevador respondeu, mas ele já tinha ido, a porta se fechou e ela estava descendo, sua bolsa parecendo pesar menos em seu braço.

O Graceland de Eddie ainda estava lá quando a porta se abriu, uma cunha volumosa ao lado de todos os outros carros pretos. Encontrou o outro elevador que Calvin indicou que pegasse, sua porta riscada e amassada. Tinha botões comuns, não falava e levou-a para baixo, para galerias claras como o dia, multidões se movendo por elas, indo para escadas rolantes e terraços e levitadores magnéticos e os indefectíveis logotipos dependurados no teto.

Estava finalmente em Tóquio.

11- COLAPSO DE PRÉDIOS NOVOS

O quarto de Laney ficava num andar alto de um arranha-céu estreito revestido de azulejos brancos. A planta baixa era um trapézio e datava do período de grande progresso da cidade nos anos oitenta, os anos da Bolha. Que houvesse sobrevivido ao grande terremoto servia de testemunho à perícia dos seus engenheiros; que houvesse sobrevivido à subseqüente reconstrução servia de testemunho de um misterioso labirinto de direitos de propriedade e de uma guerra permanente entre as duas mais antigas organizações criminosas da cidade. Yamazaki havia explicado isso no táxi, quando voltavam da New Golden Street.

- Não tínhamos certeza de como você se sentiria em relação aos novos prédios - disse ele.

- Está falando dos prédios de nanotecnologia? - Laney estava lutando para manter os olhos abertos. O motorista usava luvas imaculadamente brancas.

- É. Tem gente que fica perturbada com eles.

- Não sei. Eu teria de ver um deles.

- Dá para vê-los do seu hotel, eu acho.

E dava. Ele conhecia a absoluta bestialidade de escala a partir dos construtos, mas a realidade virtual não traduzia a peculiaridade da textura aparente, a organicidade aerodinâmica. - São como os retratos de Nova York, de Giger - falou Yamazaki, mas a referência não encontrou eco em Laney.

Agora estava sentado na beira da cama, olhando sem reação para aqueles milagres da nova tecnologia que, por mais banais e sinistros que esses milagres geralmente sejam, eram apenas incômodos: as maiores estruturas habitadas do mundo. (A estrutura de contenção de Chernobil era maior, mas nada humano jamais viveria lá.)

O guarda-chuva que Yamazaki lhe dera estava desmoronando sobre si

mesmo, encolhendo. Sumindo.

O telefone começou a tocar. Não conseguia encontrá-lo.

- O telefone - disse ele. - Onde está?

Um botão de luz vermelha, em uníssono com a campainha do telefone, começou a pulsar em um retângulo achatado de tuia, colocado numa bandeja preta quadrada sobre uma prateleira ao lado da cama. Ele pegou o retângulo. Apertou um quadradinho de madrepérola.

- Alô - disse alguém. - É o Laney?

- Quem está falando?

- Rydell, do Chateau. Hans deixou eu usar o telefone. - Hans era o gerente da noite. - Acertei a hora? Está tomando café?

Laney esfregou os olhos, olhou novamente para os prédios novos lá fora. - É.

- Liguei para Yamazaki - disse Rydell. - Peguei o seu telefone.

- Obrigado - disse Laney, bocejando -, mas eu...

- Yamazaki disse que você conseguiu o emprego.

- Acho que sim - falou Laney. - Obrigado. Acho que devo...

- O Slitscan - disse Rydell. - Por todo o Chateau.

- Não - retrucou Laney -, isso já acabou.

- Você conhece uma Katherine Torrance, Laney? Mora em Sherman Oaks? Ela está ocupando a suíte que você ocupou, com uma quantidade de sensores que dava para encher duas vans. Hans acha que eles estão tentando detectar o que você ficou fazendo por lá, drogas ou qualquer coisa assim.

Laney ficou olhando para os prédios lá fora. Parte de uma fachada pareceu se mover, mas deviam ser seus olhos.

- Mas Hans disse que não tem como eles distinguirem as moléculas residuais naqueles quartos. Esse lugar tem história demais.

- Kathy Torrance? Do Slitscan?

- Não é que eles tenham dito que são, mas tem um monte de técnicos, e os técnicos sempre falam demais, e o Ghengis lá da garagem viu os decalques em algumas das caixas, quando estavam descarregando. Tem uns vinte deles, sem contar os ajudantes. Ficaram em duas suítes e em quatro quartos simples. E não dão gorjetas.

- Mas, o que eles estão *fazendo?*

- Essa coisa com os sensores. Tentando descobrir o que você aprontou na suíte. E um dos mensageiros viu eles montarem uma câmera.

A fachada inteira de um dos novos prédios pareceu se encrespar, fervilhar de leve. Laney fechou os olhos e beliscou o osso do nariz, descobrindo um leve traço de dor que ainda estava lá desde a queda. Abriu os olhos. -Mas eu não *aprontei* nada.

- Tanto faz - Rydell parecia um pouco magoado. - Só achei que você devia ficar sabendo, só isso.

Tinha alguma coisa definitivamente acontecendo com aquela fachada. -Eu sei. Obrigado. Desculpe.

- Eu entro em contato se ficar sabendo de alguma outra coisa - disse Rydell. - Mas, como é que é por aí?

Laney estava observando um ponto de luz refletida escorregar pela estrutura à distância, um movimento como na osmose ou a contração seqüencial dos palpos de alguma criatura marinha. - É muito estranho.

- Aposto como é interessante - disse Rydell. - Curta seu café da manhã, tá certo? Eu entro em contato.

- Obrigado - disse Laney, e Rydell desligou.

Laney recolocou o telefone na bandeja envernizada e se esticou na cama, totalmente vestido. Fechou os olhos, não querendo ver os novos prédios. Mas eles ainda estavam lá, na escuridão e na luz por trás de suas pálpebras. E, ao observá-los, eles deslizaram e se separaram, liqüefizeram-se e escorreram para dentro dos labirintos de uma cidade mais velha.

Ele deslizou com eles.

12- MITSUKO

Chia usou um dataport público no nível mais profundo da estação. O Sandbenders discou o número que haviam lhe dado para falar com Mitsuko Mimura, a "secretária social" da seção de Tóquio (parecia que todos na seção de Tóquio tinham algum título formal). A voz sonolenta de uma garota falando japonês nos alto-falantes do Sandbenders. A tradução seguiu-se imediatamente: - Alô? Sim? Em que posso ajudar?

- É Chia McKenzie, de Seattle.

- Você ainda está em Seattle?

- Estou aqui. Em Tóquio. - Ela aumentou a escala no mapa do Sandbenders. - Numa estação do metrô chamada Shinjuku.

- Sim. Ótimo. Você está vindo pra cá, agora?

- Gostaria muito. Estou muito cansada. A voz começou a explicar a rota.

- Tudo bem - disse Chia -, meu computador pode fazer isso. Me diz apenas a estação para onde devo ir. - Encontrou-a no mapa e colocou um marcador. - Quanto tempo levo para chegar lá?

- De vinte a trinta minutos, depende de os trens estarem muito cheios ou não. Eu encontro você lá.

- Não precisa - disse Chia. - É só você me dar seu endereço.

- Os endereços japoneses são muito difíceis.

- Não tem problema - falou Chia -, eu tenho um sistema de posicionamento global. - O Sandbenders, processando o sistema telefônico de Tóquio, já estava lhe mostrando a latitude e a longitude de Mitsuko Mimura. Em Seattle, isso só funcionava para os telefones comerciais.

- Não - disse Mitsuko. - Eu tenho de receber você. Eu sou a secretária social.

- Obrigada - completou Chia. - Estou indo.

Com a bolsa nos ombros, parcialmente aberta para que pudesse seguir as deixas verbais do Sandbenders, Chia subiu dois níveis por uma escada rolante, comprou um tíquete com seu cartão inteligente, e encontrou a plataforma certa. Estava realmente lotada, tão cheia quanto o aeroporto, mas quando o trem chegou, ela deixou a multidão empurrá-la para dentro do vagão mais próximo; teria sido mais difícil *não* entrar.

Quando o trem partiu, ela ouviu o Sandbenders anunciar que estavam saindo da estação Shinjuku.

* * *

O céu parecia de madrepérola quando Chia saiu da estação. Edifícios cinza, néon pastel, a rua formava um panorama pontilhado de formas vagamente estranhas. Dezenas de bicicletas estacionadas por toda a parte, do tipo de aparência frágil, de estrutura tubular de fibra de carbono. Chia deu um passo para trás quando um enorme caminhão de lixo cor de turquesa passou rugindo, as mãos de luvas brancas do motorista no volante alto. Depois que ele passou, ela viu uma garota japonesa de saia xadrez curta e jaqueta de ciclista preta. A garota sorriu. Chia acenou.

* * *

O quarto de Mitsuko, no segundo andar, ficava acima dos fundos do restaurante de seu pai. Dava para ouvir uma batida regular vindo do restaurante, e Mitsuko explicou que era o robô picando e cortando coisas.

O quarto era menor do que o de Chia em Seattle, mas muito mais limpo, arrumado e organizado. Da mesma forma que Mitsuko, que tinha uma faixa diagonal pintada de vermelho na franja preta e usava tênis de sola dupla. Tinha treze anos, um ano mais nova que Chia.

Mitsuko havia apresentado Chia a seu pai, que usava uma camisa branca de mangas curtas, uma gravata, e estava supervisionando três homens de luvas

brancas e macacão azul que estavam limpando o restaurante com muita energia e determinação. O pai de Mitsuko havia acenado com a cabeça, sorrido, dito alguma coisa em japonês, e voltado para o que estava fazendo. Ao subirem para o quarto, Mitsuko, que não falava inglês muito bem, contou a Chia que havia dito a seu pai que ela fazia parte de um programa de intercâmbio cultural, de estadias curtas, algo a ver com a escola.

Mitsuko tinha o mesmo pôster na parede, a foto original da capa do disco da Dog Soup.

Ela foi ao andar de baixo e voltou com um bule de chá e uma caixa coberta, segmentada, que continha um pãozinho da Califórnia e uma variedade de coisas menos familiares. Grata pela familiaridade do pãozinho da Califórnia, Chia comeu tudo menos o que tinha aquela coisa gosmenta cor de abóbora, parecida com ouriço-do-mar em cima. Mitsuko cumprimentou-a por sua habilidade com os pauzinhos. Chia disse que era de Seattle, e as pessoas por lá usavam muito os pauzinhos.

Agora as duas estavam usando fones de ouvido sem fio presos às orelhas. A tradução em geral não tinha erros, exceto quando Mitsuko falava gíria japonesa muito nova, ou quando inseria palavras em inglês que ela conhecia, mas não sabia pronunciar.

Chia queria fazer perguntas sobre Rez e a idoru, mas ficavam entrando em outros assuntos. Aí Chia caiu no sono, sentada de pernas cruzadas no chão, e Mitsuko deve ter dado um jeito de fazê-la rolar para cima de uma espécie de edredão duro, que ela havia desenrolado de algum lugar, porque foi sobre ele que Chia acordou, três horas depois.

* * *

Uma luz prateada de chuva batia na janela estreita do quarto.

Mitsuko apareceu com outro bule de chá, e disse alguma coisa em japonês. Chia encontrou seu fone de orelha e colocou-o.

- Você devia estar exausta - traduziu o fone. Mitsuko então disse que não ia à escola para ficar com Chia.

Beberam o chá quase incolor em tigelinhas de porcelana. Mitsuko explicou que morava ali com o pai, a mãe e um irmão, Masahiko. A mãe estava fora, visitando um parente em Kyoto. Mitsuko disse que Kyoto era muito bonita, e que Chia devia ir até lá.

- Estou aqui representando minha seção - disse Chia. - Não posso dar uma de turista. Tem umas coisas que preciso descobrir.

- Entendo - disse Mitsuko.

- Então é verdade? Rez quer mesmo se casar com uma agente? Mitsuko parecia não estar à vontade. - Sou a secretária social - disse ela.

- Você devia discutir isso primeiro com Hiromi Ogawa.

- Quem é ela?

- Hiromi é a presidente da nossa seção.

- Ótimo - disse Chia. - Quando eu posso falar com ela?

- Estamos construindo um site para o encontro. Vai ficar pronto logo. - Mitsuko ainda parecia constrangida.

Chia decidiu mudar de assunto. - Como é o seu irmão? Quantos anos ele tem?

- Masahiko tem dezessete - disse Mitsuko. - Ele é um tecnofetichista patológico-com-déficit-social - pronunciado tudo junto como se fosse uma só palavra, indicativo de um conceito que sobrecarregava o léxico dos fones. Por um momento Chia pensou se valia a pena apelar para seu Sand-benders, cujas funções de tradução se atualizavam automaticamente toda vez que ela se conectava.

- Um o quê?

- Otaku - disse Mitsuko cuidadosamente em japonês. A tradução arrotou a deselegante fileira de palavras novamente.

- Ah - disse Chia -, nós também temos deles. Até usamos a mesma palavra.

- Acho que na América eles não são iguais - falou Mitsuko.

- Bem - disse Chia -, é uma coisa de garotos, certo? Os garotos otaku na minha última escola estavam nessa de gatinhas *anime* de plástico, simulações militares e trivialidades. Muita trivialidade. - Ela observava Mitsuko prestando atenção à tradução.

- É - falou Mitsuko -, mas você disse que eles vão à escola. Os nossos não vão. Terminam os estudos on-line, o que é ruim, porque colam com facilidade. E então, mais tarde, quando são testados, são pegos, não passam, mas não se importam. É um problema social.

- Seu irmão é um deles?

- É - respondeu Mitsuko. - Ele vive na Cidade Murada.

- Onde?

- Um domínio multiusuário. É a obsessão dele. É como uma droga. Ele tem um quarto aqui. Raramente sai de lá. O tempo todo em que está acordado ele passa na Cidade Murada. Quando está sonhando também, eu acho.

* * *

Chia tentou fazer uma idéia melhor de Hiromi Ogawa antes da reunião do meio-dia, mas com resultados ambíguos. Ela era mais velha, tinha dezessete anos (da idade de Zona Rosa) e fazia parte do clube há pelo menos cinco anos. Era provavelmente gordinha (embora isso tivesse sido transmitido por meio de um código intercultural de garotas, nada muito às claras) e tinha predileção por iconicidade elaborada. Mas, de um modo geral, Chia continuava esbarrando no senso de dever de Mitsuko em relação à seção, à sua própria posição e à posição de Hiromi.

Chia odiava a politicagem do clube e estava começando a suspeitar que poderia se tornar um verdadeiro problema.

Mitsuko estava pegando seu computador. Era uma dessas unidades

coreanas transparentes, macias, do tipo que parece ijma sacola achatada de gelatina branca com um monte de jujubas coloridas dentro. Chia abriu a bolsa e tirou seu Sandbenders.

- O que é isso? - perguntou Mitsuko.

- Meu computador.

Mitsuko estava realmente impressionada. - É da Harley-Davidson?

- Foi feito pela Sandbenders - respondeu Chia, encontrando seus óculos e luvas. - São uma comunidade, na costa do Oregon. Fazem desses e fazem software também.

- É americano?

- Claro.

- Não sabia que os americanos faziam computadores - disse Mitsuko. Chia ajeitou cada terminal de cabo prateado nas pontas dos dedos, apertou as correias nos pulsos.

- Estou pronta para a reunião - falou ela. Mitsuko deu risadinhas de nervoso.

13- RECONHECIMENTO DE CARACTERES

Yamazaki telefonou pouco antes do meio-dia. O dia estava escuro e encoberto. Laney havia fechado as cortinas para não ter de ver os prédios de nanotecnologia àquela luz.

Estava assistindo a um programa da *NHK* sobre campeões de pião. A estrela, pelo que deduziu, era uma garotinha de rabo-de-cavalo e vestido azul com antiquada gola de marinheiro. Era ligeiramente vesga, talvez por se concentrar tanto. Os piões eram feitos de madeira. Alguns eram grandes e pareciam pesados.

- Olá, sr. Laney - disse Yamazaki. - Está se sentindo melhor?

Laney assistiu a um pião vermelho e amarelo sair rodopiando quando a garota deu um puxão experiente na corda cuidadosamente enrolada. O comentarista segurou um microfone portátil perto do pião para pegar o zumbido que ele fazia, e depois disse alguma coisa em japonês.

- Melhor do que na noite passada - respondeu Laney.

- Estamos tomando providências para que você possa acessar os dados que envolvem... nosso amigo. É um processo complicado, já que esses dados foram protegidos de vários modos diferentes. Não havia uma estratégia única. A complexidade com que a privacidade dele tem sido protegida tem aumentado e se complicado cada vez mais.

- O "nosso amigo" sabe o que estamos fazendo?

Uma pausa. Laney ficou vendo o pião. Imaginou Yamazaki piscando. - Não, não sabe.

- Ainda não sei para quem estarei realmente trabalhando. Para ele? Para

Blackwell?

- Seu empregador é a Paragon-Asia Dataflow, Melbourne. Eles também são meu patrão.

- E Blackwell?

- Blackwell trabalha para uma empresa privada, pela qual passa parte dos ganhos do nosso amigo. Durante o desenvolvimento da carreira do nosso amigo, foi organizada uma estrutura para otimizar esse fluxo, para minimizar as perdas. Essa estrutura agora existe por si mesma como uma empresa.

- A administração - disse Laney. - A administração está com medo porque parece que ele vai fazer alguma loucura. É isso?

O pião vermelho e amarelo estava começando a exibir as primeiras oscilações que acabariam por fazê-lo parar. - Ainda sou um estranho nessa cultura empresarial, sr. Laney. Tenho dificuldade em avaliar essas coisas.

- O que Blackwell quis dizer, ontem à noite, com essa história de Rez estar querendo se casar com uma japonesa que não existe?

- Idoru - disse Yamazaki.

- Quê?

- "ídolo-cantor". É Rei Toei. Ela é um construto-personalidade, uma coleção de agentes, a criação de designers de informação. É parecido do que creio chamarem de *synthespian* em Hollywood.

Laney fechou os olhos e abriu-os em seguida. - Então como ele pode se casar com ela?

- Não sei - respondeu Yamazaki. - Mas ele declarou com muita ênfase que esta é a sua intenção.

- Você pode me dizer para o que exatamente eles contrataram *você?*

- Inicialmente, eu acho, esperavam que eu conseguisse explicar a idoru pra

eles: o que a tornava atraente para o público e, portanto, talvez o que a tornava atraente para ele. E também creio que, como Blackwell, ainda não se convenceram de que isso não é o resultado de alguma conspiração. Agora querem que eu o familiarize com o pano de fundo cultural desta situação.

- Quem são eles?

- No momento não posso ser mais específico.

O pião estava começando a cambalear. Laney entreviu alguma coisa parecida com terror nos olhos da garota. - Você não acredita que haja uma conspiração?

- Vou tentar responder a esta pergunta ainda esta noite. Enquanto isso, enquanto providenciam para que você tenha acesso aos dados, por favor, estude estas...

- Eh! - protestou Laney, quando sua garota do pião foi substituída por um logotipo não familiar: um buldogue de desenho animado mostrando os dentes, com uma coleira com pinos, mergulhado até o pescoço musculoso numa tigela de sopa.

- Dois documentários em vídeo sobre a Lo/Rez - disse Yamazaki. -Estes são do selo Dog Soup, originalmente uma pequena gravadora independente radicada no leste de Taipei. Lançaram o primeiro disco da banda. Lo/Rez posteriormente comprou a Dog Soup e a usou para lançar material menos comercial de outros artistas.

Laney olhava mal-humorado para o buldogue, com saudades da garota e seu rabo-de-cavalo. - Como documentários sobre eles mesmos?

- Os documentários não foram submetidos à aprovação da banda. Não são documentos institucionais da Lo/Rez.

- Bem, pelo menos isso.

- Às ordens. - Yamazaki desligou.

O ponto de vista virtual se afastou em zoom, girando em um dos pinos da

coleira: em close, era uma pirâmide brilhante de aço. Nuvens refletidas passavam rapidamente, mudando de forma e se deslocando como se filmadas a um quadro a quinze segundos, na enorme face triangular, enquanto a advertência do Acordo Universal de Direitos Autorais se desenrolava na tela.

Laney assistiu o suficiente para perceber que o vídeo era uma costura de várias partes de cenas de relações públicas da banda. - Cuidado: Arte -disse ele, e foi para o banheiro decifrar os controles do chuveiro.

Deu um jeito de não assistir aos primeiros seis minutos, tomando uma ducha e escovando os dentes. Já havia assistido coisas como aquela antes, vídeos de arte, mas nunca tentou prestar muita atenção. Vestindo o robe felpudo branco do hotel, disse a si mesmo que era melhor tentar. Yamazaki parecia capaz de interrogá-lo sobre ele mais tarde.

Por que as pessoas faziam esse tipo de coisa? Não havia uma narração, nenhuma estrutura aparente; alguns dos fragmentos ficavam se repetindo o tempo todo, em diferentes velocidades...

Em Los Angeles havia canais de acesso público dedicados a essas coisas, e talk shows feitos em casa, apresentados por feiticeiras nuas de Encino sentadas em frente de grandes quadros da Deusa que haviam pintado em suas garagens. Só que dava para prestar a atenção a esses. A lógica dessas paródias, parecia, era que, ao fazer uma dessas, de alguma forma você estaria rechaçando a mídia. Talvez a idéia é que fosse como boiar em pé, uma atividade repetitiva simples que temporariamente dava ao menos a ilusão de igualdade com o mar. Mas para Laney, que já passara muitas horas nas profundezas dos dados que constituem os subterrâneos do mundo da mídia, parecia apenas inútil. E um tédio também, embora supusesse que aquele tédio estava de alguma forma aproveitado, aqui, como outro modo de rechaçar a mídia.

Por que outro motivo iria alguém selecionar e editar todos aqueles trechos de Lo e Rez, o guitarrista chinês e o cantor meio irlandês, dizendo coisas estúpidas em dezenas de diferentes spots televisivos, a maioria provavelmente planejada para serem traduzidas? As saudações pareciam ser um tema. "Estamos muito felizes de estar aqui em Vladivostok. Ouvimos dizer que vocês têm um novo aquário maravilhoso!" "Parabenizamos vocês pelas eleições livres e pelo sucesso na campanha de erradicação da dengue!" "Nós sempre amamos

Londres!" "Nova York, você é... *pragmáticaV*

Laney pesquisou os restos de seu café da manhã, e descobriu uma fatia meio comida de torrada fria sob a tampa de aço de um prato. Sobrara um dedo de café no bule. Não queria pensar na ligação de Rydell ou no que poderia significar. Ele tinha achado que estava livre do Slitscan, dos advogados...

- Cingapura, você é linda! - disse Rez, e Lo fez coro com - O-lá, Cidade dos Leões!

Pegou o controle remoto e, cheio de esperança, tentou adiantar a fita. Nada. Tecla mute. Nada. Yamazaki estava controlando o aparelho. Pensou em desligar o fio da tomada, mas teve medo que eles pudessem perceber.

A fita estava se acelerando, os cortes eram mais freqüentes, havia menos conteúdo no todo, um borrão entorpecedor. O sorriso de Rez estava começando a ficar sinistro, como se tivesse seus próprios propósitos secretos, e que saltava imutável de um corte para outro.

De repente tudo foi sumindo para dentro de sombras, como se filmado com câmera de mão, o foco de luz em dourados extravagantes. Barulho de copos. A imagem tinha uma peculiar aparência de falta de profundidade que ele conhecia do Slitscan: as menores câmeras de lapela faziam aquilo, aquelas que iam disfarçadas de manchas no tecido.

Um restaurante? Uma casa noturna? Alguém sentado em frente à câmera, por trás de um batalhão de garrafas verdes. A escuridão e a faixa de comprimentos de onda com que a câmera operava tornavam impossível distinguir a fisionomia. Então Rez se inclinou para frente, reconhecível na nova profundidade de foco. Gesticulou na direção da câmera com uma taça de vinho tinto.

- Se a gente conseguisse parar de falar sobre a música, a indústria e a política envolvida nisso, acho que eu diria que é mais fácil desejar e buscar a atenção de dezenas de milhões de pessoas que nos são totalmente desconhecidas do que aceitar o amor e a lealdade das pessoas que são mais próximas de nós.

Alguém, uma mulher, disse alguma coisa em francês. Laney achou que era

ela quem usava a câmera.

- Relaxa, Rozzer. Ela não entende quase nada do que você está dizendo. - Laney se sentou mais para frente. Era a voz de Blackwell.

- Não? - Rez se afastou, para fora do foco. - Porque se entendesse, acho que falaria sobre a solidão de ser mal compreendido. Ou será a solidão de ter medo de nos permitirmos sermos compreendidos?

E o quadro congelou no rosto borrado do cantor. Uma data e uma hora. Dois anos antes. A expressão "mal compreendido" apareceu. O telefone tocou.

- Sim?

- Blackwell disse que surgiu uma janela de oportunidade. O plano foi antecipado. Você pode acessar, agora. - Era Yamazaki.

- Ótimo - disse Laney. - Não acho que vou muito longe com esse primeiro vídeo.

- A busca de Rez por um renovado significado artístico? Não se preocupe; vamos passar ele de novo para você, mais tarde.

- Que alívio - disse Laney. - O segundo é assim tão bom?

- O segundo documentário é mais convencionalmente estruturado. Entrevistas aprofundadas, detalhes biográficos, *BBC,* três anos atrás.

- Maravilha.

- Blackwell está indo para o hotel. Até mais.

14- SEÇÃO DE TÓQUIO

O site que a seção de Mitsuko havia construído para a reunião lembrava a Chia gravuras japonesas que vira numa visita da escola ao museu em Seattle; havia uma luz amarronzada que parecia vir através de camadas de verniz antigo. Havia morros à distância com árvores retorcidas, seus galhos como rabiscos de tinta preta. Ela foi, ao lado de Mitsuko, em direção a uma casa de madeira com beirais largos, com o feitio familiar dos *anime*. Era do tipo de casa em que ninjas entravam furtivamente no meio da noite, para acordar uma heroína que dormia e dizer-lhe que as coisas não eram bem como ela pensava, que seu tio era um aliado do opressor malvado. Checou sua própria aparência numa pequena janela periférica; botou um pouco mais de cor nos lábios.

Ao se aproximar da casa, viu que tudo havia sido criado usando os arquivos do clube, tal que todo o meio ambiente era na verdade feito a partir de material sobre a Lo/Rez. Isso era perceptível primeiro nos painéis das paredes, de madeira e papel, onde esmaecidas imagens-fragmento, monumentais, iam e vinham com a aleatoriedade natural de sol filtrado por uma folhagem: as maçãs do rosto de Rez e uma das lentes dos óculos escuro, a mão de Lo dedilhando o braço da guitarra. Mas estes mudaram, foram substituídos por bruxulear de mariposa, e haveria outros, em outros níveis de resolução do site, até o mais refinado de sua tessitura digital. Ela não tinha certeza se para fazer isso bastava um determinado número dos tipos certos de pacotes fractais, ou se era necessário algum tipo especial de computador. Seu Sandbenders conseguia produzir alguns efeitos como aqueles, mas principalmente quando fazia a apresentação do software do Sandbenders.

Biombos deslizaram quando Mitsuko e ela, sentadas de pernas cruzadas, entraram na casa. Pararam quando estavam lado a lado, ainda sentadas, flutuando a uns oito centímetros acima do tatami (que Chia evitou focalizar depois de perceber que era tecido a partir de filmes dos concertos; distraía demais a atenção). Bela entrada. Mitsuko usava quimono e aquela faixa larga na cintura, o traje tradicional completo, só que havia também uma discreta animação na trama do tecido. Chia, por sua vez, havia baixado um conjunto

preto de blusão e calça bailarina de Silke-Marie Kolb, muito embora odiasse pagar por material virtual de designers que não permitiam que você o guardasse ou copiasse. Havia usado o cartão inteligente de Kelsey, o que a fizera se sentir melhor com aquilo.

Havia sete garotas esperando, todas de quimono, todas flutuando acima do tatami. Exceto uma, sentada sozinha à cabeceira de uma mesa imaginária, que era um robô. Não se parecia com um robô de verdade, mas era uma coisa esguia, de pele cromada, que parecia mercúrio contido dentro da forma de uma garota. O rosto era suave, com feições apenas esboçadas, sem olhos, com duas fileiras retas de furinhos no lugar da boca. Esta seria Híromi Ogawa, e Chia decidiu imediatamente acreditar que ela era gorda.

O quimono de Hiromi estava fervilhando com cenas em animação em tom sépia de entrevistas da banda.

As apresentações levaram um tempo, e lá todas definitivamente tinham um título, mas Chia havia parado de prestar atenção depois que Hiromi se apresentou, a não ser para fazer mesura quando achava que era o momento para tal. Não gostou que Hiromi se apresentasse daquela forma para um primeiro encontro. Era grosseria, e só podia ser de propósito, e todo o trabalho que tinham tido para construir o espaço fazia parecer ainda mais deliberado.

- Estamos honradas em recebê-la, Chia McKenzie. Nossa seção espera ansiosamente proporcionar a você toda a ajuda. Estamos orgulhosas de fazer parte da contínua valorização global da Lo/Rez, de sua música e de sua arte.

- Obrigada - disse Chia, e ficou quieta enquanto o silêncio se prolongava. Mitsuko limpou a garganta discretamente. Ih,*pensou Chia. Hora do discurso. - Obrigada pela oferta de ajuda - disse Chia. - Obrigada pela hospitalidade. Se algum dia forem a Seattle, fazemos questão de hospedá-las. Mas principalmente obrigada pela ajuda, porque minha seção tem estado realmente preocupada com essa história de que Rez está dizendo que quer se casar com uma agente, e já que parece que ele disse isso quando estava aqui, nós pensamos... - Acabara de ocorrer a Chia que ela estivesse indo um pouco abruptamente demais, o que foi confirmado por outro limpar de garganta, um pequeno sinal vindo de Mitsuko.

- Sim - disse Hiromi Ogawa -, você é bem-vinda, e agora Tomo Oshima, a

historiadora da nossa seção, vai nos brindar com um relato detalhado e exato da história da nossa seção, de como viemos, a partir de um início simples, mas sincero, a nos tornar a seção mais ativa, a mais respeitada do Japão, hoje.

Não dava para acreditar.

A garota mais próxima de Hiromi, à direita de Chia, fez uma mesura e começou a recitar a história da seção, e Chia imediatamente se deu conta de

que seria em detalhes torturantemente maçantes. As duas colegas de quarto no colégio interno, melhores amigas e mais leais companheiras, que encontraram aquele disco da Dog Soup numa lata do lixo em Akihabara. De como o levaram para a escola, ouviram e se converteram imediatamente. De como as colegas de colégio riram delas, chegando ao ponto de roubar e esconder o precioso disco... E a história não tinha fim, e Chia queria sair gritando, mas não tinha jeito, o negócio era ficar quieta, ali. Ela puxou um relógio e colocou-o na face espelhada do robô, no lugar onde os olhos deveriam estar. Ninguém mais podia vê-lo, mas aquilo fazia ela se sentir um pouco melhor.

Agora a história havia chegado na primeira convenção nacional da Lo/ Rez no Japão, fotos irrompendo pelas paredes de papel branco, garotinhas de jeans e camisetas bebendo Coca-Cola em algum salão de eventos num hotel do aeroporto de Osaka, uns poucos pais de pé no fundo.

Quarenta e cinco minutos depois, pelo relógio de mostrador vermelho grudado na cara metálica inexpressiva de Hiromi Ogawa, Tomo Oshima concluiu: - O que nos traz de volta ao presente, e à histórica visita de Chia McKenzie, a representante de nossa co-irmã de Seattle, no Estado de Washington. Agora esperamos que ela nos dê a honra de contar para nós a história de sua seção, de como foi fundada, e sobre as muitas atividades que desenvolveram para honrar a música de Lo/Rez...

Aplausos modestos. Chia não bateu palmas por não saber se os aplausos eram para ela ou para Tomo Oshima.

- Desculpem - disse Chia. - Nossa historiadora reuniu todo o material para vocês, mas foi danificado quando passaram meu computador por aquele scanner no aeroporto.

- Estamos desoladas - disse o robô prateado. - Lamentável.

- Pois é - disse Chia -, mas acho que isso nos dá mais tempo para falar sobre o motivo que me trouxe aqui, certo?

- Nós tínhamos a esperança...

- De nos ajudar a compreender essa coisa com o Rez, certo? Estamos sabendo. Que bom. Porque estamos mesmo muito preocupadas com esse boato. Porque parece que começou aqui, e essa Rei Toei é um produto local; então, se alguém pode nos dizer o que está acontecendo, são vocês.

O robô prateado não disse coisa alguma. Estava tão inexpressivo quanto antes, mas por via das dúvidas Chia tirou o relógio.

- É por isso que estou aqui - disse Chia. - Para descobrir se é verdade que ele quer se casar com ela.

Ela podia sentir um constrangimento generalizado. As seis garotas estavam olhando para o tatami, relutantes em encará-la. Ela queria olhar para Mitsuko, mas isso teria sido óbvio demais.

- Somos uma seção *oficial* - disse Hiromi. - Temos a honra de trabalhar de perto com empregados da banda. Os relações públicas da banda também estão preocupados com o boato que você mencionou, e pediram nossa ajuda para fazer com que não se espalhe ainda mais.

- Espalhar? Mas está na rede há uma semana!

- É só um boato.

- Então eles deviam publicar uma negativa.

- O que só iria alimentar o boato.

- A notícia dizia que Rez havia anunciado que estava apaixonado por Rei Toei, que ele se casaria com ela. Havia uma citação bem extensa. - Chia estava definitivamente começando a achar que tinha algo errado ali. Não era para isso que ela havia viajado toda aquela distância; poderia muito bem ter ficado sentada

em seu próprio quarto em Seattle.

- Achamos que a notícia original foi uma brincadeira. Não teria sido a primeira.

- Você acha? Isso quer dizer que você não sabe de mais nada?

- Nossas fontes dentro da organização nos asseguram que não há motivo para preocupação.

- Operação de salvamento - disse Chia.

- Você está insinuando que os empregados da Lo/Rez estão mentindo para nós?

- Olhe - disse Chia -, curto a banda tanto quanto qualquer um. Vim até aqui, certo? Mas o pessoal que trabalha para eles são só o pessoal que trabalha para eles. Se o Rez sobe ao palco de uma boate numa noite, pega o microfone e anuncia que está apaixonado por essa idoru, e jura que vai se casar com ela, o pessoal das relações públicas vai dizer o que eles acharem que devem.

- Mas você não tem provas de que isto realmente ocorreu. É só uma notícia anônima, alegando ser uma transcrição de uma^gravação feita numa casa noturna em Shinjuku.

- "Monkey Boxing". Nós procuramos. Existe.

- É mesmo? Talvez você devesse ir lá.

- Por quê?

- Não existe mais uma casa noturna chamada Monkey Boxing.

- Não?

- As casas noturnas em Shinjuku duram muito pouco tempo. Não existe nenhum Monkey Boxing. - Toda aquela presunçosa satisfação de Hiromi sobrevivia à tradução do Sandbenders.

Chia ficou olhando impassível para a suave cara prateada. Fazendo jogo duro, a sacana. O que faria Zona Rosa se estivesse no lugar de Chia? Alguma coisa simbolicamente violenta, concluiu. Mas esse não era seu estilo.

- Obrigada - disse Chia. - Só queríamos ter a certeza de que não era verdade. Desculpe eu ter partido para cima de você desse jeito, mas a gente tinha de ter certeza. Se você está dizendo que não está acontecendo, a gente acredita. Todas nós nos importamos com Rez e com o resto da banda, e sabemos que vocês também. - Chia acrescentou uma mesura de sua parte, o que pareceu pegar Hiromi desprevenida.

Agora foi a vez do robô hesitar. Ela não havia contado com o recuo espontâneo de Chia. - Nossos amigos na organização Lo/Rez estão muito interessados em que essa brincadeira sem sentido não afete a percepção que o público tem de Rez. Você tem consciência de que sempre houve a tendência de retratá-lo como o membro mais criativo da banda, mas menos estável.

E isso ao menos era verdade, embora o estilo de instabilidade de Rez fosse bem moderado, se comparado com a maioria de seus antepassados culturais. Nunca havia sido preso, nunca passara uma noite na cadeia. Mas ainda era o que mais provavelmente se meteria em encrencas. Isso sempre fizera parte do charme dele.

- Claro - disse Chia, aproveitando a deixa, degustando a incerteza que, acreditava, estava provocando em Hiromi. - E tentam passar que Lo é um técnico chato, que tem senso prático, mas nós sabemos que isso também não é verdade. - Acrescentou um sorriso.

- É - disse Hiromi -, claro. Mas você ficou satisfeita, então? Vai explicar para a sua seção que isso foi tudo o resultado de uma brincadeira, e que está tudo bem com o Rez?

- Se é o que você quer - disse Chia -, claro. Então, se está tudo resolvido, tenho mais três dias e vou matar o tempo passeando pelo Japão.

- Matar?

- Expressão idiomática - disse Chia. - Tempo livre. Mitsuko disse que eu

devia conhecer Kyoto.

- Kyoto é muito bonita...

- Já estou indo - disse Chia. - Obrigada por organizar esse site para nossa reunião. É muito bonito, e se você salvá-lo, adoraria acessá-lo mais tarde com o resto da minha seção. Talvez possamos todas nos reunir aqui quando eu estiver de volta em Seattle, e apresentar nossas seções.

- Sim... - Hiromi definitivamente não sabia como interpretar a atitude de Chia.

Então ela que se preocupe com isso, pensou Chia.

* * *

- Você sabia - disse Chia. - Você sabia que ela ia fazer aquilo.

Mitsuko estava ficando ruborizada, vermelho vivo. Olhava para o chão, o computador como um saco de jujubas no colo. - Desculpe. Foi decisão dela.

- Eles falaram com ela, não foi? Eles disseram a ela para se livrar de mim, abafar o caso.

- Ela se comunica em particular com o pessoal da Lo/Rez. É um dos privilégios da posição que ela ocupa.

Chia ainda estava com os sensores de dedo. - Eu tenho de falar com a minha seção, agora. Pode me dar uns minutos sozinha? - Lamentava muito por Mitsuko, mas ainda estava com raiva. - Não estou com raiva de *você*, está claro?

- Vou fazer chá - disse Mitsuko.

Depois que Mitsuko fechou a porta ao sair, Chia verificou se o Sandbenders ainda estava conectado, colocou os óculos de volta e selecionou o site principal da seção de Seattle.

Não chegou até lá. Zona Rosa estava esperando para cortar sua frente.

15- AKIHABARA

Nuvens cinzas baixas pesando sobre a cidade toda cinza. Olhando de relance os prédios novos pelas janelas de vidro fume e de cortinas rendadas da minilimusine.

Passaram por um cartaz de propaganda das Apple Shires, uma alameda de chão de pedras que leva a uma Terra do Nunca holográfica, onde garrafas de suco sorridentes dançam e cantam. O *jet lag* de Laney estava de volta, sob uma forma mais discreta, porém mais barroca. Algo assim como um sentimento de culpa e uma sensação de distanciamento físico de seu próprio corpo, como se os sinais sensoriais chegassem cansados, depois de um trajeto longo demais por um outro território de que ele próprio não estivesse muito a par.

- Pensei que a gente tivesse se livrado de tudo isso quando nos livramos daqueles neuropatas siberianos - disse Blackwell. Ele estava todo de preto, o que produzia um efeito de diminuir um pouco seu volume. Usava uma roupa macia, tipo bata, feita de brim muito escuro, com vários bolsos em torno da bainha ampla. Laney achou que parecia vagamente japonesa, uma coisa meio medieval. O tipo de coisa que um carpinteiro usaria. - Tortos como patas de trás de cachorro. Saquei eles numa viagem pelo território do Kombinat.

- Neuropatas?

- Encheram a cabeça do Rez com o lixo deles. Ele é vulnerável a influências, viaja demais. Uma mistura de estresse e tédio. As cidades começam todas a ficar parecidas. Um quarto de hotel depois do outro. É uma síndrome, é isso o que é.

- Aonde estamos indo?

- Akihabara.

- Onde?

- Para onde estamos indo. - Blackwell consultou um cronômetro enorme, de mostrador elaborado e correia de aço, que parecia ter sido feito para servir também como soco inglês. - Levaram um mês para me deixarem tentar fazer o que era necessário. Aí levamos ele para uma clínica em Paris, onde nos disseram que o que aqueles animais tinham enfiado nele havia feito o seu sistema endócrino virar mingau. No fim deu tudo certo, mas não precisava ter acontecido nada daquilo.

- Mas você se livrou deles? - Laney não fazia a menor idéia do que Blackwell estava falando, mas achou melhor manter a ilusão de que estavam conversando.

- Eu disse para eles que estava pensando em passá-los, a cara primeiro, num pequeno triturador de madeira da Honda que eu havia comprado, mas só se fosse necessário - disse Blackwell. - Não foi necessário. Mas mostrei para eles. No fim, foram despachados só com uns catiripapos.

Laney olhava para a parte de trás da cabeça do motorista. A direção no lado direito deixava-o preocupado. Ficava achando que não tinha ninguém no lado do motorista. - Há quanto tempo você disse que trabalhava para a banda?

- Cinco anos.

Laney estava pensando no vídeo, na voz de Blackwell na boate escura. Dois anos antes. - Aonde estamos indo?

- Já chegaremos logo.

Entraram numa área de ruas mais estreitas, de prédios sem características, meio em mau estado, cobertos com cartazes de propaganda não iluminados e desativados. Imensas representações de plataformas de mídia que Laney não reconhecia. Alguns dos prédios revelavam o que ele supôs serem danos causados pelo terremoto. Pedaços do tamanho de uma cabeça de uma substância amarronzada semelhante a vidro se projetavam de rachaduras que cortavam diagonalmente uma fachada, como um brinquedo barato mal consertado por um gigante sem jeito. A limusine encostou no meio-fio.

- "Electric Town" - disse Blackwell. - Eu mando uma mensagem pelo

pager - disse ele para o motorista, que assentiu com a cabeça de um jeito, para Laney, nada japonês. Blackwell abriu a porta e saiu com a mesma graça improvável que Laney já notara antes, e o carro adernou visivelmente com aquele peso a menos. Laney, deslizando pelo assento de veludo cinza, sentia-se cansado e emperrado.

- Acho que estava na expectativa de um lugar mais fino - disse ele para Blackwell. Era verdade.

- Pare de ter expectativas - falou Blackwell.

O prédio com as rachaduras e os botões marrons dava acesso a um mar branco e de cores pastéis de peças de cozinha. Teto baixo, com dutos e canos que pareciam estar ali provisoriamente. Laney seguiu Blackwell por uma passagem central. Outras pessoas se encontravam em outras passagens dos dois lados, mas não dava para saber se eram vendedores ou possíveis clientes.

Uma antiquada escada rolante rangia no fim da passagem central, as bordas de cada degrau gastas e polidas. Blackwell seguia adiante. Levitava à frente de Laney, subindo, e seus pés mal pareciam se mover. Laney vinha logo atrás.

Foram ao segundo piso, este com uma variedade menor de itens: telões, consoles de imersão, cadeiras reclináveis automatizadas com módulos de massagem formando protuberância em sua almofada, como a cabeça de gigantesco verme mecânico.

Seguindo por uma passagem formada por caixas de plástico ondulado, Blackwell mantinha suas mãos enfiadas fundo nos bolsos de sua bata de ninja. Passaram por um labirinto de lonas plastificadas de um azul brilhante, dependuradas dos canos do teto. Ferramentas desconhecidas. Uma garrafa térmica de operário amassada sobre uma caixa de ferramentas vermelha, com um par de cavaletes de alumínio em cima. Blackwell afastou uma última lona. Laney se abaixou, e entrou.

- Estamos mantendo isto aberto faz uma hora, Blackwell - disse alguém. - Não é fácil fazer isso.

Blackwell largou a lona. - Tive de ir pegá-lo no hotel.

O espaço, que as lonas azuis cercavam por três lados separando-o do resto, era do dobro do tamanho do quarto de Laney no hotel, porém muito mais cheio. Vários equipamentos reunidos: uma coleção de consoles pretos conectados por cabos num pântano branco de protetores de isopor, plástico ondulado rasgado, e folhas amassadas de plastibolha (aquele plástico com bolinhas de ar, que protege equipamentos em transporte). Dois homens e uma mulher esperavam. Fora a mulher quem falara. Laney se esgueirava à frente, mergulhado até o tornozelo no material de embrulho, que chiava e estalava, escorregadio sob as solas de seus sapatos.

Blackwell chutava tudo. - Vocês podiam ter arrumado um pouco.

- Não somos contra-regras - disse a mulher. Laney achou que ela tinha o sotaque do norte da Califórnia. Tinha cabelo castanho curto com franja, e alguma coisa nela lembrava-lhe os analistas que trabalhavam no Slitscan. Como os outros dois, um japonês e o outro ruivo, ela estava de jeans e uma jaqueta de náilon qualquer.

- Trabalhinho danado de se fazer de uma hora para outra - o ruivo disse.

- Em *cima* da hora - o outro corrigiu, e ele era definitivamente da Califórnia. O cabelo puxado para trás, preso num rabo de cavalo de samurai.

- É para isso que são pagos - disse Blackwell.

- Somos pagos para viajar - o ruivo retrucou.

- Se vocês querem viajar de novo, é melhor que isso funcione. - Blackwell olhou para os consoles conectados.

Laney viu uma mesa de plástico dobrável encostada contra a parede do fundo. Era vermelho brilhante. Havia um computador cinza sobre ela, e um par de olhofones. Cabos de um tipo que não conhecia iam ao console mais próximo: fitas achatadas de riscas coloridas. A parede atrás estava coberta com uma camada de velhos cartazes de propaganda; exatamente atrás da mesa vermelha, um olho de mulher, de um metro, sua pupila, impressa a laser, do tamanho da cabeça de Laney.

Laney foi em direção à mesa, no meio do isopor, arrastando os pés como se estivesse fazendo esqui cross-country.

- Vamos lá - disse ele. - Vamos ver o que vocês têm aqui.

16- ZONA

Zona Rosa tinha um lugar secreto, um país entalhado no que já fora um website de uma empresa.

Era um vale coberto de piscinas em ruínas, cheias de cactos e heléboros-negros vermelhos. Lagartos faziam pose de hieróglifos sobre mosaicos de ladrilhos quebrados.

Não havia casas naquele vale, embora partes de muros quebrados fizessem sombra, ou retângulos enferrujados de chapas onduladas enviesadas sobre pilares de madeira desgastados pelo tempo. Em algumas partes, cinzas de fogueiras.

Ela mantinha início da noite no local.

- Zona?

- Tem alguém tentando encontrar você. - Zona estava com sua jaqueta de retalhos de couro sobre uma camiseta branca. Naquele lugar ela se apresentava como uma improvisada colagem, fragmentos de filmes, de revistas, de jornais mexicanos: olhos escuros, maçãs do rosto astecas, uma sombra de cicatrizes de acne, cabelos negros em desalinho. A resolução era baixa, nunca se deixava ficar totalmente em foco.

- Minha mãe?

- Não. É alguém com recursos. Alguém que sabe que você está em Tóquio. - O bico fino de suas botas pretas estavam brancos com a poeira do vale. Zíperes de cobre nas costuras de fora da perna de seus jeans pretos desbotados iam da cintura até a bainha. - Porque você está vestida assim?

Chia se lembrou que ainda estava se apresentando na roupa da Silke-Marie Kolb. - Teve uma reunião. Muito formal. O *maior* saco. Peguei isso com o cartão inteligente da Kelsey.

- De onde você estava se conectando quando pagou pela roupa?

- Daqui onde estou agora. Na casa da Mitsuko.

Zona franziu as sobrancelhas. - Que outras compras você fez?

- Nenhuma.

- Nada?

- Uma passagem de metrô.

Zona estalou os dedos e um lagarto saiu correndo de debaixo de uma pedra. Subiu por sua perna até a sua mão. À medida que o acariciava com os dedos da outra mão, seus padrões de cor mudavam. Deu um tapinha em sua cabeça e o lagarto desceu por sua perna, sumindo por trás de uma folha amassada de zinco enferrujado. - Kelsey está com tanto medo que me procurou.

- Com medo do quê?

- Alguém entrou em contato com ela por causa da passagem que você comprou. Estavam tentando entrar em contato com o pai dela, porque os pontos usados para comprar a passagem eram dele. Mas ele está viajando. Em vez disso, falaram com ela. Acho que ameaçaram ela.

- De fazer o quê?

- Não sei. Mas ela deu seu nome e o número do cartão inteligente para eles. Chia pensou em Maryalice e Eddie.

Zona Rosa tirou uma faca do bolso da jaqueta e ficou de cócoras sobre uma saliência de pedra avermelhada. Dragões dourados rodopiavam nas reentrâncias do punho de plástico vermelho da faca. Ela apertou um botão revestido de lata e a lâmina entalhada como um dragão abriu-se repentinamente com sua coluna denteada e implacável. - Ela é uma covarde, a sua amiga Kelsey.

- Ela não é *minha* amiga, Zona.

Zona pegou um galho verde e começou a cortar tirinhas com o fio da

lâmina. - Ela não duraria uma hora no meu mundo. - Numa visita anterior, ela havia contado a Kelsey histórias da guerra com as Ratazanas, batalhas campais travadas pelos playgrounds e estacionamentos cheios de lixo dos conjuntos habitacionais. Como aquela guerra havia começado? Zona nunca disse.

- E nem eu.

- Então, quem está procurando você?

- Minha mãe, se ela soubesse que eu estou aqui...

- Quem fez Kelsey ficar com medo não foi a sua mãe.

- Se alguém soubesse o número do meu assento no vôo para cá, eles poderiam descobrir o número da passagem e descobrir quem comprou, certo?

- Se tivessem certos recursos, sim. Mas seria ilegal.

- Depois, podiam chegar até a Kelsey...

- De lá chegariam nos arquivos de pontos de milhagem da Air Magelan, e isso implica recursos de verdade.

- Havia uma mulher no vôo... Ela estava sentada ao meu lado. Aí eu tive que carregar a mala dela, e ela e o namorado me deram uma carona até Tóquio...

- Você carregou a mala dela? -É.

- Me conta essa história. Toda ela. Quando foi que você viu essa mulher pela primeira vez?

- No aeroporto, SeaTac. Eles estavam colhendo amostras de DNA e eu a vi fazendo essa coisa esquisita... - Chia começou a história com Maryalice e todo o resto, enquanto Zona Rosa ficou sentada descascando e fazendo ponta no galho, de cenho cerrado.

* * *

- Puta que o pariu - disse Zona Rosa, quando Chia terminou a história.

Chia não conseguiu distinguir se o tom que a tradução transmitiu foi de assombro ou desagrado.

- O quê? - A confusão de Chia era total.

Zona olhou para ela pelo fio do galho descascado. - Uma expressão idiomática. Cheia de significados. Não tem nada a ver com a sua mãe. - Ela abaixou o galho e fez um gesto com a faca, dobrando a lâmina de volta com um clique triplo. O lagarto que ela havia regulado antes veio em disparada por uma fenda na rocha, tão perto que parecia bidimensional. Zona pegou-o e acariciou-o, e ele ficou com outra configuração de cor.

- O que você está fazendo?

- Codificando de um modo mais complicado. - Zona disse, e colocou o lagarto na lapela de sua jaqueta, onde ele ficou como se fosse um broche, seus olhos como pequenas esferas de ônix. - Tem alguém procurando por você. Provavelmente já encontraram. Devemos tentar proteger nossa conversa.

- Você consegue fazer isso com ele? - A cabeça do lagarto se moveu.

- Talvez. Ele é novo. Mas aqueles são melhores. - Ela apontou com o galho. Chia virou-se com os olhos semicerrados para o céu do anoitecer, nuvens escuras tingidas com faixas de vermelho do pôr-do-sol. Achou ver asas movendo-se rapidamente, muito alto. Duas coisas voando. Grandes. Não eram aviões. Mas então já haviam ido. - É ilegal, no seu país. Colombianos. São do abrigo de dados. - Ela colocou a ponta do galho no chão e começou a girá-lo entre as mãos. Chia tinha visto um coelho fazer fogo daquele modo uma vez, num antigo desenho animado. - Você é uma idiota.

- Por quê?

- Você passou uma mala pela alfândega? Uma mala de uma pessoa que você não conhecia?

- Passei...

- Idiota.

- Não sou, não.

- Ela é uma contrabandista. Você é uma ingênua, não tem jeito.

Mas você concordou em me mandar para cá, Chia pensou, e de repente teve vontade de chorar. - Mas por que estão me procurando?

Zona deu de ombros. - No meu bairro, um contrabandista cauteloso não deixaria uma mula ir embora...

Algo prateado e frio deu um salto mortal atrás e abaixo do nível do umbigo de Chia, e com ele veio a lembrança incômoda do banheiro no Whiskey Clone, e a ponta de algo que não reconhecera. Em sua bolsa. Enfiado por entre suas camisetas. Quando ela usara uma delas para secar suas mãos.

- O que foi?

- Acho melhor eu ir. Mitsuko foi fazer chá... - Falou rápido demais, comendo as sílabas.

- Ir? Pirou? Nós temos que...

- Desculpe. Tchau. - Tirou os óculos e as correias de pulso das luvas. Sua bolsa estava lá, onde ela a deixara.

17- A GALERIA DA FAMA

- Não deu tempo de fazermos isso direito - disse a mulher, entregando os olhofones para Laney. Ele estava sentado num banquinho de plástico vermelho que combinava com a mesa. - Se é que *há* um jeito de fazer isso direito.

- Tem áreas para as quais não conseguimos acesso - disse o nipo-americano de rabo-de-cavalo. - Blackwell disse que você tem experiência com celebridades.

- Atores - disse Laney. - Músicos, políticos...

- Você provavelmente vai descobrir que isso é diferente. Maior. Vários graus de magnitude maior.

- O que não se pode acessar? - perguntou Laney, ajeitando os olhofones nos olhos.

- Não sabemos - ele ouviu a mulher dizer. - Você vai ter uma noção da escala das coisas quando entrar. Os vazios podem ser a contabilidade, coisa de legislação tributária, contratos... Nós somos apenas o apoio técnico. Ele tem outras pessoas que alguém paga para ter a certeza de que partes disso ficam o mais privado possível.

- Então, por que não trazer *eles* para cá? - perguntou Laney.

Ele sentiu a mão de Blackwell descer em seus ombros como um saco de areia. - Eu discuto isso com você mais tarde. Agora, entre lá e dê uma olhada. É para isso que estamos lhe pagando, não é?

* * *

Na semana seguinte à morte de Alison Shires, Laney tinha usado a conta do Out of Control com a DatAmerica para reacessar o site dos dados pessoais dela. O ponto nodal havia desaparecido, e uma certa redução sutil acontecera.

Não tanto uma redução, era mais uma arrumação, uma nova mistura. Mas a maior diferença era simplesmente que ela não estava mais gerando dados. Não havia mais atividade de crédito. Até sua conta com o Upful Groupvine fora cancelada. À medida que o inventário dela ia sendo preparado, e vários negócios rescindidos, seus dados começaram a tomar uma forma retilínea. Laney pensou em mortos embrulhados em suas mortalhas, em caixões e túmulos, em longas alamedas pelos cemitérios na época em que se permitia aos mortos seus próprios pedaços de chão.

O ponto nodal se formara onde ela vivera, enquanto ela vivera, na interface bagunçada, em constante multiplicação com o mundo comum e, no entanto, infinitamente multiplex. Agora não havia mais uma interface.

Ele havia dado uma olhada, mas só rapidamente, e com muita precaução, para ver se o ator estaria fazendo uma arrumação por conta própria. Não havia nada óbvio, mas imaginou que o Out of Control teria montado uma vigília mais cuidadosa.

Os dados dela estavam muito quietos. Só um fraco e metódico movimento no núcleo: alguma coisa a ver com os mecanismos legais de finalização do inventário.

* * *

Uma lista de cada peça de mobília do quarto de uma casa de hóspedes na Irlanda. Uma sublista dos produtos colocados no criado-mudo do século dezessete junto à cama: escova de dentes, pasta de dentes, analgésicos, tampões, gilete, gel de barbear. Alguém checaria os itens periodicamente, reabastecendo. (O último hóspede havia usado o gel, mas não a gilete.) Na primeira lista, havia um par de possantes binóculos austríacos, com tripé, que também funcionava como câmera digital.

Laney acessou a memória, e descobriu que a função de gravação foi usada exatamente uma vez, no dia em que a garantia do fabricante fora ativada. A garantia já tinha expirado a dois meses, e a única imagem gravada era uma vista de uma varanda de cortinas brancas, dando para o que Laney achou ser o Mar da Irlanda. Havia uma improvável palmeira, um trecho de uma cerca em espiral, uma linha férrea com o brilho dos trilhos, um bom trecho de uma praia cinza-

amarronzada e, além, o mar cinza e prata. Mais próximo ao mar, parcialmente cortado pela borda da imagem, havia o que parecia ser um forte de pedra, largo e amplo, como uma torre trancada. As suas pedras tinham a mesma cor que a praia.

Laney tentou sair do quarto, da casa de hóspedes, e se encontrou cercado por registros arqueologicamente precisos da restauração de cinco grandes fornalhas de cerâmica em um apartamento em Estocolmo. Elas pareciam gigantescas peças de xadrez, torres de tijolos cobertos com ladrilhos elaboradamente esmaltados, ricamente moldados. Chegavam até o teto de quatro metros de altura, e várias pessoas poderiam ficar de pé dentro delas. Havia um registro da numeração, do desmonte, limpeza, restauração e remontagem de cada tijolo em cada fornalha. Não havia como acessar o resto do apartamento, mas as proporções das fornalhas levaram Laney a pensar que era muito grande. Ele clicou no fim do registro da fornalha e viu

o custo final do trabalho; nas taxas correntes, custara mais do que várias vezes seu salário anual no Slitscan.

Clicou para voltar, arquivo por arquivo, tentando ter uma perspectiva mais ampla, apreender a forma geral, mas só encontrou muros, grandes volumes de informações meticulosamente arranjadas, e lembrou-se de Alison Shires e sua apreensão quanto à sua morte digital.

* * *

- As luzes estão acesas - disse Laney, removendo os olhofones -, mas não tem ninguém em casa. - Checou o relógio do computador: ele levara um pouco mais de vinte minutos lá.

Blackwell olhou-o melancolicamente, sentou-se em um engradado de plástico injetado como um Buda coberto com um pano preto, as cicatrizes em suas sobrancelhas franzindo-se em novas configurações de preocupação. Os três técnicos pareciam cuidadosamente inexpressivos, mãos nos bolsos de suas jaquetas todas iguais.

- Então, como é que pode? - perguntou Blackwell.

- Não tenho certeza - disse Laney. - Parece que ele não *faz* nada.

- Ele só faz *fazer* coisas, porra - declarou Blackwell -, como você ficaria sabendo se estivesse organizando a porra da segurança dele.

- Então - disse Laney -, onde ele toma o café da manhã? Blackwell parecia inquieto. - Na sua suíte.

- A suíte, onde?

- Imperial Hotel. - Blackwell lançou um olhar penetrante para os técnicos.

- Exatamente qual império?

- Aqui, droga. Tóquio.

- Aqui? Ele está em Tóquio?

- Vocês três - disse Blackwell -, lá fora. - A mulher de cabelos castanhos deu de ombros dentro de sua jaqueta de náilon e saiu chutando o isopor de cabeça baixa, e os outros dois a seguiram. Quando a lona desceu após eles passarem, Blackwell levantou-se de seu engradado. - Não pense que pode ficar me testando...

- Estou dizendo que eu acho que isso não vai dar certo. Seu homem não está *lá*.

- Essa é a droga da *vida* dele.

- Como foi que ele pagou o café da manhã?

- Foi para a conta da suíte.

- A suíte está no nome dele?

- É claro que não.

- Digamos que ele precise comprar alguma coisa durante o dia. E aí?

- Alguém compra para ele.

- E paga como?

- Com cartão.

- Mas não no nome dele.

- Certo.

- Então, se alguém estivesse examinando os dados da transação, não haveria como ligá-la diretamente a ele, haveria?

- Não.

- Porque você está cumprindo com sua obrigação, certo? -É.

- Então ele é invisível. Para mim. Não tem como eu vê-lo. Ele não está lá. Não posso fazer aquilo para o qual você quer me pagar. É impossível.

- Mas, e o resto?

Laney colocou os olhofones sobre o teclado. - Não é uma pessoa. É uma empresa.

- Mas você tem o material *todo!* As casas dele! Os apartamentos! Onde os jardineiros põem as malditas flores na parede de pedra! A coisa toda!

- Mas eu não sei quem ele é. Não posso distinguir ele do resto. Ele não deixa os rastros que formam o padrão de que eu preciso.

Blackwell mordeu o lábio superior. Laney ouviu a prótese se mexer e bater nos seus dentes.

- Eu preciso formar uma idéia de quem ele realmente é - disse Laney. O lábio reapareceu, úmido e brilhante. - Cristo - disse Blackwell -, *isso* é que é problema.

- Tenho que me encontrar com ele.

Blackwell secou a boca com as costas da mão - Que tal a música dele? - Levantou as sobrancelhas esperançosamente. - Ou tem o vídeo...

- Eu *tenho* vídeos, obrigado. Ajudaria muito se eu pudesse me encontrar com ele.

Blackwell tocou em seu pedaço de orelha. - Você se encontrará com ele, e acha que vai conseguir encontrar os nodos dele, o nodal, aquela coisa que o Yama fala?

- Não sei - disse Laney. - Posso tentar.

- Mas que droga - retrucou Blackwell. Saiu singrando o isopor, afastou a lona com o braço, latiu para os técnicos e voltou-se para Laney. - Às vezes preferia estar de volta com meus camaradas em Jika Jika. Lá, você ajeita as coisas e elas *ficam como* você as deixou. - A mulher de franja castanha enfiou a cabeça entre as lonas. - Bota esse material na van - Blackwell pediu a ela. - Tenha tudo pronto para usar quando a gente precisar.

- A gente não tem uma van, Keithy - disse a mulher.

- Compre uma - falou Blackwell.

18- O OTAKU

Quando a arrancou para fora, era uma coisa retangular, que cedia ao toque, mas que era dura dentro. Embrulhada numa sacola de plástico azul e amarelo do free shop do SeaTac, lacrado mal e porcamente com pedaços amassados de fita marrom. Pesada. Compacta.

- Olá.

Chia quase caiu de costas onde estava agachada por sobre sua bolsa aberta ao ouvir e ver o garoto, que num primeiro momento pensou ser uma menina mais velha, com o cabelo partido do lado caindo abaixo dos ombros.

- Eu sou o Masahiko. - Sem tradutor. Usava uma túnica escura grande demais, vagamente militar, abotoada até o colarinho alto, frouxo no pescoço dele. Calças de moletom cinza velhas e com as marcas dos joelhos. Chinelos de papel branco que pareciam imundos.

- Mitsuko fez chá - indicando a bandeja, o bule de pedra, duas xícaras. - Mas você estava conectada.

- Ela está aqui? - Chia empurrou a coisa de volta para dentro de sua bolsa.

- Ela saiu - Masahiko respondeu. - Posso dar uma olhada no seu computador?

- Computador? - Chia estava parada de pé, confusa.

- É da Sandbenders, sim?

Ela se serviu de um pouco do chá, que ainda estava fumegando. - Certamente. Quer chá?

- Não - disse Masahiko. - Só bebo café. - Ficou de cócoras no tatami ao lado da mesinha baixa e, cheio de admiração, passou um dedo ao longo da borda

do alumínio moldado do Sandbenders. - Lindo. Vi um pequeno disc player do mesmo fabricante. É uma seita, sim?

- Uma comunidade. Vida tribal. No Oregon.

O cabelo preto do garoto era comprido, brilhoso e havia sido escovado, mas Chia percebeu um pouco de macarrão grudado nele, do tipo fino e enrolado que vinha em caixas de miojo.

- Lamento estar ocupada quando a Mitsuko voltou. Ela vai pensar que sou mal-educada.

- Você é de Seattle. - Não era uma pergunta.

- Você é o irmão dela?

- Sou. Por que você está aqui? - Seus olhos eram grandes e escuros, seu rosto comprido e pálido.

- Sua irmã e eu estamos nessa da Lo/Rez.

- Você veio porque ele quer se casar com a Rei Toei?

Chá quente escorreu pelo queixo de Chia. - Ela lhe contou isso?

- Sim - disse Masahiko. - Na Cidade Murada, algumas pessoas trabalharam no design dela. - Ele estava absorto em seu exame do Sandbenders, girando-o de um lado para o outro em suas mãos. Seus dedos eram longos e pálidos, as unhas roídas até o sabugo.

- Onde é isso?

- Netside - disse ele, jogando o cabelo pra trás, por sobre o ombro.

- O que eles dizem sobre ela?

- Conceito original. Quase radical. - Ele acariciou as teclas. - Isso é muito bonito...

- Você aprendeu inglês aqui?

- Na Cidade Murada.

Chia experimentou outro golinho de chá, depois botou a xícara na mesa. - Você tem café?

- No meu quarto - disse ele.

* * *

O quarto de Masahiko, ao pé da pequena escada de concreto nos fundos da cozinha do restaurante, havia sido provavelmente uma despensa. Era um pesadelo, o tipo de lugar que Chia conhecia por causa de irmãos de amigas, o chão e a cama de alvenaria há muito desaparecidos por baixo de roupas sujas, caixas de miojo, revistas japonesas com capas amassadas. Uma montanha de caixas vazias de miojo num canto, os rótulos em holograma cintilando sob um único facho de lâmpada de halogênio. Uma escrivaninha ou mesa formando uma segunda prateleira, mais alta, feita a partir de algum material reciclado que parecia ter sido laminado a partir de caixas de suco trituradas. Seu computador estava ali, um cubo preto sem quaisquer traços característicos. Uma prateleira mais rasa feita com tábua de caixa de suco continha um microondas azul-claro, caixas fechadas de miojo e meia dúzia de latinhas de café.

Uma dessas, recentemente aquecida no microondas, estava na mão de Chia. O café era forte, doce, com muito creme. Ela se sentou ao lado dele na beira da cama atulhada, uma jaqueta acolchoada enrolada atrás dela para servir de almofada.

Tinha um leve cheiro de garoto, de miojo e de café. Embora ele parecesse muito limpo, agora que ela estava tão próxima a ele tinha outra percepção, e ela tinha uma vaga idéia de que os japoneses em geral eram muito limpos. Eles não amavam tomar banho? Pensar nisso fez com que desejasse tomar uma ducha.

- Gosto muito disso. - Esticou a mão para tocar de novo no Sandbenders, que ele havia trazido e colocado na mesa de trabalho, na frente de seu cubo preto, empurrando para o lado uma pilha de colheres de plástico, canetas e um

monte de coisas indistintas de metal e plástico.

- Como se faz para colocá-lo pra funcionar? - Gesticulou na direção do computador dele com a latinha de café.

Ele respondeu alguma coisa em japonês. Minhocas e pontos de néon em tom pastel iluminaram as faces do cubo, rastejando e pulsando, e depois morreram.

As paredes, do chão até o teto, estavam cobertas com espessas camadas sucessivas de pôsteres, panfletos, arquivos gráficos. Presa na parede em frente a ela, acima e atrás do computador preto, uma echarpe grande, um quadrado de um material sedoso impresso com um mapa ou diagrama em vermelho, preto e amarelo. Centenas de blocos irregulares, ou espaços, unidades de algum tipo, pressionando em torno de um vazio central, um retângulo irregular vertical, em preto.

- A Cidade Murada - disse ele, seguindo o olhar dela. Ele se inclinou para a frente, a ponta do dedo tocando um ponto em particular. - Esse é o meu. Oitavo nível.

Chia apontou para o centro do diagrama. - O que é isso?

- Buraco negro. No original, algo assim como um poço de ventilação. -Ele olhou para ela. - Tóquio também tem um buraco negro. Já viu isso?

- Não - disse ela.

- O Palácio. Não tem luz. Visto de um prédio alto, à noite, o Palácio Imperial é um buraco negro. Uma vez, quando eu estava olhando, vi uma lanterna se acender.

- O que aconteceu com ele no terremoto?

Ele arqueou as sobrancelhas. - Isso obviamente não seria mostrado. Tudo agora é como era antes. Nos garantiram isso. - Ele sorriu, mas apenas com os cantos da boca.

- Aonde foi a Mitsuko? Ele deu de ombros.

- Ela disse quando voltaria?

- Não.

Chia pensou em Hiromi Ogawa, e depois em alguém ligando para o pai de Kelsey. Hiromi? Mas tinha aquilo, lá em cima na sua bolsa no quarto da Mitsuko. Ela se lembrou de Maryalice berrando por trás da porta do escritório de Eddie. Zona devia estar certa. - Você conhece uma casa noturna chamada Whiskey Clone?

- Não. - Ele afagou beiras de alumínio polido do Sandbenders dela.

- E Monkey Boxing?

Ele olhou para ela, meneou a cabeça.

- Você provavelmente não sai muito, sai?

Ele sustentou o olhar dela. - Na Cidade Murada.

- Quero ir nessa casa noturna, Monkey Boxing. Só que pode não ter mais esse nome. Fica num lugar chamado Shinjuku. Estive na estação, antes.

- Neste momento não estão abertas.

- Tudo bem. Só quero que você me mostre onde fica. Depois acho o caminho de volta sozinha.

- Não. Tenho que voltar para a Cidade Murada. Tenho responsabilidades. Procure o endereço desse lugar que eu explico para o seu computador aonde deve ir.

O Sandbenders podia descobrir o caminho sozinho, mas Chia havia decidido que não queria ir sozinha. Era melhor ir com um garoto do que com Mitsuko, e de qualquer forma a fidelidade de Mitsuko à seção dela podia ser um problema. Além disso, ela queria mesmo era sair dali. A notícia que Zona dera a havia assustado. Alguém sabia que ela estava ali. E o que devia fazer com aquela coisa na sua bolsa?

- Você gosta disso, certo? - Apontando para o Sandbenders.

- Sim. - disse ele.

- O software é ainda melhor. Tenho um emulador que pode instalar um Sandbenders virtual no seu computador. Me leva no Monkey Boxing e ele é seu.

* * *

- Você sempre morou aqui? - perguntou Chia enquanto andavam até a estação. - Quer dizer, nessa área?

Masahiko deu de ombros. Chia achou que a rua o fazia sentir-se inquieto. Talvez só por estar fora de casa. Ele havia trocado as calças de moletom cinza por calças de algodão preto largas, presas no tornozelo por polainas de náilon preto de lateral de elástico, por cima de sapatos de couro preto. Ainda estava com a túnica preta, mas havia acrescentado um boné de couro preto de aba curta, que ela achou que talvez tivesse sido parte de um uniforme de escola. Enquanto a túnica era grande demais para ele, o boné era bastante pequeno. Ele o usava puxado para frente e meio de lado, a aba baixa. - Eu moro na Cidade Murada - disse ele.

- Mitsuko me contou. É como um domínio multiusuário.

- A Cidade Murada é diferente de tudo.

- Me dá o endereço quando eu te der o emulador. Eu vou dar uma chegada lá. - A calçada passava por cima de um canal de concreto, onde corria uma água cinzenta. Lembrava-lhe sua Veneza. Ficou curiosa para saber se já houvera um riacho ali.

- Não tem endereço - disse ele.

- Isso é impossível - falou Chia. Ele não respondeu.

Ela pensou no que encontrara quando abrira a sacola do free shop do SeaTac. Uma coisa achatada e retangular, cinza escura. Feita de um daqueles plásticos esquisitos que continham metal. Um lado tinha uma fileira de buraquinhos, o outro, formas complicadas, metal e outro tipo diferente de

plástico. Não parecia que houvesse uma maneira de abrir, nenhuma linha de junção visível. Não tinha nenhuma marca. Não fazia barulho quando era sacudido. Talvez *O que as coisas são,* um dicionário de ícones, reconhecesse aquilo, mas ela não tinha tido tempo. Masahiko estava no andar de baixo trocando de roupa quando ela havia cortado o plástico azul e amarelo com o canivete suíço, com número de série feito para celebrar Lo/Rez, de Mitsuko. Ela havia procurado pelo quarto por um esconderijo. Era tudo arrumadinho e limpo demais.

Finalmente a pusera de volta em sua bolsa ao ouvi-lo voltando da cozinha escada acima. Que era onde a coisa estava agora, junto com seu Sandbenders, debaixo do braço, quando entraram na estação. O que provavelmente não era nada esperto, mas ela não sabia.

Ela usou o cartão inteligente de Kelsey para comprar as duas passagens.

19- ARLEIGH

Havia um fax de Rydell esperando por Laney quando Blackwell o deixou no hotel. Havia sido impresso em um papel timbrado que parecia caro e contrastava drasticamente com o corpo do fax, que fora mandado de uma loja de conveniência que ficava aberta vinte e quatro horas na Sunset chamada Lucky Dragon. O sorridente Dragão da Sorte, lançando fumaça pelas narinas, estava centrado logo abaixo do logotipo gravado em prata do hotel, que Laney chamava de o Chapéu Caído do Gnomo Perverso. O que quer que a coisa fosse, os decoradores do hotel gostavam muito dela. Era um motivo que se repetia no saguão de entrada, e Laney ficava feliz que não houvesse chegado ainda aos quartos de hóspedes.

Rydell havia escrito seu fax a mão com um uma caneta hidrográfica de ponta média em letras de fôrma maiúsculas cuidadosamente desenhadas. Laney leu o fax no elevador.

Estava endereçado a C. LANEY, HÓSPEDE:

CREIO QUE ELES SABEM ONDE VOCÊ ESTÁ. ELA E O GERENTE DO DIA TOMARAM CAFÉ NO SAGUÃO E ELE FICOU OLHANDO PARA MIM. ELE PODE MUITO BEM TER CHECADO O REGISTRO DAS CHAMADAS TELEFÔNICAS. QUERIA NÃO TER LIGADO PARA VOCÊ DE LÁ. DESCULPE. DE QUALQUER FORMA, DEPOIS ELA E OS OUTROS FORAM RAPIDAMENTE EMBORA DO HOTEL, DEIXARAM OS TÉCNICOS EMPACOTANDO TUDO. UM TÉCNICO FALOU COM GHENGIS DA GARAGEM QUE ALGUNS DELES ESTAVAM INDO PARA O JAPÃO E QUE ELE NÃO ESTAVA, GRAÇAS A DEUS. CUIDADO, ESTÁ BEM? RYDELL.

- Está bem - disse Laney, e lembrou de como fora ao Lucky Dragon uma noite, contra o conselho de Rydell, porque não conseguia dormir.

Tirando prostitutas biônicas de aparência amedrontadora paradas a cada quarteirão, não parecia assim tão perigoso. Alguém havia pintado um mural em

homenagem à memória de J. D. Shapely em um dos lados do Lucky Dragon, e a gerência havia tido o bom senso de deixá-lo lá, integrando culturalmente a loja à vida vinte e quatro horas da Stríp. Podia-se comprar burritos, bilhetes de loteria, pilhas, testes para várias doenças. Podia-se mandar voice-mails, e-mails, faxes. Havia ocorrido a Laney que esta era a única loja num raio de quilômetros que vendia coisas que as pessoas realmente *precisam;* as outras vendiam coisas que ele não conseguia sequer se imaginar usando.

Ele releu o fax enquanto percorria o corredor, e usou a chave magnética para abrir a porta do quarto.

Havia uma cestinha de vime sobre a cama, forrada com um pano branco e cheia de objetos desconhecidos. Olhando mais de perto, na verdade eram suas meias e roupas de baixo, lavadas e arrumadas em saquinhos de papel com a estampa em relevo do Chapéu do Gnomo. Abriu a porta estreita e espelhada do closet, o que ativou uma luz embutida, e encontrou suas camisas arrumadas em cabides, inclusive a camisa azul de que Kathy Torrance havia debochado. Pareciam novinhas. Tocou em um dos punhos ligeiramente engomados. - Contagem de pontos - disse ele. Olhou para o fax de Rydell. Imaginou Kathy Torrance indo direto para ele em um vôo supersônico vindo de Los Angeles. Descobriu que não conseguia imaginá-la dormindo. Nunca a havia visto dormindo e por algum motivo não parecia que esta fosse uma coisa que ela fizesse de livre e espontânea vontade. Na estranha quietude sem vibrações de um vôo supersônico, ela ficaria olhando para o vazio da janela, ou para a tela de seu computador.

Pensando nele.

A tela atrás dele se ligou com um suave som de sinos e ele deu um salto. Virou-se e viu o logotipo da *BBC.* O segundo vídeo de Yamazaki.

* * *

Já tinha visto um terço do vídeo quando tocaram a campainha da porta. Rez estava passeando por uma trilha estreita de uma floresta qualquer, com um conjunto caqui desbotado pelo sol e sandálias de sola de corda. Cantarolava uma melodia sem palavras, repetidamente, experimentando diferentes tons e acentuações rítmicas. Seu peito nu brilhava de suor, e quando a camisa

desabotoada se abria, dava para perceber uma parte de sua tatuagem do I Ching. Segurava um pedaço de bambu e o brandia enquanto andava, batendo em trepadeiras que pendiam dos galhos. Laney suspeitava que a melodia depois se tornara um grande sucesso, mas ele ainda não a reconhecera. A campainha da porta tocou de novo.

Levantou-se, foi até a porta, apertou o botão do interfone. - Sim?

- Alô? - Uma voz de mulher.

Ele tocou na tela do tamanho de um cartão de crédito inserida numa porta e viu uma mulher de cabelos escuros. Franja. A técnica do depósito de mercadorias. Destrancou a porta e abriu-a.

- Yamazaki acha que nós devemos conversar - disse ela.

Laney percebeu que ela estava usando um *tailleur* preto de saia justa, meias pretas.

- Não era para você estar indo comprar uma van? - Deu um passo para o lado para que ela entrasse.

- Já comprei - fechando a porta atrás de si. - Quando a Lo/Rez decide investir na resolução de um problema, o dinheiro aparece. Quase nunca investido no lugar certo. - Ela olhou para a tela, onde Rez ainda estava passeando, matando mosquitos no pescoço e no peito, absorto na música. -Trabalho de casa?

- Yamazaki.

- Arleigh McCrae - disse ela, pegando um cartão em uma bolsinha preta e entregando-o para ele. Continha o nome dela, quatro números de telefone e dois endereços, todos os dois virtuais. - Você tem cartão, sr. Laney?

- Colin. Não. Não tenho.

- Podem fazer para você, na recepção. Todo mundo tem cartão por aqui. Ele colocou o cartão no bolso da camisa. - Blackwell não me deu o dele.

Nem Yamazaki.

- Estou falando de fora da organização Lo/Rez. É como não ter meias.

- Eu tenho meias - disse Laney, indicando a cesta em cima da cama. -Quer assistir a um documentário da *BBC* sobre a Lo/Rez?

- Não.

- Acho que não posso desligar o vídeo. Ele ficaria sabendo.

- Tente diminuir o volume. Manualmente. - Ela mostrou como.

- Nada como uma técnica - disse Laney.

- Com uma van. E milhões de ienes em equipamentos que não fizeram nada por você. - Ela se sentou numa das duas poltronas do quarto, cruzou as pernas.

Laney se sentou na outra poltrona. - Não foi culpa sua. Você me botou lá direitinho. Mas não é o tipo de dados com que eu possa trabalhar.

- Yamazaki me contou o que você é supostamente capaz de fazer - disse ela. - Não acreditei no que ele disse.

Laney olhava para ela. - Não posso fazer nada. - Havia três sóis sorridentes, como xilogravuras pretas, na parte de dentro da panturrilha da perna esquerda dela.

- São tecidas na meia. Catalã.

Laney levantou os olhos. - Espero que você não me peça para explicar o que as pessoas pensam que me pagam para fazer - disse ele -, porque não posso. Eu não sei.

- Não se preocupe - disse ela. - Eu só trabalho aqui. Mas o que estão me pagando para fazer, no momento, é determinar o que poderíamos dar a você que o permitiria fazer o que quer que seja que você supostamente é capaz de fazer.

Laney olhou para a tela. Cenas de concertos, e Rez estava dançando com um microfone na mão. - Você já viu esse vídeo, certo? Ele fala sério sobre aquela

coisa sino-celta de que estava falando naquela entrevista?

- Você ainda não se encontrou com ele, não é? -É.

- Não é das coisas mais fáceis descobrir sobre o que Rez fala a sério.

- Mas como pode haver um "misticismo sino-celta" quando os chineses e os celtas nunca tiveram uma história em comum?

- Porque Rez é meio chinês e meio irlandês. E se tem uma coisa sobre a qual ele fala a sério...

-Sim?

- É Rez.

Laney olhava melancólico para a tela enquanto o cantor foi substituído por um close de Lo tocando, suas mãos sobre a guitarra preta. Anteriormente, um respeitado guitarrista britânico usando um maravilhoso traje de *tweed* havia externado sua opinião de que ninguém jamais esperara que o próximo Hendrix surgisse na música pop-cantonesa de Taiwan, mas, por outro lado, ninguém estava esperando que o original aparecesse, não é mesmo?

- Yamazaki me contou a história. O que aconteceu com você - disse Arleigh McCrae. - Até certo ponto.

Laney fechou os olhos.

- O programa nunca foi ao ar, Laney. Out of Control desistiu. O que aconteceu?

* * *

Ele havia se acostumado a tomar o café da manhã ao lado da pequena piscina oval do Chateau, depois das toscas cabanas de tábuas que Rydell disse serem um acréscimo posterior. Era a única hora do dia que sentia como sendo só dele, ou pelo menos até que Rice Daniels chegasse, o que geralmente acontecia no fim de um bule com três xícaras de café, logo antes de seus ovos com bacon.

Daniels vinha até a mesa de Laney pelo piso de cerâmica com o que só poderia ser descrito como mola nos pés. Laney reservadamente gostaria de atribuir isso ao uso de drogas, do qual não tinha nenhuma evidência, e de fato a única indulgência a qual Daniels parecia se entregar em público eram múltiplas xícaras de café expresso descafeinado tomadas com casca de limão. Ele dava preferência a ternos beges de tecido de trama aberta e camisas sem colarinho.

Nesta manhã em particular, no entanto, Daniels não estava só, e Laney detectou uma falta de disposição no andar; uma certa fragilidade dissonante, e os óculos pareciam apertar sua cabeça ainda mais do que o habitual. Ao lado dele vinha um homem grisalho de terno marrom-escuro de corte ocidental, de rosto aquilino e queimado pelo vento, com o impressionante nariz se sobressaindo debaixo de um enorme par de óculos escuros pretos. Usava um par de botas de amarrar de crocodilo pretas e carregava uma pasta empoeirada de couro cru escurecida pelo tempo, com a alça remendada com o que Laney supôs ser arame de amarrar fardos.

- Laney - dissera Rice Daniels, ao chegar à mesa -, este é Aaron Pursley.

- Não se levante, filho - disse Pursley, embora Laney nem tivesse pensado nisso. - O cara está te trazendo o café. - Um dos garçons mongóis estava vindo com uma bandeja da direção das cabanas. Pursley colocou sua pasta velha de guerra no chão e pegou uma das cadeiras de metal pintadas de branco. O garçom serviu os ovos de Laney. Laney assinou a conta e acrescentou uma gorjeta de quinze por cento. Pursley estava folheando o conteúdo da pasta. Tinha uma meia dúzia de pesados anéis de prata nos dedos das duas mãos, alguns incrustados com turquesa. Laney não se lembrava qual fora a última vez que vira alguém carregando tantos papéis.

- Você é o advogado - disse Laney. - Na televisão.

- Na vida real também, filho. - Pursley estava no "Cops in Trouble", e antes disso ficara famoso ao defender celebridades. Daniels não se sentara, e estava de pé atrás de Pursley com uma postura encurvada nada característica, as mãos nos bolsos das calças. - Aqui está - disse Pursley. Tirou um maço de folhas azuis. - Não deixe seus ovos esfriarem.

- Sente-se - disse Laney para Daniels, que se encolheu por trás de seus

óculos.

- Bem - começou Pursley -, você esteve num orfanato federal, em Gainesville, dos doze aos dezessete anos, é o que diz aqui.

Laney olhou para os ovos. - Está certo.

- Durante esse período, você tomou parte em vários testes com drogas? Você serviu de cobaia?

- Sim - disse Laney, seus ovos parecendo ter-se afastado, ou virado uma foto de revista.

- Você foi voluntário?

- Havia recompensas.

- Voluntário - disse Pursley. - Você tomou parte de alguma droga daqueles testes 5-SB?

- Eles não nos contavam o que estavam nos dando - disse Laney. - Às vezes davam placebo.

- Não se confunde 5-SB com placebo, filho, mas eu acho que você sabe disso.

O que era verdade, mas Laney ficou quieto.

- Então? - Pursley tirou seus pesados óculos. Seus olhos eram frios e azuis e inseridos em uma complicada topografia de rugas.

- Provavelmente tomei - respondeu Laney.

Pursley bateu com os papéis azuis na coxa. - Ah, aí está. Quase certamente tomou. E você sabe como aquela substância eventualmente afetou muitas das cobaias?

Daniels tirou os óculos e começou a massagear o osso do nariz. Seus olhos estavam fechados.

- Aquilo tende a transformar os homens em espreitadores homicidas com fixações - disse Pursley, colocando os óculos de volta e enfiando os papéis na pasta. - Às vezes só acontece anos mais tarde. Vão atrás de rostos que aparecem na mídia, políticos... É por isso que hoje é uma das substâncias mais ilegais, em todos os países que você for ver. Uma droga que faz as pessoas quererem espreitar e matar políticos, bem, cara, ela vai ser proibida. - Ele sorriu mostrando os dentes secamente.

- Eu não sou um desses - disse Laney. - Eu não sou assim.

Daniels abriu os olhos. - Não importa - ele falou. - O que importa é que o Slitscan pode neutralizar todo o nosso material levantando a possibilidade, a sombra de uma suspeita, por mais remota que seja, de que você o seja.

- Veja bem, filho - prosseguiu Pursley -, eles estariam apenas deduzindo que você entrou nessa linha de trabalho porque tinha a inclinação de espionar gente famosa. Você não contou nada disso para eles, contou?

- Não - disse Laney -, não contei.

- Pois é! - continuou Pursley. - Eles vão dizer que contrataram você porque era bom nisso, mas você acabou ficando bom *demais.*

- Mas ela não era famosa - disse Laney.

- Mas *ele* é - argumentou Rice Daniels - e eles vão dizer que você estava atrás *dele.* Vão dizer que a coisa toda foi idéia sua. Vão ficar muito apreensivos com a questão da responsabilidade. Vão falar sobre os novos processos de seleção para analistas quantitativos. E ninguém, Laney, absolutamente *ninguém* vai ficar nos assistindo.

- Esse é mais ou menos o tamanho do problema - prosseguiu Pursley, ficando de pé. Ele pegou a pasta. - Isso aí é bacon de verdade, de porco?

- Dizem que é - respondeu Laney.

- Droga - resmungou Pursley -, esses hotéis de Hollywood são uns inconseqüentes. - Ele esticou a mão. Laney cumprimentou-o. - Prazer em conhecê-lo, filho.

Daniels nem se deu ao trabalho de dizer adeus. E dois dias depois, examinando a listagem de suas despesas diárias, Laney veria que todas elas, que vinham em seu próprio nome, começavam com um bule grande de café, ovos mexidos e bacon e uma gorjeta de quinze por cento.

* * *

Arleigh McCrae estava encarando Laney.

- Eles sabem disso? - perguntou ela. - Blackwell sabe?

- Não - respondeu -, essa parte não. - Podia ver o fax de Rydell dobrado sobre a prateleira ao lado da cama. Eles também não sabiam disto.

- O que aconteceu depois? O que você fez?

- Descobri que eu estava pagando por pelo menos alguns dos advogados que eles haviam arranjado para mim. Não sabia o que fazer. Ficava sentado junto à piscina por bastante tempo. Era agradável, na verdade. Não estava pensando em nada em particular. Sabe como é?

- Talvez - disse ela.

- Aí um dos seguranças do hotel me falou sobre esse emprego. Ela meneou lentamente a cabeça.

- O que foi? - disse ele.

- Deixa pra lá - respondeu ela. - Você faz tão pouco sentido quanto todo o resto. Acho que vai se dar muito bem nesse meio.

- No quê?

Ela olhou seu relógio de pulso de aço inoxidável de mostrador preto e correia preta de náilon. - O jantar é às oito, mas Rez vai se atrasar. Vamos dar uma volta lá fora e beber alguma coisa. Vou tentar contar o que eu sei sobre isso tudo.

- Se é o que você quer - disse Laney.

- Eles estão me pagando para fazer isso - falou ela, levantando-se. - E provavelmente é melhor que carregar equipamento eletrônico para cima e para baixo de escadas rolantes.

20- MONKEY BOXING

Entre as estações havia uma trêmula sombra cinzenta além das janelas do silencioso trem. Não como superfícies passando muito depressa, mas como se matéria granulada estivesse sendo vibrada ali a uma taxa crítica, imediatamente antes da emergência de uma nova ordem de ser.

Chia e Masahiko haviam encontrado dois assentos entre um trio de colegiais de saia xadrez e um homem de negócios que lia um volume grosso de histórias em quadrinhos. Na capa tinha uma mulher com os seios embrulhados como bolas de barbante, só que de formato cônico, com os bicos saltando como os olhos das vítimas dos desenhos animados. Chia notou que o artista havia gastado muito mais tempo desenhando as bolas de barbante, exatamente como tinha sido enrolado e amarrado, do que desenhando os seios propriamente ditos. O suor escorria pelo seu rosto, e ela tentava afastar-se de alguém ou alguma coisa cortada pela borda da capa.

Masahiko desabotoou os dois botões de cima da túnica e tirou um quadrado de quinze centímetros preto e rígido, da espessura de um vidro de janela. Esfregou-o propositadamente com os dedos da mão direita e linhas de luz colorida surgiram a seu toque. Embora as luzes fossem mais fracas ali, desbotadas pelas lâmpadas fluorescentes do trem, Chia reconheceu o quadrado como o mostrador de comandos do computador que ela havia visto no quarto dele.

Ele estudou a tela, esfregou-o novamente, e fechou a cara com o resultado. - Tem alguém prestando atenção ao meu endereço - disse ele - e ao da Mitsuko...

- Ao restaurante?

- Nossos endereços eletrônicos.

- Que tipo de atenção?

- Não sei. Não estamos conectados.

- Exceto por mim.

- Fale do Sandbenders - disse Masahiko, guardando o mostrador de comandos e abotoando a túnica.

- Começou com uma mulher que era uma designer de interfaces - disse Chia, feliz por mudar de assunto. - O marido dela era joalheiro, e ele havia morrido daquela coisa de atenuação dos nervos, antes que descobrissem como curar isso. Ele tinha sido verde ferrenho também e odiava o modo como equipamentos eletrônicos eram feitos, um par de minúsculos chips e placas dentro dessas carcaças de plástico. As carcaças eram só chamarizes para ponto-de-venda, dizia ele, feitas para acabar no lixão se ninguém reciclasse, e geralmente ninguém reciclava. Então, antes de ficar doente, ele costumava arrancar o hardware dela, da designer, e colocar as partes de verdade em estojos que ele fazia na sua oficina. Por exemplo, ele fazia um estojo de bronze para uma unidade de minidiscos, incrustações de ébano, esculpia as superfícies de comando em marfim fóssil, turquesa, cristal de rocha. Pesava mais, é claro, mas acabou que muita gente gostou, tipo guardar as músicas ou as lembranças, o que fosse, num lugar que sentiam que *existia*... E as pessoas gostavam de tocar no material: metal, uma pedra lisa... E se você já tinha o estojo, quando o fabricante lançasse um novo modelo, bem, se a parte eletrônica fosse melhor, era só tirar a velha e botar a nova no seu estojo. Assim você ainda tinha o mesmo objeto, só que com funções melhores.

Masahiko tinha os olhos fechados, e parecia estar concordando ligeiramente com a cabeça, mas talvez fosse apenas o movimento do trem.

- E acontece que muita gente gostou *daquilo* também, e muito. Ele começou a receber pedidos para fazer essas coisas. Um dos primeiros foi um teclado, e as teclas foram cortadas das teclas de um piano velho, com os números e as letras em prata. Mas aí ele ficou doente...

Os olhos de Masahiko se abriram, e ela viu que ele não apenas tinha estado prestando atenção, como também estava impaciente por saber mais.

- Então, depois que ele morreu, a designer de software começou a pensar naquilo tudo, e de como ela queria fazer alguma coisa que levasse o que ele havia feito a um novo patamar. Então ela vendeu as ações de todas as firmas para

as quais tinha trabalhado, e comprou umas terras no litoral, no Oregon...

E o trem parou em Shinjuku, todos se levantaram, foram em direção às portas, e o homem de negócios fechou sua revista de seios amarrados e colocou-a debaixo do braço.

***

Chia estava se inclinando para trás para olhar para o prédio mais estranho que já tinha visto. A forma era a de uma antiquada concepção de um robô, uma figura humana simplificada, pernas e braços levantados feitos de plástico transparente sobre uma armação de metal. O tronco parecia ser de tijolos, em vermelho, amarelo e azul, organizados em padrões simples. Escadas rolantes, escadarias e rampas em caracol davam voltas pelos membros ocos, e baforadas de fumaça branca surgiam a intervalos regulares da boca retangular da face daquela coisa enorme. Além, o céu todo cinza e opressor.

- Edifício Tetsujin - disse Masahiko. - Monkey Boxing não era lá.

- O que é isso?

- Instituto Brinquedo de Lata de Osaka - respondeu ele. - Monkey Boxing por aqui. - Estava consultando os pululantes rabiscos do seu mostrador de comandos. Ele apontou na direção da rua, além do Califórnia Reich, uma cadeia de lanchonetes, cuja marca registrada era uma palmeira estilizada de aço inox sobre uma daquelas cruzes tortas que os proletas desenhavam nas mãos durante o curso de História da Europa em sua escola. Aquilo havia deixado o professor completamente furioso, mas Chia não se lembrava de eles terem desenhado palmeiras. Depois, dois deles haviam se metido numa discussão sobre o lado certo de se desenhar a parte torta da cruz, para a direita ou para a esquerda, e um havia acertado o outro com um aparelho de choque, daqueles que são feitos com aquelas máquinas fotográficas descartáveis, e o professor teve que chamar a polícia.

- Nono andar, Edifício Sorte nas Folhas Molhadas - disse ele. Saiu andando pela calçada apinhada de gente. Chia seguiu atrás, perguntando-se o quanto durava o *jet lag*, e como se podia distingui-lo do simples cansaço.

Talvez o que estava sentindo fosse o que o curso de educação cívica em

sua última escola havia chamado de choque cultural. A sensação era como se tudo, cada pequenino detalhe de Tóquio, fosse diferente o suficiente para criar uma pressão, uma coisa que ia aumentando a pressão contra seus olhos, como se eles tivessem ficado cansados de perceber todas as diferenças: uma arvorezinha na calçada que estava envolvida numa espécie de jaqueta de vime trançado, a cor de abacate-néon de um telefone público, uma garota séria de óculos redondos e um agasalho de moletom com os dizeres "Vagina Livre". Ela mantinha seus olhos muito bem abertos para absorver todas essas coisas, como se fossem mais cedo ou mais tarde serem processados, mas agora seus olhos estavam cansados e as diferenças começavam a se acumular. Ao mesmo tempo, achou que, se apertasse os olhos, talvez, do jeitinho certo, ela pudesse fazer com que todas essas coisas virassem Seattle, alguma parte do centro da cidade por onde ela já tivesse andado com sua mãe. Saudades de casa. A alça de sua bolsa pressionava seu ombro cada vez que seu pé esquerdo pisava no chão.

Masahiko dobrou uma esquina. Parecia não haver vielas em Tóquio, não no sentido de haver ruas menores por trás de ruas maiores, lugares onde pusessem o lixo, e não houvesse lojas. Havia ruas menores, e outras menores ainda atrás delas, mas não dava para adivinhar o que se encontraria por lá: uma loja de conserto de sapatos, um salão de cabeleireiro caro, um fabricante de chocolate, uma banca de revistas onde ela viu um exemplar da mesma horrível revista em quadrinhos com a mulher toda embrulhada.

Dobraram outra esquina e deram no que parecia ser uma rua de grande movimento. Pelo menos tinha carros. Ela observou um carro virar numa abertura no nível da rua e desaparecer. Ficou de cabelo em pé. E se aquele fosse o caminho para a casa noturna do Eddie, o Whiskey Clone? Ficava por aqui, não ficava? Qual era o tamanho desse Shinjuku, afinal? E se o Graceland parasse ao lado dela? E se Eddie e Maryalice estivessem procurando por ela?

Estavam passando pela abertura por onde o carro desaparecera. Ela olhou para dentro e viu que parecia ser um posto de gasolina. - O que é isto? - perguntou ela.

- Sorte nas Folhas Molhadas - disse ele, apontando para cima.

Alto e estreito, letreiros quadrados projetando-se nas quinas de cada andar. Parecia-se com quase todos os outros, mas ela achava que o de Eddie era mais

alto. - Como se vai lá pra cima?

Ele a levou até uma espécie de saguão, um andar térreo no estilo galeria cheio de pequenos quiosques. Quantidade excessiva de luzes, espelhos, coisas para vender, tudo como um único borrão. Entraram num elevador exíguo que cheirava a fumaça velha. Ele disse alguma coisa em japonês e a porta se fechou. O elevador cantou uma musiquinha ao som de uma melodia de caixa de música. Masahiko parecia irritado.

No nono andar a porta se abriu para um homem coberto de poeira, com uma faixa preta em volta da cabeça e que lhe caía sobre os olhos. Ele olhou para Chia. - Se você é aquela da revista - disse ele -, está três dias adiantada. - Ele tirou a faixa e enxugou o rosto com ela. Chia não tinha certeza se ele era ou não japonês, ou qual seria sua idade. Os* olhos eram castanhos, espetacularmente injetados e fundos, e seu cabelo preto, puxado para trás e preso pela faixa, entremeado de cabelos brancos.

Atrás dele havia um martelar constante e muita confusão, homens gritando em japonês. Alguém estava empurrando um carrinho de plástico laranja de laterais altas abarrotado de cabos dobrados respingados de gesso, pedaços de plástico pintados com tinta dourada e vermelho chinês. Parte do teto rebaixado despencou com um zunido de fios e se espatifou no chão. Mais gritos.

- Estou procurando o Monkey Boxing - Chia falou.

- Benzinho - disse o homem -, você chegou meio tarde. - Ele usava um macacão de papel preto, com as mangas rasgadas nos cotovelos, revelando braços cheios de linhas e círculos azuis, que formavam um adorno pseudoprimitivo. Limpou os olhos e olhou para ela através de olhos semicerrados. -Você não é da revista de Londres?

- Não - disse Chia.

- Não - concordou ele. - Você parece um pouco jovem demais mesmo para eles.

- Aqui é o Monkey Boxing?

Outra placa do teto veio abaixo. O homem empoeirado olhou para ela de

soslaio. - De onde mesmo você disse que é?

- Seattle.

- Você ouviu falar do Monkey Boxing em Seattle?

- Foi...

Ele deu um sorriso murcho. - Essa é boa: ouviu falar dele em Seattle... Você faz parte do cenário clubber, benzinho?

- Sou Chia McKenzie...

- Jun. Me chamam de Jun, benzinho. Dono, designer, DJ. Mas você chegou tarde demais. Lamento. Tudo o que sobrou do Monkey Boxing está sendo retirado nesses carrinhos. Entulho. Como todos os outros sonhos desfeitos. Fez muito sucesso enquanto durou, quase três meses. Ouviu falar do nosso tema do Templo Shaolin? Aquela coisa toda de monge-guerreiro? - Ele suspirou com exagero. - Foi um paraíso. Cada minuto. Os barmen de Okinawa rasparam a cabeça, depois das três primeiras noites, e começaram a usar os mantos laranja. Eu me superei, na cabine. Foi uma *visão,* entende? Mas essa é a natureza desse mundo instável, não é? Nós *estamos* num ramo fluido, afinal, e tentamos ter uma atitude filosófica. Mas quem é o seu amigo aqui? Gosto do cabelo dele...

- Masahiko Mimura - respondeu Chia.

- Eu gosto desse gênero boêmio-dark-sapatão-kitchnette - disse o homem. - Mishima e Dietrich ao mesmo tempo, quando a coisa é bem feita.

Masahiko fechou a cara.

- Se o Monkey Boxing acabou - disse Chia -, o que você vai fazer agora?

Jun recolocou a faixa na cabeça. Parecia menos feliz. - Outra casa noturna, mas não vou fazer o design. Dizem que eu me comercializei. Acho que sim. Mas vou gerenciar o lugar, com um salário muito bom e um apartamento que vem com o cargo, mas o conceito... - Ele deu de ombros.

- Você estava aqui na noite em que Rez disse que queria se casar com a

idoru?

A testa dele ficou cheia de rugas por trás da faixa. - Eu tive que assinar *acordos* - disse ele. - Você *não* é mesmo da revista?

- Não.

- Se ele não tivesse vindo aqui naquela noite, acho que ainda estaríamos abertos e funcionando. E na verdade ele não era o tipo de coisa com que nós queríamos ter a ver. Tínhamos percebido a visita de Maria Paz, logo depois dela se separar do namorado, o colosso das relações públicas, e a imprensa caiu em cima dela como moscas no mel. Ela é muito famosa aqui, sabia? E o Blue Ahmed do Chrome Koran, mas a imprensa mal notou.

Com Rez e os amigos, no entanto, a imprensa *não* foi o problema. Mandaram aquele leão-de-chácara, que mais parecia que tinha andado usando a própria cara como cepo de açougue. Ele veio falar comigo e disse que Rez tinha ouvido falar desse lugar e daria um pulo aqui com uns amigos, se podíamos arranjar uma mesa com um pouco de privacidade... Bem, na verdade, eu pensei: Rez quem? Aí a ficha caiu, é claro, e eu disse que tudo bem, claro, e pusemos três mesas juntas nos fundos, e até pedimos emprestado um cordão roxo dos gumi boys da recepção no andar de cima.

- E ele veio? Rez?

- Claro. Uma hora depois, e cá estava ele. Sorridente, cumprimentando todo mundo, dando autógrafos se você pedisse, embora não houvesse uma demanda muito grande, na verdade. Quatro mulheres e dois homens com ele, sem contar o leão-de-chácara. Com um terno preto muito legal. Yohji. Meio amarfanhado. Estou falando do Rez. Tinham jantado fora, pelo que parecia. Tinham bebido no jantar. Riam bastante, se você me entende. -Ele se virou e disse alguma coisa para um dos operários, que estava com sapatos que pareciam meias de couro preto de dois dedos.

Chia, que na verdade não fazia a menor idéia de qual era a do Monkey Boxing, imaginou Rez sentado numa mesa com outras pessoas, por trás de uma corda roxa, e em primeiro plano uma multidão de japoneses fazendo o que os japoneses fazem num lugar daqueles. Dançando?

- Aí nosso amigo se levanta, indo para o banheiro. O leão-de-chácara faz menção de se levantar também, mas nosso amigo gesticula para que ele se sente. Muitas risadas na mesa, o leão-de-chácara não acha muita graça. Duas das mulheres começam a se levantar, como se *elas* fossem acompanhá-lo; ele não quer saber disso, gesticula para elas se sentarem, *mais* risadas. Não que tivesse mais gente prestando lá muita atenção. Eu ia voltar para a cabine em cinco minutos, com um bloco de músicas africanas *muito* primitivas; tinha que avaliar a clientela, seguir com eles, saber exatamente quando inserir aquilo. Mas aí ele foi, passando bem no meio de todo mundo, e só uma ou duas pessoas notaram, e ninguém parou de dançar.

Que tipo de casa noturna era aquela, onde ninguém parava de dançar por causa do Rez?

- Então, eu estava pensando no bloco de músicas, em que ordem ia tocar, e de repente ele está ali bem na minha frente. Sorriso largo. Olhos esquisitos, embora eu não possa jurar que tivesse sido alguma coisa que ele fizera no toalete, entende?

Chia assentiu com a cabeça. Do *que* ele estava falando?

- E ele perguntou, com a mão no meu ombro, se eu me importava que ele falasse rapidamente com a turma. Disse que vinha pensando numa coisa há muito tempo, e agora tinha se decidido e queria contar às pessoas. E o leão-de-chácara se *materializou* bem ali, querendo saber se tinha algum problema. Nenhum, diz o Rez, dando um aperto no meu ombro, mas ele daria uma palavrinha com a turma.

Chia olhou para os ombros de Jun imaginando qual deles havia sido apertado pela mão de Rez. - E foi o que ele fez - concluiu Jun.

- Mas o que ele *disse?*

- Um monte de bobagens, benzinho. Evolução e tecnologia e paixão; a necessidade de o homem de encontrar beleza na ordem emergente; seu próprio ardente desejo de alcançar seus fins com uma boneca inflável virtual. Besteira. Da grossa. - Ele empurrou a faixa com o polegar, mas ela desceu de novo. - E *porque* ele fez isso, abriu a boca na minha casa noturna, a droga da Lo traço Rez

comprou meu negócio. Comprou a mim também, e assinei *acordos*, que dizem que eu não vou falar com *qualquer* um de vocês sobre o *que* aconteceu. E agora, se você e seu charmoso amigo me derem licença, eu tenho mais o que fazer.

21- O "FICA-EM-CIMA”

Havia um homem de pernas de pau no cruzamento mais próximo ao hotel. Vestia uma roupa com capuz de papel branco, uma máscara de gás e um par de cartazes retangulares. Mensagens se desenrolavam pelos cartazes abaixo, em japonês, à medida que ele transferia o peso do corpo de uma perna para outra para manter o equilíbrio. Rios de pedestres fluíam em torno dele.

- O que é aquilo? - perguntou Laney, indicando o homem nas pernas de pau.

- Uma seita - disse Arleigh McCrae. - A "Nova Lógica". Eles dizem que o mundo vai se acabar quando a soma do peso dos tecidos neuronais de todos os seres humanos no planeta chegar a um valor específico.

Um número de muitos dígitos foi descendo no telão.

- É só isso? - perguntou Laney.

- Não - respondeu ela -, essa é a última estimativa do peso total atual. - Ela havia voltado ao quarto para apanhar o casaco preto que agora estava usando, deixando Laney só para que ele pudesse trocar de roupa e vestir meias, roupas de baixo e uma camisa azul limpas. Ele não tinha gravata, então abotoou o colarinho e colocou o paletó de volta. Imaginou se todas as pessoas que trabalhavam para a Lo/Rez ficavam naquele mesmo hotel.

Laney viu os olhos do homem através do visor transparente quando ele passou. Tinha um olhar de assustadora paciência. As pernas de pau eram as do tipo usado por trabalhadores para instalar forro no teto, uma liga reforçada com aço. - O que se supõe que vá acontecer quando tiver tecido neuronal suficiente?

- Uma nova ordem de ser. Eles não falam a esse respeito. Aparentemente, Rez estava interessado neles. Ele tentou conseguir uma audiência com o fundador.

- E?

- O fundador se recusou. Ele disse que Rez ganhava a vida manipulando o tecido nervoso humano, e que aquilo o tornava intocável.

- Rez ficou triste?

- De acordo com Blackwell, não. Blackwell disse que isso pareceu deixá-lo um pouco animado.

- Ele geralmente não é animado? - Laney deu passagem a uma bicicleta que ia na direção oposta.

- Digamos que as coisas que aborrecem Rez não são as coisas que aborrecem a maioria das pessoas.

Laney notou uma van verde-escuro andando devagar em paralelo a eles. As janelas panorâmicas eram espelhadas, suas placas de néon emolduradas com tubos de luzes em movimento, ao estilo Las Vegas. - Acho que estamos sendo seguidos - disse ele.

- É melhor que sim. Eu queria uma daquelas com aquele sensor de meio-fio de cromo que faz com que fiquem parecidas com camarupim, mas tive de me contentar com remate de placa feito por encomenda. Aonde você for, ela vai. E estacionar por aqui é provavelmente um desafio maior do que qualquer coisa que você tenha que fazer hoje à noite. Agora - disse ela -, vamos descer por aqui.

Escada íngreme, estreita, entre paredes cobertas com um mosaico vermelho assustador de nódulos parecidos com amídalas cintilantes. Laney hesitou, aí viu um cartaz com as letras feitas de centenas de pequenos ovais em tons pastéis: LE CHICLE. Descendo, perdeu a van de vista.

Um bar temático sobre chicletes, pensou ele, e então: estou ficando acostumado demais com isso. Mas mesmo assim evitou tocar nas paredes de chiclete mascado conforme a seguia escada abaixo.

Entrou em vermelhos e cinzas poeirentos, mas estes imitando o produto ainda não mascado, placas desse material da largura da parede, enfeitadas com placas de sinalização arcaicas do país onde ele nascera. Aço com impressão em

silk-screen. Papelão velho e emoldurado, sutilmente iluminados, ícones de chicletes. Bazooka Joe representado no centro, uma figura que Laney não conhecia, mas que certamente não estava deslocada.

- Você vem sempre aqui? - perguntou Laney, quando pegaram bancos com almofadas bulbosas em um vermelho-chiclete particularmente medonho. O bar era chapeado com milhares de papéis retangulares de embalagem de chicletes.

- Sim - disse ela -, mas principalmente porque não é popular. E é para não fumantes, o que aqui ainda é uma coisa meio especial.

- O que é "Preto Preto"? - perguntou Laney, olhando para um pôster emoldurado mostrando um carro estilizado dos anos 1940 movendo-se rapidamente por uma leve sugestão de ruas. Além do "Preto Preto", tinha também impresso o que parecia ser letras Art Deco japonesa.

- Chiclete. Ainda é possível comprar - disse ela. - Os motoristas de táxi mascam chiclete. Tem muita cafeína.

- No chiclete?

- Aqui eles vendem vitaminas energéticas cheias de nicotina líquida.

- Acho que vou preferir uma cerveja.

Depois que a garçonete, de shortinhos minúsculos prateados e um top vermelho de angorá preênsil, havia anotado os pedidos, Arleigh abriu a bolsa e tirou um notebook. - Essas são as topografias lineares de algumas das estruturas que você acessou hoje mais cedo. - Ela passou o notebook para Laney. - Estão no formato Realtree 7.2.

Laney foi clicando uma série de imagens: figuras geométricas abstratas dispostas numa perspectiva linear convergindo num ponto de fuga. - Não sei como ler isso - disse ele.

Ela se serviu de saque. - Você foi mesmo treinado pela DatAmerica?

- Fui treinado por um bando de franceses que gostavam de jogar tênis.

- Realtree foi criado na DatAmerica. O melhor software de análise quantitativa que eles têm. - Ela fechou o notebook e colocou-o de volta na bolsa.

Laney serviu-se da cerveja. - Já ouviu falar de uma coisa chamada TIDAL?

- "Tidal"?

- Acrônimo, talvez.

- Não. - Ela levantou a xícara de porcelana e soprou como uma criança esfriando o chá.

- Era outra ferramenta da DatAmerica, ou o início de uma. Não creio que chegou ao mercado. Mas foi assim que aprendi a descobrir os pontos nodais.

- Certo - disse ela. - O que *são* os pontos nodais?

Laney ficou olhando para as bolhas na superfície de sua cerveja. - É como ver coisas nas nuvens - disse Laney. - Só que as coisas que você vê estão mesmo lá.

Ela botou o saque na mesa. - Yamazaki me jurou que você não era maluco.

- Não é maluquice. Tem algo a ver com o modo como eu processo input de nível baixo e amplo espectro. Tem a ver com reconhecimento de padrão.

- E o Slitscan contratou você por causa disso?

- Eles me contrataram quando eu demonstrei que isso funciona. Mas não posso fazer isso com o tipo de dados que você me mostrou hoje.

- Por que não?

Laney levantou a cerveja. - Porque é como tentar beber com um banco. Não é uma pessoa. Ele não bebe. Não há onde ele possa se *sentar*. - Laney deu um gole. - Rez não gera padrões que eu possa ler, porque tudo que ele faz é por via indireta. É como procurar no relatório anual os hábitos pessoais do presidente do conselho. Não vai estar lá. Visto pelo lado de fora, é exatamente

como aquele material do Realtree. Se eu entrar numa área específica, não consigo ter uma idéia de como os dados ali se relacionam com o resto, entende? Tem que ser *relacionai.* - Ele tamborilou com os dedos nos papéis laminados das embalagens de chiclete. - Em algum lugar na Irlanda. Casa de hóspede com vista para o mar. Ninguém em casa. Registros de como era mantida suprida: coisas de banheiro, pasta, creme de barbear...

- Eu estive lá - disse ela. - Fica numa propriedade que ele comprou de um músico mais velho, um irlandês. É lindo. Parece um pouco com a Itália.

- Você acha que ele vai levar essa idoru pra lá, quando eles se amarrarem?

- Ninguém faz a menor idéia do que ele está falando quando diz que quer se "casar com ela".

- E também um apartamento em Estocolmo. Imenso. Enormes fornalhas em cada quarto, feitas de tijolos vitrificados.

- Esse eu não conheço. Ele tem propriedades por toda a parte, e algumas são mantidas sob muito sigilo. Tem outra propriedade rural no sul da França, uma casa em Londres, apartamentos em Nova York, Paris, Barcelona... eu estava trabalhando para o escritório catalão, reformatando tudo deles e também da Espanha, quando essa história da idoru veio à tona. Estou aqui desde então.

- Mas você o conhece pessoalmente? Já o conhecia antes?

- Ele é o umbigo do mundo em que eu trabalho, Laney. Isso tem o efeito de tornar as pessoas incognoscíveis.

- E o Lo?

- Quieto. Muito. Esperto. Muito. - Ela franziu o cenho para seu saque. - Acho que nada disso mexeu com Lo. Parece que ele encara toda a carreira deles como uma anomalia que não tem nada a ver com nada.

- Incluindo o parceiro dele se decidir a se casar com uma agente?

- Uma vez Lo me contou uma história sobre um emprego que ele teve. Ele trabalhava para um vendedor ambulante de sopa em Hong Kong, numa

carrocinha que ficava na calçada. Contou-me que a carrocinha estava funcionando há mais de cinqüenta anos, e o segredo era que eles nunca haviam limpado o caldeirão. Na verdade, nunca haviam parado de cozinhar a sopa. Estavam vendendo a mesma sopa de frutos do mar há cinqüenta anos, mas não era sempre a mesma, porque adicionavam ingredientes novos todos os dias, dependendo do que estava disponível. Ele disse que era assim que ele via a carreira dele como músico, e era do que ele gostava nela. Blackwell diz que se Rez fosse mais parecido com Lo, ele ainda estaria na prisão.

- Como assim?

- Blackwell estava cumprindo pena de nove anos, numa prisão de segurança máxima na Austrália, quando Rez passou a conversa em todo mundo para ir lá. Para dar um concerto. Só o Rez. Lo e os outros achavam que era perigoso demais. Haviam sido avisados de que podiam ser transformados em reféns. As autoridades da prisão se recusaram a assumir qualquer responsabilidade, e queriam tudo por escrito. Rez assinou tudo que puseram na frente dele. O pessoal da segurança dele pediu demissão no ato. Ele entrou com duas guitarras, um microfone sem fio, e só o básico de um sistema de amplificação. Durante o show houve um motim. Aparentemente foi organizado por um grupo de prisioneiros italianos de Melbourne. Cinco deles levaram Rez para a lavanderia da prisão, que haviam escolhido por não ter janelas e, portanto, poderia ser facilmente defendida. Informaram ao Rez que o matariam se não conseguissem negociar a saída deles em troca de sua vida. Levantaram a hipótese de cortar pelo menos um dos seus dedos para demonstrar que falavam sério. Ou talvez alguma outra parte mais íntima do corpo, embora isso talvez fosse apenas para fazer com que ele ficasse mais ansioso. E fez. - Ela fez um sinal para a garçonete de angorá trazer mais saque. - Blackwell, que evidentemente ficara extremamente irritado com a interrupção do concerto, que ele estava curtindo enormemente, apareceu na lavanderia uns quarenta minutos depois de Rez ter sido feito prisioneiro. Nem Rez nem os italianos viram ele chegar, e os italianos definitivamente não estavam esperando que ele aparecesse. - Ela fez uma pausa. - Ele matou três deles com um *tomahawk.* Enfiou a ponta em suas cabeças: um, dois, três, Rez disse, assim mesmo. Sem nenhuma confusão.

- Um *tomahawk?*

- Uma espécie de machadinha de lâmina estreita, com um espigão no outro lado da lâmina. Dá mais alcance, confere uma força tremenda, e com a prática pode ser arremessada com precisão considerável. Blackwell confia muito nela. Os outros dois fugiram, mas parece que morreram na confusão depois do motim. Pessoalmente, acredito que ou Blackwell ou os "camaradas" dele mataram os dois, porque ele nunca foi acusado da morte dos outros três. A única testemunha que sobreviveu foi Rez, a quem Blackwell escoltou até a barricada que os guardas haviam levantado no pátio de exercícios. - O saque chegou. - Os advogados do Rez levaram três meses para anular o julgamento de Blackwell por causa de um detalhe técnico. Eles estão juntos desde então.

- Blackwell foi para a cadeia por qual crime?

- Assassinato - disse ela. - Você sabe o que é um "fica-em-cima"?

- Não.

- É um conceito tipicamente australiano. Sou tentada a crer que só poderia ter aparecido numa cultura composta inicialmente de condenados, mas meus amigos australianos não engolem essa. O "fica-em-cima" é um solitário, um predador que caça outros criminosos, mais prósperos, com freqüência extremamente perigosos. Ele os pega e "fica-em-cima" deles. Para extorquir dinheiro.

- E o que isso significa?

- Ele os tortura até que digam onde guardam o dinheiro que têm. E são freqüentemente sujeitos muito perigosos, que pagam a outros sujeitos para tomar conta deles, especificamente para impedir este tipo de coisa...

- Tortura como?

- Corta-dedos é um termo relacionado. Quando contam o que ele precisa saber, ele os mata.

E Blackwell estava repentina, silenciosa e simplesmente lá, todo em preto fosco, num enorme casaco de vaqueiro de algodão encerado. Por trás dele a propaganda americana desbotada e os cinzas e vermelhos dos chicletes. Seu couro cabeludo todo marcado escondido pela copa de algodão encerado de um

chapéu preto largo.

- Arleigh, querida, não tomaria o santo nome em vão, não é mesmo? Mas ele sorriu para ela.

- Estou explicando sua carreira anterior para o sr. Laney, Blackwell. Eu só tinha chegado até o salão de massagem, e agora você estragou tudo.

- Não tem importância. O jantar foi antecipado, a pedido de Rozzer. Vim pegar vocês. Mudança de local também. Espero que não se importem.

- Onde? - perguntou Arleigh, como se não estivesse ainda preparada para se mexer.

- O Western World - respondeu Blackwell.

- E eu usando meus sapatos de festa - disse ela.

22- GOMI BOY

Os trens mais cheios, só lugares em pé, todo mundo prensado, e as regras de contato olho-no-olho eram diferentes aqui, mas ela não tinha certeza de como. A bolsa com o Sandbenders espremida contra as costas de Masahiko. Ele estava olhando o mostrador de comando de novo, segurando-o do jeito que os passageiros seguram um jornal estrategicamente dobrado.

Estavam voltando para o restaurante do pai de Mitsuko, e o que fariam depois ela não sabia. Ela havia feito o que Hiromi não queria que ela fizesse. E não tinha conseguido nada com aquilo, exceto a idéia vagamente desagradável de Rez como uma pessoa capaz de ser chata. E onde aquilo a deixava? Ela tinha ido em frente e usado o cartão de Kelsey, para pagar a passagem de trem, e agora para voltar de trem. E Zona dissera que tinha alguém procurando por ela; eles podiam rastreá-la quando ela usava o cartão. Talvez houvesse um jeito de converter tudo em dinheiro, mas ela duvidava disso.

Nada tinha acontecido do jeito que ela havia imaginado em Seattle, mas como é que alguém imaginaria uma pessoa como a Maryalice? Ou Eddie, ou até mesmo Hiromi?

Masahiko franziu o cenho para o mostrador de comandos. Chia viu os pontos e vermes mudando.

A coisa que Maryalice havia enfiado na bolsa dela. Bem aqui sob o seu braço. Ela devia ter deixado aquilo na casa da Mitsuko. Ou jogado fora, mas aí o que diria se Eddie ou Maryalice aparecessem? E se estivesse cheio de drogas?

Em Cingapura eles enforcavam as pessoas, bem no centro comercial, por causa disso. O pai dela não gostava daquilo e dizia que era uma das razões pelas quais ele nunca a convidava para ir lá. Passavam na televisão, também, então era realmente difícil evitar ver, e ele não queria que ela visse. Agora ela se perguntava a que distância Cingapura ficava de Tóquio. Ela queria poder ir lá e ficar de olhos fechados até chegar ao apartamento do pai, e nunca ligar a TV, só ficar lá com ele, e sentir o cheiro de quando ele fazia a barba, e encostar o rosto

na camisa áspera de lã, embora ela achasse que não se usam aquelas camisas em Cingapura porque é quente lá. De qualquer forma, ela ficaria de olhos fechados, e ouviria ele falar do seu trabalho, sobre os mecanismos de arbítrio de câmbio indo e vindo pelos mercados do mundo como dragões invisíveis, rápidos como a luz, soltando fragmentos de ganhos para negociantes como seu pai...

Masahiko virou-se e acidentalmente esbarrou na bolsa dela quando o trem parou na estação - não era a deles. Uma mulher carregando uma sacola de compras amarela disse algo em japonês. Masahiko pegou Chia pelo pulso e saiu puxando-a na direção da porta ainda aberta.

- Não é aqui que saltamos...

- Venha! Venha! - E estavam na plataforma. Um cheiro diferente; alguma coisa química e forte. As paredes não tão limpas. Um ladrilho quebrado no teto.

- O que foi? Por que saltamos?

Ele a puxou para um canto formado pela parede ladrilhada e uma vendedora automática. - Tem alguém no restaurante, esperando por você. - Ele olhou para o pulso dela, como se estivesse espantado por estar segurando-lhe o pulso, e imediatamente a soltou.

- Como você sabe?

- Cidade Murada. Tem havido perguntas na última hora.

- Quem?

- Russos.

- Russos?

- Tem muita gente do Kombinat aqui, desde o terremoto. Eles fazem amizade com os gumi.

- O que é um gumi?

- Vocês chamam de máfía. Yakuza. Meu pai tem um acordo com o gumi

local. É necessário para fazer o restaurante funcionar. Representantes dos gumi falaram sobre você com meu pai.

- A máfia da sua vizinhança é russa? - Atrás da cabeça dele, na lateral da máquina, o logotipo animado de uma coisa chamada Apple Shires.

- Não. Franquia Yamaguchi-gumi. Meu pai conhece esses homens. Eles contam para o meu pai que russos perguntam sobre você, e isso não é bom. Não podem garantir a segurança de sempre. Russos não são confiáveis.

- Não conheço russo nenhum - disse Chia.

- Vamos agora.

- Aonde?

Ele a levou pela plataforma lotada, o piso molhado por causa de centenas de guarda-chuvas dobrados. Deve estar chovendo, pensou ela. Na direção da escada rolante.

- Quando viram na Cidade Murada que estavam prestando atenção a nossos endereços, o meu e o da minha irmã, mandaram um amigo para remover meu computador...

- Por quê?

- Porque eu sou responsável. Pela Cidade Murada. Processamento distribuído.

- Você tem um MUD no seu computador?

- A Cidade Murada não fica em lugar nenhum - disse ele, quando subiram na escada rolante. - Meu amigo ficou com o meu computador. E ele sabe sobre os homens que estão esperando por você.

* * *

Masahiko disse que o amigo dele era chamado de Gomi Boy.

Ele era muito pequeno e usava enormes calças acolchoadas de uniforme militar, de fundilhos inflados como balões, com pelo menos uma dúzia de bolsos. As calças eram seguras por suspensórios de oito centímetros de largura de cor laranja fluorescente, por cima de um suéter de algodão mal-ajambrado, com os punhos enrolados. Os sapatos eram vermelhos, parecidos com sapatos de bebê, só que maiores. Ele estava aboletado numa cadeira angular de alumínio e os sapatos não chegavam a tocar o chão. Os cabelos pareciam ter sido esculpidos com uma espátula, redemoinhos e buracos brilhantes, como se sua mão pudesse ficar grudada se você tocasse. Do jeito como pintavam o cabelo de J. D. Shapely naqueles murais na Pioneer Square; e Chia sabia, por causa da escola, que aquilo tinha alguma coisa a ver com toda aquela coisa do Elvis, embora não conseguisse se lembrar exatamente o quê.

Ele estava conversando com Masahiko em japonês, por sobre a espuma de sons de colisões dessa galeria de jogos. Chia queria estar usando um tradutor, mas ela teria de abrir a bolsa, achar um, ligar o Sandbenders. E Gomi Boy estava com cara de quem gostava de saber que ela não podia entendê-lo.

Ele estava bebendo uma lata de uma coisa chamada Pocari Sweat, e fumando um cigarro. Chia ficou observando a fumaça azul se firmar em camadas no ar, iluminadas pela luz dos jogos. Aquilo provocava câncer, e você seria preso em Seattle se fumasse. O cigarro dele parecia ter sido feito em uma fábrica: um tubo branco perfeito com uma ponta marrom, que ele levava aos lábios. Chia tinha visto daqueles em filmes antigos, algumas vezes, aqueles que ainda não tinham passado pelo processo de serem apagados digitalmente, mas os únicos cigarros além daqueles que ela tinha visto eram os enrolados em papel que vendiam nas ruas em Seattle, ou você podia comprar um pacotinho de tabaco e os quadrados brancos de papel, e enrolá-los. Os proletas da escola faziam isso.

A chuva ainda estava caindo. Pela janela molhada da galeria dava para ver outra galeria, do outro lado da rua, uma daquelas com máquinas de fliperama. O néon, a chuva e as bolas prateadas se confundiam, e ficou imaginando sobre o que Masahiko e Gomi Boy estavam conversando.

Gomi Boy tinha colocado o computador de Masahiko numa sacola de compras de plástico com o símbolo internacional de Material Biológico Perigoso, aplicado em xadrez vermelho nos dois lados. A sacola estava sobre a

mesinha ao lado da lata de Pocari Sweat. O que era um pocari? Imaginou um tipo de porco selvagem, com pêlos no dorso, presas viradas para cima, como havia visto no *Nature Channel.*

Gomi Boy sugava seu cigarro fazendo a ponta brilhar. Ele olhava, com os olhos apertados por causa da fumaça, para Masahiko e dizia alguma coisa. Masahiko deu de ombros. Havia uma nova latinha de café expresso aquecido no microondas na frente dele, e Chia bebeu outra Coca Light. Em Tóquio não havia onde se sentar quando não se comprava alguma coisa, e era mais rápido comprar uma bebida do que alguma coisa para comer. E custava menos. Só que ela não estava pagando. Gomi Boy estava, porque ele e Masahiko não queriam que ela usasse o cartão inteligente de Kelsey.

Gomi Boy falou de novo. - Ele quer conversar com você - disse Masahiko.

Chia se curvou, abriu sua bolsa, encontrou os fones de ouvido. Ela só tinha aqueles dois, então entregou um para Gomi Boy, colocou o outro em si mesma e ligou o computador. Ele botou o fone. - Sou da Cidade Murada - disse ele. - Você compreende?

- Um MUD, certo? Domínio multiusuário.

- Não no sentido que você está falando, mas, aproximadamente, sim. Por que você está em Tóquio?

- Para reunir informações sobre o plano de Rez de se casar com a idoru, Rei Toei.

Gomi Boy assentiu com a cabeça. Ser um *otaku* consistia em interessar-se muito por informação; ele compreendia o que era ser um fa. - Você tem algum negócio com o Consórcio? - Chia sabia que ele havia dito Kombinat, e o tradutor havia confundido. Ele queria se referir àquele governo mafioso da Rússia.

- Não - disse Chia.

- E você foi parar na casa do Masahiko por quê...?

- Mitsuko é a secretária social da seção de Tóquio do grupo Lo/Rez, ao qual eu pertenço em Seattle.

- Quantas vezes você se conectou, do restaurante?

- Três vezes. - A roupa de Silke-Marie Kolb. A reunião. Zona Rosa. - Paguei por software de roupas, Mitsuko e eu fizemos a reunião, e me conectei com a minha casa.

- Você pagou pelo software com o cartão inteligente?

- Foi. - O olhar dela foi de Gomi Boy para Masahiko. Além deles, a chuva. A infindável cascata agitada das pequenas bolas prateadas, através

do vidro do outro lado da rua. Jogadores encurvados sobre bancos, manipulando a enxurrada de metal. A expressão de Masahiko não lhe dizia nada.

- O computador de Masahiko mantém certos aspectos da Cidade Murada - disse Gomi Boy. - Havia planos de contingência para a sua remoção para um lugar seguro. Quando ficou óbvio que tanto o endereço eletrônico de Masahiko quanto o de sua irmã estavam atraindo atenção incomum, fui mandado para proteger a máquina dele. Com freqüência trocamos hardware. Eu negocio equipamento de segunda mão. É por isso que me chamam de Gomi Boy. Eu tenho minhas próprias chaves do quarto de Masahiko. O pai dele sabe que eu tenho permissão de entrar, e não se importa. Eu fui e peguei o computador. Perto fica uma pequena área pública de recreação. Pode-se ver o restaurante de lá. Quando vi os Oakland Overbombers, atravessei a rua e falei com eles.

- Viu o quê?

- Uma tribo de skate. O nome é o de um clube de futebol da Califórnia. Perguntei a eles se tinha havido atividade incomum. Eles me disseram que haviam visto um veículo muito grande uma hora antes...

- Um Graceland.

- Um Graceland da Daihatsu. Tem menos desses aqui do que na América, eu acho.

Chia fez que sim com a cabeça. O estômago dela deu aquela revirada fria de novo. Ela achou que fosse vomitar.

Gomi Boy inclinou-se de lado com seu cigarro, que estava curto agora, e amassou o lado aceso numa pequena cuia cromada que estava presa ao lado de um console de jogo. Chia ficou curiosa para saber a verdadeira utilidade daquilo, e por que ele fez aquilo, mas achou que ele tinha que botá-lo em algum lugar ou iria queimar seus dedos. - O Graceland estacionou perto do restaurante. Dois homens saíram...

- Qual era a aparência deles?

- Representantes dos gumi.

- Japoneses?

- Sim. Eles entraram no restaurante. O Graceland ficou esperando. Depois de quinze minutos, eles voltaram, entraram no Graceland e foram embora. O pai de Masahiko apareceu. Ele olhou para todos os lados, estudando a rua. Tirou o telefone do bolso e falou com alguém. Voltou para o restaurante. - Gomi Boy olhou para a sacola. - Não quis continuar na área de recreação com o computador do Masahiko. Falei com o líder dos Overbombers que daria a ele um telefone melhor, mais tarde, se ele ficasse por ali e me telefonasse se ocorresse mais alguma coisa. Os Overbombers não fazem coisa alguma mesmo, então ele concordou. Eu fui embora. Ele telefonou trinta minutos depois para reportar uma van cinza da Honda. O motorista é japonês, mas os outros três são estrangeiros. Ele acha que são russos.

- Por quê?

- Porque são muito grandes, e se vestem num estilo que ele associa com o Consórcio. Ainda estão lá.

- Como você sabe?

- Se eles forem embora, ele deve me telefonar. Ele quer o telefone novo dele.

- Posso me conectar daqui? Tenho que falar com a Air Magellan imediatamente sobre trocar minha reserva. *Eu quero ir para casa.* - E deixar o pacote de Maryalice naquela lata de lixo que ela estava vendo atrás de Gomi Boy.

- Você não deve se conectar - disse Masahiko. - Você não deve usar o cartão inteligente. Se você o fizer, eles vão achar você.

- Então, o que mais eu devo *fazer}* - disse ela, assustada com sua própria voz, que parecia a voz de outra pessoa. - Eu só quero ir *para casa.*

- Deixa eu ver o cartão - disse Gomi Boy. Estava no casaco dela, junto com o passaporte e a passagem para casa. Ela o tirou e entregou a ele. Ele abriu um bolso da calça e pegou um pequeno dispositivo retangular que parecia estar sendo mantido inteiro por camadas múltiplas de silver tape puído. Ele passou o cartão de Chia numa fenda e espiou por uma leitora minúscula como a de um fax-beeper. - Esse cartão não pode ser transferido e não pode ser usado para tirar dinheiro. É também muito fácil seguir o rastro dele.

- A minha amiga tem certeza que de qualquer forma eles têm o número - disse Chia, pensando em Zona.

Gomi Boy começou a bater a lateral do cartão na borda de sua lata de Pocari Sweat. - Tem um lugar onde você pode usar isso e não ser localizada - disse ele. Tap tap. - Onde Masahiko poderia acessar a Cidade Murada. -Tap tap. - De onde você poderia ligar para casa.

- Onde é isso?

- Um hotel de amor. - Tap. - Você sabe o que é isso?

- Não - disse Chia. Tap.

23- AQUI NO WESTERN WORLD

Emergindo das entranhas vermelhas em mosaico do Le Chicle para a chuva que começava a cair, Laney viu que o discípulo da Nova Lógica ainda estava em seu posto, com seus cartazes animados de homem-sanduíche, brilhando contra o fundo escuro da noite. Enquanto Blackwell segurava a porta de uma minilimusine para Arleigh, Laney dava mais uma olhada nos números que se desenrolavam pelo cartaz e imaginava em quanto o peso do tecido nervoso humano do planeta havia aumentado durante o tempo que eles passaram no bar.

Laney entrou depois dela, notando aqueles sóis catalães novamente, todos os três, diminuírem de tamanho no lado de dentro da panturrilha dela. Blackwell bateu a porta depois que ele entrou, abriu a porta da frente, no que deveria ser a porta do lado do motorista, e pareceu se derramar para dentro do carro, um movimento que simultaneamente sugeria o escoar de uma bola de mercúrio e a consolidação de mais de cem quilos de concreto líquido. O carro adernou e balançou enquanto os amortecedores se ajustavam para acomodar o peso dele.

Laney observou como a copa do chapéu preto de algodão encerado de Blackwell pendia para trás, mas não o suficiente para esconder o ziguezague de finos vergões vermelhos que enfeitavam sua nuca.

O motorista, julgando pela nuca, poderia ser o mesmo que os havia levado para Akihabara. Ele deu partida e entrou no trânsito de mão invertida. A chuva estava correndo e se empoçando pelas ruas, arrancando o néon refletido da vertical e espalhando-o em linhas coleantes pela calçada e pela rua.

Arleigh McCrae estava usando perfume, o que fez com que Laney desejasse que Blackwell não estivesse lá, e que estivessem indo para qualquer outro lugar menos aquele para onde quer que estivessem indo, e para outra cidade, e que muito do que acontecera nos últimos sete meses de sua vida não tivesse acontecido, ou que tivesse sido de outra maneira, ou talvez mesmo bem antes, a DatAmerica e os franceses, mas à medida que ficava mais complicado,

ficava também deprimente.

- Não sei se você vai gostar desse lugar - disse ela.

- Como assim?

- Você não parece do tipo.

- Por que não?

- Eu posso estar errada. Muita gente gosta. Suponho que se você encarar como uma pilhéria muito bem elaborada...

- O que é?

- Uma casa noturna. Restaurante. Um *ambiente*. Se a gente aparecesse lá sem o Blackwell, duvido que deixassem a gente entrar. Ou sequer admitir que existe.

Laney se lembrou do restaurante japonês em Brentwood, aquele aonde Kathy Torrance o levara. Não era japonês japonês. Com dono japonês e administrado por japoneses. Seu tema era um país imaginário do Leste Europeu. Decorado com arte popular de tal país, todos que lá trabalhavam usavam roupas típicas do tal país, ou então uma espécie de uniforme de prisioneiro cinza-metálico e enormes sapatos pretos. Os homens que trabalhavam lá usavam o mesmo corte de cabelo, raspado até bem em cima nas laterais, e as mulheres usavam duas grandes trancas enroladas como rodas de queijo. A entrada que Laney pediu tinha uma variedade de salsichas diferentes, as menores que já vira, e um pouco de repolho em conserva para acompanhar; o gosto mostrava que não era de lugar algum em particular, mas talvez essa fosse mesmo a idéia. E depois tinham voltado para o apartamento dela, decorado como uma versão de luxo da Gaiola do Slitscan. E aquilo também não tinha dado certo, e talvez tivesse sido o que fizera ela ficar com mais raiva ainda quando ele se passou para o Out of Control.

- Laney?

- Desculpe... Esse lugar... Rez gosta?

Passaram por florestas de guarda-chuvas pretos esperando para atravessar num cruzamento.

- Acho que ele gosta mesmo é de ficar perdido em pensamentos por lá

- disse ela.

* * *

O Western World ocupava os dois últimos andares de um edifício comercial que não havia exatamente sobrevivido ao terremoto. Yamazaki poderia ter dito que representava uma resposta ao trauma e à subseqüente reconstrução. Nos dias (alguns diziam horas) que se seguiram ao desastre, uma casa noturna, um bar e uma discoteca improvisadas surgiram nos antigos escritórios de uma firma que havia negociado títulos de clubes de golfe. O prédio, declarado estruturalmente comprometido, fora lacrado pela defesa civil no andar térreo, mas ainda era possível entrar pelos andares subterrâneos destruídos. Quem quisesse subir onze lances de escadas de concreto um tanto rachadas chegava ao Western World, uma resposta bizarramente atípica (mas alguns diziam que misteriosamente crucial) à revolução que havia tão recentemente, na época, matado oitenta e seis mil dos trinta e seis milhões de habitantes da região. Um jornalista belga, tentando descrever a cena, havia dito que parecia um cruzamento entre uma sublevação social permanente, uma noite de formatura interminável para pelo menos uma dúzia de subculturas das quais nunca se ouvira falar antes do desastre, os cafés clandestinos da Paris ocupada e a concepção de Goya de um baile (supondo que Goya fosse japonês e fumasse freebase metanfetamina que, junto com quantidades ilimitadas de álcool, era a substância preferida nos primórdios do Western World). Era, segundo o belga, como se a cidade, em sua comoção e dor, houvesse espontaneamente e por necessidade gerado esse secreto universo de bolso da alma, suas poucas janelas intactas cobertas com tinta de borracha preta de aquário. Dali não se teria qualquer vista da cidade partida. Quando a reconstrução começou, já havia se tornado um marco na história psíquica de Tóquio, um segredo de polichinelo, uma lenda urbana. Mas agora, Arleigh estava explicando, enquanto subiam o primeiro daqueles onze lances de escadas, era definitivamente um empreendimento comercial, e o prédio em ruínas devia sua sobrevivência à casa noturna da cobertura, que não tinha alvará para funcionar e que era sua única ocupante. Se é que continuava a não ter alvará, do que ela duvidava. - Não se vê

muita tolerância por aqui - disse ela, subindo -, não com esse tipo de coisa. Todo mundo sabe que o Western World fica aqui. Acho que há um acordo muito discreto, em alguma parte, para permitir que funcione como se ainda não tivesse alvará. Porque é isso o que as pessoas querem.

- Quem é o dono do prédio? - Laney perguntou, observando Blackwell flutuar escada acima na frente deles; seus braços, nas mangas do casaco de vaqueiro de um negro fosco, como cortes de carne vestidos para ir a um enterro. A escadaria era iluminada com laçadas irregulares de cabo fracamente bioluminescente.

- Dizem que um dos dois grupos, que não conseguem chegar a um acordo sobre quem é o dono do hotel onde estamos.

- A máfia?

- O equivalente local, mas só muito aproximadamente equivalente. O registro de imóveis era uma questão barroca, aqui, antes do terremoto; agora, ficou mais para o oculto.

Laney, olhando para baixo quando passaram por uma das laçadas luminosas, notou, nos pisos dos degraus da escada, pingos endurecidos do que parecia ser âmbar esverdeado. - Tem alguma coisa nos degraus - disse ele.

- Urina - falou Arleigh.

- Urina?

- Urina solidificada, biologicamente neutra.

Laney subiu os degraus seguintes em silêncio. Suas panturrilhas estavam começando a doer. Urina?

- Depois do terremoto, os encanamentos não funcionavam - disse ela. -Não podiam usar os mictórios. As pessoas simplesmente começaram a fazer escada abaixo. Um horror, é claro, mas algumas pessoas na verdade ficam cheias de nostalgia a esse respeito.

- É sólida?

- Tem um produto aqui, um pó, parece sopa instantânea. É algum tipo de enzima. Vendem principalmente para mães de filhos pequenos. A criança precisa fazer pipi, você não vai conseguir chegar ao toalete a tempo, aí eles fazem pipi num copo de papel, numa embalagem vazia de suco. Você joga dentro o conteúdo de um saquinho de levar na bolsa e, zap, fica sólido. Neutro, sem cheiro, completamente higiênico. Joga no lixo e pronto, vira entulho.

Passaram por outra laçada de luz e Laney viu estalactites em miniaturas dependuradas da quina de um degrau. - Usaram esse negócio...

- Toneladas. Constantemente. Eventualmente tiveram que começar a serrar e retirar os acúmulos...

- Ainda...

- É claro que não. Mas mantiveram a Gruta.

Outro lance de escadas. Outra laçada de fantasmagórica luz submarina.

- O que eles fizeram com os dejetos sólidos? - perguntou ele.

- Prefiro não saber.

* * *

Sem ar, com os tornozelos doendo, Laney emergiu da Gruta. Para dentro de um espaço indeterminado de paredes negras definido por luz azul e a verticalidade de vigas mestras douradas. Após afrescos de mijo quimicamente congelados, o Western World era um desapontamento. Um bloco de escritórios eviscerados, decorado com sofás incompatíveis e balcões de bar sem nenhuma característica notável. Algo se avultando no meio do primeiro plano. Um tanque. Americano, pensou ele, e velho.

- Como conseguiram trazer esse tanque até aqui? - perguntou ele a Arleigh, que estava entregando seu casado preto para alguém. E como é que o piso não tinha desabado?

- É de resina - disse ela. - Escultura em membrana. Litografia estéreo. É uma coisa *otaku:* trazem aos pedaços e juntam com cola.

Blackwell havia tirado seu casaco de vaqueiro, exibindo uma roupa que lembrava um paletó de terno mas que parecia ter sido tecido com alumínio ligeiramente manchado. Fosse o que fosse o tecido, havia o suficiente para uma colcha de casal. Ele foi entrando, pelo labirinto de poltronas e mesinhas baixas, com a mesma determinação desembaraçada, e Laney e Arleigh foram atrás.

- Isso é um tanque Sherman - disse Laney, lembrando-se de um CD-ROM de Gainesville, sobre a história dos veículos blindados. Arleigh não parecia ter ouvido. Mas, por outro lado, de qualquer maneira, ela provavelmente nunca havia brincado com CD-ROMs. O tempo que ele passara num orfanato federal o familiarizara com dispositivos obsoletos.

Se realmente Arleigh está certa, e o Western World está sendo mantido como atração turística, então Laney ficou curioso para saber como teria sido a tribo que freqüentava o lugar no início, quando as calçadas lá embaixo estavam soterradas sob quase dois metros de vidro quebrado.

Essas pessoas nas poltronas, agora, encurvadas sobre as mesinhas que serviam de apoio a suas bebidas, não se pareciam com nenhuma tribo que já vira em Tóquio até então. Tinham um ar de derrotadas, e um demorado contato olho-no-olho poderia ter sido interessante em alguns casos, perigoso em outros. A clara impressão de que se descobriria que a soma da massa de tecido nervoso humano naquela sala continha um ou outro corante. Ou então essas pessoas tinham de alguma forma sido pré-selecionadas de acordo com uma certa combinação de imobilidade facial e intensidade do olhar.

- Laney - disse Blackwell, deixando cair uma mão no ombro de Laney e girando-o na direção de um par de amendoados olhos verdes -, este é o Rez. Rez, Colin Laney. Ele está trabalhando com a Arleigh.

- Bem-vindo ao Western World - sorrindo, e depois os olhos se dirigiram a Arleigh. - Boa noite, srta. McCrae.

Naquele momento, Laney percebeu algo que descobrira em seus encontros com celebridades no Slitscan: aquela vibração binária em sua mente entre imagem e realidade, entre a face interposta e a face ali na sua frente. Ele havia percebido como sempre parecia se acelerar, aquela alternação, até que as duas de alguma forma se fundiam, o composto resultante tornando-se seu novo conceito

da pessoa. (Alguém no Slitscan havia lhe dito que fora provado clinicamente que o reconhecimento de celebridades era processado por uma área específica do cérebro, mas ele nunca tivera certeza se estavam brincando ou não.)

Aquelas haviam sido celebridades inofensivas, às quais Kathy já havia imposto sua vontade. No edifício (mas nunca na Gaiola), para terem vários aspectos de suas vidas públicas preparadas para publicação, por meio dos acordos que já estivessem valendo. Mas Rez não era inofensivo, e era uma coisa muito maior a seu próprio modo, embora Laney só tivesse tomado conhecimento de sua carreira mais recente por causa do ódio que Kathy sentia por ele.

Rez estava com um braço em torno de Arleigh, gesticulando com o outro na relativa escuridão além do tanque Sherman, dizendo algo que Laney não conseguia ouvir.

- Sr. Laney, boa noite. - Era Yamazaki, de paletó esporte xadrez verde, que caía esquisito em seus ombros estreitos. Piscava muito.

- Yamazaki.

- Foi apresentado a Rez, sim? Bom, muito bom. A mesa está pronta, para jantar. - Yamazaki colocou dois dedos dentro do colarinho abotoado e grande demais de sua camisa branca de peito duro, que parecia de má qualidade, e puxou como se estivesse apertado demais. - Soube que as tentativas iniciais de identificar pontos nodais não tiveram sucesso. - Ele deglutiu.

- Não posso extrair informações pessoais de uma coisa contextualizada como dados corporativos. Ele simplesmente não está *lá*.

Rez caminhava na direção do que estava além do tanque.

- Venha - disse Yamazaki, e depois abaixou o tom de voz. - Uma coisa extraordinária. Ela está aqui. Ela vai jantar com Rez. Rei Toei.

A idoru.

24- HOTEL DI

No minúsculo táxi com Masahiko e Gomi Boy, Masahiko no banco da frente, no que deveria ser o lugar do motorista, Gomi Boy ao lado dela no banco de trás. Gomi Boy tinha tantos bolsos em suas calças de soldado, e tantas coisas neles, que tinha dificuldade em ficar confortável. Chia nunca tinha entrado em um carro tão pequeno, quanto menos num táxi. Os joelhos de Masahiko estavam dobrados quase contra o peito. O motorista usava luvas brancas de algodão e um chapéu, como aqueles que os motoristas de táxi usavam nos filmes* da década de 1940. Havia pequenas capas feitas de renda branca engomada, presas a todos os descansos de cabeça com clipes especiais.

Ela conjeturou que o táxi era assim pequeno porque Gomi Boy ia pagar, em dinheiro, e ele deixou muito claro que não tinha muito recurso.

Não saberia dizer como haviam saído das poças da chuva e subido para essa louca, impressionante, mas de aparência antiquada, via expressa de muitos níveis, com sua estrutura de aço remendada com bandagens de Kevlar, e estavam voando na altura dos andares do meio de prédios altos - talvez fosse aquele Shinjuku novamente, porque lá estava aquele Edifício Brinquedo de Lata, que ela achava ter visto de relance por um espaço entre outros prédios, mas muito de longe e de outra direção - e, agora, indo tão rápido que não teve certeza se vira mesmo, por uma janela como as outras, um homem nu, de pernas cruzadas sobre uma mesa de escritório, a boca aberta o máximo possível, como se dando um grito silencioso.

Então começou a notar outros prédios, através de cortinas de chuva, que eram excessivamente iluminados, mesmo segundo os padrões locais, como as atrações da Nissan County num anúncio de televisão, elementos isolados do parque temático se arremessando para fora de uma camada de estruturas sem traços característicos, sem identificação e não iluminadas. Cada prédio brilhante com seu grande letreiro: HOTEL KING MIDAS com sua coroa e seu cetro cintilantes, FREEDOM SHOWER BANFF com montanhas verde-azuladas, circundando uma catarata de luz dourada. Pelo menos mais seis em rápida

sucessão, e então Gomi Boy disse algo em japonês. A aba preta lustrosa do motorista desceu em resposta.

Viraram para uma rampa de saída, diminuindo a velocidade. Da curva da rampa, no clarão chapado e feio de um fluxo de luz de sódio, ela viu um cruzamento em lugar nenhum, com muita chuva, sem carros à vista, onde grama áspera e pálida cobria, molhada e desgrenhada, uma curta ladeira íngreme. Lugar nenhum, poderia perfeitamente ser nos arredores de Seattle, nos arredores de qualquer parte, e as saudades de casa a fizeram perder a respiração.

Gomi Boy olhou-a de esguelha, ocupado procurando alguma coisa em outro dos bolsos, este aparentemente *dentro* das calças. De algum lugar bem abaixo do nível da virilha, ele pescou um maço de papel moeda do tamanho de uma carteira, preso com um elástico largo preto. À luz de outro poste de luz da rua, Chia viu-o tirar rapidamente o elástico e separar três notas. Maior do que o dinheiro americano, e em uma delas ela distinguiu o reconfortante logotipo familiar de uma companhia cujo nome conhecera toda a sua vida. Ele enfiou as três notas na manga do suéter e recolocou o resto no lugar onde o guardava.

- Chegamos logo - disse ele, retirando a mão e recolocando os suspensórios.

- Logo, aonde?

Viraram à direita e pararam, em torno deles uma estranha e mágica luz difusa branca, caindo com a chuva sobre o concreto sujo de óleo, pintado com duas grandes setas brancas, uma ao lado da outra, apontando para direções opostas. A que apontava na direção em que estavam indo indicava uma abertura quadrada num muro de concreto sem* características, pintado de branco. Fitas de quinze centímetros de largura de plástico rosa brilhoso pendiam da parte de cima até o concreto no chão, escondendo o que estivesse por trás e lembrando a Chia enfeites de fitas numa festa da escola. Gomi Boy deu ao motorista as três notas. Esperou pacientemente, sentado, pelo troco.

Com as pernas dormentes, Chia esticou a mão para abrir a porta, mas Masahiko rapidamente impediu-a. - O motorista é que deve abrir - disse ele. - Se você abrir, o mecanismo quebra, e é muito caro. - O motorista deu o troco a Gomi Boy. Chia achou que Gomi Boy fosse dar uma gorjeta, mas ele não o fez.

O motorista mexeu com alguma coisa embaixo do assento, que não dava para Chia ver, e a porta ao lado de Chia se abriu.

Ela saiu na chuva, arrastando a bolsa, e olhou para a fonte da luz: um prédio que parecia um bolo de casamento, HOTEL Dl escrito em néon branco debruado com lâmpadas de filamento que piscavam. Masahiko estava ao lado dela, apressando-a na direção das fitas. Chia ouviu o carro afastando-se atrás de si. - Vamos. - Gomi Boy, com a sacola xadrez, agachando-se entre fitas molhadas.

Era uma área de estacionamento quase vazia, dois carros pequenos, um cinza, outro verde-escuro, com as placas ocultas por retângulos de plástico preto macio. Uma porta de vidro deslizou quando Gomi Boy se aproximou.

Uma voz incorpórea disse algo em japonês. Gomi Boy respondeu. - Entregue seu cartão a ele - disse Masahiko. Chia pegou o cartão e entregou-o a Gomi Boy, que parecia estar fazendo várias perguntas à voz. Chia olhou em torno. Azuis e rosas claros, cinza-claro. Um espaço muito pequeno que conseguia sugerir um saguão de hotel sem, na verdade, lugar para sentar. Imagens circulando em telões: interiores de quartos muito estranhos. A voz respondendo às perguntas de Gomi Boy.

- Ele está pedindo um quarto com a melhor capacidade de conexão -disse Masahiko calmamente.

Gomi Boy e a voz pareciam ter chegado a um acordo. Ele colocou o cartão de Chia numa fenda acima de uma coisa que parecia um pequeno bebedouro cor-de-rosa. A voz agradeceu. Uma portinhola estreita se abriu e uma chave caiu na cumbuca rosa. Gomi Boy pegou-a e entregou-a para Masahiko. O cartão de Chia saiu da fenda; Gomi Boy puxou-o e devolveu-o a Chia. Ele entregou a Masahiko a sacola, virou-se e saiu andando, e a porta de vidro abriu-se para ele com um sibilo.

- Ele não vem conosco?

- Só permitem duas pessoas por quarto. Ele está ocupado com outra coisa. Vamos. - Masahiko apontou na direção de um elevador que se abriu quando eles se aproximaram.

- Que tipo de hotel você disse que é isso? - Chia entrou no elevador. Ele entrou depois dela e a porta se fechou.

Ele limpou a garganta. - Hotel de amor - respondeu.

- O que é isso? - Subiam.

- Quartos particulares. Para sexo. Pagos por hora.

- Ah - disse Chia, como se aquilo explicasse tudo. O elevador parou e a porta se abriu. Ele saiu e ela o seguiu por um corredor estreito, iluminado por faixas de luz na altura dos tornozelos. Masahiko parou em frente a uma porta e inseriu a chave que lhe haviam dado. Quando ele abriu a porta, a luz se acendeu dentro do quarto.

- Você já tinha estado num desses antes? - perguntou ela, e sentiu-se ruborizar. Não era isso o que ela queria dizer.

- Não - respondeu. Ele fechou a porta depois que ela entrou e examinou a fechadura. Apertou dois botões. - Mas as pessoas que vêm aqui às vezes querem se conectar. Tem um serviço de repostagem que faz com que seja muito difícil localizar. Para telefonar também, muito seguro.

Chia olhava para a cama redonda, felpuda e cor-de-rosa. Ela parecia estofada com aquele material com o qual fazem animais de pelúcia. O carpete era felpudo e branco como a neve, e a combinação lembrava-lhe aquele doce horroroso chamado Ring-Ding.

Ouviu o som de velcro. Ela se virou e viu Masahiko tirando suas polainas de náilon. Ele tirou os sapatos (o dedão estava de fora em uma de suas meias finas) e enfiou os pés em sandálias de papel branco. Chia olhou para seus próprios sapatos molhados no tapete branco e resolveu que era melhor fazer o mesmo. - Por que esse lugar tem essa *aparência?* - perguntou ela, abaixando-se para desamarrar os sapatos.

Masahiko deu de ombros. Chia percebeu que o símbolo internacional de Material Biológico Perigoso na sacola era quase exatamente da mesma cor que a pelúcia da cama.

Localizando o que era obviamente o banheiro por uma porta aberta, levou a bolsa para lá e fechou a porta. As paredes eram estofadas com uma coisa preta e brilhosa, o piso era de ladrilhos pretos e brancos formando um padrão xadrez. Uma complicada iluminação que criava um clima se acendeu e ela foi circundada por um canto de pássaro. O banheiro era quase tão grande quanto o quarto, com uma piscina preta em miniatura como banheira e uma outra coisa que só gradualmente Chia reconheceu ser uma privada. Lembrando-se daquela no escritório de Eddie, ela colocou a bolsa no chão e se aproximou da coisa com muito cuidado. Era preta e cromada, tinha braços e um encosto, algo assim como cadeira de cabeleireiro. Havia uma pequena tela com mensagens circulando ao lado, com fragmentos de inglês misturados ao japonês. Chia ficou observando " (A) Prazer" e "(B) Super Prazer" passaram pela tela. - Ai, ai - disse ela.

Depois de estudar o assento e o sinistro vaso preto, ela abaixou as calças, posicionou-se estrategicamente sobre o vaso, agachou-se e urinou sem se sentar. Deixaria outra pessoa dar a descarga desta vez, ela decidiu, enquanto lavava as mãos na pia, mas então ouviu a privada dar a descarga sozinha.

Havia um saco de papel rosa acetinado ao lado da pia com o rótulo "Artigos de Toalete do Cacete" escrito em letras brancas rebuscadas. Fechado com um laço prateado autocolante. Ela removeu o laço e olhou dentro. Uma variedade de pequenas embalagens de brindes de cosméticos e pelo menos uma dúzia de diferentes tipos de camisinhas, tudo embalado para parecer mais ou menos com bala.

Havia um armário preto lustroso à esquerda do espelho acima da pia, a única coisa no banheiro que parecia japonesa daquele jeito antiquado. Ela abriu o armário; uma luz se acendeu dentro, revelando três prateleiras de vidro enfeitadas com modelos plásticos de pênis embalados a quente em filmes de PVC, de todos os tamanhos, moldados nas cores mais esquisitas. Outros objetos ela não reconheceu: bolas cheias de calombos, uma coisa que parecia uma chupeta, câmaras de ar em miniatura com longos bigodes elásticos. No meio de tudo uma pequena boneca de cabelos pretos num bonito quimono feito de papel brilhante e pano dourado. Mas quando ela tentou pegar a boneca, a peruca e o quimono saíram por inteiro, revelando outra réplica embalada em filme de PVC, esta com olhos delicadamente pintados e uma boca como arco de Cupido. Quando tentou colocar de volta a peruca e o quimono, a boneca caiu, derrubando tudo na prateleira; então ela fechou o armário. Depois lavou as mãos de novo.

No quarto Ring-Ding, Masahiko estava conectando seu computador a um console preto, numa prateleira cheia de equipamentos de entretenimento. Chia botou a bolsa na cama. Alguma coisa fez um barulho de sinos, suaves, duas vezes, e então a superfície da cama começou a se agitar, lentas ondas osmóticas centradas na bolsa, que começou a se levantar ligeiramente, e cair...

- Eca - disse Chia, e tirou a bolsa da cama, que fez o barulhinho de novo e começou a parar.

Masahiko olhou na direção dela, mas voltou ao que estava fazendo com o equipamento na prateleira.

Chia descobriu que o quarto tinha uma janela, mas que estava oculta por trás de um biombo macio. Ela experimentou os clipes que mantinham o biombo no lugar até achar um que permitiu que ela deslizasse o biombo de lado em trilhos ocultos. A janela dava para um estacionamento cercado ao lado de um prédio bege baixo de laterais de plástico ondulado. Havia três caminhões estacionados, os primeiros veículos que ela via no Japão que não eram novos ou particularmente limpos. Um gato cinza que parecia molhado saiu debaixo de um dos caminhões e pulou para a sombra debaixo de outro. Ainda chovia.

- Muito bom - ela ouviu Masahiko dizer, evidentemente satisfeito. - Lá vamos nós para a Cidade Murada.

25- A IDORU

- Ela está aqui, como? - Laney perguntou a Yamazaki, enquanto davam a volta na parte de trás do tanque Sherman. Havia pedaços de barro seco grudados nos segmentos da pesada esteira de rolamento de aço.

- O sr. Kuwayama está aqui - sussurrou Yamazaki. - Ele é o representante dela...

Laney notou que várias pessoas já estavam sentadas a uma mesa baixa.

Dois homens. Uma mulher. A mulher deve ser Rei Toei.

Se ele havia chegado a imaginar como ela seria, fora como uma síntese dos últimos quarenta rostos mais conhecidos pela mídia japonesa. Era geralmente assim que se fazia em Hollywood, e a fórmula tendia a ser ainda mais rígida no caso das agentes - *eigenbeads, com suas* características algoritmicamente derivadas de uma média humana de comprovada popularidade.

Ela não era nem um pouco assim.

Seu cabelo preto, cortado em camadas irregulares e com muito brilho, roçavam nos pálidos ombros nus quando ela virava a cabeça. Não tinha sobrancelhas, e tanto as pálpebras quanto as pestanas pareciam ter sido pinceladas com um pó branco, fazendo um forte contraste com as pupilas negras.

E então os olhos dela se encontraram com os dele.

Ele se sentiu cruzando uma fronteira. A própria estrutura do rosto dela, nas geometrias dos ossos subjacentes, guardava histórias de fugas dinásticas, privações, terríveis migrações. Ele viu tumbas de pedra em íngremes prados alpinos, seus dintéis delineados com neve. Uma fileira de peludos pôneis de carga, seus hálitos brancos de frio, seguia uma trilha acima de um desfiladeiro. As curvas do rio abaixo eram pinceladas distantes de prata. Sinos de ferro nos arreios dos pôneis retiniam no lusco-fusco azulado.

Laney teve calafrios. Em sua boca, um gosto de metal enferrujado.

Os olhos da idoru, emissários de uma terra imaginária, encontraram-se com os dele.

- Nós ficamos aqui. - Arleigh, ao lado dele, segurando seu cotovelo. Ela estava indicando dois lugares à mesa. - Você está se sentindo bem? -perguntou ela, ao pé do ouvido. - Tire os sapatos.

Laney virou-se para Blackwell, que estava olhando fixo para a idoru com o que parecia ser sofrimento no rosto, mas a expressão desapareceu, sugada para trás da máscara formada por suas cicatrizes.

Laney fez o que lhe mandaram, ajoelhou e tirou os sapatos, movendo-se como se estivesse bêbado, ou sonhando, embora soubesse que não estava nenhum dos dois, e a idoru sorriu, iluminada a partir de dentro.

- Laney?

A mesa fora colocada sobre uma depressão no piso. Laney se sentou, ajeitou os pés debaixo da mesa e agarrou sua almofada com ambas as mãos. - O que foi?

- Você está bem?

- Bem, como?

- Você parecia estar... cego.

Rez estava se sentando em seu lugar na cabeceira da mesa, a idoru à sua direita, uma outra pessoa - Laney percebeu que era Lo, o guitarrista - à sua esquerda. Junto à idoru sentou-se um senhor sério, com óculos sem aros, cabelos grisalhos penteados para trás. Ele usava um terno bastante simples, que parecia muito caro, de um material preto sem brilho, e uma camisa branca de colarinho alto que era abotoada de um modo complicado. Quando ele se virou para falar com Rei Toei, Laney viu claramente a luz do rosto dela se refletir por um instante nas lentes quase circulares.

Arleigh inspirou forte. Ela também havia visto.

Um holograma. Uma coisa gerada, animada, projetada. Ele sentiu suas mãos se afrouxarem ligeiramente nas almofadas.

Mas então Laney se lembrou das tumbas de pedra, do rio, dos pôneis com seus sinos de ferro.

Nodal.

* * *

Laney uma vez perguntara a Gerrard Delouvrier, o mais paciente dos jogadores de tênis franceses do TIDAL, por que ele, Laney, fora escolhido para ser o primeiro (e, como veio a acontecer, o único) beneficiário daquela peculiar habilidade que tentavam lhe ensinar? Ele não havia se candidatado para aquele serviço, e não tinha motivos para crer que jamais houvessem feito propaganda do cargo. Ele havia se candidatado, disse a Delouvrier, a passar por um estágio para ser um representante dos serviços de manutenção.

Delouvrier, cabelos curtos e prematuramente grisalhos, e um bronzeado artificial, recostou-se em sua cadeira articulada em frente à sua workstatíon e esticou as pernas. Parecia estar estudando seus sapatos de camurça de sola de crepe. Depois olhou pela janela para prédios retangulares beges, paisagem anônima, neve de fevereiro. - Você não vê? Como nós não lhe ensinamos? Nós observamos. Queremos aprender com você.

Estavam nas instalações de pesquisa da DatAmerica, em Iowa. Havia uma quadra coberta para Delouvrier e amigos, mas eles estavam constantemente reclamando do piso.

- Mas por que eu?

Os olhos de Delouvrier pareciam cansados. - Queremos ser gentis com os órfãos? Somos um calor inesperado no coração da DatAmerica? - Ele esfregou os olhos. - Não. Alguma coisa foi feita com você, Laney. Do nosso modo, talvez, estejamos tentando consertar isso. Consertar é a palavra?

- Não - disse Laney.

- Não questione a sorte. Você está aqui conosco, fazendo um trabalho que

tem importância. É inverno aqui nessa Iowa, é verdade, mas o trabalho continua. - Ele estava olhando para Laney. - Você é nossa única prova -disse ele.

- Do quê?

Delouvrier fechou os olhos. - Havia um homem, um cego, que se tornou mestre em localização por eco. Estalidos com a língua, entende? — Olhos fechados, ele fez uma demonstração. - Como um morcego. Fantástico. - Abriu os olhos. - Ele conseguia perceber seu ambiente próximo em detalhes. Andar de bicicleta no meio do tráfego. Sempre fazendo o tic, tic. Tinha essa habilidade, era absolutamente real. E ele nunca conseguiu explicar, nunca conseguiu ensinar... - Delouvrier entrelaçou os dedos e estalou as juntas. - Esperemos que não seja assim com você.

* * *

Não pense numa vaca roxa. Ou seria uma vaca marrom? Laney não se lembrava. Não olhe no rosto da idoru. Ela não é feita de carne; ela é informação. É uma ponta de um iceberg, não, de uma Antártida, de informações. Olhar para o seu rosto iniciaria de novo o processo: ela era um volume impensável de informações. Ela induzia a percepção nodal de um modo sem precedentes; ela a induzia como narrativa.

Ele podia observar as mãos dela. Observar como ela comia.

A refeição era elaborada, muitas porções pequenas servidas em pratos individuais retangulares. Cada vez que um prato era colocado na frente de Rei Toei, e sempre dentro do campo daquilo que a projetava, o prato era simultaneamente encoberto por uma cópia impecável, comida holográfica sobre um prato holográfico.

Até o movimento dos pauzinhos provocavam oscilações periféricas de percepção nodal. Porque os pauzinhos também eram informações, mas nada tão denso quanto suas feições, seu olhar. Toda vez que o "prato" vazio era retirado, a porção intacta reaparecia.

Mas quando a oscilação recomeçava, Laney se concentrava em sua própria comida, em sua falta de jeito com os pauzinhos, na conversa em torno da mesa.

Kuwayama, o homem de óculos sem aros, estava respondendo a alguma pergunta que Rez havia feito, embora Laney não tivesse conseguido ouvir a pergunta. - ... o resultado de uma matriz de elaborados construtos a que nos referimos como "máquinas de desejos". - Os olhos verdes de Rez, brilhantes e atentos. - Não num sentido literal - Kuwayama continuou -, mas imagine, por favor, *agregados de desejo subjetivo.* Determinou-se que a matriz modular seria a composição ideal de uma arquitetura de anseios sistematicamente inter-relacionados... - A voz dele era lindamente modulada, e seu inglês tinha um sotaque que Laney achou impossível identificar.

Então, Rez sorriu e seu olhar foi para o rosto da idoru. Assim como o de Laney, automaticamente.

Ele mergulhou nos olhos dela. Estava olhando para um gigantesco paredão de rocha que parecia consistir totalmente de pequenas varandas retangulares, nenhuma delas exatamente no mesmo nível nem com a mesma profundidade. Pôr-do-sol cor de laranja visto por uma janela inclinada com esquadrias de aço. Cores de manchas de óleo na água se arrastando pelo céu.

Ele fechou os olhos, olhou para baixo, abriu-os. Um novo prato, mais comida.

- Você está realmente interessado na sua refeição - disse Arleigh.

Um esforço concentrado com os pauzinhos e ele conseguiu pegar e engolir uma coisa parecida com um cubo de dois centímetros de omelete de uma conserva picante fria. - Maravilhoso. Mas não quero aquele *fujju*. Baiacu com neurotoxinas? Sabia disso?

- Você já repetiu - disse ela. - Lembra daquele prato grande de peixe cru decorado como pétalas de crisântemo?

- Você está brincando - disse Laney.

- Os lábios e a língua ficaram meio dormentes? Foi isso.

Laney passou a língua pelos lábios. Será que ela estava brincando? Yamazaki, sentado à sua esquerda, inclinou-se para perto dele. - Pode ser que haja um meio de resolver o problema que você está tendo com os dados sobre

Rez. Você está a par das atividades globais das fãs da Lo/Rez?

- Do quê?

- Muitas fãs. Elas relatam cada vez que eles são vistos, Lo, Rez, os outros músicos envolvidos. Há muitos detalhes imprevisíveis.

Laney sabia, por causa do dia em que ficara vendo os vídeos, que Lo/ Rez era teoricamente um duo, mas que sempre havia ao menos dois outros "membros", geralmente mais. E Rez fora inflexível desde o início sobre sua aversão a baterias eletrônicas; o atual baterista, Willy "O Cego" Jude, sentado em frente a Yamazaki, estava com eles "ná anos. Ele ficara voltando seus enormes óculos pretos em direção à idoru durante toda a refeição; agora parecia estar sentindo o olhar de Laney. Os óculos pretos, unidades de vídeo, viraram-se para ele. - Cara, - disse Jude - o Rozzer está sentado lá lançando olhares para uma grande garrafa térmica de alumínio.

- Você não pode vê-la?

- Hologramas são difíceis, cara - disse o baterista, tocando em seus óculos com a ponta do dedo. - Se eu levar meus guris no Nissan County, vou ligar antes, mandar distorcê-los um pouco. Aí eu poderia vê-los. Mas essa senhora está numa freqüência estranha, ou algo assim. Tudo que consigo ver é o projetor e esse troço, esse ectoplasma, certo? Que meio que brilha.

O homem sentado entre Jude e o sr. Kuwayama, cujo nome era Ozaki, balançou a cabeça apologeticamente na direção de Jude. - Lamentamos muito. Lamentamos profundamente. É necessário um pequeno ajustamento, mas não pode ser feito no momento.

- Ei - disse Jude -, sem problema. Já a vi. Pego todos os canais de música com esses. Aquele onde ela é uma princesa mongol ou algo assim, lá nas montanhas...

Laney deixou cair um pauzinho.

- O single mais recente - disse Ozaki.

- É - Jude falou -, é muito bom. Ela está usando aquela máscara dourada?

Merda legal. - Ele jogou um pedaço de *maki* na boca e mastigou.

26- HAK NAM

Chia e Masahiko estavam sentados no carpete, um de frente para o outro. A única cadeira do quarto era uma coisa de aparência frágil, com pernas retorcidas de arame e um assento com formato de coração estofado em plástico com lascas de metal rosa. Nenhum dos dois queria se sentar na cama. Chia estava com seu Sandbenders sobre os joelhos e colocava os sensores de dedo. O computador de Masahiko estava no chão em frente a ele; havia colocado de volta o mostrador de comando e tirado um par muito compacto de sensores de dedos da parte de trás do cubo, junto com duas pequenas tigelas ovais pretas com um bom comprimento de cabo óptico. Outro pedaço de cabo ia do computador dele para uma pequena portinhola aberta na parte de trás do Sandbenders.

- Tudo bem - disse Chia, ajeitando o último dos sensores -, vamos lá. Tenho que achar alguém...

- Sim - ele falou. Masahiko pegou as tigelas pretas, uma em cada mão, e as colocou sobre os olhos. Quando ele tirou as mãos, elas continuaram lá. Pareciam incômodas.

Chia puxou os óculos para cima dos olhos. - O que eu...

Algo no coração das coisas se moveu simultaneamente em direções mutuamente incompatíveis. Não era nem como se conectar. Conflito de softwares? Indistinta impressão de luz em meio a um alvoroço de trapos.

E então aquela coisa em sua frente: prédio ou biomassa ou paredão de pedra agigantando-se, em incontáveis camadas aleatórias, nada ali uniforme ou regular. Uma colcha de retalhos de aleatórias varandas rasas, milhares de janelinhas emitindo pálidos retângulos prateados de névoa. Alongando-se para os dois lados até se perder de vista, e no alto e irregular topo daquela fachada desigual, uma crosta preta de tubos retorcidos, antenas vergadas sob o peso de cabos pendentes. E além dessa fronteira garatujada, um céu cujas cores se arrastavam como gasolina em água.

- Hak Nam - disse ele, ao lado dela.

- O que é isso?

- A "cidade da escuridão". Entre os muros do mundo.

Ela lembrou da echarpe que havia visto no quarto dele por trás da cozinha, seu mapa intricado de algo caótico e compactado, minúsculos segmentos irregulares de vermelho, preto e amarelo. E então foram em frente, em direção a uma abertura estreita. - É um MUD, certo? - Era uma versão maior, permanente, do site que a seção de Tóquio havia construído para a reunião, ou a floresta tropical que Kelsey e Zona haviam criado. Mas as pessoas jogavam games em MUD; criavam personagens para si mesmos e fingiam. Criancinhas gostavam daquilo, e solitários.

- Não - respondeu ele -, não é um jogo. - Estavam dentro, agora, acelerando suavemente, e a serpenteante densidade da coisa tinha um impacto visual contínuo, um martelar óptico. - Tai Chang Street. - Paredes rabiscadas, cobertas de mensagens que se desenrolavam, portas espectrais passando como cartas sendo embaralhadas.

E eles não estavam sozinhos: havia outras pessoas, figuras espectrais passando rápidas, e em toda a parte a sensação de olhos...

Lixo fractal, ferrugem digital, o corredor formado pela passagem deles coberto por investidas loucas de linhas fracamente bruxuleantes de algum tipo. - Alms House Backstreet. - Uma curva abrupta. Outra. Então estavam subindo um labirinto de escadarias espiraladas, ainda acelerando, e Chia respirou fundo e fechou os olhos. Fogos de artifício explodiram em suas retinas, mas a pressão tinha acabado.

Quando abriu os olhos, estavam numa versão muito mais limpa, mas não maior, do quarto dele atrás da cozinha do restaurante. Nada de caixas vazias de miojo, nada de pilhas de roupas. Ele estava ao lado dela na cama, olhando aos padrões cambiantes no mostrador de comando do seu computador. Ao lado, sobre a superfície de trabalho, o Sandbenders dela. O mapeamento das texturas era rudimentar, tudo um pouco suave e polido demais. Chia olhou para ele, curiosa para saber como Masahiko se apresentaria. Apenas uma imagem

escaneada, talvez de um ano atrás: o cabelo dele estava mais curto. Usava a mesma túnica preta.

Na parede atrás dos computadores estava uma versão animada da echarpe, seus segmentos vermelho, preto e amarelo pulsando ligeiramente. Uma luz verde brilhante traçava uma linha que vinha do perímetro para dentro; onde ela terminava, em verde brilhante, anéis concêntricos se irradiavam a partir de um quadrado amarelo.

Ela olhou novamente para ele, mas Masahiko ainda estava olhando para o mostrador de comando.

Uma campainha. Ela olhou para a porta, que fora mapeada com um efeito particularmente falso de veios de madeira, e viu um pequeno retângu-lo branco deslizar por sob a porta. E continuou deslizando, pelo chão, direto até ela e desapareceu debaixo da cama. Ela olhou para baixo a tempo de vê-lo subir, exatamente com a mesma velocidade, pela beira do colchão listrado e parar quando estava na melhor posição para ser lido. Estava escrito com a mesma letra que haviam usado no Whiskey Clone, ou quase a mesma. Estava escrito "Kinkilharias da Ku Klux Klan", e mais algumas letras e números que não se parecia com qualquer tipo de endereço que ela conhecesse.

Outra campainha. Ela olhou para a porta a tempo de ver uma mancha azul passar voando por debaixo dela. Achatada, rodopiando, rápido. Estava agora sobre o retângulo branco, algo parecido com a sombra de um caranguejo ou de uma aranha, de duas dimensões e muitas pernas. Engoliu o retângulo e foi em disparada em direção à porta.

- Minha responsabilidade perante a Cidade Murada está concluída -disse Masahiko, afastando os olhos do mostrador de comando.

- O que eram aquelas coisas? - Chia perguntou a ele.

- Que coisas?

- Parecida com cartão. Veio por debaixo da porta. Aí uma outra coisa, parecida com um caranguejo desbastado, veio e comeu o cartão.

- Uma propaganda - concluiu ele - e um subprograma que mostrou

desaprovação.

- Não mostrou desaprovação; ele comeu o outro.

- Talvez a pessoa que fez o subprograma não goste de propaganda. Muita gente não gosta. Ou não gosta do produto. Razões políticas, estéticas, pessoais, tudo é possível.

Chia olhou em volta da reprodução do quartinho dele. - Por que você não tem um site maior? - Imediatamente se deu conta de que talvez por ele ser japonês, e provavelmente estar acostumado com aquilo. Mas ainda assim era o menor espaço virtual que ela se lembrava de ter visitado, e não era por espaços maiores custarem mais, não, a menos que você fosse como Zona e quisesse um país inteiro.

- A Cidade Murada é um conceito de escala. Muito importante. Escala é um lugar, sim? Trinta e três mil pessoas moravam na original. Vinte e sete mil metros quadrados. Até quatorze andares.

Nada disso fazia o menor sentido para Chia. - Preciso me conectar, tudo bem?

- Claro - disse ele, e fez um gesto na direção do Sandbenders.

Ela se preparou para aquela coisa de duas direções ao mesmo tempo, mas não aconteceu. Os peixes em bitmap estavam nadando em torno da mesinha de café de vidro. Olhou pela janela para as árvores em creiom e se perguntou onde estaria o Mumphalumpagus. Fazia um tempo que não o via. Seu pai o havia feito para ela quando ainda era bebê, um grande dinossauro rosa com pestanas bobocas.

Procurou por sua correspondência, mas não havia nada novo.

Ela poderia telefonar daqui. Falar com sua mãe. Claro.

- Oi, estou em Tóquio. Num hotel de amor. Tem gente atrás de mim porque puseram uma coisa na minha bolsa. Então, hum, o que você acha que eu devo fazer?

Em vez disso, tentou se conectar com o endereço de Kelsey, mas tudo o que conseguiu foi entrar naquela irritante ante-sala de mármore e a voz, que não era a de Kelsey, dizer que Kelsey Van Troyer não estava no momento. Chia saiu sem deixar recado. O próximo endereço que tentou foi o de Zona, mas o provedor dela estava fora do ar. Isso acontecia muito no México, particularmente na Cidade do México, onde Zona morava. Resolveu tentar o lugar secreto de Zona, porque ficava num mainframe no Arizona, e nunca saía do ar. Ela sabia que Zona não gostava que as pessoas aparecessem por lá sem mais nem menos, porque não queria que a companhia que havia construído o website original, e depois se esquecido dele, descobrisse que Zona havia entrado e construído seu próprio país.

Ela perguntou ao Sandbenders de onde ela estava se conectando e ele disse que de Helsinki, Finlândia. Então, pelo menos aquela capacidade de repostagem do hotel estava funcionando.

Logo antes do crepúsculo no site de Zona, como sempre. Chia correu os olhos pelo piso de uma piscina seca, procurando pelos lagartos de Zona, mas não os viu. Geralmente eles estavam bem ali, esperando por você, mas não desta vez. - Zona?

Chia olhou para cima para ver se aquelas assustadoras coisas-condor que Zona mantinha apareciam por ali. O céu estava bonito, mas vazio. Originalmente o céu fora a parte mais importante deste lugar, e não haviam economizado. Céu autêntico: profundo e limpo e um louco matiz mexicano turquesa-claro. Eles traziam pessoas aqui para vender-lhes aviões, jatos executivos, quando os jatos ainda estavam no estágio de design. Tinha havido uma pista de pouso de concreto, mas Zona a havia transformado em um desfiladeiro e mapeado outras coisas por cima. Todas as cores eram coisas de Zona: as fogueiras e as piscinas vazias e os muros em ruínas. Ela havia importado arquivos de paisagens, talvez coisas reais que conhecia de algum lugar no México. - Zona?

Alguma coisa fez pequenos ruídos, na parte de cima do cume mais próximo, como seixos sobre uma chapa de metal.

- Tudo bem. Um dos lagartos. Só que ela não está, no momento. Um galho estalou. Mais perto.

- Pára de brincar, Zona. Mas ela saiu.

O peixe em bitmap nadava para um lado e para o outro.

Aquilo tinha sido muito assustador. Ela não sabia exatamente por quê, mas tinha sido. Ainda era, mais ou menos. Ela olhou para a porta de seu quarto e acabou se perguntando o que ela encontraria lá se fizesse um gesto para abrir a porta. A cama, o pôster do *Lo Rez Skyline*, o agente de Lo cumprimentando-a com seu modo descerebrado amigável. Mas e se ela desse de cara com outra coisa? Alguma coisa à espera. Como se ela ainda pudesse ouvir aqueles ruídos lá no cume. Ou então, e se ela fosse até a porta em armação de onde deveria estar o quarto de sua mãe? E se ela abrisse a porta e o quarto afinal estivesse lá, e não sua mãe esperando, mas alguma outra coisa?

Ela estava morrendo de medo, era só isso. Olhou para a pilha de discos da Lo/Rez ao lado da lancheira em litografia, sua Veneza virtual ao lado. Até seu Music Master serviria de companhia, agora. Abriu a Veneza, observando a Piazza sé descompactando como um desses livros que têm figuras de papel dobrado que se desdobram quando o livro é aberto, só que neste caso as figuras eram incrivelmente complexas e se desdobravam em *fast-forward*, fachadas e séries de colunas dispostas simetricamente surgindo ao redor dela, com o instante antes da aurora de inverno como luz de fundo.

Saindo da água, onde as proas de gôndolas pretas balançavam como marcas em algum esquecido sistema de notação musical, ela levantou o dedo e lançou-se para dentro do labirinto, pensando que este lugar era tão estranho, à sua maneira, quanto a Cidade Murada de Masahiko, e do que tudo aquilo se tratava, afinal?

E foi só quando ela cruzou a terceira ponte que percebeu que ele não estava ali.

-Ei!

Ela parou. A vitrine de uma loja exibia as máscaras de carnaval, aquelas realmente antigas. Pretas, nariz de pênis, olhos vazados. Um espelho enfeitado com papel crepom. Checou o Sandbenders para se certificar de que não havia desligado o Music Master. Não havia.

Chia fechou os olhos e contou até três. Obrigou-se a sentir o carpete sobre o qual estava sentada no Hotel Di. Abriu os olhos.

No fim da estreita rua veneziana, descendo pelas pedras do piso irregular, onde ela dava numa pequena praça, uma figura desconhecida estava de pé ao lado da fonte central.

Ela arrancou os óculos sem se dar ao trabalho de fechar a Veneza.

Masahiko estava sentado em frente a ela, com as pernas cruzadas, as tigelas pretas grudadas sobre os olhos. Os lábios estavam se movendo em silêncio, as mãos sobre os joelhos, e os dedos, com os sensores, traçavam minúsculos padrões no ar.

Maryalice estava sentada na cama rosa com um cigarro apagado na boca. Segurava um pequeno revólver cinza quadrado, e Chia percebeu que o recente esmalte vermelho nas unhas dela contrastavam com o plástico perolado do cabo da arma.

- Comecei de novo - disse Maryalice, com o cigarro na boca. Ela apertou o gatilho, fazendo com que uma pequena chama dourada saísse do cano, e usou-a para acender seu cigarro. - Tóquio. Vou te contar. Faz isso o tempo todo.

27- ESSA COISA FÍSICA

Laney estava num mictório de borracha preta no banheiro dos homens quando notou o russo penteando o cabelo em frente ao espelho.

Ao menos parecia borracha preta, com bordas meio moles. O encanamento estava obviamente funcionando, mas ficou se perguntando o que diriam se você pedisse para dar sua contribuição pessoal à Gruta. Indo para o banheiro, ele havia notado que um dos balcões tinha como tampo uma prancha feita de uma coisa verde-escura e translúcida, iluminada por baixo, e rezou para que não fosse feito do que ele havia visto na escadaria.

O jantar havia acabado e ele provavelmente havia bebido saque demais. Ele, Arleigh e Yamazaki haviam observado o encontro de Rez com essa nova versão da idoru, a que Willy Jude via como uma grande garrafa térmica prateada. E Blackweil estava tendo que se acostumar com aquilo; Laney achava que o guarda-costas não havia imaginado que ela estaria ali, não até ter chegado e Rez lhe contado.

Arleigh havia conversado com Lo por quase todo o jantar, principalmente sobre imóveis. As várias propriedades que ele possuía pelo mundo afora. Laney ficara ouvindo mais idéias de Yamazaki sobre o acesso ao material desse fã-clube de adolescentes, e podia até ser que houvesse alguma coisa ali, mas teriam que experimentar para descobrir. Blackweil não havia dito duas palavras a ninguém, e ficara bebendo chope em vez de saque e empurrando comida goela abaixo, como se tentasse tapar alguma coisa, um buraco na segurança que pudesse ser tapado caso você ficasse enchendo-o metodicamente com sashimi suficiente. O australiano era um ás dos pauzinhos; ele provavelmente conseguiria enfiar um deles em um olho seu a cinqüenta passos de distância. Mas o show principal tinha sido Rez e a idoru, e, em segundo lugar, Kuwayama, que tivera longas conversas com ambos. O outro, Ozaki, parecia ser apenas o cara que trouxeram junto caso alguém precisasse trocar as baterias da garrafa térmica prateada. E Willy Jude era muito simpático, mas com tão pouco

conteúdo quanto possível.

Dizia-se que os técnicos eram uma fonte acessível do que passava por fofoca em qualquer grupo, então Laney havia tentado umas abordagens nesse sentido, mas Ozaki só dissera o estritamente necessário. E já que Laney não conseguia deixar Rei Toei entrar em seu campo de visão sem começar a escorregar para o modo nodal, ele teve que ficar entreouvindo as conversas alheias, valendo-se dos meios visuais disponíveis. Arleigh não era das piores para esse propósito. Havia alguma coisa na linha do queixo dela de que ele particularmente gostava, e para a qual ficava retornando.

Laney fechou o zíper, foi lavar as mãos na pia feita do mesmo material preto e mole, e percebeu que o russo ainda estava penteando os cabelos. Laney não tinha como saber se o sujeito era literalmente russo ou não, mas considerou-o como se fosse, por causa das botas de pára-quedista de verniz preto com costuras contrastantes brancas, as calças com uma faixa de seda preta na costura lateral, e o paletó de smoking de couro branco. Ou era russo ou trabalhava em alguma coisa parecida, mas definitivamente tinha ligações com o Kombinat, aquela coisa mutante comuno-mafiosa.

O russo penteava os cabelos com uma concentração absoluta, o que fez Laney pensar em uma mosca se limpando com as patas da frente. Era muito grande, e tinha uma cabeça enorme, embora principalmente na vertical, da sobrancelha para cima, que parecia afunilar-se em direção ao cocuruto. Apesar de toda a atenção que dispensava ao ato de se pentear, na verdade não tinha muito cabelo, não no alto da cabeça, e Laney havia pensado que esses sujeitos se interessavam por implantes. Rydell havia lhe dito que esses tipos do Kombinat estavam por toda a parte, em Tóquio. Rydell vira um documentário a esse respeito, de como eles eram tão singular e surrealisticamente brutais que ninguém queria se meter com eles. Depois Rydell havia começado a contar sobre dois russos, tiras <*e* São Francisco, com quem ele havia tido um confronto de algum tipo, mas Laney precisava comparecer a uma reunião com Rice Daniels e um maquilador, e nunca ouviu o fim da história.

Laney verificou se não havia nada grudado em seus dentes.

Quando saiu, o russo ainda estava se penteando.

Ele viu Yamazaki, piscando e parecendo meio perdido. - Fica lá -disse ele.

- O que fica lá?

- O Miguel.

- Miguel?

- Banheiro. Dos homens.

- Mas eu estava procurando você.

- Me achou.

- Eu percebi, enquanto jantávamos, que você evitava olhar diretamente para a idoru.

- Correto.

- Presumo que a densidade de informação seja suficiente para permitir a apreensão nodal...

- É isso mesmo.

Yamazaki assentiu. - Ah. Mas isso não aconteceria com um dos vídeos dela, nem mesmo com uma performance "ao vivo".

- Por que não? - Laney havia começado a andar de volta para a mesa.

- Largura da banda - disse Yamazaki. - A versão que está aqui hoje à noite é um protótipo de elevada largura de banda.

- E nós vamos ser pagos para testar essa versão experimental?

- Você pode descrever a natureza da apreensão nodal, por favor?

- São como lembranças - disse Laney -, ou clipes de filme. Mas alguma coisa que o baterista disse fez com que eu pensasse que estava vendo apenas o último vídeo dela.

Alguém deu um encontrão por trás em Laney, e ele caiu por cima da mesa mais próxima, quebrando um copo. Sentiu o copo se quebrando debaixo dele e, por um segundo, viu-se olhando para baixo, para o rijo colo de látex cinza de uma mulher que berrou a plenos pulmões imediatamente antes que a mesa cedesse. Alguma coisa, provavelmente o joelho dela, acertou-o firme no lado da cabeça.

Ele conseguiu ficar de joelhos, segurando a cabeça, e lembrou-se de um experimento que haviam feito na aula de ciências em Gainesville. Tensão superficial. Borrifaram pimenta sobre a água de um copo. Aproximaram a ponta de uma agulha da fina camada de pimenta. A camada de pimenta fugiu da agulha como se estivesse viva. E ele via o mesmo acontecendo ali, com sua cabeça zunindo, mas em vez de pimenta era a multidão no Western World, e ele sabia que a agulha estava apontada para a mesa de Rez.

As costas de um paletó de smoking de couro branco... Mas aí ele viu o tanque Sherman aproximar-se, desgovernado, sobre os ombros da multidão que recuava, rodopiando na sua direção, imenso e leve, e as luzes se apagaram.

A multidão se afastava aos gritos, mas a escuridão aumentou tanto o volume que Laney tapou os ouvidos. Ou tentou, já que alguém tropeçou nele e ele caiu de costas, instintivamente enrolando-se em posição fetal e colocando as mãos na nuca.

- Ei - disse uma voz, muito próxima ao seu ouvido -, levanta. Vão pisar em você. - Era Willy Jude. - Eu posso ver. - Uma mão em torno do pulso dele. - Tenho infravermelho.

Laney deixou que o baterista o levantasse. - O que foi isso? O que está acontecendo?

- Não sei, mas vamos embora. Vai piorar... - Como se fosse uma coisa ensaiada, um guincho terrível de força animalesca penetrou a gritaria da multidão enlouquecida. - Blackwell pegou alguém - disse Willy Jude, e Laney sentiu a mão do baterista agarrar seu cinto. Ele foi aos tropeções seguindo Jude. Alguém foi de encontro a ele e gritou em japonês. Depois disso ele passou a manter as mãos para cima, tentando proteger seu rosto, e foi para onde o baterista o puxava.

Repentinamente estavam em um nicho de relativa calma. - Onde estamos? - perguntou Laney.

- Por aqui... - Alguma coisa acertou as canelas de Laney. – Banquinhos - disse Willy Jude. - Desculpe. - Vidro quebrou-se sob os sapatos de Laney.

Uma curva de luz esverdeada, seqüências de letras cursivas pendendo na escuridão. Mais alguns passos e ele viu a Gruta. Willy Jude largou seu cinto. - Aqui dá pra você ver, certo? Esse negócio bioluminescente?

- Sim - disse Laney. - Obrigado.

- Meus óculos não pegam. Pego o infravermelho emitido por corpos vivos, mas não dá para ver os degraus. Me guia pela escada. - Ele pegou a mão de Laney. Começaram a descer a escada juntos. Uma trinca de japoneses vestidos de preto passou rápido por eles, largando uma sandália de salto alto nas escadas, e sumiu no patamar. Laney chutou a sandália para fora do caminho de Willy Jude e seguiu em frente.

Quando viraram na curva no patamar, Arleígh estava lá, segurando uma garrafa verde de champanhe por cima do ombro. Tinha uma mancha de sangue no canto da boca, mais escura do que o batom que ela usava. Quando viu Laney, ela abaixou a garrafa. - Onde você estava? - disse ela.

- No banheiro - respondeu Laney.

- Você perdeu o show.

- O que aconteceu?

- Droga - disse ela -, meu casaco ficou lá em cima.

- Vamos indo, vamos indo - apressou Willy Jude.

Mais escadas, mais patamares, as paredes descascando da Gruta davam lugar ao concreto. Mais pessoas continuavam a passar voando por eles, em bandos e sozinhas, descendo as escadas rápido demais. Laney esfregou as costelas no lugar onde havia caído sobre o copo. Estava doendo, mas não havia se cortado.

- Eles pareciam ser do Kombinat - disse Arleigh. — Caras grandes e feios, roupas horrorosas. Não deu para perceber se estavam atrás do Rez ou da idoru. Como se achassem que podiam chegar lá e fazer o que quisessem.

- Fazer o quê?

- Não sei - disse ela. - Kuwayama tinha colocado pelo menos uma dúzia dos seguranças dele nas duas mesas mais próximas. E o Blackwell provavelmente reza toda noite por uma cena dessas antes de ir dormir. Ele enfiou a mão no paletó, e aí as luzes se apagaram.

- Ele apagou as luzes - disse Willy Jude. - É algum controle remoto. Ele enxerga melhor no escuro do que eu com esses infravermelhos. Não sei como, mas ele enxerga.

- Como vocês conseguiram sair? - Laney perguntou a Arleigh.

- Lanterna. Na minha bolsa.

- Laney-san...

Olhando pra trás, viu Yamazaki com uma das mangas de seu paletó de xadrez verde arrancada do ombro, e os óculos faltando uma das lentes. Arleigh havia tirado um telefone da bolsa e estava xingando baixinho, tentando fazê-lo funcionar.

Yamazaki conseguiu alcançá-los no próximo patamar. Os quatro continuaram a descer juntos, Laney ainda segurando a mão do baterista cego.

Quando chegaram à rua, os porteiros emburrados do Western World não estavam em parte alguma. Um único policial com um plástico cobrindo seu quepe estava murmurando freneticamente em um microfone preso à frente de sua capa curta. Ele andava em círculos fechados enquanto falava, gesticulando dramaticamente com um bastão branco para ninguém em particular. Vários tipos de sirenes estranhas estavam convergindo para o Western World, e Laney achou que ouvia um helicóptero.

Willy Jude largou a mão de Laney e ajustou seus vídeo-óculos para o nível de luz das ruas. - Onde está meu carro?

Arleigh abaixou o telefone, que estava aparentemente funcionando. - É melhor você vir conosco, Willy. Tem uma unidade tática vindo pra cá...

- Não existe nada como isso - disse Rez, e Laney se virou para ver o cantor emergir do Western World espanando uma coisa branca de seu paletó escuro. - Essa coisa física. A gente passa tempo demais no virtual e se esquece, não é? Você é o Leyner? - e estendeu a mão.

- Laney - respondeu, enquanto a van verde-escura de Arleigh encostava ao lado deles.

28- UMA QUESTÃO DE CRÉDITO

Maryalice abriu uma gaveta curva embutida na cabeceira da cama rosa. Ela estava usando um *tailleur* de saia preta com grandes rosas vermelhas de lantejoulas ao estilo Ashleigh Modine Carter nas lapelas. Pegou um pequeno prato de vidro azul e equilibrou-o sobre o joelho. - Odeio esses lugares - disse ela. - Existem muitas maneiras de transformar o sexo numa coisa feia, mas é difícil fazer o sexo parecer tão ridículo quanto aqui. - Ela bateu a ponta do cigarro no pires azul. - Mas, quantos anos você tem?

- Quatorze - disse Chia.

- É o que eu disse para eles. Quatorze, quinze, mesmo, e não tinha como você ter-me sacado. Eu saquei *você,* certo? Foi minha jogada. Eu escondi aquilo nas suas coisas. Mas eles não acreditam em mim. Ficam dizendo que você é uma agente, que eu sou uma estúpida, que o Rez mandou você ao SeaTac para pegar a coisa. Ficam dizendo que você é uma cilada e que sou louca em acreditar que uma guria não pudesse fazer isso. -Ela sugou o cigarro, franzindo os olhos. - Onde está? - Ela olhou para a bolsa de Chia aberta sobre o carpete branco. - Ali?

- Não tinha a intenção de levar. Não sabia que estava ali.

- Eu sei - disse Maryalice. - Foi o que eu disse a eles. Minha intenção era pegar de volta na casa noturna do Eddie.

- Não estou entendendo nada disso - Chia falou. - Isso me dá medo.

- Às vezes trago umas coisas para o Eddie. Gentilezas de um sócio nos negócios. É ilegal, mas não é *tão* ilegal assim, entende? Nada muito barra pesada, verdade. Mas desta vez ele estava fazendo alguma outra coisa em paralelo com os russos, e eu não gostei. É isso o que me assusta, essa coisa. É como se estivesse viva.

- Que coisa?

- Aquilo. Assemblers, como chamam.

Chia olhou para sua bolsa. - Aquela coisa na minha bolsa é um assembler de nanotecnologia?

- Tem mais a ver com aquilo com o qual você começa. Tipo um ovo, ou uma fabriqueta. Você liga aquela coisa em outra máquina que as programa, e elas começam a construir por si mesmas a partir do que quer que esteja disponível. E quando tem o suficiente, começam a construir o que você queria que construíssem. Tem leis contra a venda desse negócio para o Kombinat, então eles querem essa coisa de verdade. Mas o Eddie inventou um jeito de fazer isso. Encontrei esses dois alemães horripilantes no Hyatt do SeaTac. Estavam chegando de algum lugar, acho que talvez da África. - Ela esmigalhou a ponta acesa do cigarro no pratinho azul, fazendo com que o cheiro ficasse ainda pior. - Eles não queriam me dar a coisa porque tinham achado que encontrariam o Eddie. Deram um monte de ligações telefônicas. Finalmente acabaram me entregando. Era para eu ter posto na mala com as outras coisas, mas aquilo me deixou nervosa. Aquilo fez eu ter vontade de me automedicar. - Ela olhou em volta do quarto. Colocou o prato azul com o cigarro amassado na mesa de canto preta quadrada e fez uma coisa que abriu a frente. Era um frigobar cheio de garrafinhas. Maryalice se inclinou e examinou o frigobar. O isqueiro com forma de pistola escorregou da cama rosa. - Não tem tequila - disse Maryalice. - Me diga por que alguém botaria o nome de "Come Back Salmon" numa vodca... - Tirou uma garrafinha quadrada com um peixe de um lado. - Só os japoneses. - Olhou para o isqueiro. - Como os russos, que fazem isqueiros que parecem pistolas.

Chia percebeu que Maryalice não usava mais o aplique. - Quando eles estavam colhendo amostras de DNA, no SeaTac - disse Chia -, você deu as pontas do seu aplique para serem cortadas...

Maryalice quebrou o selo na garrafinha, abriu, bebeu de um só gole e arrepiou-se. - Aquele aplique é feito do meu próprio cabelo - disse ela. -Deixei crescer quando estava meio que fazendo uma dieta saudável, compreende? Quando pegam aquelas amostras de cabelo, eles acabam pegando quem está tomando droga ocasionalmente com propósitos recreativos. Algumas dessas drogas ficam no cabelo por muito tempo. - Maryalice colocou a garrafa vazia ao lado do prato azul. - O que ele está fazendo? -Apontando para Masahiko.

- Conectando-se - disse Chia, incapaz de pensar em um modo rápido de explicar a Cidade Murada.

- Estou vendo. Vocês vieram pra cá porque esses lugares têm re-postagem, certo?

- Mas mesmo assim você nos achou.

- Tenho minhas ligações com uma companhia de táxis. Achei que valia a pena tentar. Mas os russos também vão pensar nisso, se é que ainda não pensaram.

- Mas como você entrou? Estava tudo trancado.

- Eu conheço bem esses lugares, benzinho. Eu os conheço como a palma da minha mão.

Masahiko tirou as tigelas pretas que cobriam seus olhos, viu Maryalice, olhou para as tigelas, depois de volta para Chia.

- Maryalice - disse Chia.

* * *

Gomi Boy se apresentava como um *anime* de tamanho natural de si mesmo, imensos olhos e cabelo com topete ainda maior. - Quem bebeu a vodca? - perguntou ele.

- Maryalice - respondeu Chia.

- Quem é Maryalice?

- Ela está no quarto do hotel - disse Chia.

- Custou o equivalente a vinte minutos de conexão - disse Gomi Boy. - Como é que pode ter alguém no quarto de vocês no Hotel Di?

- É complicado - falou Chia. Estavam de volta no quarto de Masahiko na Cidade Murada. Haviam apenas clicado para voltar, evitando toda aquela

correria da primeira vez. Passou por um ícone que a lembrou que havia deixado sua Veneza aberta, mas era tarde demais para isso. Talvez depois de ter estado aqui uma vez, você voltasse rápido. Mas Masahiko dissera que tinham que andar rápido, porque havia problema. Maryalice havia dito que não se importava, mas Chia não estava gostando nada de Maryalice estar no quarto com eles enquanto estavam se conectando.

- Seu cartão inteligente dá para mais vinte e seis minutos de estadia -disse Gomi Boy. - A menos que sua amiga ataque o minibar de novo. Você tem uma conta em Seattle?

- Não - disse Chia -, só minha mãe...

- Já demos uma olhada nisso - falou Masahiko. - O saldo de sua mãe não paga o aluguel deste quarto mais as despesas com a conexão. Seu pai...

- Meu *pai}*

- Tem uma conta para despesas de representação com o empregador dele em Cingapura, um banco mercantil...

- Como é que você sabe disso?

Gomi Boy deu de ombros. - Cidade Murada. A gente descobre coisas. Tem gente aqui que sabe das coisas.

- Você não pode tirar dinheiro da conta do meu pai - disse ela. - É para o emprego dele.

- Restam vinte e cinco minutos - disse Masahiko.

Chia tirou os óculos. Maryalice estava tirando outra garrafinha do frigobar. - Não abra isso!

Maryalice deu um gritinho de culpa e deixou a garrafa cair. - Talvez só uns biscoitos de arroz - disse ela.

- Nada - Chia disse. - É caro demais. Nosso dinheiro está acabando.

- Oh! - disse Maryalice, piscando. - Está bem. Mas não tenho dinheiro nenhum. Eddie cortou os meus cartões, com toda a certeza, e assim que eu usar um ele vai saber exatamente onde estou.

Masahiko falou com Chia sem remover as tigelas dos olhos. - Estamos com a conta para despesas do seu pai on line...

Maryalice sorriu. - É o queríamos ouvir, certo?

Chia estava tirando seus sensores de dedos. - Você vai ter que levar para eles - ela disse para Maryalice -, a nano-coisa. Vou dá-la para você agora, você leva pra eles, dá pra eles, diz que foi tudo um engano. - Saiu em disparada, engatinhando até onde sua bolsa estava, aberta, no chão. Procurou, achou a coisa, entregou-a para Maryalice no que restara da sacola azul e amarela do free shop do SeaTac. O plástico cinza escuro e as fileiras de buraquinhos faziam com que parecesse com um moderno moedor de pimenta deformado. - Pega. Explica pra eles. Diz pra eles que foi só um engano.

Maryalice encolheu-se de medo. - Ponha isso de volta, tá? - Ela engoliu em seco. - Olha, o problema não é se foi um engano, ou não. O problema é que agora eles vão nos matar de qualquer jeito, porque nós sabemos da coisa. E o Eddie, ele vai deixar. Porque ele tem de deixar. E porque aquele merdinha escroto está de saco cheio de mim, aquele filho da puta ingrato... - Maryalice balançou a cabeça cheia de tristeza. - É o fim da nossa relação, se você quer saber.

- Conta acessada - disse Masahiko. - Junte-se a nós, por favor. Você tem outra visita.

29- O LADO MAU DELA

A van de Arleigh cheirava a longas cadeias de monômeros e equipamentos eletrônicos aquecidos. Os bancos de trás haviam sido retirados para abrir espaço para uma coleção de consoles pretos, unidos por cabos e acomodados com folhas de plastibolha para protegê-los.

Rez ia na frente, ao lado do motorista, o japonês da Califórnia de rabo-de-cavalo de Akihabara. Laney ia de cócoras sobre um console, entre Arleigh e Yamazaki, e Willy Jude e o técnico ruivo atrás deles. As costelas de Laney doíam no lugar onde havia batido na mesa, e parecia estar piorando. Ele descobrira que a parte de cima de sua meia esquerda estava grudenta de sangue, mas não tinha certeza de onde o sangue viera, nem se era dele.

Arleigh tinha o telefone no ouvido. - Opção oito - ela disse, evidentemente para o motorista, que tocou no botão ao lado do mapa do painel do carro. Laney viu segmentos do mapa de Tóquio passando rapidamente pela tela. - Estamos levando o Rez de volta conosco.

- Me leva para o Imperial - disse Rez.

- Ordens do Blackwell - falou Arleigh.

- Deixa eu falar com ele. - Virou-se pra trás para pegar o telefone.

Viraram à esquerda, entraram numa rua mais larga, e os faróis iluminaram uma pequena multidão se afastando a pé do Western World, todos tentando dar a impressão de que estavam ali apenas por acaso, só dando um passeio num passo meio acelerado. Aquela parte da cidade não tinha qualquer característica especial, era apenas genericamente urbana e, fora os passantes que pareciam culpados, deserta.

- Keithy - disse Rez -, quero voltar para o hotel. - O terrível sol branco do helicóptero da polícia passou acima deles, sombras escuras como carvão voando pelo concreto. Rez estava prestando atenção ao telefone. Passaram por uma

carrocinha de macarrão que ficava aberta a noite toda, seu interior fantasmagórico por trás de cortinas de plástico amarelo. Imagens adejando por uma pequena tela por trás do balcão. Arleigh cutucou o joelho de Laney e apontou além do ombro de Rez. Três carros blindados brancos passaram acelerados pelo cruzamento à frente, luzes azuis piscando nos giroscópios retangulares, e sumiram em silêncio. Rez se virou pra trás e devolveu o telefone. - Keithy está fazendo uma *keithisse.* Ele quer que eu vá para o seu hotel e espere por ele.

Arleigh pegou o telefone. - Ele sabe o que aconteceu?

- Caçadores de autógrafos? - Rez começou a se ajeitar de novo no assento.

- O que aconteceu com a idoru? - perguntou Laney.

Rez deu uma olhada nele. - Se você seqüestrasse aquela nova plataforma, e eu achei que era magnífica, o que exatamente você teria?

- Não sei.

- A única realidade de Rei está nos domínios da permanente criação em série - disse Rez. - Totalmente um *processo;* infinitamente mais do que a soma dos vários eus dela. As plataformas afundam debaixo dela, uma após a outra, à medida que ela fica mais densa e mais complexa... - Os amendoados olhos verdes pareciam estar devaneando à luz das lojas por que passavam, e aí ele se virou para frente.

Laney viu Arleigh passar um lenço de papel no canto cortado da boca.

- Laney-san... - sussurrou Yamazaki. Colocou algo na mão dele. Um par de olhofones com os cabos. - Temos a base de dados do fã-clube mundial...

Suas costelas doíam. Será que sua perna estava sangrando? - Mais tarde, OK?

* * *

A suíte de Arleigh era pelo menos o dobro do quarto de Laney. Tinha sua própria sala de estar em miniatura, separada do quarto e do banheiro por portas

douradas duplas, envidraçadas até o chão. As quatro cadeiras na sala de estar tinham espaldares muito altos, estreitos, que se afunilavam formando uma espécie de chapéu de gnomo, feito em aço polido com jato de areia. As cadeiras eram espantosamente desconfortáveis, e Laney estava sentado todo curvado para a frente, sentindo considerável dor, afagando suas costelas machucadas. O sangue na meia afinal era dele mesmo, de um esfolado em sua canela esquerda. Ele havia feito um curativo com microporo que pegara no kit de primeiros socorros de aparência profissional do banheiro de Arleigh. Duvidava que houvesse alguma coisa para melhorar a dor de suas costelas, mas imaginava se alguma atadura elástica não ajudaria.

Yamazaki estava na cadeira à sua direita, recolocando a manga do paletó com alfinetes de fralda dourados que pegara em um kit de costura do Chapéu do Gnomo Perverso. Laney na verdade nunca tinha visto ninguém usar um kit de costura para coisa alguma. Yamazaki havia tirado os óculos quebrados e estava pregando os alfinetes com o paletó junto ao rosto. Isso fazia com que parecesse mais velho e, por algum motivo, mais calmo. A direita de Yamazaki, o técnico ruivo, cujo nome era Shannon, estava sentado, empertigado, lendo uma revista de moda de cortesia.

Rez estava esparramado na cama, recostado em todos os travesseiros disponíveis, e Willy Jude estava sentado ao pé da cama, surfando pelos canais com suas unidades de vídeo. Aparentemente o pânico no Western World ainda não havia aparecido no noticiário, embora o baterista tivesse dito que havia percebido uma referência indireta em um dos canais clubbers.

Arleigh estava de pé junto à janela, segurando um cubo de gelo dentro de uma toalhinha contra seu lábio inchado.

- Ele deu alguma idéia de quando deve aparecer? - disse Rez, da cama.

- Não - respondeu Arleigh -, mas deixou claro que queria que você ficasse esperando.

Rez suspirou.

- Deixe as pessoas tomarem conta de você, Rez - disse Willy Jude. - É para isso que são pagos.

Laney havia suposto que todos deviam esperar, junto com Rez, por Blackwell. Agora ele decidiu tentar voltar para seu quarto. Só o que podiam fazer era impedi-lo.

Blackwell abriu a porta que dava para o corredor, colocando uma coisa preta no bolso, uma coisa que definitivamente não era uma chave comum de hotel. Tinha um X de microporo na bochecha direita dele, com a ponta mais comprida chegando até a extremidade do queixo.

- Boa noite, Keithy - disse Rez.

- Você não deve se emputecer daquele jeito - disse o guarda-costas. - Aqueles russos são da pesada. Insistentes, aqueles caras. Não seria nada bom se eles te pegassem, Rozzer. Nem um pouco. Você não gostaria nada.

- E Kuwayama e a plataforma?

- Tenho que dizer uma coisa, Rez - Blackwell estava de pé, ao pé da cama. - Já vi você sair com mulheres que eu não levaria para cagar no mato numa noite escura, mas pelo menos elas eram humanas. Está me ouvindo?

- Estou, Keithy - disse o cantor. - Eu sei como você se sente em relação a ela. Mas você vai mudar de idéia. É o jeito como as coisas são, Keithy. O novo jeito. Novo mundo.

- Não sei de nada disso. Meu velho era pintor e estivador; tinha a visão de mundo de um estivador. Partiu o coração dele que eu virasse o criminoso que virei. Morreu antes que você me tirasse daquela ala B. Gostaria que ele tivesse me visto tendo responsabilidade, Rez. Por você. Por sua segurança. Mas agora, não sei, não. Ele poderia não ficar muito impressionado. Ele poderia me dizer que estou me preocupando com um tolo cheio de si.

Rez saiu da cama, surpreendendo Laney com sua rapidez, com a graça de um ator, e logo estava em frente de Blackwell com as mãos nos seus ombros enormes. - Mas você não pensa assim, não é Keithy? Você não pensava assim em Pentridge. Não quando você foi me buscar. Nem quando eu voltei para te buscar.

Os olhos de Blackwell brilharam. Ele ia dizer alguma coisa, mas Yamazaki

de repente se levantou, piscando, e colocou seu paletó esporte de xadrez verde. Ele esticou o pescoço, examinando miopemente os alfinetes que havia usado para prender a manga, e então percebeu que todos na suíte estavam olhando para ele. Tossiu de nervoso e sentou-se novamente.

Silêncio. - Eu saí da linha, desculpe, Rozzer - disse Blackwell, quebrando o silêncio.

Rez deu palmadinhas nos ombros do guarda-costas, soltando-o. - Estressado. Eu sei. - Rez sorriu. - Kuwayama? A plataforma?

- Ele estava com o próprio time.

- E os caras que nos atacaram?

- É uma coisa meio esquisita - disse Blackwell. - Kombinat, Rez. Dizem que roubamos alguma coisa deles. Ou pelo menos isso é tudo que aquele que eu interroguei sabia.

Rez parecia perplexo, mas aparentemente deixou para lá. - Me leva de volta para o hotel - disse ele.

Blackwell olhou as horas em seu imenso relógio. - Ainda estamos fazendo uma varredura por lá. Mais vinte minutos e vou checar com eles.

Laney interpretou isso como sua oportunidade, levantou-se e passou por Blackwell em direção à porta. - Vou tomar um banho quente - disse ele. - Machuquei minhas costelas lá. - Ninguém disse coisa alguma. - Telefone se precisar de mim. - Abriu a porta, saiu, fechou a porta, e mancou no que ele esperava que fosse o caminho para o elevador.

Era. Dentro, encostou-se na parede espelhada e apertou o botão para seu andar.

O elevador disse alguma coisa num tom reconfortante, em japonês.

A porta se fechou. Ele fechou os olhos.

Abriu os olhos quando a porta se abriu. Saiu, virou para o lado errado,

depois para o lado certo. Procurou sua carteira, onde havia posto a chave. Ainda estava lá. Banho, chuveirada quente, esses conceitos foram ficando mais teóricos à medida que se aproximava de seu quarto. Dormir. Era isso. Despir-se e deitar e não ficar consciente.

Ele passou a chave pela fenda. Nada. De novo. Clique.

Kathy Torrance, sentada na beira da cama. Ela sorriu para ele. Apontou para as figuras que se moviam na tela. Uma delas era Laney, nu, com uma ereção maior do que se lembrava de jamais ter tido. A moça era vagamente familiar, mas quem quer que fosse, ele não se lembrava de ter feito aquilo com ela.

- Não fique aí parado - disse Kathy. - Você tem que ver isso.

- Esse aí não sou eu - retrucou Laney.

- Eu sei - disse ela, deliciada. - Ele é *muito* maior. E eu *adoraria*, ver você tentar provar isso.

30- O ETRUSCO

Chia recolocou os sensores nos dedos, os óculos, e deixou Masahiko levá-la para o seu quarto. A mesma transição instantânea, o ícone da Veneza virtual piscando... Gomi Boy estava lá, e mais alguém, embora não pudesse vê-lo em princípio. Só o copo sobre a superfície de trabalho que não estava lá antes, mapeado com uma resolução mais alta do que o resto do quarto: sujo, lascado na boca, algo grudado no fundo.

- Aquela mulher - começou Gomi Boy, mas alguém tossiu. Uma estranha tosse seca.

- Você *í* uma jovem interessante - disse uma voz diferente de qualquer outra que Chia já ouvira, um som arranhado e abafado que poderia ter sido compilado de uma biblioteca de sons aleatórios fracos e secos. Assim, uma vogai longa poderia ser fios ao vento, ou o estalido de uma consoante, o estrépito de uma folha morta contra uma janela. -*Jovem* - disse, de novo, e então uma coisa indescritível, que ela achou que exprimia uma risada.

- Esse é o Etrusco - disse Masahiko. - O Etrusco acessou a conta do seu pai para nós. Ele é muito habilidoso.

Uma coisa pairou por lá por um segundo. Parecia uma caveira. Acima do copo sujo. A boca arreganhada e petulante. - Ora, não foi nada...

Ela disse a si mesma que era só uma apresentação. Como quando Zona se apresentava, você nunca conseguia focalizar direito nela. Era como aquilo, só que mais. E muito trabalho feito no áudio. Mas ela não gostou.

- Você me trouxe aqui para conhecer ele? - perguntou a Masahiko.

- Oh, não - disse o Etrusco, e o *Oh* foi um coral polifônico. - Só queria dar uma olhada, meu bem. - Aquela coisa que era como risada.

- A mulher - disse Gomi Boy. - Você combinou para ela se encontrar com

você no Hotel Di?

- Não - respondeu Chia. - Ela checou com a companhia de táxi, então você não é tão esperto quanto pensa.

- Bem-posto. - O "po" de posto fazendo o som de um único seixo caindo numa fonte de mármore seca. Chia focalizou o copo. Uma imensa centopéia estava enrolada no fundo, e tinha a cor de epiderme morta. Tinha mãozinhas cor-de-rosa...

O copo tinha sumido.

- Desculpa - disse Masahiko. - Ele só queria conhecer você.

- Quem é a mulher no Hotel Di? - O olhos do anime de Gomi Boy eram brilhantes e ansiosos, mas o tom da voz era duro.

- Maryalice - disse Chia. - O namorado dela está com aqueles russos. A coisa que estão procurando está aqui na minha bolsa.

- Que coisa?

- A Maryalice diz que é um nano-assembler.

- Improvável - disse Gomi Boy.

- Vá dizer isso para os russos.

- Mas você está com contrabando? No quarto?

- Eu estou com uma coisa que eles querem. Gomi Boy fez uma careta, e sumiu.

- Aonde ele foi?

- Isso muda a situação - disse Masahiko. - Você não nos disse que estava com contrabando.

- Você não perguntou! Você não perguntou por que eles estavam procurando por mim...

Masahiko deu de ombros, calmo como sempre. - Não tínhamos certeza de que era em você que eles estavam interessados. O Kombinat estaria muito ansioso pelas habilidades de alguém como o Etrusco, por exemplo. Muitas pessoas sabem de Hak Nam, mas poucas sabem como ter acesso. Reagimos para proteger a integridade da cidade.

- Mas seu computador está no quarto do hotel. Eles podem simplesmente entrar e pegá-lo.

- Não tem mais importância - disse ele. - Não estou mais envolvido com processamento. Minhas tarefas foram assumidas por outros. Gomi Boy está preocupado agora com a segurança dele lá fora, entende? As penas para posse de contrabando são severas. Ele é particularmente vulnerável porque negocia com equipamento de segunda mão.

- Não acredito que você precise se preocupar com a polícia neste momento. Acho que devemos *chamar a* polícia. Maryalice disse que esses russos vão nos matar se nos encontrarem.

- A polícia não seria uma boa idéia. O Etrusco acessou a conta do seu pai em Cingapura. Isso é crime.

- Acho que prefiro ser presa a ser morta.

Masahiko ficou pensando nisso. - Venha comigo - disse ele. - Sua visita está esperando.

- Não a centopéia - disse Chia. - Esquece ela.

- Não - disse ele -, o Etrusco, não. Vem.

E saíram do quarto dele, em disparada pelo labirinto de Hak Nam, subindo escadarias em caracol e por corredores, o estranho mundo compactado bruxuleando em velocidade... - O que *è* esse lugar? Um site comunitário, certo? Mas o que o preocupa tanto? Por que isso é um segredo?

- A Cidade Murada faz parte da rede, mas não está na rede. Não há leis aqui, só acordos.

- Você não pode estar na rede e *não* estar na rede - disse Chia, enquanto subiam em disparada um lance final de escadas.

- Processamento distribuído - disse ele. - Intersticial. Começou com um arquivo de eliminação compartilhado...

- Zona! - Lá, além daquele irregular panorama de telhados, coberto de coisas estranhas.

- Não toque em nada. Algumas coisas são armadilhas. Vou até aí. -Zona, apresentando-se daquele modo rápido, fragmentado, moveu-se para a frente.

À direita de Chia, um carro antigo inclinado num turbilhão de texturas aleatórias, uma coisa que parecia uma árvore de Natal nascendo do pára-brisa intacto. Além daquilo...

Ela imaginara que os telhados da Cidade Murada fossem o lixão, mas as coisas abandonadas lá pareciam objetos saídos de sonhos, fantasias em bitmap jogadas fora por seus criadores, suas formas e texturas embaralhadas desconcertando o olho, e a tentativa de distinguir e decifrá-los induzia uma espécie de vertigem. Alguns estavam se movendo.

Então um movimento no alto do céu de gasolina chamou a atenção de seu olhar. As coisas-pássaro de Zona?

- Fui no seu site - disse Chia. - Você não estava, alguma coisa...

- Eu sei. Você viu? - quando Zona passou pela árvore de Natal, seus ornamentos prateados redondos exibiram órbitas de olhos pretas, cada par virando-se para segui-la.

- Não. Achei que tinha ouvido.

- Não sei o que é. - A apresentação de Zona estava ainda mais apressada e nervosa do que de costume. - Vim aqui atrás de conselhos. Me disseram que você tinha estado no meu site, e que agora estava aqui...

- Você conhece esse lugar?

- Tem uma pessoa aqui que me ajudou a criar meu site. É impossível vir aqui sem ser convidado, entende? Meu nome está numa lista. Embora eu não possa descer, entrar na cidade, sem acompanhante.

- Zona, estou numa enrascada e tanto! Estamos escondidos nesse hotel horroroso, e Maryalice está aqui...

- A puta que fez você de mula, não é? Ela está onde?

- No quarto desse hotel. Ela disse que terminou com o namorado, e é dele, a nano-coisa...

- A o quê?

- Ela diz que é um nano-assembler.

Os traços de Zona entraram repentinamente em foco e suas sobrancelhas grossas se levantaram. - Nanotecnologia?

- Isso está na sua bolsa? - perguntou Masahiko.

- Embrulhado em plástico.

- Espera um momento. - Ele sumiu.

- Quem é esse? - perguntou Zona.

- Masahiko. Irmão da Mitsuko. Ele mora aqui.

- Aonde ele foi?

- Voltou para o hotel de onde estamos nos conectando.

- Essa merda na qual você se meteu é uma loucura - disse Zona.

- Por favor, Zona, me ajuda! Acho que nunca mais vou voltar para casa! Masahiko reapareceu, segurando a coisa sem a sacola do free shop. - Escaneei isso - disse ele. - Identificação imediata como módulo C-barra-7 A de programação biomolecular primária Rodel-van-Erp. É um protótipo de laboratório. Não temos como determinar o status legal exato, mas o modelo de

fabricação C-barra-9E é nanotecnologia de Classe 1, proibida por lei internacional. Pela lei japonesa, a condenação por posse ilegal de dispositivo Classe 1 acarreta automaticamente prisão perpétua.

- Perpétua? - disse Chia.

- O mesmo para artefatos nucleares - disse ele, apologeticamente -, gás venenoso, armas biológicas. - Ele segurou o objeto escaneado para que Zona pudesse ver.

Zona olhou para ele. - Puta que o pariu - disse ela, com um tom de grave respeito.

31- O JEITO COMO AS COISAS FUNCIONAM

- Está vendo como as coisas funcionam, Laney? "Tudo o que sobe, desce?" "Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come?" Conhece essas expressões, Laney? Como essas coisas são clichês porque tocam em certas verdades, Laney? Fale comigo, Laney.

Laney se abaixou e sentou em uma das poltronas em miniatura, esfregando as costelas.

- Você está um horror, Laney. Onde esteve?

- No Western World - disse ele. Ele não estava gostando de se ver fazendo aquelas coisas na televisão, mas não conseguia desviar o olhar. Laney sabia que não era ele, lá. Haviam mapeado o seu rosto em outra pessoa. Mas era o seu rosto. Ele se lembrava de ter ouvido alguma coisa que alguém tinha dito sobre espelhos, há muito tempo, que eles eram antinaturais e perigosos.

- Então agora você está apelando para o Oriente?

Ela não havia entendido, pensou ele, o que significava que ela não sabia onde ele havia estado antes. O que significava que não o estavam vigiando aqui. - Esse é aquele cara - disse ele -, aquele Hillman. Do dia que conheci você. A entrevista para o emprego. Ele era um extra em filmes pornôs.

- Não acha que ele está sendo muito violento com ela?

- Quem é ela, Kathy?

- Pense. Se você se lembra de Clinton Hillman, Laney... Laney meneou a cabeça.

- Pense em ator, Laney. Pense em Alison Shires...

- A filha dele - Laney disse, sem qualquer dúvida.

- Definitivamente acho que isso é violência demais. É quase um estupro, Laney. Atentado violento ao pudor. Acho que poderíamos acusar de atentado violento ao pudor.

- Por que ela faria isso? Como você conseguiu convencê-la de fazer isso?

- Desviando os olhos da tela para Kathy. - A não ser que seja mesmo estupro.

- Vamos ouvir a trilha sonora, Laney. Ver o que você está dizendo ali. Lançar alguma luz nos motivos...

- Não - disse ele. - Não quero ouvir.

- Você está falando do pai dela o tempo todo, Laney. Quer dizer, obsessão é uma coisa, mas ficar falando nele sem parar desse jeito, bem no meio de uma foda de derreter os miolos...

Ele quase caiu ao se levantar da poltrona. Não conseguia encontrar os controles manuais. Os fios na parte de trás. Ele puxou os primeiros três que encontrou. O terceiro desligou a coisa.

- Vai botar na conta da Lo/Rez, Laney? Estilo de vida de roqueiro? Mas não era para você jogar tudo pela janela?

- Qual é o problema, Kathy? Vai me contar, agora?

Ela sorriu para ele. O mesmo sorriso de que ele se lembrava de sua entrevista. - Posso chamá-lo de Collin?

- Kathy: foda-se.

Ela riu. - Acho que voltamos ao mesmo ponto, Laney.

- Como assim?

- Pense nisso como uma entrevista para um emprego.

- Eu tenho um emprego.

- Estamos oferecendo outro, Laney. Você pode ter dois empregos. Laney voltou para a poltrona. Abaixou-se até se sentar o mais lentamente possível. A dor fazia-o perder a respiração.

- Qual é o problema?

- Costelas. Doem. - Achou um modo de se recostar que parecia ajudar.

- Esteve brigando? Isso aí é sangue?

- Fui a uma boate.

- Aqui é Tóquio, Laney. Aqui não tem brigas em boates.

- Aquela era mesmo ela, a filha?

- Certamente que sim. E ela vai ficar mais que feliz em falar sobre isso no Slitscan, Laney. Seduzida a praticar jogos sexuais sádicos por um espreitador obcecado com o querido e famoso papai dela. Que, por falar nisso, virou casaca. É um dos nossos, agora.

- Por quê? Por que ela faria isso? Porque ele mandou?

- Porque - disse Kathy, olhando para Laney como se estivesse preocupada que ele pudesse ter sofrido também um dano cerebral permanente -ela é uma atriz aspirante, Laney. - Ela o encarou esperançosamente como se de repente ele pudesse começar a fazer progressos. - A grande chance.

- *Isso* vai ser a grande chance dela?

- Uma chance - disse Kathy Torrance - é uma chance. E sabe de uma coisa? Estou tentando, estou realmente tentando dar a *você* uma chance. Exatamente agora. E não seria a primeira, seria?

O telefone começou a tocar. - É melhor atender - disse ela, passando-lhe a placa de tuia branca.

- Sim?

- A base de dados do fã-clube. - Era Yamazaki. - Você tem que acessar agora.

- Onde você está?

- Na garagem do hotel. Com a van.

- Olhe, não estou me sentindo muito bem. Isso pode esperar?

- Esperar? - Yamazaki parecia horrorizado.

Laney olhou para Kathy Torrance. Ela estava usando uma roupa preta que não era curta o suficiente para revelar a tatuagem. O cabelo estava mais curto. - Vou descer quando puder. Mantenha aberto para mim. - Desligou antes que Yamazaki pudesse responder.

- Era sobre o quê?

- Shiatsu.

- Você está mentindo.

- O que você quer, Kathy? Qual é a sua?

- Ele. Eu quero ele. Quero um jeito de entrar. Quero saber o que ele está fazendo. Quero saber o que ele pensa que está fazendo, tentando trepar com um software japonês.

- Casar - disse Laney.

O sorriso dela desapareceu. - Não me corrija, Laney.

- Você quer que eu o espione.

- Pesquise.

- Sei! -É.

- Se eu descobrir alguma coisa que você possa usar, você vai querer que eu arme alguma pra ele.

O sorriso voltou. - Não vamos botar a carroça na frente dos bois.

- E eu ganho o quê?

- Uma vida. Uma vida em que você não foi taxado de espreitador obsessivo que caiu sobre a atraente filha do objeto de sua obsessão. Uma vida em que não é do conhecimento público que uma série de fatídicos testes farmacêuticos tiraram permanente e abominavelmente os seus parafusos do lugar. É justo para você?

- E ela? A filha. Ela fez tudo aquilo com aquele Hillman para nada?

- Você decide, Laney. Trabalhe para nós, consiga o que eu preciso, e ela está tremendamente azarada.

- Fácil assim? Ela vai aceitar isso? Depois do que teve que fazer?

- Se ela quiser manter a esperança de um dia ter uma carreira, vai, sim. Laney olhou para ela. - Isso aí não sou eu. É uma morfe. Se eu conseguisse provar que é uma morfe, eu poderia processar você.

- É mesmo? E você teria como arcar com as despesas, não é? Um processo leva anos. E você poderia não ganhar. Nós temos dinheiro e capacidade de sobra para empregar em problemas desse tipo. Fazemos isso o tempo todo. - A campainha da porta tocou. - É para mim - disse ela. Levantou-se, foi até a porta, tocou na tela da segurança. Laney entreviu o rosto de um homem. Ela abriu a porta. Era Rice Daniels, sem sua marca registrada, seus óculos escuros. - Rice agora está conosco, Laney - disse ela. - Ele tem sido de imensa ajuda com os seus antecedentes.

- Out of Control não deu certo? - perguntou Laney a Daniels. Daniels mostrou a Laney uma fileira de dentes muito brancos. - Estou

certo de que poderíamos trabalhar juntos, Laney. Espero que você não tenha problemas em relação ao que aconteceu.

- Problemas - disse Laney.

Kathy veio até Laney, entregou-lhe um cartão em branco com um número de telefone escrito a mão. - Telefone. Antes das nove, amanhã. Deixe um recado. Sim ou não.

- Você está me dando uma alternativa?

- É mais divertido assim. Quero que você *pense* nisso. - Ela esticou a mão e mexeu no colarinho da camisa de Laney. - Contagem de pontos -disse ela. Virou-se e foi saindo, e Daniels fechou a porta ao sair.

Laney ficou sentado, olhando fixo para a porta fechada, até que o telefone começou a tocar. Era Yamazaki.

32- O INTRUSO

- Temos que *atacar* - disse Zona Rosa, enfatizando o que dissera com uma rápida mudança para o modo caveira asteca. Estavam com Masahiko e Gomi Boy de volta ao quarto de Masahiko na Cidade Murada, longe do caos hipnótico da fervilhante paisagem de telhados.

- Atacar? - Os imensos olhos de Gomi Boy saltavam mais brilhantes do que nunca, mas sua voz traía a tensão. - A quem você vai atacar?

- Nós vamos descobrir um jeito de levar o inimigo a lutar - disse Zona Rosa seriamente. - Passividade é morte.

Uma coisa que parecia descanso de copo laranja brilhante veio deslizando por debaixo da porta de Masahiko e atravessou o quarto, mas a coisa-sombra o devorou antes que Chia pudesse dar uma boa olhada.

- *Você* - disse Gomi Boy a Zona Rosa - está na Cidade do México. *Você* não está física ou legalmente sendo ameaçada por nada disso.

- *Fisicamente)* - disse Zona Rosa, passando imediatamente para uma versão furiosa de sua apresentação anterior. - Você quer *fisicamente*, seu filho da puta? Vou te matar, fisicamente! Você pensa que eu não sou capaz de fazer isso? Você está pensando que vive em Marte ou o quê? Eu pego um avião com minhas garotas, a gente acha você, e a gente corta seus colhões japoneses fora! Acha que eu não posso fazer isso? - A faca de lâmina serrilhada e de punho com feitio de dragão estava trepidando na cara de Gomi Boy.

- Zona, por favor - implorou Chia. - A única coisa que ele fez até agora foi me ajudar! Não faça isso!

Zona bufou. A lâmina se recolheu e sumiu. - Não força a barra - disse ela para Gomi Boy. - A minha amiga, ela se meteu numa merda de uma encrenca das grandes, e eu tenho uma bosta de uma *coisa* fantasma no meu site...

- Está no software do meu Sandbenders também - disse Chia. - Eu o vi na Veneza.

- Você *viu!* - As imagens fragmentadas giravam mais rapidamente.

- Eu vi *alguma* coisa...

- O quê? Você viu o *quê?*

- Alguém. Junto à fonte no fim de uma rua. Podia ser uma mulher. Eu fiquei com medo. Fugi. Deixei minha Veneza aberta...

- Me mostra - disse Zona. - No meu site não dava pra ver. Meus lagartos também não conseguiram ver, mas ficaram agitados. Os pássaros ficaram voando mais baixo, mas não acharam nada. Me mostra essa coisa!

- Mas Zona...

- Agora! - disse Zona. - Isso faz parte desta merda em que você se meteu. Tem que fazer.

* * *

- Meu Deus - disse Zona, olhando atônita para cima, para a Basílica de São Marcos. - Quem fez isso?

- E uma cidade na Itália - disse Chia. - Já foi um país. Inventaram o sistema bancário. Essa é a Basílica de São Marcos. Tem um módulo onde se pode ver o que eles fazem na Páscoa, quando o Patriarca traz todos os ossos e outras coisas, pedaços dos santos incrustados em ouro.

Zona Rosa fez o sinal da cruz. - Como no México... aí é onde a água chega até a parte inferior das portas, e as ruas, elas são de água?

- Acho que grande parte está *debaixo* da água, agora - disse Chia.

- Por que está escuro?

- Sou eu que mantenho assim... - Chia olhou para longe, procurando nas

sombras sob os arcos. - A Cidade Murada, Zona, o que *é* aquilo?

- Dizem que começou como um arquivo de eliminação compartilhado. Você sabe o que é um arquivo de eliminação?

- Não.

- É uma expressão antiga. Um modo de evitar mensagens que chegam. Com o arquivo de eliminação instalado, era como se as mensagens nunca tivessem existido. Elas nunca chegavam até você. Isso foi no início da rede, entende?

Chia sabia que quando sua mãe havia nascido não existia a rede, ou quase isso, mas, como seus professores na escola gostavam de salientar, isso era difícil de imaginar. - Como aquilo virou uma cidade? E por que ela é toda comprimida daquele jeito?

- Alguém teve a idéia de virar o arquivo de eliminação do avesso. Não foi bem assim que aconteceu, entenda, mas é assim que a história é contada: que as pessoas que fundaram Hak Nam estavam irritadas porque a rede havia sido totalmente livre, você podia fazer o que quisesse, mas aí os governos e as companhias, eles tinham idéias diferentes sobre o que você podia ou não podia fazer. Então essas pessoas acharam um jeito de desfazer uma coisa. Um lugar pequeno, um pedaço, como pedaço de pano. Elas transformaram *tudo* em uma coisa tipo um arquivo de eliminação, tudo de que não gostavam, e viraram do avesso. - As mãos de Zona pareciam as de um prestidigitador. - E empurraram tudo até o outro lado...

- O outro lado do *quê?*

- Não foi assim que fizeram - disse Zona com impaciência -, essa é a *história.* Como eles fizeram, eu não sei. Mas essa é a história, o modo como contam. Então se mudaram para lá para se livrarem das leis. Não têm leis, como era quando a rede era nova.

- Mas por que fizeram ter essa aparência?

- Isso eu sei - disse Zona. - A mulher que veio me ajudar a construir minha cidade, ela me contou. Tinha um lugar perto de um aeroporto, Kowloon, quando

Hong Kong não era parte da China, mas tinha havido um engano, há muito tempo, e esse lugar, muito pequeno, com muitas pessoas, ainda pertencia à China. Então não tinham leis por lá. Um lugar fora da lei. E mais e mais pessoas iam para lá; foram construindo, cada vez mais alto. Sem regras, só construindo, e as pessoas simplesmente morando. A polícia não ia lá. Drogas, prostituição e jogo. Mas pessoas vivendo, também. Fábricas, restaurantes. Uma cidade. Sem leis.

- Ainda existe?

- Não - disse Zona -, puseram tudo abaixo antes de virar China de novo. Fizeram um parque de concreto. Mas essas pessoas, as que dizem que fizeram um buraco na rede, elas acharam os dados. A história do lugar. Mapas. Fotografias. Construíram de novo.

- Por quê?

- Não me pergunte. Pergunte a eles. São todos malucos. - Zona estava vasculhando a Piazza. - Esse lugar me deixa com frio... - Chia considerou fazer o sol aparecer, mas então Zona apontou. - Quem é aquele?

Chia viu seu Music Master, ou algo que parecia com ele, perambular na direção deles, vindo das sombras dos arcos de pedra onde ficavam os cafés, um sobretudo escuro adejando, revelando o forro da cor de chumbo polido.

- Eu tenho um agente que se parece com isso - disse Chia -, mas não é para ele estar lá, a menos que eu atravesse uma ponte. E não consegui encontrá-lo quando estive aqui antes.

- Não foi esse o que você viu?

- Não.

Uma aura expandiu-se em torno de Zona, que foi ficando mais alta à medida que a resolução da nuvem de luz aumentava. Planos que se deslocavam, se sobrepunham como espectros de vidro quebrado. Insetos iridescentes rodopiando.

À medida que a figura de sobretudo vinha na direção delas, atravessando

as pedras da Piazza, a neve se decompunha atrás dele; deixava pegadas.

A aura de Zona se eriçou ameaçadoramente, nuvens negras bruxuleantes formando-se acima dos estilhaços das lâminas de luz. Um som que lembrou a Chia um daqueles mata-moscas elétricos que emitem luz azul fritando uma particularmente suculenta, e então grandes asas cortaram o ar, muito perto: os condores colombianos de Zona, coisas do refugio de dados. E se foram. Zona cuspiu uma torrente de palavras em espanhol que sobrepujou a tradução, uma blasfêmia longa e fluida.

Por trás da figura de seu Music Master, Chia via as fachadas da grande praça desaparecerem totalmente por trás de cortinas de neve.

A faca de Zona agora parecia ser do tamanho de uma motosserra, com sua coluna dentada se agitando, viva. Os dragões dourados do punho de plástico perseguiam seus rabos duplos de crina de fogo em torno do pulso marrom dela, entre nuvens em miniatura de bordado chinês. - Vou tirar você daí - disse Zona, como se saboreando cada palavra.

Chia viu o mundo de neve que havia engolido sua Veneza abruptamente se contrair, encolher, seguindo a trilha de pegadas, e os traços do Music Master se transformaram nos traços de Rei Toei, a idoru.

- Já tirou - disse a idoru.

33- TOPOLOGIA

Arleigh estava esperando por ele junto ao elevador, no quinto piso, o mais baixo, do estacionamento. Ela havia trocado de roupa, e estava agora com as roupas de trabalho com que ele a havia visto pela primeira vez. A despeito do curativo de microporo no lábio inchado, o jeans e a jaqueta de náilon faziam com que ela parecesse alerta e competente, duas coisas que Laney sentia que nunca mais poderia ser.

- Você está um horror - disse ela.

O teto era muito baixo, e recoberto com uma coisa lanosa pardacenta para amortecer o barulho. Fios de cabo bioluminescentes estavam presos ao teto, e o ar imóvel estava pesado com o cheiro adocicado do escapamento dos motores a álcool. Filas imaculadas de pequenos carros japoneses cintilavam como reluzentes balas molhadas. - Yamazaki parecia achar que era urgente - disse Laney.

- Se você não fizer isso agora - falou ela -, não sabemos quanto tempo vai levar para reunir e fazer tudo funcionar de novo.

- Então, vamos lá.

- Pela sua aparência, você não devia nem estar andando.

Ele começou a andar instavelmente, como se estivesse fazendo uma demonstração. - Onde está Rez?

- Blackwell o levou de volta para o hotel. A equipe que fez a varredura não encontrou coisa alguma. Por aqui. - Ela o levou por um caminho de grades de radiador e pára-choques cirurgicamente limpos. A van verde estava estacionada com a frente virada para a parede, a porta traseira e as laterais abertas. Estava escondida atrás de barricadas de plástico laranja, e circundada pelos módulos pretos. Shannon, o técnico ruivo, estava fazendo algo com um cubo vermelho e preto no meio de uma mesa dobrável de plástico.

- O que é aquilo? - perguntou Laney.

- Café expresso - respondeu ele, com a mão dentro do invólucro -, mas acho que a gaxeta empenou.

- Sente-se aqui, Laney - disse Arleigh, indicando o assento do carona. - Ele reclina.

Laney subiu para o assento. - Nem tente - disse ele. - Você pode não conseguir me acordar.

Yamazaki apareceu por sobre o ombro de Arleigh, piscando. - Você vai acessar os dados da Lo/Rez como antes, Laney-san, mas simultaneamente vai acessar a base de dados das fãs. Profundidade de campo. Dimensionalidade. Os dados das fãs fornecem o grau de personalização que você precisa. Paralaxe, sim?

Arleigh entregou a Laney os olhofones. - Dê uma olhada - disse ela. -Se não funcionar, foda-se. - Yamazaki se encolheu. - De qualquer forma, vamos procurar o médico do hotel para você, depois disso.

Laney acomodou seu pescoço contra o encosto de cabeça e colocou os olhofones.

Nada. Fechou os olhos. Ouviu os fones serem ligados. Abriu os olhos e viu as mesmas configurações de dados que já vira antes, em Akihabara. Sem características. Institucionais em sua regularidade.

- Aqui está o fã-clube - ouviu Arleigh dizer, e os dados infecundos repentinamente ficaram translúcidos, profundidades entrelaçadas de notícias e comentários revelados em desnorteante complexidade orgânica.

- Alguma coisa está... - ele começou a dizer, mas então estava de volta no apartamento em Estocolmo com as imensas fornalhas de cerâmica. Mas desta vez era um lugar, não apenas um milhão de factóides ordenadamente arquivados. Sombras de chamas dançavam atrás dos estreitos painéis de mica da porta de ferro trabalhado da fornalha.

Luzes de velas. O piso era de pranchas de madeira, cada uma tão larga

quanto os ombros de Laney, cobertas com os tons suaves de velhos tapetes. Alguma coisa chamou a sua atenção no próximo aposento, além de um sofá de couro coberto com tapetes pequenos, e ele viu a janela por trás de cortinas abertas, onde flocos de neve, muito grandes e floreados, caíam com deliberada gravidade do outro lado das vidraças embaçadas.

- Pegando alguma coisa? - perguntou Arleigh. Em algum lugar muito longe.

Ele não respondeu, observando enquanto sua perspectiva virou na direção oposta. Foi manobrado por um corredor central, onde um espelho oval não mostrou qualquer reflexo quando ele passou. Lembrou-se dos CD-ROMs que havia explorado no orfanato: castelos assombrados, espaçonaves monstruosamente infestadas, abandonadas em órbita... Clique aqui. Clique ali. E de alguma forma ele sempre tinha a sensação de que nunca havia encontrado a maravilha central, aquilo que teria feito a caçada valer a pena. Porque não estava lá, ele finalmente concluíra; nunca estava, então ele perdera o interesse por aqueles games.

Mas a maravilha central aqui - clique na cama - era Rei Toei. Recostada em travesseiros brancos na cabeceira de um oceano branco, com a cabeça e os ombros cobertos por uma camisola surgindo acima de lese e do brilho de finos algodões.

- Você era nosso convidado hoje à noite - disse ela. - Não deu para eu falar com você. Lamento muito. Terminou mal, e você se machucou.

Ele olhou para ela, esperando os vales e os sinos, mas ela só retornou o olhar, nada veio, e ele se lembrou do que Yamazaki havia dito sobre largura de banda.

Uma pontada de dor do lado. - Como você sabe? Que eu me machuquei?

- O relatório preliminar da segurança da Lo/Rez. O técnico Paul Shannon declarou que você parecia ter sido ferido.

- Por que você está aqui? (- Laney - ele ouviu Arleigh dizer -, você está bem?)

- Eu encontrei - disse a idoru. - Não é maravilhoso? Mas ele não vem aqui desde que a reforma ficou pronta. Então, na verdade, ele nunca esteve aqui. Mas você esteve aqui antes, não é? Acho que foi assim que eu encontrei. - Ela sorriu. Estava muito bonita neste lugar, flutuando em toda aquela brancura. Ele ainda não tivera a oportunidade de olhar realmente para ela no Western World.

- Acessei esse lugar antes - disse ele -, mas não estava assim.

- Mas desde então ele... ficou pronto, não? Ficou tão melhor. Um dos artesãos que remontaram as fornalhas fez um registro de tudo, na época. Para ele mesmo, para os amigos, mas você pode ver o resultado. Estava nos dados do fã-clube. - Ela admirava, deliciada, um círio, com faixas horizontais em creme e azul, que queimava num castiçal de bronze polido. Ao lado dele, na mesinha de cabeceira, estavam um livro e uma laranja. - Eu me sinto muito próxima a ele aqui.

- Eu me sentiria mais próximo dele se você me colocasse lá fora de novo.

- Na rua? Está nevando. E não tenho certeza se a rua está lá.

- No plano geral dos dados, por favor. Para que eu possa fazer meu trabalho...

- Oh! - disse ela, e sorriu para ele. Laney estava olhando para as emaranhadas profundidades das configurações de dados.

- Laney? - disse Arleigh, tocando em seu ombro. - Com quem você está falando?

- A idoru - respondeu Laney.

- Em sua manifestação nodal? - Yamazaki.

- Não. Ela estava lá nos dados, não faço idéia como. Estava num modelo daquele lugar em Estocolmo. Ela disse que chegou até lá porque eu já tinha navegado por ali antes. Aí eu pedi que ela me pusesse aqui de volta...

- De volta, aonde? - perguntou Arleigh.

- De onde eu posso ver - disse Laney, olhando para baixo, para despenhadeiros totalmente cobertos de densas e intricadas ramificações que o faziam se lembrar do Realtree 7.2 de Arleigh, só que, de certa forma, orgânico, cada segmento densamente coberto de comentários. - Yamazaki estava certo. Parece que esse material do fã-clube vai dar certo.

* * *

Ele podia ouvir Gerrard Delouvrier, nos laboratórios do TIDAL, advertindo-o a *não* focalizar. *O que você faz é o oposto de se concentrar, mas nós vamos aprender a direcionar isso.*

Levado pela corrente. Descendo deltas de namoradas anteriores, vários graus de confirmação de namoro, relatos pessoais de observações de Rez ou Lo acompanhados de mulheres em lugares públicos, cada relato enriquecido com a importância que o evento tinha tido para quem o havia relatado. Esse era o aspecto mais peculiar desses dados, a perspectiva segundo a qual aqueles dois se agigantavam. Humanos em cada detalhe, mas ao mesmo tempo nem tanto. Tudo escrupulosa e fanaticamente preciso, provavelmente, mas sempre reunido em torno de um eixo oco, a notoriedade. Dava para *ver* a notoriedade aqui, não como a idéia que Kathy fazia dela, como uma substância primordial, mas como uma qualidade paradoxal inerente à substância do mundo. Ele podia ver que a quantidade de dados acumulados aqui pelas fãs da banda era muito maior do que tudo que os membros da banda jamais haviam gerado. E a arte em si, a música e os vídeos, que haviam produzido, era apenas um fragmento de tudo aquilo.

- Mas esse é meu favorito - Laney ouviu a idoru dizer, e então ele viu Rez subindo em um pequeno palco em um alguma boate lotada, tudo em psicodélicos rosas coreanos, sombreados hipersaturados como versões de desenhos animados da polpa de melões tropicais. - É o que nós sentimos. -Rez segurou um microfone e começou a falar de novos modos de ser, de algo que ele chamava de "casamento alquímico".

E de algum lugar a mão de Arleigh tocou em seu braço, sua voz tensa. - Laney? Desculpa. Precisamos de você aqui, agora. O sr. Kuwayama está aqui.

34- CASSINO

Chia olhou por entre as empoeiradas lâminas da persiana para a rua, onde estava chovendo. A idoru havia feito aquilo. Chia nunca fizera chover na Veneza, mas não achou ruim o jeito que ficou. Parecia combinar. Ficara como Seattle.

A idoru disse que aquele apartamento era chamado de cassino. Chia havia visto cassinos na televisão e não se pareciam nem um pouco com aquilo. O apartamento consistia de uns poucos cômodos pequenos com paredes de reboco descascando e mobília antiquada grande com pés-de-leão dourados. Tudo construído a partir de fractais, então quase dava para sentir o cheiro. Teria cheirado a poeira, pensou ela, e também a perfume. Chia não estivera em muitos desses módulos, nos interiores de sua Veneza, porque davam calafrios. Não davam a ela a sensação que tinha nas ruas.

A cabeça de Zona, sobre a mesa de pés-de-leão, fez aquele som de insetos. Zona havia se reduzido àquilo: essa miniatura em azul néon da caveira asteca, do tamanho de uma maçã pequena. Porque Chia havia mandado ela calar a boca e guardar a faca. E aquilo deixou-a furiosa, talvez houvesse ferido seus sentimentos, mas Chia não sabia mais o que fazer. Chia queria ouvir o que a idoru tinha a dizer, e aquele negócio de eu-sou-perigosa de Zona atrapalhava tudo. Mesmo porque aquilo era só uma atuação, pois as pessoas não podem se ferir de verdade quando estão conectadas. Não fisicamente. E esse sempre tinha sido um problema com Zona. Aquele negócio de macho de ir crescendo para cima dos outros. Kelsey e as outras debochavam daquilo, mas Zona era tão agressiva verbalmente que só o faziam pelas suas costas. Chia nunca entendera o que era aquilo; a personalidade de Zona parecia desestruturada quando ela agia daquele jeito.

Agora Zona não estava falando, estava apenas fazendo aquele ruído de insetos tostados de vez em quando, para lembrar a Chia que ainda estava ali, e danada da vida.

Mas a idoru estava falando, contando a Chia o antigo significado veneziaino da palavra cassino, não um lugar enorme como um shopping, aonde as pessoas iam jogar e assistir a shows, mas um lugar que se parecia mais com o que Masahiko falara sobre os hotéis de amor. As pessoas tinham suas casas, onde moravam, mas existia esses cassinos, esses apartamentinhos secretos, escondidos pela cidade, aonde as pessoas iam para ficar com outras pessoas. Mas não tinham sido muito confortáveis, a julgar por aquele, embora a idoru continuasse a acrescentar mais e mais velas. A idoru disse que adorava velas.

A idoru estava com o corte de cabelo do Music Master; fazia com que ela parecesse uma garota fingindo ser um rapaz. Ela parecia gostar do sobretudo dele, já que ficava girando sobre os calcanhares - os calcanhares dele - para que a barra do sobretudo adejasse. - Já vi tantos lugares novos - disse ela, sorrindo para Chia -, tantas pessoas e coisas diferentes.

- Eu também, mas...

- Ele me disse que seria assim, mas eu não fazia a menor idéia. -Rodopiou. - Depois de ver tudo isso, eu estou tão *mais*... Você se sente assim, quando viaja?

A caveira emitiu um jato de luz azul e um ruído, como o de um peido forte e curto. - Zona! - sibilou Chia. Então, como se estivesse com pressa, para a idoru: - Não viajei muito e até agora acho que não gosto muito, mias viemos aqui para ver o que você era, porque a gente não sabia, porque você está no meu software, e talvez no site da Zona também, e isso a deixa irritada porque o site é particular.

- O país com o lindo céu?

- É - disse Chia. - Não era para ser possível você ir lá, a menos que cia convidasse.

- Não sabia. Desculpa. - A idoru parecia triste. - Achei que podia ir a qualquer parte, exceto o lugar de onde você veio.

- Seattle?

- A colméia de sonhos - disse a idoru -, janelas empilhadas contra o céu. Consigo ver as imagens, mas não tem caminho. Eu sei que você veio de lá, mas

está lá... e não está!

- A Cidade Murada? - Tinha que ser, porque era de lá que ela e Zona estavam vindo. - Nós só nos conectamos por meio dela. Zona está ma Cidade do México e eu estou nesse hotel. E é melhor a gente ir de volta agora, porque não sei o que está acontecendo...

A caveira azul se expandiu e assumiu a forma de Zona, intimidadora e emburrada. - Finalmente você diz alguma coisa que presta. Por que você está falando com essa coisa? Ela não é nada, é só uma versão mais cara desse seu brinquedinho que ela roubou e substituiu. Agora que eu já a vi, só posso pensar que Rez está louco, pateticamente iludido...

- Mas ele não está louco - disse a idoru. - É o que nós *sentimos* juntos.

Ele me disse que não seremos compreendidos, não em princípio, que haverá resistências, hostilidades. Mas não queremos mal a ninguém, e ele acredita que no fim só coisas boas podem resultar da nossa união.

- Sua puta sintética - disse Zona. - Você pensa que não estamos vendo o que você está fazendo? Você não é real! Você não é real nem como essa imitação de cidade alagada! Você é falsa, e quer roubar dele o que é real nele! - Chia viu a nuvem de tempestade, a aura, começando a se formar. -Essa garota cruzou o oceano para descobrir você, e agora ela está correndo risco de vida, e ela é estúpida demais para ver que é tudo por sua causa!

A idoru olhou para Chia. - Risco de vida?

Chia engoliu em seco. - Talvez - disse ela. - Não sei. Estou com medo.

E a idoru foi embora, como se deixando o Music Master sem cor. E lá estava ele à luz de vinte velas, com uma expressão indecifrável. - Desculpe - disse ele -, mas o que mesmo estávamos discutindo?

- Não estávamos - respondeu Chia, e seus óculos foram tirados de seus olhos, levando o Music Master e o quarto na Veneza e Zona com eles, e dois dos dedos da mão que seguravam os óculos tinham anéis de ouro, cada um ligado ao maciço bracelete de ouro de um relógio com correntes. Olhos claros miravam dentro dos olhos dela.

Eddie sorriu.

Chia respirou fundo preparando-se para gritar, e outra mão, que não era de Eddie, grande e branca, com um perfume metálico, cobriu sua boca e seu nariz. E uma mão sobre seu ombro, pressionando-o com força, enquanto Eddie se afastava e deixava os óculos caírem sobre o carpete branco.

Ainda olhando para ela, Eddie levou um dedo aos lábios, sorriu, e disse "Shhhh". Aí saiu da sua frente, virou-se, e Chia viu Masahiko sentado no chão, com as tigelas sobre os olhos, os dedos movendo-se com seus sensores.

Eddie pegou uma coisa preta do bolso e alcançou Masahiko em duas passadas exageradas e silenciosas. Ele fez algo na coisa preta e se agachou. Chia viu aquilo tocar na nuca de Masahiko.

Todos os músculos de Masahiko pareceram ter contrações ao mesmo tempo, as pernas se esticaram, jogando-o para o lado, e ele ficou caído sobre o carpete, tremendo, a boca aberta. Uma das tigelas pretas havia saído do lugar. A outra ainda estava sobre o olho direito.

Eddie se virou, e olhou para ela.

- Onde está? - disse ele.

35- A CAMA DE ENSAIO DO FUTURO

Shannon ofereceu a Laney um copo grande de isopor com dois centímetros de café muito forte e muito quente. Depois dele, além das barricadas cor de laranja, estava um Land-Rover branco, modelo grande com grades quebra-mato e vidros verdes. Kuwayama estava esperando num terno cinza-escuro, os óculos sem aro faiscando à luz esverdeada dos cabos pendentes acima. Um motorista de roupas escuras estava ao seu lado.

- O que ele quer? - perguntou Laney, provando o café expresso de Shannon. O café deixou pó em sua língua.

- Não sabemos - respondeu Arleigh. - Mas, aparentemente, Rez contou a ele onde podia nos encontrar.

- Rez?

- É o que ele disse.

Yamazaki apareceu junto a Laney. Seus óculos ou tinham sido consertados ou substituídos, mas dois dos alfinetes que seguravam a manga do paletó verde tinham se soltado. - O sr. Kuwayama é o criador de Rei Toei, em certo sentido. Ele é o fundador e o presidente da Famous Aspect, a versão empresarial dela. Foi ele quem iniciou o projeto dela. Ele deseja falar com você.

- Achei que era urgente que eu acessasse os dados para você.

- É, sim - disse Yamazaki -, mas acho que agora você devia falar com Kuwayama, por favor.

Laney seguiu-o em meio aos módulos pretos, passou pelas barricadas, e observou os dois fazerem mesuras. - Este é o sr. Colin Laney - disse Yamazaki -, nosso pesquisador especial. - Depois, para Laney. - Michio Kuwayama, presidente da Famous Aspect.

Ninguém teria suspeitado que Yamazaki estivera tão recentemente lá na escuridão do Western World, com a multidão agitando-se e gritando ao seu redor. Como ele havia conseguido sair, é Laney que se perguntava, e não teria a idoru se parecido com uma árvore de Natal? Sangue havia escorrido para o sapato de Laney; estava grudento entre os dedos. O quanto haveria aumentado todo o peso do tecido neuronal da humanidade desde que ele e Arleigh haviam saído daquele bar de chiclete com Blackwell? Laney se sentia como se tivesse ganhado um pouco do peso, e todo ele desconfortável. -Desculpe - disse ele -, mas não tenho cartão.

- Não tem importância - disse Kuwayama, num inglês preciso e com um sotaque estranho. Apertaram-se as mãos. - Sei que você está muito ocupado. E agradecemos ter interrompido para nos encontrar. - O uso do plural fez Laney olhar para o motorista, que estava usando o mesmo tipo de sapato que Rydell usara no Chateau, sapatos macios pretos de amarrar com solado de borracha com travas, mas não lhe pareceu que o motorista fosse a outra metade daquele "nós". - Agora - disse Kuwayama para Yamazaki -, se você nos dá licença... - Yamazaki fez uma rápida mesura e voltou para a van, onde Arleigh, fingindo estar mexendo na máquina de café expresso, estava espiando pelo canto dos olhos. O motorista abriu a porta traseira do Land-Rover para Laney, e este entrou. Kuwayama entrou pelo outro lado. Quando a porta se fechou, eles estavam sozinhos.

Uma coisa que parecia uma grande garrafa térmica prateada estava assentada entre os dois assentos, numa armação com pregadores acolchoados.

- Yamazaki nos disse que você teve problemas com a largura da banda durante o jantar - disse Kuwayama.

- É verdade - falou Laney.

- Ajustamos a largura da banda... - E a idoru apareceu entre eles, sorrindo. Laney percebeu que a ilusão incluía até um assento para ela, combinando as duas caçambas em que ele e Kuwayama estavam sentados em uma terceira.

- Você encontrou o que estava procurando quando me deixou em Estocolmo, sr. Laney?

Ele olhou nos olhos dela. Que tipo de capacidade computacional era necessária para criar algo assim, algo que respondia ao seu olhar? Ele se lembrava de frases da conversa entre Kuwayama e Rez: máquinas de desejos, agregados de desejo subjetivo, uma arquitetura de anseios interrelacionados... - Quase - disse ele.

- E o que o senhor viu que fez com que não conseguisse olhar para mim durante o jantar?

- Neve - disse Laney, e se assustou ao sentir-se ruborizando. - Montanhas... Mas acho que era só um vídeo que você fez.

- Nós não "fazemos" os vídeos de Rei - disse Kuwayama -, não no sentido usual do termo. Eles emergem diretamente da vivência contínua que ela tem do mundo. São os sonhos dela, se quiser.

- Você também sonha, não, sr. Laney? - disse a idoru. - Esse é o seu talento. Yamazaki disse que é como ver rostos nas nuvens, exceto que os

rostos estão mesmo lá. Não vejo rostos nas nuvens, mas Kuwayama-san disse que um dia eu verei. É uma questão de *plectics.*

Yamazaki disse? - Não compreendo o que faço - disse Laney. - Eu simplesmente faço.

- Um talento extraordinário - falou Kuwayama. - Temos muita sorte. E somos afortunados também de termos o sr. Yamazaki que, embora contratado pelo sr. Blackwell, tem a mente aberta.

- O sr. Blackwell não gosta nem um pouco de Rez e... - Acenou com a cabeça na direção dela. - O sr. Blackwell pode não gostar de eu estar falando com você.

- Blackwell adora o Rez do jeito dele - disse ela. - É preocupação o que ele sente. Mas ele não compreende que nossa união já aconteceu. Nosso "casamento" vai ser gradual, contínuo. Queremos simplesmente crescer juntos. Quando Blackwell e os outros virem que nossa união é a melhor coisa para nós dois, tudo vai ficar bem. E o senhor pode fazer isso por nós, sr. Laney.

- Eu posso?

- Yamazaki explicou o que o senhor está tentando com os dados dos arquivos das fãs da Lo/Rez - disse Kuwayama. - Mas os dados não falam, ou falam muito pouco, sobre a Rei. Nós estamos propondo a adição de um terceiro nível de informação: vamos adicionar Rei à mistura, e o padrão que emergir será um retrato da união deles.

Mas você não passa de informação, pensou Laney, olhando para ela. Muita informação, passando por sabe Deus quantos computadores. Mas os olhos negros responderam ao seu olhar, cheios de algo muito parecido com esperança. - Você vai fazer isso, sr. Laney? Vai nos ajudar?

- Olhe - disse Laney -, eu sou só um empregado. Faço, se Yamazaki me disser para fazer. Se ele se responsabilizar. Mas quero que você me diga uma coisa, tudo bem?

- O que o senhor quer saber? - perguntou Kuwayama.

- O que é isso tudo? De que se trata? - A pergunta surpreendeu Laney, que não sabia muito bem o que perguntaria.

Os olhos suaves de Kuwayama o fixaram através das lentes. - Trata-se do futuro, sr. Laney.

- Futuro?

- O senhor sabia que a nossa palavra para "natureza" foi cunhada muito recentemente? Tem menos de cem anos. Nunca desenvolvemos uma visão sinistra da tecnologia, sr. Laney. É um aspecto do que é natural, da unicidade. Através de nossos esforços, a unicidade se aperfeiçoa. - Kuwayama sorriu. - E a cultura popular - disse ele - é a cama de ensaios do nosso futuro.

* * *

Arleigh fazia café expresso melhor do que Shannon. Laney, agachado na traseira da van, sobre retalhos de plastibolhas, observava Yamazaki por sobre a borda de um copo de isopor, com uma dose dupla de café fresco. - O que você pensa que está fazendo, Yamazaki? Está querendo que a gente acabe usando

sapatos menores, ou o quê? Blackwell gosta de pregar as mãos das pessoas nas mesas, e você está fazendo acordos com a idoru e o patrão dela? - Laney havia insistido que voltassem à van para terem privacidade. Yamazaki estava agachado na frente dele, piscando.

- Não sou eu quem está fazendo acordos - disse Yamazaki. - Rez e Rei Toei estão em contato quase que permanentemente agora, e progressos recentes permitem a ela novos graus de liberdade. Rez permitiu que ela tivesse acesso a todos os dados, aqueles que você tentou acessar primeiro. Ele fez isso sem informar ao Blackwell. - Ele deu de ombros. - Agora ela tem acesso aos dados das fãs também. E o que eles propõem pode muito bem permitir que nós concluamos isso. Blackwell está cada vez mais convencido de que há uma conspiração. O ataque na casa noturna...

- Que foi a propósito do quê?

- Não sei. Tentativa de seqüestro? Queriam ferir Rez? Seqüestrar o periférico da idoru? Foi de uma inépcia assombrosa, mas Blackwell diz que essa é a marca registrada do Kombinat... É essa a expressão, marca registrada?

- Não sei - disse Laney.

- Você não acha que Blackwell vai nos cortar fora os dedos do pé se fizermos isso?

- Não. Somos funcionários da empresa de fachada da Lo/Rez...

- Paragon-Asia?

- ... mas Blackwell é funcionário da Lo/Rez Partnership. Se Rez nos diz para fazermos alguma coisa, nós temos que fazer.

- Mesmo se Blackwell achar que põe em risco a segurança de Rez? Yamazaki virou-se. Olhando por cima dos ombros, pela janela traseira da van, Laney podia ver Shannon empurrando o módulo cinza que haviam descarregado da traseira do Land-Rover de Kuwayama. Tinha o dobro do tamanho dos módulos pretos que Arleigh usava.

Ficou observando Shannon empurrá-lo para além das barricadas cor de

laranja.

36- MARYALICE

- Não gritar, por favor - disse aquele que a segurava, e então tirou a mão de sua boca.

- Onde está? - Os olhos claros de Eddie.

- Ali - disse Chia, apontando. Dava para ela ver a ponta rasgada do plástico azul e amarelo saindo de sua bolsa aberta. Aí ela viu que Maryalice estava dormindo sobre a cama cor-de-rosa, toda encolhida, ainda com seus sapatos de salto alto, agarrada a um travesseiro contra o rosto. A parte de cima do frigobar estava coberta de garrafinhas vazias.

Eddie pegou uma caneta preta e dourada do bolso do paletó e foi até a bolsa. Inclinou-se sobre ela e usou a caneta para sondar o interior da bolsa, afastando o plástico para que pudesse olhar dentro. - Está aqui - disse ele.

- Está aí? - A outra mão ainda estava pressionando o ombro de Chia para baixo, onde ela estava sentada no carpete.

- É isso aqui - disse Eddie.

- Ficar aí. - A mão saiu de seu ombro e o homem, que devia ter estado ajoelhado atrás dela, levantou-se e juntou-se a Eddie, espiando dentro da bolsa de Chia. Ele era mais alto, e estava usando um terno marrom-claro e extravagantes botas de caubói. Rosto ossudo, cabelo de um louro mais claro do que o de Eddie, um sinal de nascença avermelhado com formato de meia-lua no alto da bochecha direita. - Como está tendo certeza?

- Pelo amor de Deus, Yevgeni...

O homem no terno marrom-claro se esticou, olhou para Maryalice, inclinou-se para tirar o travesseiro do rosto dela. - Como a sua mulher está dormindo no cama nesse quarto, Eddie?

Eddie viu que era Maryalice. - Merda - disse ele.

- Você diz garota e sua mulher é "incidental". Você diz elas se encontram em avião, é só *acidente*. É *acidente* sua mulher está aqui? Nós não *gostar* de acidente.

Eddie desviou o olhar para o homem - ele tem que ser russo - para Chia. - Mas que *porra* esta puta está fazendo aqui? - Como se fosse culpa de Chia.

- Ela nos encontrou - disse Chia. - Ela disse que conhecia alguém na companhia de táxi.

- Não - disse o russo -, *nós* conhecer alguém na companhia de táxi. É incidente demais.

- Já entendemos, está bom? - disse Eddie. - Por que você quer complicar as coisas?

O russo cocou a bochecha, como se a marca de nascença pudesse sair na sua mão. - Por favor, considere - disse ele. - Nós estar dar a você isótopo. Você quer saber se é isótopo, pode testar. Você está nos dar isso. -Ele cutucou a bolsa de Chia com o bico da bota de caubói. - Como ter certeza?

- Yevgeni - disse Eddie com muita calma -, você devia saber que tratos deste tipo exigem uma certa base de confiança.

O russo levou aquilo em consideração. - Não - disse ele -, base não é boa. Nosso pessoal descobrir ligação da garota com grande banda de roqueiros. Para o que ela trabalha, Eddie? Hoje à noite mandamos umas pessoas para falar com eles, eles cair em cima da gente como lobos. Ainda faltar um homem nosso.

- Eu não trabalho para a Lo/Rez! - disse Chia. - Só faço parte do fã-clube! Maryalice botou aquela coisa na minha bolsa quando eu estava dormindo no avião!

Masahiko gemeu, suspirou, e pareceu submergir de novo. Eddie ainda estava segurando o aparelho de choque. - Está querendo outro choque? - perguntou ele a Masahiko, muito tenso e zangado.

- Eddie - disse Maryalice, na cama -, seu merdinha ingrato... - Sentando-se na beira da cama com o isqueiro nas duas mãos, apontando direto para Eddie.

Eddie enrijeceu-se. Dava para ver que alguma coisa percorreu seu corpo, congelando-o.

- Que base - disse o russo.

- Cristo, Maryalice - disse Eddie. - Onde você pegou isso? Faz idéia de como é ilegal ter isso aqui?

- De um garoto russo - respondeu ela. - Sai deixando buracos do tamanho de toranjas... - Maryalice não falava como se estivesse exatamente de porre, mas tinha alguma coisa em seus olhos avermelhados que diziam a Chia que ela estava. Com um tipo de porre de dar medo. - Você pensa que pode usar as pessoas, Eddie? Usar até acabar e jogar fora? - Ela usou a ponta de um sapato para tirar o outro pé de sapato, depois usou o dedão para tirar o primeiro pé de sapato. Ficou em pé de meias, adernando só um pouco, mas o isqueiro com forma de revólver permaneceu apontado com os braços estendidos na altura dos ombros, do jeito que os policiais fazem na televisão.

Eddie ainda estava com o aparelho de choque na mão. - Faz ele jogar aquela coisa preta fora, Maryalice! - incitou Chia.

- Larga isso - disse Maryalice, e parecia dar-lhe prazer dizê-lo, algo que ouvira em programas de televisão a vida toda, e agora era ela a dizer, e para valer. Eddie largou a arma. - Agora chute para longe.

Essa é a outra metade da fala, pensou Chia.

O aparelho de choque parou a poucos centímetros do joelho de Chia, ao lado de seus óculos, que estavam de cabeça para baixo no carpete, ainda ligados ao Sandbenders. Dava para ver os dois retângulos achatados nas lentes opacas, unidades de vídeo simples; se Zona entrasse no software básico de Chia e o ativasse, agora ela veria como se por uma lente de aproximação as meias nos pés de Maryalice, os sapatos de Eddie, as botas de caubói do russo, e talvez o lado da cabeça de Masahiko.

- Ingrato - disse Maryalice. - Merda de ingrato. Entre naquele banheiro ali.

- Ela dera a volta, então o isqueiro estava apontado para Eddie e o russo, mas com a porta aberta do banheiro atrás deles.

- Eu entendo que você está aborrecida...

- Merda. Merda combina com banheiro, Eddie. Entre no banheiro. Eddie deu um passo para trás, com as palmas das mãos para cima no que ele provavelmente pensava parecer um apelo à razoabilidade e à compreensão. O russo também deu um passo atrás.

- Sete anos, porra - disse Maryalice. - Sete. Você não era um merda quando eu o conheci. Jesus Cristo. Você e aquela conversa mole de subir na vida. Dá vontade de vomitar. Quem pagava a porra do aluguel? Quem comprava comida? Quem comprava suas roupas, seu merdinha vaidoso? Você e sua conversa de subir na vida e manter a sua imagem, e precisar de um telefone menor do que o do vizinho porque, eu vou te dizer, benzinho, com certeza você não tem um pau maior do que o dele! - As mãos de Maryalice agora estavam tremendo, mas só o suficiente para fazer o isqueiro parecer ainda mais perigoso.

- Maryalice - disse Eddie -, você sabe que eu reconheço tudo que você fez por mim, tudo que você fez para ajudar na minha carreira. Nada disso sai da minha cabeça por um minuto sequer, meu bem, acredite, nunca sai, e tudo isso é um mal-entendido, querida, só um trecho difícil na estrada da vida, e se você abaixar essa porra dessa arma e tomar um drinque legal, como uma pessoa civilizada...

- Cale a porra dessa boca! - berrou Maryalice, a plenos pulmões, com as palavras todas juntas.

A boca de Eddie se fechou de estalo como a de uma marionete.

- Sete malditos anos - disse Maryalice, fazendo com que a frase soasse como uma cantilena de criança -, sete malditos anos e dois deles aqui, Eddie, dois anos aqui, e viajando de um lado para o outro para você, Eddie, e voltando. E é sempre claro aqui... - Lágrimas escorreram, borrando a maquilagem de Maryalice. - Em toda a parte. Não conseguia dormir por causa da luz, como uma neblina sobre a cidade... Entre no banheiro. -Maryalice deu um passo para a frente, Eddie e o russo deram um passo para trás.

Chia pegou o aparelho de choque, não sabia bem por quê. Tinha um par de pontas rombudas cromadas em uma das pontas, uma alavanca vermelha crespa na outra. Ficou surpresa em como era leve. Lembrou-se das que os meninos da escola dela faziam a partir daquelas câmeras fotográficas descartáveis.

- E ela sempre me encontra, aquela luz - disse Maryalice. - Sempre. Não importa o que eu beba, e o que eu tome além disso. Ela me encontra e me acorda. É como um pó, que passa por debaixo da porta. Não há o que fazer. Entra nos olhos. Todo aquele brilho, caindo... - Eddie estava no vão da porta agora, e o russo atrás dele, dentro do banheiro, e Chia não estava gostando daquilo porque não podia ver as mãos do russo. Ela ouviu o cantar dos pássaros quando o banheiro percebeu a presença do russo. - E você me colocou lá, Eddie. Naquele Shinjuku. Você me botou onde aquela luz podia me alcançar, e eu nunca podia me livrar dela.

E aí Maryalice puxou o gatilho.

Eddie gritou, um som estridente esquisito ecoando nos ladrilhos pretos e brancos. Isso deve ter encoberto o clique do isqueiro, que não tinha nem se acendido.

Maryalice não entrou em pânico.

Ela continuou mirando e puxou o gatilho novamente.

Conseguiu acender, desta vez, mas Eddie, com, um urro de raiva, deu um tapa no isqueiro, agarrou Maryalice pelo pescoço, e começou a socar o rosto dela, e o urro se transformou em "Puta! Puta! Puta!", em sincronia com cada *soco*.

E foi aí que Chia, sem na verdade pensar no que estava fazendo, levantou-se de onde estivera sentada há tanto tempo e descobriu que suas pernas estavam dormentes e não obedeciam; então ela teve que transformar sua investida em um rolar pelo chão, e rolar de novo, antes que conseguisse, apertar as pontas cromadas do aparelho de choque contra o tornozelo de Eddie e empurrar a alavanca vermelha.

Ela não tinha certeza se iria funcionar num tornozelo, ou através da meia.

Mas funcionou. Talvez porque Eddie usava uma dessas meias realmente finas.

Mas atingiu Maryalice também, e eles tiveram espasmos juntos, caindo um nos braços do outro.

E a mancha escura que passou por Chia naquele momento era Masahiko, que fechou a porta do banheiro na cara do russo, agarrou a maçaneta com ambas as mãos e pulou, botando um pé contra a parede, e o outro contra a porta, e ficou pendurado lá. - Corre - disse ele, com *os* braços e as pernas retesados. Aí suas mãos escorregaram da maçaneta cromada e ele caiu com o traseiro no chão.

Chia viu a maçaneta começar a girar.

Ela botou as pontas do aparelho de choque contra a maçaneta e empurrou a alavanca. E continuou empurrando.

37- EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Laney estava sentado no banco do carona da van novamente, com os fones no colo, esperando Arleigh conectar o módulo cinza de Kuwayama. Olhava através do pára-brisa para a parede de concreto. Não estava sentindo tanta dor nas costelas, agora, mas o encontro com Kuwayama e a idoru, e depois a conversa confidencial na van com Yamazaki, haviam-no deixado mais confuso que nunca. Se Rez e Rei Toei estavam tomando decisões em dupla, e se Yamazaki havia decidido cooperar com eles, como é que ele ficava? Não dava para imaginar que Blackwell fosse acordar um dia e se dar conta de um valor positivo intrínseco à idéia de Rez e Rei juntos. No que dizia respeito a Blackwell, Rez ainda estava tentando se casar com uma agente - o que quer que isso pudesse significar.

Mas Laney sabia agora que a idoru era mais complexa, mais poderosa do que qualquer *synthespian* hollywoodiano. Particularmente se Kuwayama estiver dizendo a verdade sobre os vídeos serem os "sonhos" dela. Tudo o que ele sabia sobre inteligência artificial (IA) vinha do trabalho que havia feito em um episódio do Slitscan, que documentava a vida privada infeliz de um dos principais pesquisadores desse campo, mas ele sabia que se presumia que uma verdadeira IA nunca fora criada, e que as tentativas em curso de conseguir isso iam provavelmente em direções muito diferentes da criação de um software que era bom em agir como uma linda mulher.

Se viesse a existir uma genuína IA, segundo esse raciocínio, provavelmente se desenvolveria segundo linhas que não tivessem nada a ver com a simulação de ser humano. Laney se lembrava de examinar uma conferência onde o pesquisador-tema do episódio do Slitscan havia sugerido que a IA poderia ser criada acidentalmente, e que as pessoas poderiam não reconhecer a princípio do que se tratava.

Arleigh abriu a porta do motorista e entrou. - Desculpe que esteja demorando tanto - disse ela.

- Você não estava contando com isso - ele falou.

- Não é o software, é uma válvula ótica. Uma ponta de cabo. Eles usam um calibre diferente, um dos que os franceses usam. - Ela colocou as mãos em cima do volante e encostou o queixo sobre elas. - Então estamos lidando com volumes imensos de informações, sem problemas, mas não temos o cabo certo para acessar o material.

- Dá pra você dar um jeito?

- Shannon tem um cabo desses no quarto dele. Provavelmente ligado a um equipamento pornô, mas isso ele não vai admitir. - Ela olhou para Laney de lado. - Shannon tem um amigo na equipe de segurança. Esse amigo disse que Blackwell "questionou" um dos homens que tentou pegar o Rez hoje de noite.

- Era dele que estavam atrás? Rez?

- Parece. São do Kombinat, e alegam que Rez roubou alguma coisa deles.

- Roubou o quê?

- Ele não sabia. - Ela fechou os olhos.

- O que você acha que aconteceu com ele, quem Blackwell questionou?

- Não sei. - Ela abriu os olhos, empertigou-se. - Mas por algum motivo acho que não vamos descobrir.

- Ele pode fazer isso? Torturar pessoas? Matar?

Ela olhou para Laney. - Bem - disse ela, finalmente -, ele tem certa vantagem, fazendo a gente pensar que pode. É um fato conhecido que ele fazia isso na sua outra linha de trabalho. Sabe o que mais me dá medo em relação ao Blackwell?

- O quê?

- Às vezes eu me flagro me acostumando com ele. Shannon bateu na porta ao lado dela. Segurava um cabo.

- Quando quiser - disse ela a Laney, abrindo a porta e saindo de trás do volante.

Laney olhou através do pára-brisa para a parede de concreto e se lembrou de quando limpava as escadarias do lado de fora do Fórum de Gainesville com Shaquille e Kenny, também do orfanato. Shaquille havia tomado parte do programa de testes de drogas com Laney, mas Kenny fora transferido para outro prédio, perto de Denver. Laney não fazia idéia do que havia acontecido com eles, mas tinha sido Shaquille quem havia chamado a atenção de Laney para o fato de que quando a injeção tinha a verdadeira substância, sua boca ficava com um gosto de metal enferrujado, alumínio, ou algo assim. Placebo, dissera Shaquille, não tem gosto. E era verdade. Dava para perceber na hora.

Os três haviam feito a matéria Experiência Profissional lá, cinco ou seis vezes, recolhendo as oferendas que as pessoas deixavam antes de comparecerem ao tribunal. Elas eram consideradas um risco à saúde, e em geral eram cuidadosamente escondidas, e freqüentemente encontradas pelo cheiro, ou pelo zumbido das moscas. Partes de galinhas, geralmente, amarradas com fios coloridos. Uma vez, Shaquiile disse que era uma cabeça de bode. Shaquiile disse que as pessoas que deixavam essas coisas eram traficantes de drogas, e o faziam porque era a religião deles. Laney e os outros usavam luvas de látex verde-claro com protetores de dedo de Kevlar laranja, que provocavam brotoejas. Colocavam as oferendas em baldes brancos com tampa de mola e adesivos de Material Biológico Perigoso descascando. Shaqüile havia afirmado saber os nomes de alguns dos deuses a quem essas coisas eram oferecidas, mas Laney não se deixara enganar. Os nomes que Shaquiile inventava, como E. Spingarda e Edu Contra, não passavam obviamente disso mesmo, e até Shaquiile, jogando uma bola de penas brancas de galinha no balde, havia dito que um ou dois advogados a mais seriam provavelmente um investimento melhor. - Mas eles fazem isso enquanto estão esperando. Por via das dúvidas. - Laney na verdade havia preferido aquilo a fazer a Experiência Profissional nas cadeias de lanchonetes, embora isso significasse que tinham que passar por Uma revista corporal à procura de drogas quando voltavam para o orfanato.

Ele havia contado a Yamazaki e a Blackwell sobre saber que Alison Shires tentaria cometer suicídio, e agora eles deviam estar pensando que ele podia prever o futuro. Mas Laney sabia que não podia. Seria o mesmo que aquelas partes de galinhas que os traficantes escondiam atrás da escadaria do Fórum

mudarem o que ia acontecer. O que aconteceria no futuro resultava do que estava acontecendo agora. Laney sabia que não podia predizê-lo, e sua experiência com os pontos nodais fazia com que suspeitasse que ninguém podia. Os pontos nodais pareciam se formar quando alguma coisa poderia estar prestes a mudar. Aí ele via um lugar onde a mudança era mais provável, se alguma coisa a iniciasse. Talvez uma coisa tão insignificante quanto Alison Shires comprar as lâminas para um abridor de embalagens. Mas se um terremoto tivesse acontecido naquela noite, e arremessado o apartamento dela na Fountain Avenue... Ou se ela tivesse perdido o pacote de lâminas... mas se ela tivesse usado cartão de crédito para comprar aquela garrafa do Especial de Quarta à Noite, o que ela não poderia fazer, porque era ilegal, e ela precisaria comprar a dinheiro, então não teria ficado óbvio para ninguém o que estava a ponto de fazer.

Arleigh abriu a porta do carona. - Você está bem?

- Claro - disse Laney, pegando os olhofones.

- Claro?

- Vamos lá. - Ele olhou para os fones.

- É com você. - Ela tocou no seu braço. - Vamos arranjar um médico, depois, OK?

- Obrigado - disse Laney, colocou os fones, e o gosto invadiu sua boca... Os dados sobre a Lo/Rez, translúcidos e intricadamente interpenetrados pelos arquivos da base de dados do fã-clube da banda, estavam fervilhando com novas texturas, mapas que se desdobravam quando se focalizava neles, em...

Shaquille, em seu uniforme de trabalho, mostrando a Laney a cabeça de bode. Cuja pele havia sido tirada, com pregos enfiados, e cuja mandíbula Shaquille havia aberto para mostrar que a língua fora substituída por um pedaço de papel marrom com coisas escritas e encharcado de sangue. A coisa escrita seria o nome do promotor, Shaquille havia explicado.

Laney fechou os olhos, mas a imagem subsistiu.

Ele abriu os olhos e viu a idoru, com o rosto debruado com pele. Ela estava olhando para ele. Usava um chapéu bordado debruado de pele, com

protetores de orelha, e havia neve rodopiando ao seu redor, mas então ela se reduziu a duas dimensões, decrescendo até se transformar nos mapeamentos texturais que percorriam os recifes de dados, e ele se permitiu seguir, seguir junto com aquilo, e sentiu-se passando pelo núcleo, o próprio centro, e sair do outro lado.

- Espera... - disse ele, e pareceu haver um intervalo de tempo antes de ouvir a própria voz.

- Perspectiva - disse a idoru. - A paralaxe de Yamazaki. - Alguma coisa o virou, e ele estava olhando diretamente para os dados, mas a partir de um novo ângulo, e de uma grande distância. E em torno daquilo tudo, havia... nada.

Mas por entre os dados, como uma versão infinitamente mais complexa do Realtree de Arleigh, duas armaduras vagamente paralelas. Rez e a idoru. Haviam sido esculpidas no tempo, a que representava Rez começando, bem lá na extremidade, como algo muito insignificante, as primeiras indicações de sua carreira. E crescendo, à medida que avançava, até algo trançado, multirretorcido... Mas então começou a diminuir novamente, os elementos trançados se soltando... E aquele seria o ponto, pensou ele, em que o cantor havia começado a se tornar aquilo que Kathy odiava, que ocupava espaço como celebridade apenas porque era uma celebridade, porque era de uma certa ordem de magnitude...

Os dados da idoru começavam depois disso, e começavam como algo suavemente formado, deliberado, mas sem complexidade. Mas nos pontos onde mais se aproximou dos dados de Rez, havia adquirido certa complexidade. Ou aleatoriedade, pensou ele. A coisa humana. É assim que ela aprende.

E as duas armaduras, essas esculturas no tempo, eram nodais, e ficavam mais nodais na direção do ponto, o presente, em que se entrelaçavam...

Ele estava ao lado da idoru na praia que havia visto gravada nos binóculos do quarto da casa de hóspedes na Irlanda. Mar marrom-esverdeado salpicado de ondas com cristas brancas de espuma, vento forte batendo nos protetores de orelha do chapéu dela. Ele não podia sentir o vento, mas podia ouvi-lo, tão alto que tinha dificuldade em escutar qualquer outra coisa. - Você está vendo? - ela gritou.

- Vendo o quê?

- Rostos nas nuvens! Os pontos nodais! Não consigo ver nada! Você tem que apontar eles para mim!

E ela não estava mais lá, e o mar também, Laney olhando fixo para os dados novamente, onde as histórias digitalizadas de Rez e Rei Toei se mesclavam, na iminência de alguma outra coisa. Se ele tivesse tentado, em Los Angeles, teria a lâmina emergido do ponto nodal de Alison Shires?

Laney tentou.

Seus olhos vagavam por uma planície branca indistinta. Não era de neve. Botas de caubói marrom *ton-sur-ton* grandes e muito trabalhadas passaram contra um fundo que era como um penhasco de um rosa fortíssimo. Depois a imagem desapareceu e foi substituída por um objeto tridimensional girando, que Laney não fazia idéia do que pudesse ser. Sem referências de escala, parecia vagamente um ônibus de Los Angeles sem as rodas.

- Suíte 17 - a idoru disse. - Hotel Di.

- Di? - O ônibus desapareceu, aparentemente levando as botas junto.

- O que é um hotel de amor?

- O quê?

- De amor. Hotel.

- Aonde as pessoas vão para fazer amor, acho...

- O que é um módulo C-barra-7 A de programação biomolecular primária de Rodel-van Erp?

- Não sei - disse Laney.

- Mas você acabou de me mostrar o que é! *É* a nossa união, nossa interseção, aquilo a partir do qual todo o resto tem que se desdobrar!

- Espera - disse Laney -, espera aí, tem outro aqui; eles se sobrepõem... - A tentativa fez com que suas costelas doessem, mas havia montanhas à distância, árvores retorcidas, a silhueta do telhado de uma casa de madeira...

Mas a idoru já havia partido, e a casa, com seu material consumido a partir de dentro, estava tremeluzindo, dobrando-se. E então um vislumbre de algo se elevando, janelas que não combinavam e um céu retorcido, ondulado.

Então Arleigh puxou os fones. - Pare de gritar - disse ela. Yamazaki estava ao seu lado. - Pare com isso, Laney.

Ele respirou fundo, trêmulo, apertou as palmas das mãos contra o painel acolchoado e fechou os olhos. Sentiu as mãos de Arleigh em sua nuca.

- Temos que ir lá - disse ele.

- Ir aonde?

- Suíte 17... Vamos chegar atrasados ao casamento...

38- ESTRELA

Quando o aparelho de choque parou de fazer barulho, Chia o largou. A maçaneta não estava girando. Nenhum som vinha do banheiro a não ser o cantar dos pássaros tropicais da gravação. Ela se virou rapidamente. Masahiko tentava enfiar o seu computador na sacola xadrez. Ela correu para seu Sandbenders, agarrou-o, com os óculos ainda dependurados, e virou-se na direção da cama rosa. Sua bolsa estava no chão ao lado dela, com a sacola plástica azul e amarelo do SeaTac aparecendo. Ela puxou a sacola, com a coisa ainda dentro, e jogou-a sobre a cama. Inclinou-se para enfiar seu Sandbenders na bolsa, mas deu uma olhada para trás, para a porta do banheiro, quando achou que tinha ouvido alguma coisa.

A maçaneta estava se mexendo de novo.

O russo abriu a porta. Quando ele largou a maçaneta, ela viu que a sua mão estava dentro do que parecia ser um fantoche de mão cor-de-rosa fluorescente. Um dos brinquedinhos sexuais do armário preto. Ele estava usando-o como isolante. Em seguida tirou dos dedos e jogou por cima dos ombros. O som dos pássaros parou quando ele saiu do banheiro.

Masahiko, que esteve tentando enfiar um de seus pés em um de seus sapatos pretos, também estava olhando para o russo. Ainda estava calçando o chinelo de papel no outro pé.

- Você está indo? - disse o russo.

- Está em cima da cama - respondeu Chia. - A gente não teve nada a ver com isso.

O russo notou o aparelho de choque sobre o carpete, ao lado da ponta fina de sua bota. Levantou o pé e pisou sobre ele com o calcanhar. O plástico se quebrou. - Artemi, meu amigo de Novokuznetskaya, está fazendo grande indignidade a si mesmo com isso. - Ele cutucou os pedaços do aparelho de choque com a ponta do pé. - Está usando jeans muito apertados, Artemi, de

couro, é moda. Pondo no bolso da frente, gatilho apertado

dá acidente. Artemi está chocando sua masculinidade. - O russo exibiu para Chia seus dentes grandes e irregulares. - Ainda assim estamos rindo, sim?

- Por favor - disse Chia. - A gente só quer ir embora.

O russo passou por Eddie e Maryalice, que estavam enroscados no tapete. - Você fez acidente como Artemi, sim? Você só aconteceu para esse dono de uma boa boate. - Ele apontou o inconsciente Eddie. - Quem é contrabandista e outras coisas, muito complicado, mas *você*, você é só acidente?

- É isso mesmo - disse Chia.

- Você é da Lo/Rez. - Soou como *Lor-ess*. Ele deu uns passos mais para perto de Chia e olhou dentro da sua bolsa. - Você sabe o que é isso.

- Não - mentiu Chia. - Não sei.

O russo olhou para ela. - Nós não gostar acidente, nunca. Não *permitir* acidente. - Ele levantou as mãos, e ela viu que as costas da terceira junta de cada um dos dedos era cheia de pintas rosas, cada uma do diâmetro de uma borracha dessas que vêm na outra extremidade do lápis. Ela havia visto daquilo na última escola que estudara e sabia que indicavam que um laser fora usado recentemente para remover uma tatuagem.

Ela olhou para o rosto do homem. Ele tinha o ar de quem estava prestes a fazer uma coisa que não gostaria de fazer, mas que sabia que precisava fazer.

Mas então ela viu os olhos dele deslizarem em outra direção, ficando estreitos, e ela se virou em tempo de ver a porta do corredor se abrir. Um homem mais largo do que a porta inundou o quarto. Havia um grande X de fita cor da pele em um dos lados do seu rosto, e ele estava usando um casaco da cor de metal fosco. Chia viu uma mão enorme cheia de cicatrizes deslizar para dentro do casaco; a outra segurava alguma coisa preta que terminava numa fita magnética.

- *Tob tvoyu mat* - disse o russo, com surpresa.

A mão do estranho apareceu segurando o que parecia ser uma tesoura cromada muito grande, mas que se desdobrou, com uma série de cliques curtos, e aparentemente por si mesma, e se transformou em uma espécie de esboço de machadinha com um lado lembrando um falcão e o outro se afunilando como um furador de gelo.

- Minha *mãe)* - disse o estranho, que parecia estar encantado. - Você disse minha *mãe)* - O rosto dele brilhava com as cicatrizes. Mais cicatrizes riscavam seu couro cabeludo raspado não muito recentemente.

- Ah, não - disse o russo, levantando as mãos para mostrar as palmas. - Figura de linguagem, só.

Outro homem entrou, dando a volta no homem com a machadinha, e esse tinha cabelo escuro e usava um terno preto folgado. A faixa que sustentava uma armação de monóculo cruzava a testa, e o monóculo cobria seu olho direito. O olho que dava para ela ver era grande, brilhava, verde, mas mesmo assim levou um segundo para reconhecê-lo. Aí ela teve que se sentar na cama rosa.

- Onde está? - o homem que se parecia com Rez perguntou. (Exceto que ele parecia ser mais encorpado, com as bochechas mais gordas.)

Nem o russo nem o homem com a machadinha responderam. O homem da machadinha fechou a porta com o calcanhar.

O olho verde com videomonóculo olhou para Chia. - Você sabe onde está?

- O quê?

- O módulo biomecânico, ou seja lá como você o chama... - Ele fez uma pausa, tocou no fone na orelha direita, ouvindo. - Desculpe: "módulo C-barra-7 A de programação biomolecular primária de Rodel-van Erp". *Eu amo você.*

Chia olhava atônita.

- Rei Toei - explicou ele, tocando na faixa, e ela sabia que tinha que ser ele.

- Está aqui. Nesta bolsa.

Ele alcançou o plástico azul e amarelo e tirou a coisa de lá, revirando-a nas mãos. - Isso? Isso é o nosso futuro, o instrumento para nosso casamento?

- Desculpe, por favor - disse o russo -, mas você tem que saber que pertence a mim. - Ele parecia, genuinamente desolado.

Rez levantou os olhos, com a unidade de nanotecnologia casualmente em suas mãos. - É seu? - Rez inclinou a cabeça como um pássaro, curioso. - Onde você o conseguiu?

O russo tossiu. - Uma troca. Este cavaleiro no chão.

Rez viu Eddie e Maryalice. - Estão mortos?

- Chocados, sim? Maioria das vezes não-letal. Sua garota na cama. Rez olhou para Chia. - Quem é você?

- Chia Pet McKenzie - disse ela, automaticamente. - De Seattle. Sou... sou do seu fã-clube. - Ela sentiu seu rosto pegar fogo.

A sobrancelha acima do olho verde subiu. Ele parecia estar prestando atenção a alguma coisa que ouvia. - Oh - disse ele, e ficou quieto. - Ela? E mesmo? Isso é maravilhoso. - Ele sorriu para Chia. - Rei disse que você foi uma figura central nesta coisa toda, e que devemos agradecer muito a você.

- Ela disse?

Mas Rez havia-se voltado para o russo. - Temos que ficar com isso. -Ele levantou a unidade de nanotecnologia. - Vamos negociar, agora. Diga seu preço.

- Rozzer - o homem perto da porta disse -, você não pode *fazer* isso. Esse filho da mãe é do Kombinat.

Chia viu o olho verde se fechar, como se Rez estivesse fazendo um esforço consciente para se acalmar. Quando abriu o olho, ele disse: - Mas eles são o *governo*, não são, Blackwell? Nós já *negociamos* com governos antes.

- Para as coisas *legais* - disse o homem cheio de cicatrizes, mas agora havia um quê de preocupação em sua voz.

O russo aparentemente percebeu também. Lentamente abaixou as mãos.

- O que você estava planejando *fazer* com isso? - Rez perguntou-lhe. O russo olhou para a coisa nas mãos de Rez, como se estivesse levando aquilo em consideração, depois levantou os olhos. Um músculo estava saltando em sua bochecha. Ele pareceu chegar a uma decisão. - Estamos desenvolvendo ambiciosos projetos de obras públicas - disse ele.

- Ai, Jesus - Maryalice falou, do carpete, tão rouca que em princípio Chia não identificou a fonte do som. - Eles devem ter botado *alguma* coisa naquilo. *Botaram*. Juro por *Deus* que botaram. - E aí ela vomitou.

39- TRANS

Yamazaki perdeu o equilíbrio quando a van subiu a rampa estreita a toda velocidade na saída do hotel. Laney, segurando o telefone de Arleigh junto ao mapa no painel, discando o número do Hotel Di, ouviu quando ele caiu sobre as folhas de plastibolha. O visor apitou quando Laney acabou de discar; segmentos de mapa passaram pela tela. - Tudo bem, Yamazaki?

- Obrigado - respondeu ele. - Sim. - Voltando a ficar de joelhos, esticou o pescoço ao lado do descanso de cabeça do assento de Laney. - Localizou o hotel?

- Via expressa - disse Arleigh, dando uma olhada no visor, enquanto viravam à direita, subindo uma rampa de acesso. - Aperte três no mostra-dor de velocidade. Obrigada. Me dá. - Ela pegou o telefone. - McCrae. Sim. Prioridade? *Foda-se*, Alex. Passa a ligação pra ele. - Ela ficou ouvindo. - Di? D, I? Merda. Obrigada. - Desligou.

- O que foi? - perguntou Laney, enquanto faziam a curva e entravam na via expressa, a gigantesca carranca mansa de uma imensa jamanta logo atrás e depois os ultrapassando, aço remendado reluzindo pela visão periférica de Laney. A van balançou com a passagem da jamanta.

- Tentei alcançar Rez. Alex disse que ele deixou o hotel, com Blackwell. Foram ao mesmo lugar para onde estamos indo.

- Quando?

- Mais ou menos na mesma hora em que você estava tendo seu ataque de gritos, quando usava os olhofones - disse Arleigh. Ela parecia furiosa. -Desculpe - disse ela.

Laney precisara argumentar com ela por quinze minutos antes que concordasse com ele. Ela ficou dizendo que queria que ele fosse ver um médico. Ela disse que era uma técnica, não uma pesquisadora, nem segurança, **e** que a sua primeira responsabilidade era ficar com os dados, os módulos, porque se

alguém os pegasse, pegaria quase todo o planejamento da Lo/ Rez Partnership, mais os livros, e mais o que Kuwayama tivesse entregado aos cuidados deles junto com o módulo cinza. Ela só havia cedido depois que Yamazaki jurara assumir total responsabilidade por tudo, e depois que Shannon e o homem de rabo-de-cavalo haviam prometido não sair de perto do módulo. Nem mesmo, dissera Arleigh, para mijar. - Fiquem contra a parede, porra - disse ela -, e chamem meia dúzia dos homens do Blackwell para virem aqui fazer companhia a vocês.

- Ele sabe - disse Laney. - Ela contou para ele que está lá.

- O que está lá, Laney-san? - perguntou Yamazaki, com a cara junto ao encosto.

- Não sei. Seja o que for, eles acham que vai facilitar o casamento deles.

- *Você* também acha? - Arleigh perguntou, ultrapassando uma fila de carrinhos brilhantes.

- Imagino que seja capaz disso - respondeu Laney, quando um barulho alto e insistente começou a vir de baixo do assento dela. - Mas não creio que signifique que vai necessariamente acontecer. O que diabos é isso?

- Estou ultrapassando o limite de velocidade - disse ela. - Todos os veículos no Japão têm por lei que ser equipados com um desses dispositivos. Você corre, ele toca.

Laney virou-se para Yamazaki. - É verdade?

- É claro - respondeu.

- E as pessoas simplesmente não desligam isso?

- Não - disse Yamazaki, parecendo confuso. - Por que fariam isso?

O telefone de Arleigh tocou. - McCrae. Willy? - Silêncio enquanto ela ouvia. Então Laney sentiu a van rabear ligeiramente. Foi diminuindo de velocidade até o barulho parar de repente. Ela baixou o telefone.

- O que foi? - perguntou Laney.

- Willy Jude - disse ela. - Ele... Ele estava assistindo a um dos canais clubber. Disseram que Rez morreu. Disseram que ele está morto. Em um hotel de amor.

40- O NEGÓCIO

Já que ninguém fez nada para ajudar Maryalice, Chia se levantou da cama, passou espremida pelo russo e entrou no banheiro, o que disparou a trilha de pássaros. O armário preto estava aberto, com a luz acesa, e havia coisas-pênis fluorescentes espalhadas pelo chão preto e branco. Ela pegou uma toalha e uma toalhinha pretas, num porta-toalhas cromado aquecido, molhou a toalhinha na pia preta e cromada, e voltou para Maryalice. Dobrou a toalha, colocou-a sobre o vômito no carpete branco, e deu a toalhinha a Maryalice.

Ninguém disse uma palavra, nem tentou impedi-la. Masahiko voltara a se sentar no carpete, com seu computador entre os pés. O homem cheio de cicatrizes, que parecia ocupar mais espaço que qualquer coisa no quarto, havia abaixado a machadinha. Ele a segurava com a mão para baixo, junto a uma coxa mais larga que o quadril de Chia, com a ponta aparecendo junto ao joelho.

Maryalice, que havia conseguido se sentar, limpava a boca com a toalhinha, tirando quase todo o batom. Quando Chia se empertigou, um bafejo da água de colônia do russo revirou seu estômago.

- Você, então, é um incorporador? - Rez ainda segurava a unidade de nanotecnologia.

- Você fazer muita pergunta - disse o russo. Eddie grunhiu, então, e o russo o chutou. - *Basis* - disse o russo.

- Um projeto de obras públicas? - Rez levantou a sobrancelha. - Uma usina de filtragem de água, ou algo assim?

O russo estava de olho na machadinha do grandão. - Em Tallin - disse ele - , logo começar construir mega shopping exclusivo, bairro de classe média emergente, tudo cercado, e indústria farmacêutica de primeiro mundo. Nos negam injustamente meios mais avançados de produção, mas querer um funcionamento cem por cento moderno.

- Rez - disse o homem com a machadinha -, desiste. Esse pulha e sua turma precisam dessa coisa para construir uma fábrica de drogas na Estônia. Está na hora de levar você de volta ao hotel.

- Mas será que não estariam mais interessados em... terrenos em Tóquio? Os olhos do grandão saltaram das órbitas, as cicatrizes na testa ficaram mais vermelhas. Um dos braços do X de microporo havia-se soltado, revelando um arranhão profundo. - Mas que merda é *essa!* Você não *tem* terreno nenhum aqui!

- Famous Aspect - disse Rez. - A empresa que administra Rei. Eles investem para ela.

- Você estar discutindo troca de nanotecnologia por terreno em Tóquio?

- O russo estava olhando para Rez.

- Exatamente - disse Rez.

- Que *tipo* de terreno?

- Um aterro na baía. Uma ilha. Um dos dois. Perto de um dos velhos sítios de material tóxico, mas que foi limpo depois do terremoto.

- Espere aí - disse Maryalice, do chão. - Eu conheço você. Você era daquela banda, aquela com o chinês magricela, o guitarrista que usava chapéus. Eu conheço você. Você era famosíssimo.

Rez ficou olhando para ela.

- Acho que aqui não ser bom para discutir negócios - disse o russo, esfregando sua marca de nascença. - Mas eu sou Starkov, Yevgeni. - Ele estendeu a mão, e Chia notou as cicatrizes de laser novamente. Rez cumprimentou-o.

Chia achou ter ouvido o grandão gemer.

- Eu costumava ir vê-lo *em Dayton* - disse Maryalice, como se isso provasse alguma coisa.

O grandão pegou um pequeno telefone do bolso com a mão livre, apertou os olhos para o mostrador, e colocou-o sobre a orelha esquerda. Que agora Chia percebia que estava faltando. Ele ficou ouvindo. - *Ta* - disse ele, e abaixou o telefone. Foi até a janela, a que Chia havia encontrado atrás do telão, e ficou olhando para fora. - É melhor dar uma olhada nisso, Rozzer - disse ele.

Rez foi até a janela. Ela percebeu Rez tocar no monóculo. - O que eles estão fazendo, Keithy? O que é?

- É o seu funeral - disse o grandão.

41- VELAS E LÁGRIMAS

Janelas de escritórios passavam rapidamente, muito próximas, do outro lado dos pilares da via expressa, remendados depois do terremoto. Prédios mais altos davam lugar a uma ampla extensão de prédios mais baixos, e então um brilho a meia distância: HOTEL KING MIDAS. O mapa do painel começou a apitar.

- Terceira saída à direita - disse Laney, de olho no cursor. Ela acelerou de maneira perceptível e o alarme de limite de velocidade começou a reclamar. Outro letreiro cintilante: FREEDOM SHOWER BANFF.

- Laney-san, - Yamazaki perguntou, com a cabeça ao lado do descanso de cabeça. - Você apreendeu algum indício da morte de Rez ou qualquer outro infortúnio?

- Não, mas eu não poderia, a menos que tivesse uma certa intencionalidade que emergisse dos dados. Acidentes, a ação de pessoas não representadas... - O barulho do alarme parou quando ela diminuiu a velocidade, ao se aproximar da saída indicada no mapa. - Mas vi os dados dele como correntes, fundindo-se, e o lugar em que estavam se fundindo parecia ser o lugar para onde estamos indo.

Arleigh pegou a próxima saída. Na rampa de saída, fazendo uma curva, Laney viu três mocinhas, seus sapatos cheios de lama, descendo um dedive bem íngreme coberto com uma grama pálida e áspera. Uma delas parecia estar de uniforme escolar: meias três-quartos e saia curta xadrez. Não pareciam ser reais àquela luz dura de sódio do cruzamento, mas então Arleigh parou a van e Laney virou-se e viu a rua em frente a eles completamente bloqueada por uma multidão imóvel e em silêncio.

- Jesus - disse Arleigh. - As fãs.

Se havia meninos na multidão, Laney não os estava vendo.

Era um mar uniforme de cabelos negros lustrosos, todas as garotas viradas

para o prédio com o letreiro brilhantemente iluminado com uma moldura, supostamente representando uma grinalda: HOTEL Dl.

Arleigh abaixou o vidro elétrico do lado dela e Laney ouviu o ruído distante de uma sirene.

- Não conseguiremos passar - disse Laney. A maioria das garotas segurava uma vela, e a luz de todas aquelas velas dançava entre os rostos cobertos de lágrimas. Eram tão jovens, aquelas garotas: crianças. Kathy Torrance abominava particularmente isso na Lo/Rez, o modo como a base de fãs havia-se renovado através dos anos com um fluxo constante de recrutas púberes, garotas que se apaixonavam por Rez no presente perpétuo da rede, onde ele podia ainda ter os mesmos vinte anos de seus primeiros sucessos.

- Passa aquele estojo preto - disse Arleigh, e Laney ouviu Yamazaki escarafunchando no meio da plastibolha. Um estojo retangular surgiu entre os assentos. Laney o pegou. - Abra - disse ela. Laney abriu o zíper, e expôs uma coisa chata e cinza. Tinha o logotipo da Lo/Rez num adesivo alongado. Arleigh puxou-o do estojo, colocou-o sobre o painel, e correu o dedo pela borda, procurando um interruptor. LO/REZ, escrito ao contrário em letras grandes, verdes e luminosas, apareceu no pára-brisa. **VEÍCULO DE APOIO DA TURNÊ**. Os asteriscos começaram a piscar.

Arleigh deixou a van andar para a frente uns poucos centímetros. As garotas diretamente na frente da van viraram-se, viram o pára-brisa e saíram da frente. Silenciosamente, gradualmente, uns poucos centímetros de cada vez, a multidão saiu da frente para a van passar.

Laney olhava para os cabelos pretos, partidos no meio, das fãs mortificadas quando viu o russo, aquele do Western World, ainda com seu paletó de smoking de couro branco, andando com esforço pela multidão. As cabeças das meninas mal chegavam na altura da cintura dele, então parecia que ele estava andando num mar de cabelos negros e luz, de velas. A expressão de seu rosto era de quem estava confuso, quase aterrorizado, mas quando viu Laney na janela da van verde, ele sorriu amarelo e mudou de curso, indo diretamente na direção deles.

42- SAINDO DO HOTEL

Chia olhou pela janela e viu que tinha parado de chover. Além da cerca, o estacionamento estava lotado de figurinhas imóveis segurando velas. Umas poucas estavam de pé em cima dos caminhões estacionados, e parecia haver mais no telhado do prédio baixo lá atrás. Garotas. Garotas japonesas. Todas pareciam estar olhando fixo para o Hotel Di.

O grandão estava dizendo a Rez que alguém tinha anunciado que ele havia morrido, que fora encontrado morto nesse hotel, e essa história já estava na rede, sendo tratada como se tivesse realmente acontecido.

O russo havia pegado o próprio telefone e estava falando em russo. - Sr. Lor-ess - disse ele, abaixando o telefone -, estamos ouvindo a polícia chegando. Essa nanotecnologia é terminantemente proibida, é problema sério.

- Tudo bem - disse Rez. - Temos um carro na garagem.

Alguém cutucou o cotovelo de Chia. Era Masahiko, entregando-lhe a bolsa. Ele havia colocado o Sandbenders dentro e fechado o zíper; dava para perceber pelo peso. O computador dele estava na sacola xadrez. -Agora calça os sapatos - disse ele. O garoto já tinha colocado os dele.

Eddie estava todo enroscado no carpete; ele estava daquele jeito desde que o russo o havia chutado. Agora o russo deu novamente um passo em sua direção e Chia viu Maryalice, sentada ao lado de Eddie no carpete, encolher-se.

- Você ser um homem de sorte - disse o russo a Eddie. - Nós honrar acordo. Isótopo vai ser entregue. Mas nós não querer mais fazer negócios com você.

Um clique, outro, e Chia ficou observando o grandão sem orelha dobrar sua machadinha, que foi-se encaixando suavemente, sem sequer olhar para ela. - Essa coisa que você está segurando é um crime sério, Rozzer. Essa reunião do seu fa-clube está atraindo a polícia. É melhor eu ficar de posse disso.

Rez olhou para o grandão. - Eu mesmo vou carregar, Keithy.

Chia pensou ver uma repentina tristeza nos olhos do grandão. - Bem, *então* - disse ele -, está na hora de ir. - Ele colocou a arma dobrada dentro do paletó. - Vamos, então. Vocês dois. - Gesticulou para Chia e Masahiko irem para a porta. Rez seguiu Masahiko, o russo foi logo atrás, mas Chia viu que a chave do quarto estava em cima do frigobar. Ela correu e pegou a chave. Então parou e olhou para Maryalice.

A boca de Maryalice, sem batom, parecia velha e triste. Era uma boca que parecia ter sido muito magoada, pensou Chia. - Venha conosco -falou Chia.

Maryalice olhou para ela.

- *Vamos* - disse Chia. - A polícia está vindo.

- Não posso - falou Maryalice. - Tenho que cuidar do Eddie.

- Diga para o seu Eddie - disse Blackwell, alcançando Chia em dois passos -, que se ele contar para alguém o que aconteceu, o pé dele vai diminuir de tamanho.

Mas Maryalice não parecia estar ouvindo, ou, se estava, não levantou os olhos, e o grandão puxou Chia para fora do quarto, fechou a porta, e então Chia foi seguindo as costas do terno marrom claro do russo pelo corredor, as botas iluminadas pelas faixas de luz na altura dos tornozelos.

Rez estava entrando no elevador com Masahiko e o russo quando o grandão o segurou pelo ombro. - *Você* fica comigo - disse ele, empurrando Chia para o elevador.

Masahiko apertou o botão. - Você estar com veículo? - o russo perguntou a Masahiko.

- Não - disse Masahiko.

O russo grunhiu. A água de colônia que ele usava estava embrulhando o estômago de Chia. A porta se abriu no pequeno saguão. O russo passou por ela, e olhou ao redor. Chia e Masahiko o seguiram. A porta do elevador se fechou. -

Procurando veículo - disse o russo. - Vem. - Eles o seguiram, passaram pela porta de correr de vidro, entraram na área de estacionamento, onde o Graceland de Eddie parecia ocupar pelo menos metade de todo o espaço disponível. Ao lado, um Sedan japonês cinza-prata, e Chia achou que talvez fosse de Rez. Alguém havia posto retângulos de plástico preto sobre as placas dos dois carros.

Ela ouviu a porta de vidro se abrir de novo e se virou para ver Rez saindo, a unidade de nanotecnologia debaixo do braço como uma bola de futebol americano. O grandão vinha logo atrás.

Então um homem realmente furioso de smoking branco brilhoso irrompeu pelas tiras de plástico rosa que pendiam da entrada. Estava segurando um homem menor pela lapela do paletó, e o homem menor tentava fugir. Então o homem menor os viu e gritou "Blackwell", e conseguiu escorregar para fora de seu paletó, mas o homem de smoking esticou a outra mão e o segurou pelo cinto.

Agora o russo gritava em russo e o homem de smoking ficou com o ar de quem só agora o estava vendo. Ele largou o cinto do outro homem.

- Estamos com a van - o outro homem disse.

O grandão sem orelha se aproximou, até muito perto, do homem de smoking branco, olhou ferozmente para ele e pegou o paletó do outro homem. - OK, Rozzer - disse ele, virando-se para Rez. - Você conhece o procedimento padrão. O mesmo de sempre. O mesmo de quando saímos daquela casa em St. Kilda, com as porras dos jornalistas de Melbourne do lado de fora, certo? - Ele jogou o paletó por cima da cabeça e dos ombros de Rez, e deu um tapa de encorajamento no braço dele. Foi até as tiras cor-de-rosa e afastou uma delas, e olhou para fora. - Merda - disse ele. - Agora o negócio é andar depressa, ficar todo mundo junto, Rez bem no meio, e entrar na van. Quando eu disser "já".

43- O CAFÉ DA MANHÃ DO CORTA-DEDOS

- *Você* não está comendo nada - disse Blackwell, depois de limpar o segundo prato de salsichas e ovos. Ele tinha se apropriado dessa sala de jantar em um dos andares executivos do Chapéu de Gnomo, e insistido para que Laney o acompanhasse. A vista era quase a mesma da do quarto de Laney, seis andares abaixo, e a luz do sol estava sendo refletida nos distantes para-peitos dos novos prédios.

- Quem informou que Rez tinha morrido, Blackwell? A idoru?

- Ela? Por que você acha que ela faria isso? - Ele estava raspando o prato com a quina de uma das torradas triangulares.

- Não sei - disse Laney -, mas ela parece gostar de fazer coisas. E não são necessariamente assim tão fáceis de entender.

- Não foi ela - disse Blackwell. - Estamos checando. Parece que uma das fãs dele no México pirou; usou um tipo de ferramenta bem drástica no site principal do clube de Tóquio. Pegou a ferramenta em um website de uma empresa nos Estados Unidos e lançou o boletim. Chamou todas as fãs em Tóquio para irem imediatamente para aquele hotel de amor. - Jogou a torrada na boca, engoliu, e limpou a boca com um guardanapo branco.

- Mas Rez *estava lá* - disse Laney.

Blackwell deu de ombros. - Estamos investigando. No momento temos coisas demais nas mãos. Temos que dissociar Lo/Rez dessa brincadeira de mau gosto, acalmar o público deles. O time de advogados está vindo de avião de Londres e Nova York para negociar com Starkov e o pessoal dele. O pessoal dela também - acrescentou. - Estaremos muito ocupados.

- Quem eram aquelas crianças? - Laney perguntou. - A ruivinha e o hippie japonês?

- Rez disse que são legais. Trouxemos eles aqui para o hotel. Arleigh está destrinchando essa história.

- Cadê a unidade de nanotecnologia?

- Você não disse isso - disse Blackwell. - Não diga de novo. A verdade oficial sobre os acontecimentos da noite está sendo formulada neste momento, e isso nunca vai fazer parte dela. Entendeu?

Laney assentiu com a cabeça. Olhou para fora, para os novos prédios mais uma vez. Ou o ângulo da luz havia mudado ou aquele parapeito havia-se deslocado ligeiramente. Ele olhou para Blackwell. - É minha imaginação, ou sua atitude em relação a tudo isso sofreu uma mudança? Eu achava que você era inflexivelmente contra Rez e a idoru ficarem juntos.

Blackwell suspirou. - Eu era. Mas agora isso está começando a parecer inevitável, não está? Uma relação *de facto,* mesmo. Acho que sou bastante antiquado, mas tinha a esperança de que eventualmente ele acabasse com uma coisa mais comum. Alguém que lustrasse as botas dele, recolhesse as meias, com quem tivesse um filho ou dois. Mas isso não vai acontecer, vai?

- Acho que não.

- Nesse caso - disse Blackwell -, eu tenho duas opções. Ou deixo o idiota cuidar dele mesmo, ou fico e cumpro meu dever e tento me ajustar ao que quer que isso venha a se tornar. E no final das contas, aconteça o que acontecer, o que devo lembrar é onde eu estaria se ele não tivesse ido a Pentridge dar aquele concerto sozinho. Você não vai comer isso? - Olhando para os ovos mexidos esfriando no prato de Laney.

- Fiz o meu trabalho - disse Laney. - As coisas não saíram do jeito que você queria, mas eu fiz o meu trabalho. Concorda?

- Sem dúvida.

- Então é melhor eu ir. Providencie meu pagamento, e eu vou embora hoje

mesmo.

Blackwell olhou para ele com um novo interesse. - Que pressa, hem? Por que essa pressa? Acha a gente desagradável?

- Não - disse Laney. - É só que desse jeito vai dar mais certo.

- Não é o que o Yama tem dito. Nem Rez. Para não mencionar Sua Esquisitência, que sem dúvida vai dar a opinião dela a esse respeito. Eu diria que você foi feito para ser o adivinho da corte, Laney. A menos, é claro, que toda aquela história com o Kombinat seja uma invencionice total, e se descubra que você simplesmente inventou aquela tolice de nodal, o que eu, pelo que me toca, acharia muito divertido. Mas não, seus serviços estão sendo muito desejados, para não dizer requisitados, e nenhum de nós gostaria no momento de ver você indo embora.

- Eu tenho que ir - disse Laney. - Estou sendo chantageado.

Isso deixou as pestanas de Blackwell a meio mastro. Ele se inclinou ligeiramente para a frente. A minhoca vermelha formada pela cicatriz se contorceu em sua sobrancelha. - Você? - disse ele, suavemente, como se Laney tivesse acabado de confessar alguma complicação sexual incomum. -E posso perguntar por quem?

- Slitscan. Kathy Torrance. Para ela, isso é uma questão meio pessoal.

- Me conta isso. Me conta isso. Conta.

E Laney contou, incluindo os testes 5-SB e os seus antecedentes no que dizia respeito a eventualmente transformar os participantes em espreitadores homicidas de celebridades. - Não quis mencionar esta questão antes - disse Laney -, porque tive medo que você pensasse que eu estava perigando. Que eu pudesse entrar nessa.

- Não que eu não tenha experiência com esse tipo de gente - disse Blackwell. - Agora mesmo temos um jovem em Tóquio que é o autor de todas as músicas que Lo e Rez já compuseram, para não mencionar toda a produção do Blue Ahmed para o Chrome Koran. E ele é especialista em explosivos. Fico de olho nele. Mas nós temos essa capacidade, entende? Então o lugar mais seguro

para *você,* Laney, caso você se vire contra nós, seria bem aqui, no coração do nosso aparato de segurança.

Laney ficou pensando a respeito. Quase fazia sentido. - Mas você não vai me querer por aqui se o Slitscan exibir aquela fita. Eu não vou *me* querer por perto. Não tenho família, ninguém a quem a fita possa causar dano, mas ainda assim vou ter que viver com aquilo.

- E como você se propõe a fazer isso?

- Vou para algum lugar onde as pessoas não assistem a essa merda.

- Bem - disse Blackwell -, quando você achar essa terra encantada, eu mesmo vou para lá com você. Vamos viver de frutas e nozes, comungar com o que sobrou da natureza. Mas até lá, Laney, vou ter uma conversa com essa sua Kathy Torrance. Vou explicar umas coisinhas para ela. Nada muito complicado. Simples, simples relações de causa e efeito. E ela *nunca* vai permitir que o Slitscan exiba aquela fita do seu *doppelgànger.*

- Blackwell - disse Laney -, ela tem *aversão* a mim, ela tem os motivos dela para se vingar, mas ela quer, ela *precisa,* destruir Rez. Ela é uma mulher muito poderosa numa organização muito poderosa, totalmente global. Uma simples ameaça de *violência* de sua parte não vai impedi-la. Só vai subir a parada: ela vai procurar o pessoal da segurança *dela*...

- Não - disse Blackwell -, ela não vai, não, porque essa seria uma violação dos termos extremamente *pessoais* que eu terei estabelecido em nossa conversa. Essa é a palavra-chave aqui, Laney, "pessoal". íntimo e pessoal. Nós não vamos nos encontrar, não vamos moldar esse episódio profundo e significativo e inesquecível de confrontação mútua como representantes de nossas corporações impessoais. Nada disso. É o momento de confrontação cara a cara para a sua Kathy e eu, e pode muito bem ser o mais íntimo e, eu espero, esclarecedor que ela já teve. Porque eu vou levar uma nova certeza para a vida dela, e *todos* nós precisamos de certezas. Elas ajudam a fortalecer o caráter. E eu vou dar a ela a mais profunda certeza possível de que se ela me contrariar, ela *vai* morrer, mas só depois que fizermos que ela deseje isso ardentemente. E o sorriso de Blackwell, presenteando Laney com uma visão plena de sua prótese dentária, era medonho. - Bem, como é exatamente que você deveria entrar em contato com

ela para dizer o que decidiu?

Laney encontrou sua carteira, pegou o cartão com o número escrito a lápis. Blackwell pegou-o. - *Ta.* - Ele se levantou. - Uma pena desperdiçar um café da manhã desse jeito. Telefone para o médico do hotel do seu quarto e peça para ele te examinar. Durma. Eu vou resolver isso. - Ele enfiou o cartão no bolso de cima do paletó de alumínio.

E enquanto Blackwell saía do quarto, Laney percebeu, no meio do prato raspado do guarda-costas, em pé sobre a cabeça chata, um prego de telhado galvanizado de três centímetros.

* * *

A costelas de Laney, uma colcha de retalhos de amarelos, pretos e azuis, foram borrifadas com vários líquidos frios e firmemente atadas com microporo. Ele tomou o sonífero que o médico ofereceu, tomou um longo banho, subiu na cama e estava sugerindo que a luz se desligasse sozinha quando chegou um fax.

Estava endereçado a C. Laney, HÓSPEDE.

O GERENTE DO DIA ME DEU O BILHETE AZUL. POR FRATERNIZAR COM OS HÓSPEDES. ENTÃO, SOU SEGURANÇA AQUI NO LUCKY DRAGON, NO TURNO QUE COMEÇA À MEIA-NOITE. PODE ME MANDAR FAX, E-MAIL, O TELEFONE É SÓ PARA NEGÓCIOS, MAS O PESSOAL É BOA GENTE. ESPERO QUE VOCÊ ESTEJA BEM. ME SINTO RESPONSÁVEL. ESPERO QUE ESTEJA GOSTANDO DE TÓQUIO. RYDELL.

- Boa noite - disse Laney, colocando o fax sobre o módulo ao lado da cama, e caiu imediata e profundamente no sono.

E assim ficou até Arleigh telefonar do saguão para sugerir tomarem alguma coisa. Nove da noite, segundo o relógio azul no canto da tela do módulo. Laney vestiu roupas de baixo passadas recentemente e sua outra camisa azul da Malásia. Ele descobriu que o Smoking de Couro Branco havia soltado algumas costuras em seu único paletó, mas por outro lado o chefão russo, Starkov, não tinha deixado o cara vir com eles na van, então considerou que estavam quites.

Ao cruzar o saguão, encontrou um frenético Rice Daniels, tão tenso que havia voltado aos grampos cirúrgicos da época do Out of Control. - Laney! Jesus! *Você* viu a Kathy?

- Não. Eu estava dormindo.

Daniels deu uma gingada esquisita de ansiedade, ficando nas pontas dos pés em seus mocassins marrons de pele de bezerro. - Olha, isso é muito esquisito, mas eu poderia *jurar*... Eu acho que ela foi *abduzida*.

- Já chamou a polícia?

- Chamamos, chamamos, mas é tudo tão *marciano*, todos esses formulários que eles preenchem, e qual era o *tipo sangüíneo* dela... Você não sabe qual é o tipo sangüíneo dela, sabe, Laney?

- Ralo - disse Laney. - Da cor de palha.

Daniels não parecia ter ouvido. Ele agarrou Laney pelos ombros e mostrou os dentes, um rito projetado para, de alguma forma, indicar amizade. - Eu respeito muito você, cara. O modo como você não tem qualquer grilo.

Laney viu Arleigh acenando para ele da entrada do saguão. Ela estava usando uma coisa preta e curta.

- Se cuida, Rice. - Apertou a mão fria dele. - Ela vai aparecer. Tenho certeza.

E depois ele foi andando na direção de Arleigh, sorrindo, e ele viu que ela estava sorrindo de volta.

44- LA PURÍSSIMA

Chia estava na cama, assistindo televisão. Sentia-se mais normal assim. Era como uma droga, desse jeito. Ela se lembrava de quanto sua mãe havia assistido à televisão, depois que seu pai fora embora.

Mas isso era a televisão japonesa, onde garotas que poderiam ser Mitsuko, só que um pouco mais jovens, com vestidos de marinheiro, estavam jogando enormes piões de madeira sobre uma mesa comprida. Elas sabiam realmente como jogar pião; eles ficavam rodopiando para sempre. Era um campeonato. O console podia fazer a tradução, mas era mais relaxante não saber o que estavam dizendo. As partes mais extasiantes eram os closes dos piões girando.

Ela havia usado a tradução para checar a cobertura da *NHK* da falsa morte na rede e da vigília à luz de vela no Hotel Di.

Chia vira com satisfação uma gorducha Hiromi Ogawa negar saber quem havia explodido o site da seção do clube e depois mandado uma convocação para prantearem o morto de suas ruínas. Não tinha sido um membro do clube, Hiromi havia enfatizado, local ou internacionalmente. Chia sabia que Hiromi estava mentindo, porque tinha que ter sido Zona, mas o pessoal da Lo/Rez devia estar dizendo a ela o que falar. Arieigh tinha dito a Chia que a coisa toda fora lançada de um website fora de uso, que pertencia a uma companhia aeroespacial no Arizona. O que significava que Zona havia destruído seu próprio site, porque agora ela não poderia voltar lá. (Por mais legal que Arieigh parecesse ser, Chia não havia lhe contado coisa alguma sobre Zona.)

E ela tinha visto tomadas do helicóptero da vigília, e dos esquadrões táticos atônitos em frente a cerca de duas mil e quinhentas garotas chorosas. A contagem de feridos foi baixa, só coisas superficiais, exceto no caso de uma garota que escorregou na ladeira ao lado da via expressa e quebrou os dois tornozelos. O problema tinha sido tirar todo o mundo de lá, porque várias haviam ido em grupos de cinco ou seis por táxi, e não tinham como voltar para casa. Algumas haviam pegado o carro da família e depois o abandonado na

pressa de chegar ao local da vigília, e isso criou outro tipo de dificuldade. Ocorreu uma meia dúzia de prisões, a maioria por invasão de propriedade.

E ela tinha visto a mensagem que Rez gravara, assegurando às pessoas que estava vivo e bem, e lamentando a coisa toda, com a qual ele não tinha obviamente nada a ver. Não estava usando o monóculo na gravação, mas vestia o mesmo terno preto e camiseta. Porém parecia mais magro; alguém tinha alterado a imagem. Ele tinha encarado a coisa na esportiva, a princípio, sorrindo, dizendo que nunca tinha ido ao Hotel Di e na verdade nunca tinha visitado um hotel de amor, mas que agora talvez ele devesse. Depois ficou sério e disse o quanto lamentava que as pessoas tivessem passado por todo aquele transtorno e até se ferido pela brincadeira irresponsável de uma pessoa. E rematou, sorrindo, dizendo que a coisa toda fora muito tocante para ele, porque quando é que você tem a oportunidade de assistir ao seu próprio funeral?

E vira os donos e gerentes do Hotel Di expressando o quanto lamentavam. Não faziam idéia, disseram, de como aquilo tinha acontecido. Ela ficou com a impressão de que expressar pesar era uma coisa muito importante aqui, mas os proprietários do Di também tinham dado um jeito de explicar por que não tinham um estafe no hotel, no interesse da maior privacidade dos hóspedes. Arleigh, assistindo a isso, havia dito que era um comercial, e que o lugar ia ficar lotado nos próximos dois meses. Agora era famoso.

No todo, a cobertura parecia tratar o ocorrido como uma tolice que poderia ter tido repercussões seriíssimas se a polícia não tivesse agido com a calma e a habilidade com que eventualmente o fizeram, trazendo ônibus elétricos dos subúrbios para transportar as garotas até pontos de dispersão pela cidade toda.

Arleigh era de São Francisco, trabalhava para a Lo/Rez e conhecia Rez pessoalmente, e era ela quem havia dirigido aquela van pelo meio da multidão. E então ela havia escapado de um helicóptero da polícia fazendo uma coisa totalmente louca naquela via expressa, uma volta de trezentos e sessenta graus por cima do concreto que dividia as duas pistas.

Ela havia trazido Chia e Masahiko para esse hotel, e posto os dois em quartos contíguos, com cantos de ângulos esquisitos, onde cada um tinha um banheiro privativo. Tinha pedido aos dois que, por favor, ficassem lá, e não se conectassem nem usassem o telefone sem antes falar com ela, a não ser para

pedir o serviço de quarto, e então havia saído.

Chia tinha tomado imediatamente um banho. A melhor chuveirada que já tomara, e nunca mais queria usar aquelas roupas de novo enquanto vivesse. Não queria nem ter que olhar para elas. Encontrou um saco plástico, daqueles onde se põe a roupa suja para ser lavada, botou aquela roupa nele e jogou na lata de lixo do banheiro. Depois vestiu roupas limpas, todas amarfanhadas, mas a sensação era ótima, e secou o cabelo com o secador preso na parede do banheiro. O banheiro não falava, e só tinha três botões para se adivinhar o que eram.

Depois deitou-se e dormiu, mas não por muito tempo.

Arleigh ficou aparecendo a toda hora para ver se Chia estava bem, e contando as novidades, para que Chia se sentisse parte dos acontecimentos, quaisquer que fossem. Arleigh disse que Rez tinha voltado para o hotel dele, mas que voltaria mais tarde para ficar um pouco com ela e agradecer por tudo o que ela havia feito.

Isso fez Chia se sentir estranha. Agora que ela o havia visto na vida real, de algum modo aquilo ocupara o lugar de tudo que ela conhecera dele antes, e estava se sentindo meio esquisita em relação a ele. Confusa. Como se toda essa história o houvesse prendido no tempo real para ela, e ficava pensando em sua mãe reclamando que Lo e Rez tinham quase a sua idade.

E tinha outra coisa, também, por causa do que ela havia visto quando estava agachada na parte de trás daquela van, entre o japonês baixinho com a manga do terno dependurada, e Masahiko: ela havia olhado pela janela e visto os rostos enquanto a van se afastava lentamente. Nenhuma delas sabia que Rez estava agachado ali, sob um paletó, mas talvez pressentissem. E alguma coisa em Chia dizendo-lhe que ela nunca mais seria daquele jeito novamente. Nunca mais comodamente um rosto naquela multidão. Porque agora ela sabia que existiam quartos que nunca viam, com os quais nem sequer sonhavam, onde coisas malucas, ou apenas *chatas,* aconteciam, e que era de lá que vinham as estrelas. E era algo desse teor que a preocupava agora quando pensava em Rez vindo vê-la. Isso, e em como ele era realmente da idade da sua mãe.

E isso tudo a fazia pensar no que ela diria às outras, em Seattle. Como elas poderiam entender? Ela achava que Zona entenderia. Realmente queria falar com

Zona, mas Arleigh havia dito que era melhor não tentar contatá-la agora.

O pião que estava rodopiando há mais tempo começava a adernar, e estavam cortando desta cena para os olhos da garota que o havia girado.

Masahiko abriu a porta de comunicação entre os dois quartos.

O pião deu uma última balançada e caiu. A garota cobriu a boca com as mãos, os olhos cheios da dor da derrota.

- Você tem que vir comigo para a Cidade Murada, agora - disse Masahiko.

Chia usou o controle remoto para desligar a televisão. - Arleigh pediu para a gente não se conectar.

- Ela sabe - disse Masahiko. - Fiquei lá o dia inteiro. - Ele estava usando as mesmas roupas, mas tudo tinha sido lavado e passado, e as pernas das calças largas dele pareciam esquisitas com vínculos nelas. - E no telefone com o meu pai.

- Ele ficou furioso com você por aqueles gumi terem aparecido?

- Arleigh McCrae pediu a Starkov para mandar alguém falar com o nosso representante dos gumi. Eles pediram desculpas para o meu pai. Mas Mitsuko foi presa perto do Hotel Di. Isso lhe causou muito constrangimento e embaraço.

- Presa?

- Invasão de propriedade. Ela foi tomar parte na vigília. Subiu numa cerca e isso disparou o alarme. Ela não conseguiu descer antes da polícia chegar.

- Ela está bem?

- Meu pai providenciou a soltura dela. Mas ele não está nada contente.

- Eu sinto como se fosse minha culpa - disse Chia. Ele deu de ombros e saiu porta afora.

Chia se levantou. O Sandbenders estava ao lado da bolsa na prateleira de

bagagem, com os óculos e os sensores de dedo em cima. Ela levou tudo para o outro quarto.

Estava uma zorra. Ele havia conseguido transformar tudo numa coisa parecida com o quarto dele em sua casa. Os lençóis estavam emaranhados sobre a cama. Pela porta do banheiro ela viu toalhas jogadas no chão, uma embalagem de shampoo entornada na bancada da pia. Ele havia instalado o computador na mesa, com seu boné de estudante ao lado. Havia latinhas de café expresso abertas por toda a parte, e pelo menos três bandejas de serviço de quarto com tigelas de louça pela metade de miojo.

- Alguém lá viu Zona? - perguntou ela, empurrando um travesseiro e uma revista aberta para o lado no pé da cama. Ela se sentou com o Sandbenders no colo e começou a pôr os sensores nos dedos.

Chia achou que ele olhou esquisito para ela. - Acho que não - respondeu ele.

- Me leva para dentro do jeito que você fez da primeira vez - disse ela. - Quero ver de novo.

* * *

Hak Nam. Tai Chang Street. As paredes vividas com mensagens cambiantes em caracteres de todas as línguas escritas. Portas passando rapidamente, cada uma insinuando seu próprio mundo secreto. E desta vez ela estava mais atenta aos incontáveis espectros vigilantes. Devia ser assim que as pessoas se apresentavam aqui, quando não se estava em comunicação direta com elas. Uma cidade de sombras espectrais. Mas desta vez Masahiko foi por outro caminho, e não estavam escalando os labirintos espiralados de escadas, mas insinuando-se entre o que seria o térreo da cidade original, e Chia se lembrou do buraco negro, a vacuidade retangular que ele havia mostrado na echarpe em seu quarto no restaurante.

- Tenho que me afastar, agora - disse ele, quando saíram do labirinto para dentro da vacuidade. - Eles querem privacidade.

Ele já tinha ido, e a princípio Chia achou que não havia nada lá, apenas a

fraca luz cinzenta que se infiltrava, vinda de alguma parte lá em cima. Quando ela olhou para cima, viu uma clarabóia ampla e distante, muito acima dela, mas atulhada com uma mistura de formas estranhas e refugadas. Lembrou-se dos telhados da cidade, e das coisas abandonadas lá.

- É estranho, não é? - A idoru estava na sua frente em um roupão todo bordado, os pequenos padrões brilhantes iluminados pelo lado de dentro, movendo-se. - Oco e sombrio. Mas ele insistiu que nos encontrássemos com você aqui.

- Quem insistiu? Você sabe onde Zona está?

E havia uma pequena mesa ou bancada de quatro pernas na frente da idoru, muito velha, suas pernas esculpidas como dragões, grossas de tinta verde-clara descascando. Um único vidro poeirento no centro, algo enroscado dentro. Alguém tossiu.

- Este é o coração de Hak Nam - disse o Etrusco, a mesma voz chiante montada a partir de milhões de amostras de velhos sons secos. - Tradicionalmente um lugar para conversas sérias.

- Sua amiga foi embora - a idoru disse. - Quis contar eu mesma. Este aqui - indicando o vidro - oferece detalhes que eu não compreendo.

- Mas acabaram de fechar o website dela - disse Chia. - Ela está na Cidade do México com a sua gangue.

- Ela não está em parte alguma — disse o Etrusco.

- Quando você foi afastada dela - a idoru falou -, retirada da sala na Veneza, sua amiga foi até o seu software básico e ativou as unidades de vídeo dos seus óculos. O que ela viu lá deu uma indicação para ela de que você estava correndo sério perigo. E eu acredito que estava mesmo. Ela então deve ter-se decidido por um plano. Voltando para o seu país secreto, ela fez um link entre o site dela e o site da seção de Tóquio. Ela mandou Ogawa, a presidente do fa-clube, divulgar a mensagem anunciando a morte de Rez no Hotel Di. Ela ameaçou Ogawa com uma arma que destruiria o site da seção de Tóquio...

- A faca - disse Chia. - Era real?

- E completamente ilegal - disse o Etrusco.

- Quando Ogawa se recusou - disse a idoru -, sua amiga usou a arma.

- Um crime grave - disse o Etrusco -, de acordo com a lei de todos os países envolvidos.

- Então ela divulgou a mensagem dela através do que havia sobrado do website de Ogawa - disse a idoru. - Parecia uma mensagem oficial, e teve o efeito de rapidamente circundar o Hotel Di com um mar de testemunhas em potencial.

- Qualquer que fosse o estágio seguinte do plano dela - disse o Etrusco -, ela havia revelado a própria presença no website que usava. Os donos originais tomaram conhecimento dela. Ela abandonou o site. Eles perseguiram-na. Ela foi forçada a jogar fora a sua persona.

- Que "persona"? - Chia se sentiu afundando.

- Zona Rosa - disse o Etrusco - era a persona de Mercedes Puríssima Vargas-Gutierrez. Ela tem vinte e seis anos e é vítima de uma síndrome ambiental que ocorre com mais freqüência no Distrito Federal do México. - Agora a voz dele era como chuva sobre telhado fino de metal. - O pai dela é um advogado criminalista extremamente bem-sucedido.

- Então eu posso encontrá-la? - Perguntou Chia.

- Mas ela não iria querer isso - a idoru disse. - Mercedes Puríssima foi fortemente desfigurada pela síndrome, e nos últimos cinco anos tem vivido em denegação quase total de seu eu físico.

* * *

Chia estava sentada, chorando. Masahiko retirou as tigelas pretas dos olhos e veio até a cama.

- Zona se foi - disse ela.

- Eu sei. - Ele se sentou ao lado dela. - Você nunca acabou de me contar a história do Sandbenders - disse ele. - Era uma história muito interessante.

Então ela começou a contar a história.

45- SORTUDO

- Laney - ele a ouviu dizer,, com a voz embaçada de sono. - O que você está fazendo?

O mostrador iluminado do telefone de tuia. - Estou ligando para o Lucky Dragon, na Sunset.

- O quê?

- Loja de conveniência. Aberta vinte e quatro horas.

- Laney, são três da manhã...

- Tenho que agradecer ao Rydell, contar para ele que deu tudo certo no trabalho...

Ela grunhiu e se virou na cama, puxando o travesseiro para cima da cabeça.

Pela janela ele podia ver o âmbar translúcido, as fileiras cerradas dos novos prédios, refletindo as luzes da cidade.

46- FABULAS DA RECONSTRUÇÃO

Chia sonhou com uma praia de fragmemtos triturados de produtos eletrônicos; coisas-caranguejo esgueirando-se, suas pernas listradas como antigos resistores. A Baía de Tóquio, encoberta^ pela neblina como num velho filme de terror, uma manta cinza-clara destimada a esconder por instantes os terrores que viriam a seguir: monstros marinhos ou alguma frota estrangeira.

Hak Nam crescia à sua frente à medida que ela se aproximava mas, com lógica de sonho, não ficava mais próxirma. Marolas, puxando-a pelos tornozelos. A Cidade Murada cresce. Sendo gerada. A partir da tecitura da praia, destroços e escombros do mundo ante=s de as coisas mudarem. Tonelagem impensável, jogada aqui por barcaças e guindastes durante a grande reconstrução. Os bugs minúsculos de Rodei-van Erp fervilhando, levantando varandas com grades de ferro que são dormitórios, incontáveis janelas não planejadas lançando pálidos retângulos prateados contra a neblina. Acréscimo humano aleatório, monstruoso e soberbo, está sendo reconstituído aqui, retraduzido de sua última encarnação como um reino de fantasia consensual.

A gagueira infravermelha do alarme. Halogênio claro como sol iluminando a echarpe, em seu centro o rertângulo representando o vazio, um endereço desconhecido: a lenda do sarquivo de eliminação. Trazendo o Espressomatic à vida com o controle remoto, ela se encolhe de volta para o escuro de sua manta, esperando o ass«obio crescente do vapor. Na maioria das manhãs, ela dá uma checada na Cidade, ouve as fofocas numa barbearia favorita na Sai Shing Road. O Etrusco está lá, às vezes, com Klaus e Rooster e os outros espectros com os quais ele anda, e eles toleram a presença dela. Ela tem orgulho disso, porque eles ficam mudos perto de Masahiko. Será que eles são velhos, incrivelmente velhos, ou só se comportam como se fossem? De qualquer forma, geralmente são os primeiros a saber das coisas, e ela aprendeu a valorizar isso. E o Etrusco tem aludido a um quarto vago, muito pequeno, mas; com janela. Que dá para o que teria sido a Lung Chun Road.

Ele gosta dela, o Etrusco. É estranho. Dizem que ele não gosta de

ninguém, mas ele consertou o estrago no crédito do pai dela, embora Chia tivesse se esquecido de deixar a chave. (Ela guarda a chave da suíte 17 num estojo de maquilagem de seda achamalotada que ganhou no vôo da JAL para casa: é de plástico branco, moldada para se parecer com uma antiga chave comum, com uma tarja magnética na parte mais comprida, e a parte onde se segura tem o formato de uma coroa que uma princesa usaria. Às vezes ela a pega e fica olhando, mas é só um pedaço sem valor de plástico branco.)

O Etrusco e os outros ficam espionando o Projeto o tempo todo. É assim que eles o chamam. Por eles, Chia sabe que a ilha da idoru ainda não está pronta. Está lá, mas não é estável; há algo que precisam fazer antes de construírem, mesmo com nanotecnologia, caso haja outro terremoto. Ela pergunta a si mesma o que os russos vão fazer com a ilha deles, e às vezes tem curiosidade de saber sobre Maryalice, e Eddie, e Calvin, e do cara no Whiskey Clone que tirou ela de lá pelo único motivo de achar que devia. Mas parece ter sido há tanto tempo, entre a Cidade Murada e a escola.

Ela calcula que sua mãe agora já saiba que ela não estava com Hester, mas sua mãe nunca disse nada a esse respeito, a não ser conversar com ela umas duas vezes sobre métodos anticoncepcionais e sexo seguro. E, poxa, ela só ficou lá umas quarenta e oito horas, sem contar o tempo de viagem, porque Rez não tinha conseguido ir agradecê-la, e Arleigh havia dito que, considerando tudo, era melhor ela ir para casa antes que alguém começasse a fazer perguntas; mas eles tinham mandado Chia para casa de primeira classe pela Japan Air Lines. Assim, Arleigh levou-a para o aeroporto de Narita naquela noite, mas não na van verde, porque ela disse que a van já era. E ela ainda se sentia tão mal a respeito de Zona, e aquilo a fazia se sentir tão estúpida, porque sentia como se sua amiga estivesse morta, mas a amiga na verdade nunca tinha nem existido, e tinha essa outra garota na Cidade do México, com problemas terríveis; então ela acabou contando tudo isso para Arleigh e chorando.

E Arleigh disse que ela devia esperar. Porque aquela garota na Cidade do México, mais do que qualquer outra coisa, precisava ser outra pessoa. E não tinha importância que ela não tinha *sido* Zona, porque ela tinha *inventado* a Zona, e isso era tão real quanto. Era só esperar, Arleigh disse, porque outra pessoa ia aparecer, uma nova pessoa, e ia ser como se já conhecesse você. E Chia tinha ficado sentada pensando nisso, ao lado de Arleigh no seu carrinho rápido.

- Mas eu não vou nem poder dizer que a conhecia?

- Isso ia tirar a graça.

Quando chegaram no aeroporto, Aríeigh fez o check in com ela na JAL, achou alguém que a levasse até o saguão (que era assim uma mistura de um bar com um escritório realmente maneiro), e deu a ela uma bolsa com a jaqueta de turnê da Lo/Rez usada pelos roadies. As mangas eram de raiom transparente, e o forro parecia de mercúrio líquido. Arleigh disse que era realmente cafona, mas talvez ela tivesse alguma amiga que gostaria. Era da turnê no Kombinat, e trazia todas as datas dos shows bordadas nas costas em três línguas diferentes.

Ela nunca usara nem nunca havia realmente mostrado a ninguém. Estava dependurada no armário, sob um plástico de lavanderia. Ela não estava muito atuante na seção ultimamente. (Kelsey tinha saído logo.) Chia achava que ninguém na seção ia querer, se ela tentasse contar o que havia acontecido e, além disso, tinha todas as coisas que não podia mesmo contar.

Mas principalmente era a Cidade que tomava o tempo dela, porque Rez e Rei estavam lá, sombras dentre outras sombras, mas ainda assim dava para perceber. Trabalhando no Projeto deles.

Muitos lá não gostavam da idéia, mas muitos gostavam. O Etrusco gostava. Ele disse que era a coisa mais doida desde que tinham virado aquele arquivo de eliminação do avesso.

Às vezes Chia se perguntava se eles todos não estavam só brincando, porque parecia impossível que alguém pudesse fazer aquilo. Construir aquilo, numa ilha na Baía de Tóquio.

Mas a idoru disse que era lá que queria viver, agora que estavam casados. Então eles iam fazê-lo.

E se eles fizerem, pensou Chia, ouvindo o assobio do Espressomatic, eu vou lá.